

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO (UNF)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA (PPGSP)

NELSON LELLIS RAMOS RODRIGUES

O *PROFETA* NA CRISE DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA: UMA FACE DA
SOCIOLOGIA DO PERSONALISMO POLÍTICO-RELIGIOSO

Campos dos Goytacazes – RJ
Novembro de 2021

NELSON LELLIS RAMOS RODRIGUES

**O *PROFETA* NA CRISE DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA: UMA FACE DA
SOCIOLOGIA DO PERSONALISMO POLÍTICO-RELIGIOSO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual no Norte Fluminense Darcy Ribeiro como requisito final para obtenção do título de Doutor em Sociologia Política.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sílvia Regina Alves Fernandes

Coordenadora: Prof^a. Dr^a. Wânia Amélia Belchior Mesquita

Campos dos Goytacazes – RJ
Novembro de 2021

FICHA CATALOGRÁFICA
UENF - Bibliotecas
Elaborada com os dados fornecidos pelo autor

R696 Rodrigues, Nelson Lellis Ramos.

O PROFETA NA CRISE DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA: UMA FACE DA SOCIOLOGIA DO PERSONALISMO POLÍTICO-RELIGIOSO / Nelson Lellis Ramos Rodrigues. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2021.

274 f. : il.

Inclui bibliografia.

Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2021.

Orientadora: Silvia Regina Alves Fernandes.

1. Sociologia Política. 2. Profeta emissário. 3. Cabo Daciolo. 4. Dominação carismática. 5. Personalismo político. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

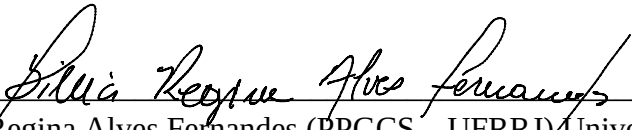
CDD - 320

O PROFETA NA CRISE DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA: UMA FACE DA SOCIOLOGIA DO PERSONALISMO POLÍTICO-RELIGIOSO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro como requisito final para obtenção do título de Doutor em Sociologia Política.

Aprovada: 23/11/2021

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Dr.^a. Sílvia Regina Alves Fernandes (PPGCS – UFRRJ) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / (PPGSP - UENF) Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Orientadora)

Prof. Dr. Carlos Gustavo Sarmet Moreira Smiderle (LGPP - UENF) Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Prof. Dr. Nelson Rojas de Carvalho (PPGCS – UFRRJ) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Paulo Gracino de Souza Júnior (PPGSP – IUPERJ/UCAM) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro / Universidade Cândido Mendes

Prof. Dr. Roberto Dutra (PPGSP - UENF) Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Para Rosy e Sara, amores da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ninguém escreve uma tese sozinho. Não me refiro apenas às fontes acessadas, mas aos nomes que ofereceram suporte para que o labor da tese fosse profícuo. Portanto, minha sincera gratidão...

À minha esposa Rosy e à minha filha Sara, que jamais se fizeram ausentes neste processo tão importante da minha (nossa!) vida.

Aos meus pais, Sonia e José, que me ajudaram nos primeiros passos da educação.

À professora Eliane Kaiser, que me alfabetizou.

Aos amigos e às amigas dos grupos “Os cueca” (Marcelo, Márcio e Rodrigo) e “Discrets” (Rosy, Sara, Rodrigo, Rogéria, Kauan, Kiara, Xykyn), que mantiveram apoio incondicional.

Aos caríssimos Ramon Diego, Wesley Tiquira e Kelle Núbia, Leonardo Alvarenga, Júlio Negri, Emmanuel Rosa, Leonardo Gomes e Arcana Dourado, André Sanches, Fábio Caldas e família, Alexsandro Garcia, Beatriz Mesquita, Dorcas Loroza, Olga Folly, Brian Kibuuka, Lissa e Derick Tinôco, Emerson Rocha, Wanderley P. da Rosa, Osvaldo L. Ribeiro, Zwinglio M. Dias (*in memoriam*), Claudete Beise, Gedeon Alencar, Erhard S. Gerstenberger, André Magnelli, Valdemar Figueredo, Marcelo Camurça, Joanildo Burity, Alexandre Brasil, Raimundo C. Barreto, Alessandro Rocha (*in memoriam*), Iago Gonçalves, Magali Cunha e Cláudio Ribeiro, Donizete Rodrigues, Vitor Peixoto, Hiran Pinel, José Bittencourt Filho, Gustavo Smiderle, Kenner Terra, José A. Filho, José M. Rodrigues, Roberto Dutra, Ricardo Shiota, Janine Targino, Cleinton Souza, Jonathan Félix e Sandson Rotterdam, Bob Fernandes, Eduardo Meinberg, Rodrigo Toniol, Vitor Peixoto, Fabrício Maciel, Marcos Abraão, Lusmarina C. Garcia, Gustavo Soldati, Glauber Martins, Nilo Azevedo, Eliseu e Esther Assis, Vanessa Palagar, Esther Alferino, Júnior Rocha, Jheniffer Almeida, Marcos Pedlowski, Valéria Vilhena, Rebeca Macedo, Roberto, Ivone e Roberta Uceli, aos membros da Igreja Presbiteriana de Campos e da Congregação Raízes... por estarem sempre por perto e/ou pelas importantes parcerias.

À CAPES, pelo fomento da bolsa neste período de doutoramento.

Ao grupo de pesquisa Dinâmicas Territoriais, Cultura e Religião (CRELIG), pelas importantes reações/contribuições de colegas e professoras e professores à minha pesquisa e pela ampliação da rede de contatos.

Ao ex-deputado Chico Alencar que tão gentilmente concedeu entrevista para esta tese.

Aos bombeiros militares que participaram com seus depoimentos.

Ao Jorge Israel, por ter promovido o contato com o cabo Daciolo.

Ao cabo Daciolo, pelo pão com queijo branco e cafezinho, pela entrevista e por seu material de vida.

Aos membros da banca examinadora, que desde o início puderam acompanhar o desenvolvimento de minha pesquisa, oferecendo-me caminhos para uma produção substantiva.

À coordenadora do PPGSP, Prof^a. Dr^a. Wânia Mesquita, pela excelência em seu trabalho.

Aos professores, às professoras e demais funcionários(as) da UENF, por acreditarem na educação pública de qualidade e por oferecerem a mim e aos meus colegas uma formação digna.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a Sílvia Fernandes, pela forma tão sensível e profissional com que acolheu minha pesquisa, ajudando-me a torná-la, enfim, pública.

“O maior segredo é não haver mistério algum”

L'âge D'or
Renato Russo

RESUMO

RODRIGUES, Nelson Lellis Ramos. **O profeta na crise de representação política**: uma face da Sociologia do Personalismo político-religioso. 2021. 274 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, RJ, 2021.

A presente tese interpreta o cenário político-religioso que é marcado, desde o início dos anos 2000, pelo descrédito nos partidos políticos e pela forte tendência a uma sacralização da política, em que discursos religiosos apontam para o que, popularmente, entende-se como um *salvador da pátria*. O objetivo é buscar entender quais são e que direções assumem os efeitos colaterais e as dinâmicas dessa crise de representação e que atores carismáticos poderiam ser destacados nesse quadro. Para isso, destaca-se como sujeito central neste trabalho a figura de Benevenuto Daciolo Fonseca dos Santos, conhecido como cabo Daciolo, que surgiu em 2011 como líder do movimento SOS Bombeiros, tornando-se eleito deputado federal pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), em 2014, e candidato à Presidência em 2018. Esta tarefa descritiva e interpretativa não se limita, como dito acima, ao sujeito apontado, pois, a teoria do líder carismático não discute o personagem em si, e sim, a relação de dominação carismática. A hipótese é que, diante de uma metamorfose no setor de representação política, e conforme análise de estudo de caso sobre a relação da interface entre religião e política no Brasil, haveria uma probabilidade para se refletir sobre uma sociologia do personalismo político como um subtipo da dominação carismática em sua face religiosa. Após essa análise, a tese traz como resultado características seminais desse tipo de personalismo.

Palavras-chave: Sociologia Política. Profeta emissário. Cabo Daciolo. Dominação carismática. Personalismo político.

ABSTRACT

RODRIGUES, Nelson Lellis Ramos. **The prophet in the crisis of political representation: a face Personalism of the Sociology of religious-political.** 2021. 274 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, RJ, 2021.

This thesis interprets the political-religious scenario that has been marked since the early 2000s, by the discredit in political parties and by the strong tendency towards a sacralization of politics in which religious discourses point for what, popularly understood as savior of the homeland. The objective is to seek to understand what the side effects and dynamics of this crisis of representation are and what directions take on the side effects and which charismatic actors could be highlighted in this context. For this, the figure of Benevenuto Daciolo Fonseca dos Santos stands out as a central subject in this work, known as Corporal Daciolo, who emerged in 2011 as the leader of the SOS Firefighters movement, becoming elected federal deputy for the Socialism and Liberty Party (PSOL), in 2014, and presidential candidate in 2018. This descriptive and interpretive task is not limited, as stated above, to the appointed subject, because the charismatic leader theory does not discuss the character per se, and actually, the relationship of charismatic domination. The hypothesis is that, faced with a metamorphosis in the sector of political representation, and according to the analysis of a case study on the relationship of the interface between religion and politics in Brazil, there would be a chance to reflect on a sociology of political personalism as a subtype of charismatic domination in its religious face. After this analysis, the thesis brings as a result the seminal characteristics of this type of personalism.

Keywords: Political Sociology. Emissary Prophet. Corporal Daciolo. Charismatic domination. Political personalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fluxograma 1 -	Participação política dos evangélicos e ativação de uma nova subjetividade política.....	122
Figura 1 -	Manifestação de bombeiros, familiares e civis em copacabana, Rio de Janeiro, em 2011.....	45
Figura 2 -	Protesto de bombeiros em frente ao GMAR, na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio em abril de 2011. Cabo Daciolo em destaque.....	51
Figura 3 -	Daciolo durante uma das negociações na ALERJ para o fim da Greve dos Bombeiros, em 2011, no Rio de Janeiro.....	52
Figura 4 -	Cyro Garcia e Cabo Daciolo durante passeata em junho de 2011 pela causa dos bombeiros.....	72
Figura 5 -	Manifestação do PSTU em favor da liberdade do cabo Daciolo e Demais presos. No canto esquerdo, Cabral é associado a Hitler: “Cabral, o ditador do Rio”	73
Figura 6 -	Cabo Daciolo no congresso da ANEL, de 23 a 26 de junho de 2011. Na camisa se lê, “saia do armário e vá aonde quiser”	77
Figura 7 -	Cyro Garcia e cabo Daciolo durante o lançamento da biografia de Karl Marx, em 15 de agosto de 2013.....	79
Figura 8 -	Nelson Lellis e cabo Daciolo na recepção do prédio de seu apartamento após a entrevista.....	79
Figura 9 -	Jair Bolsonaro, Daciolo, sua esposa Cristiane e Flávio Bolsonaro, após diplomação dos deputados eleitos, em 15 de dezembro de 2014, na ALERJ.....	89
Figura 10 -	Foto do celular do cabo Daciolo.....	116
Figura 11 -	<i>Print</i> da tela do programa dos sem TV PSOL RJ no YouTube.....	118
Figura 12 -	<i>Print</i> de vídeo: Messias Bolsonaro em campanha eleitoral no Acre, “vamos fuzilar a petralhada”	184
Figura 13 -	Nota oficial da CGADB em apoio a Messias Bolsonaro.....	193
Quadro 1 -	Efeito colateral/Efeito-efeito colateral.....	36

Quadro 2 -	Protestos no Brasil entre os anos 2011 a 2014.....	43
Quadro 3 -	Classificação do profeta.....	54
Quadro 4 -	“Os Sete Montes”	167
Quadro 5 -	Semelhanças na trajetória de Messias Bolsonaro e Daciolo.....	171

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Nível de confiança em Instituições no Brasil: 2009-2018 (%).....	33
Tabela 2 –	Nível de confiança em partidos políticos no Brasil: 2000-2018 (%)...	34
Tabela 3 –	Candidatos autodeclarados religiosos (%).....	113
Tabela 4 –	Candidatos por títulos religiosos (%).....	113
Tabela 5 –	Opinião sobre <i>moral e comportamento</i> na sociedade – 55 ^a Legislatura (%).....	125
Tabela 6	Opinião sobre plano político-econômico (%).....	128
Tabela 7 –	Número de discursos do cabo Daciolo por partido.....	134
Tabela 8 –	Discursos do cabo Daciolo pelo PSOL (2015).....	136
Tabela 9 –	Discursos do cabo Daciolo sem partido (2015).....	137
Tabela 10 –	Discursos do cabo Daciolo sem partido/AVANTE (2016).....	150
Tabela 11 –	Discursos do cabo Daciolo pelo AVANTE (2017).....	150
Tabela 12 –	Discursos do cabo Daciolo pelo AVANTE/PATRIOTA (2018).....	151
Tabela 13 –	Projetos de Lei do cabo Daciolo (Ano de Referência: 2015).....	152
Tabela 14 –	Projetos de Lei do cabo Daciolo (Ano de Referência: 2016).....	152
Tabela 15 –	Projetos de Lei do cabo Daciolo (Ano de Referência: 2017).....	153
Tabela 16 –	Projetos de Lei do cabo Daciolo (Ano de Referência: 2018).....	154
Tabela 17 –	Discursos de Messias Bolsonaro (2015).....	175
Tabela 18 –	Discursos de Messias Bolsonaro (2016).....	176
Tabela 19 –	Discursos de Messias Bolsonaro (2017).....	178
Tabela 20 –	Projetos de Lei de Jair Messias Bolsonaro (2015/2018).....	181
Tabela 21 –	Distribuição do eleitorado por tipo de religião.....	194

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Assembleia de Deus
ALCA	Área de Livre Comércio das Américas
ALERJ	Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
ANEL	Assembleia Nacional dos Estudantes Livres
APB	Aliança Pelo Brasil
APEGV	Associação dos Pastores Evangélicos da Grande Vitória
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CBMERJ	Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro
CEADEMA	Convenção Estadual das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Maranhão
CEB	Comunidade Eclesial de Base
CERIS	Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais
CERU	Centro de Estudos Rurais e Urbanos
CFB	Constituição Federal Brasileira
CGADB	Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
CNI	Confederação Nacional da Indústria
DC	Democracia Cristã
DEM	Democratas
DIAP	Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar
DOI-Codi	Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna
FAB	Força Aérea Brasileira
FPE	Frente Parlamentar Evangélica
FPEES	Fórum Político Evangélico do Espírito Santo
GMar	Grupamento Marítimo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
ICS	Índice de Confiança Social
IME	Instituto Militar de Engenharia
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e mais
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MES	Movimento de Esquerda Socialista
MP	Ministério Público
MPF	Ministério Público Federal
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDC	Partido da Democracia Cristã
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PL (1)	Projeto de Lei
PL (2)	Partido Liberal
PMDB	Partido Movimento Democrático Brasileiro
PP	Partido Progressistas
PPL	Partido Pátria Livre
PRB	Partido Republicano Brasileiro
PRONA	Partido de Reedificação da Ordem Nacional
PRTB	Partido Renovador Trabalhista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT do B	Partido Trabalhista do Brasil
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PV	Partido Verde
SMS	<i>Short Message Service</i> (Serviço de Mensagens Curtas)
STF	Supremo Tribunal Federal

STM	Superior Tribunal Militar
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UMPEM	União de Militares e Policiais Evangélicos de Minas Gerais
UNE	União Nacional dos Estudantes
URSAL	União das Repúblicas Socialistas da América Latina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
 1 – DO MAL-ESTAR INSTITUCIONAL E DO ANÚNCIO DE UMA METAMORFOSE.....	 28
1.1 Dos efeitos colaterais na crise de representação política.....	28
1.2 Primeiro efeito: o setor religioso.....	36
1.3 Segundo efeito: os protestos no Brasil.....	43
1.4 Terceiro efeito: o modelo adversarial.....	58
 2. DA AUTONOMIA DO PROFETA-EMISSÁRIO-POLÍTICO DIANTE DAS INSTITUIÇÕES.....	 70
2.1 Daciolo e a política: “Não existe política sem Deus”	71
2.1.1 Daciolo e o PSTU: pensando desinstitucionalização na relação com Cyro Garcia.....	71
2.1.2 Daciolo e o PSOL: pensando desinstitucionalização na relação com o PSOL (de Cristo)	82
2.2 Daciolo e a religião: aspectos familiares e pessoais.....	94
2.2.1 Cabo Daciolo: engajamento “social e espiritual”	97
2.2.2 Cabo Daciolo: pensando desinstitucionalização na relação com a igreja.....	100
2.2.3 Cabo Daciolo e o antagonismo político-religioso: o verdadeiro e o falso profeta.....	104
 3. DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DO “POVO EVANGÉLICO”	 112
3.1 Do avanço dos evangélicos na política.....	113
3.2 Da construção de um “povo-nação” evangélico.....	120
3.3 Da 55ª Legislatura: a representação evangélica.....	123
3.3.1 Temas morais e comportamentais.....	124
3.3.2 Temas político-econômicos.....	128
3.4 Dos discursos do profeta-emissário-político.....	133
3.4.1 Daciolo e os <i>macrotemas do discurso</i>	136
3.4.2 Daciolo e a operacionalização do discurso religioso na política.....	138

3.4.3	Daciolo e a desqualificação do adversário (inimigo) político.....	142
3.4.4	Daciolo e os Direitos dos Trabalhadores.....	149
3.4.5	O “povo” constituído por “órfãos” e “viúvas”	157
4.	MESSIAS E PROFETA VIS-À-VIS E O PROJETO DE PERSONALISMO POLÍTICO.....	164
4.1	Do “povo evangélico”: avanços quanto à representação política.....	165
4.2	Messias Bolsonaro e Daciolo vis-a vis.....	168
4.2.1	Da identidade religiosa de Messias Bolsonaro.....	172
4.2.2	Da pauta política de Messias Bolsonaro.....	174
4.2.3	Do(s) “inimigo(s)” político(s) de Messias Bolsonaro.....	182
4.3	Do cenário das eleições de 2018.....	188
4.4	Da atualização da(s) profecia(s).....	195
4.5	Da dominação carismático-religiosa: uma sociologia do personalismo.....	207
	CONCLUSÃO.....	214
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	220
	ANEXO A.....	244
	ANEXO B.....	245
	ANEXO C.....	246
	ANEXO D.....	248
	ANEXO E.....	250
	ANEXO F.....	267
	ANEXO G.....	273
	ANEXO H.....	274

INTRODUÇÃO

“O domínio próprio [da sociologia política] é a dinâmica das relações das forças políticas que atravessam a sociedade global, estudo visto a partir de uma observação das práticas”.

Philippe Braud¹

O Brasil tem seus registros sobre a interpretação de sua sociedade tão plural e complexa. Autores(as) que se propuseram a discutir a formação do Estado Nacional, buscando observar algumas perspectivas dicotômicas, tais como entre poder público x poder privado, patrimonialismo x liberalismo, centralização x descentralização, evidenciaram características próprias no processo de sua construção e como se consolidaram durante o tempo. Já a interface entre *religião* e *política* se tornou um campo de estudos crescente na América Latina (MORELLO, 2021)². O cenário pleno de novos atores, em geral oriundos de denominações evangélicas, tem mobilizado um conjunto de pesquisadores(as) que visa explicar as tendências e dinâmicas do campo em questão³.

Nas Ciências Sociais, por exemplo, a década de 1940 foi um divisor de águas para o estudo qualitativo no que tange às histórias de relatos de vida (SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 2014)⁴. A socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, umas das fundadoras, em 1964, do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU)⁵, destacará que, a partir das histórias de vida, é possível “[...] captar o grupo, a sociedade de que ela é parte; busca encontrar a coletividade

¹ In: Sociologie Politique (1994, p. 16).

² Há que se considerar que a própria distinção entre política e religião, mundo e religião, trata-se de uma invenção moderna, assim como a própria distinção entre espaço público e espaço privado. Cf. também Senett (1989).

³ Entre os(as) tantos(as) pesquisadores(as) que se debruçam sobre essa interface entre religião e política, cf. Machado (1996, 2001); Burity (1997, 2015); Burity e Machado (2006); Dutra (2006, 2007); Freston (1994, 2001); Giumbelli (2002, 2011); Pierucci (1989, 2004); Novaes (2005); Campos (2005, 2010); Camurça (2011, 2018); Mariz, Gracino Jr. e Mesquita (2018); Mariano (2005); Oro (2006, 2011); Fernandes et al. (2010), Fernandes (2011); Fernandes e Pitta (2006); Prandi e Santos (2017); Sanchis (1997, 2018); Mendonça (2004, 2007); Mendonça e Velasques Filho (2002). Ainda é importante mencionar que, a partir de 2017, iniciei minha contribuição ao debate organizando uma coletânea de ensaios e artigos. Assim, a série “Religião e Política à Brasileira” conta com a participação de diversas áreas das ciências humanas e também discute essa relação (cf. LELLIS, 2017; LELLIS, PY, 2018; LELLIS, PINEL, 2019; LELLIS, RIBEIRO, 2019).

⁴ O primeiro trabalho empírico na sociologia no Brasil, com o uso de relatos orais e, especificamente, de histórias de vida, pode ser observado em diferentes fases (PEREIRA, 1991). Como historicizou Santos et al. (2014), “Em 1945, Florestan Fernandes, com o interesse de investigar a marginalização da população indígena, analisou a biografia de um índio do centro-oeste brasileiro” (p. 360). Para G. Houle (2014), a redescoberta nas Ciências Sociais acerca das histórias ou relato de vida ocorre em 1970.

⁵ Na sequência, nove anos depois, foi criado o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea no Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, cujo objetivo era estudar líderes políticos da sociedade brasileira. A partir de então, as histórias de vida de líderes políticos e de testemunhas-chave passaram a ser essenciais para investigar o rumo da política brasileira.

a partir do indivíduo” (PEREIRA DE QUEIROZ, 1960, p. 24)⁶. Através das pesquisas empreendidas tanto pela própria Maria Isaura Pereira de Queiroz quanto por outras autoras e autores (cf. nota 7), o fator religião e o ator religioso se tornaram objeto e sujeito na interpretação da complexa relação que tenho destacado.

Inicialmente esta pesquisa foi realizada a partir da história de vida de um sujeito carismático – equivocadamente interpretado como uma espécie de *messias* –, tendo em vista compreender parte dessa face entre política e religião. No decorrer do processo de análise, concluí que a questão que deveria abrir a reflexão para esta tese passaria pela observação das transformações no campo da representação política e das mais variadas instituições. Ou seja, fiz a escolha por primeiro responder à questão: que tipo de cenário propiciou o surgimento de tal personagem carismático? Para, posteriormente, verificar as potencialidades, o comportamento e os gestos que lhe seriam intrínsecos e capazes de anunciar projetos e/ou resultados sob a ótica de instrumentos de análise da Sociologia Política. Este sujeito – que será apresentado em detalhes mais a frente, ainda nesta Introdução – é, nos termos weberianos, classificado neste trabalho como um *profeta emissário*.

As figuras do “messias” e do “profeta” no campo religioso estiveram praticamente ligadas à tradição cristã católica e são identificadas por exercerem uma função crítica de apontar descompassos na sociedade em razão dos governos, destacados por essas figuras por serem responsáveis pela promoção da opressão e da desigualdade⁷. Todavia, nenhuma destas figuras estaria engajada na política profissional.

Do lado da tradição evangélica, não há histórico acerca de um “messias” ou um “profeta” como classificado nas pesquisas. Alonso (2013) tentou categorizar um

⁶ Destaco alguns autores cujas pesquisas enfocam o indivíduo na sociedade. São eles, (a) Norbert Elias que, na obra “Mozart, a sociologia de um gênio” (1994), pesquisa a biografia do músico austríaco a fim de reconstruir parte do cenário social europeu do século XVIII. Como aponta, o *habitus* possui níveis mediante a inserção do sujeito em determinada figuração; (b) Pierre Bourdieu que, em seu trabalho “*L’illusion biographique*” (1986), pressupõe que a história/relato de vida de um indivíduo é inseparável do conjunto de acontecimentos da estrutura de uma sociedade. Para este autor, o *habitus* é caracterizado por uma transferência social linear do comportamento através de estruturas; (c) Bernard Lahire (2002, 2004, 2005, 2012) que, influenciado por Elias, amplia o conceito bourdieusiano de *habitus*, considerando que não apenas uma estrutura é capaz de moldar as ações do ator social, pois a pluralidade de suas competências também se deve a um número maior de regulações e papéis nos diferentes cenários em comunidade e, por fim, (d) Carlo Ginzburg (1998), historiador italiano que trabalha com o *paradigma indiciário*, em que busca decifrar, ler, interpretar a realidade social a partir de “indícios”. Como exemplo do uso de indícios para desvendar a realidade social, o autor cita o personagem Sherlock Holmes, um detetive cuja perspicácia consegue enxergar indícios imperceptíveis para a maioria a fim de reconstruir enredos e solucionar crimes.

⁷ Há uma vasta bibliografia no Brasil sobre o assunto. Entre esta, destaco os trabalhos dos(as) sociólogos(as) que pesquisaram sobre o messianismo no Brasil como Maria Isaura Pereira de Queiroz (1960; 1977), Duglas Teixeira Monteiro (1974), Maurício Vinhas de Queiroz (1981), Lísias N. Negrão (2001, 2009), Negrão e J.G. Consorte (1984) e Vamireh Chacon (1998). Vale conferir também o dossiê “Messianismo e Milenarismos no Brasil”, coordenado pelos professores João Baptista Borges Pereira e Renato da Silva Queiroz, publicado na Revista USP (n. 82, 2009).

“messianismo evangélico” a partir das eleições de 2010 tendo como referência três características modernas: a) a presença evangélica na mídia; b) a manutenção do “sonho norte-americano”, pautado no patriotismo, racismo e protestantismo, e; c) a imposição da moral cristã sobre o Estado laico. Todavia, a pesquisa, ao buscar ressignificar o conceito de *messianismo*, não discute o caráter da *dominação carismática* e seus desdobramentos⁸. Há tão somente a ideia de setores evangélicos que acreditavam, em suas narrativas, que “Deus usaria os votos dos crentes para estabelecer sua vontade” (ALONSO, 2013, p. 208).

Será que nesta última década, diante de clivagens tão consideráveis no campo religioso, poderíamos afirmar haver uma transformação do segmento evangélico capaz de fazer emergir um “profeta” evangélico? E mais, indo além do que considerou Alonso (2013), poderíamos tratar da emergência de um profeta evangélico *na política*? E que tipo de cenário possibilitaria o surgimento de um profeta de tal tipo?

A presente tese, portanto, busca interpretar o cenário político-religioso, marcado, desde o início dos anos 2000, pelo descrédito em partidos políticos e na democracia representativa e pela forte tendência a uma sacralização da política (2010), em que discursos religiosos, geralmente, apontam para um *salvador da pátria*. Por um lado, a crise de representação sugere uma demanda de encarnação (ROSANVALLON, 2021, p. 224). Por outro, há também a crise de associativismo que desembocará na desinstitucionalização (FERNANDES, 2018), o que aponta, como veremos no início da tese, para o fato de que a crise não se restringe aos partidos políticos, mas, trata-se de uma crise de instituições.

Diante desse contexto, as questões que levanto inicialmente são: quais são e que direções assumem os efeitos colaterais e as dinâmicas dessa crise de representação? que atores carismáticos poderiam ser destacados nesse quadro? Para respondê-las, trago à baila como sujeito central nesta pesquisa a figura de Benevenuto Daciolo Fonseca dos Santos, popularmente conhecido como cabo Daciolo. Personalidade que emergiu em 2011 como líder do movimento SOS Bombeiros, sendo eleito deputado federal pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) em 2014, e concorrendo como candidato à Presidência da República em 2018– momento em que, utilizando-se do aparato discursivo evangélico-pentecostal em seus discursos, obteve 1.348.323 (1,26%) dos votos válidos para Presidência da República, ficando em sexto lugar.

Embora não seja filiado a instituições religiosas, Daciolo carrega traços narrativos e performáticos do pentecostalismo da Assembleia de Deus (AD), igreja onde o cabo diz ter

⁸ Para essa declaração, baseio-me em Weber (1998, 2004), Lepsius (1993), Hatscher (2001) e Sell (2018).

“aprendido” a ler a Bíblia, a ter experiências com o Espírito Santo e a “profetizar”. Além de possuir um perfil bastante peculiar, que tem estimulado a produção de “memes” e a polêmicas entre internautas, os modos de articulação entre religião e política por ele produzidos questionam interpretações simplistas sobre a relação entre evangélicos e a política. Isso ocorre porque Daciolo não pertence a denominações evangélicas, embora carregue o *ethos* pentecostal como se observa quando ele pronuncia a interjeição que o distingue: “Gloria a Deu”⁹. Daciolo traz a narrativa evangélica desinstitucionalizada para a arena política, acionando seus símbolos e valores e os ressignificando a partir da prática política em uma perspectiva redencionista.

Argumento, contudo, que é o conceito desenvolvido por Weber de *profeta emissário* que melhor permite analisar nosso personagem, que se considera convocado a cumprir “um mandado divino” – situação, em certa medida, similar à de Jair Messias Bolsonaro, que, desde as eleições de 2018, apresenta-se e é interpretado por alguns líderes religiosos como alguém escolhido por Deus para “salvar o Brasil” (CONTEÚDO, 2019), assunto que será discutido no capítulo 4.

O objetivo desta tarefa analítico-descritiva e interpretativa não se limita, como dito acima, ao cabo Daciolo, pois, Weber não desenvolve a teoria do líder carismático, e sim, da relação de dominação carismática. Nas palavras de Charles Lindholm (1993, p. 88), “[...] não é o carisma em si, mas o contexto social no qual ele ocorre, que determina a forma como será vivido e avaliado. [...] O meio social que dá expressão e forma ao carisma”. Portanto, está ligado, primeiramente, ao cenário brasileiro com suas dinâmicas sociais e políticas: que país é esse que possibilita o surgimento do cabo Daciolo na esfera pública? Este não “se define” por filiações institucionais, mas, congrega diferentes esferas ao construir uma narrativa em que a política é enquadrada como uma ferramenta sagrada. Ou, nas palavras de Daciolo, de que “Não existe política sem Deus” (informação verbal)¹⁰. Essa narrativa é produto do próprio movimento evangélico conservador¹¹ que ganha força no país e do qual o cabo diz não fazer parte.

⁹ Deu com “x” por ser pronunciado com sotaque carioca.

¹⁰ Frase dita pelo deputado Cabo Daciolo durante discurso realizado na Câmara dos Deputados, em Brasília, em 08 de abril de 2015, sessão nº 064.1.55.O; fase: OD.

¹¹ Nesta tese adoto o conceito de conservadorismo desenvolvido por Helga Gahyva (2017). A socióloga complexifica este conceito por meio de uma análise que parte da relação histórica do desenvolvimento da “ideologia conservadora”, considerando o período da Revolução Francesa até o século XIX. Desta forma, conservadorismo deverá ser compreendido pelas seguintes características: a) seu valor reativo, uma vez que a ideologia conservadora “[...] tende a emergir quando confrontada a propostas radicais de mudança social” (GAHYVA, 2017, p. 317); b) sua mudança lenta, pois os entraves “[...] não são quaisquer mudanças, mas aquelas que se processam rapidamente, atropelando hábitos e costumes cristalizados nas tradições” (GAHYVA, 2017, p. 314); c) sua relação com o tempo, em que “[...] o conservadorismo, reativamente, despreza a concepção linear de

Como hipótese sugiro haver três efeitos colaterais diante do contexto de crise na representação política. São eles: o setor religioso, os protestos no Brasil e o modelo adversarial. Esse quadro possibilitaria um olhar mais delimitado, o que denomino de “efeito-efeito colateral”. Ou seja, que país é esse que permite o surgimento de determinadas categorias? No interior de uma dessas categorias, Daciolo representaria uma idiossincrasia neste cenário sociorreligioso e político brasileiro. Fato que se dá em razão de quatro fatores relacionados à trajetória de engajamento político do cabo. Quais sejam: (a) sua desinstitucionalização e o acionamento de conteúdos religiosos para a política; (b) o fato de ser um político jovem, que emerge do movimento SOS Bombeiros e, em razão de seu carisma, consagra-se entre os mais bem votados para a Presidência da República nas eleições de 2018, atingindo um número de votos expressivo, que ultrapassou políticos tradicionais; (c) sua articulação e análise de conjuntura sobre diversos temas da esfera pública se valendo, em seu discurso, de elementos mágicos e/ou religiosos, e, por fim; (d) seu exotismo, que toca, coerentemente, em pontos cruciais sobre as raízes da desigualdade social. Assim, Daciolo traria consigo características que comporiam uma sociologia da personalização política como subtipo da dominação carismática em sua face religiosa?

O tema da personalização política está presente na literatura internacional desde a década de 1990 (McALLISTER, 2006) e as democracias mais institucionalizadas e estáveis testemunham essa manifestação em diferentes níveis e dimensões pela atividade política. Um deles é o nível macroinstitucional, fenômeno que se manifestaria inclusive nos processos eleitorais, “[...] através da posição de predomínio de lideranças políticas carismáticas [...] que sobrepujariam o papel dos partidos políticos enquanto sinalizadores de *policies* e agregadores de interesse das demandas do eleitorado” (BRAGA; BECHER, 2012, p. 2)¹². Contudo, o fator religioso parece, sobretudo, nos elementos percebidos na vida pública de Daciolo, sugerir outros efeitos nessa personalização política. A análise de tal desdobramento e suas questões corolárias serão discutidas em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, “Do mal-estar institucional e do anúncio de uma metamorfose”, busco responder às questões: quais formam os elementos sociais que ajudaram a (re)configurar o cenário para o debate acerca da metamorfose no quadro da representação política? E como tal quadro possibilitou o surgimento do ator carismático em tela, o político cabo Daciolo? O período de 2000-2018 é marcado por um significativo descrédito nas

história, privilegiando a noção de coexistência em detrimento da de sucessão” (GAHYVA, 2017, p. 306). Ainda, na ciência política, Bonazzi (1998) apresentará o conservadorismo como aquela corrente que se mostra contrária às forças inovadoras do sistema político existente e de seus modos de funcionamento.

¹² Cf. Patterson e Mughan (1999) e Poguntke e Webb (2005).

instituições brasileiras. Fato que, conseqüentemente, expõe tanto a fragilidade dessas instituições, no que se refere à representação política no Legislativo e no Executivo, quanto constitui uma forte oportunidade para se metamorfosearem na democracia.

Para pensar essas transformações lanço mão do conceito de *metamorfose* concebido por Bernard Manin em diálogo com Ulrich Beck. O filósofo político francês tem utilizado o termo *metamorfose* para entender o governo representativo a partir de observações feitas a contar da segunda metade do séc. XIX (MANIN, 1995, 2013). Para o autor, estamos na terceira fase da democracia (MANIN, 2008). A primeira foi a *democracia dos notáveis*, situada no séc. XIX, em que a população votava em pessoas próximas, ou seja, com forte vínculo social, (re)conhecidas na comunidade. A segunda foi classificada como a *democracia dos partidos* (de massa), em que os candidatos estavam mais distantes e os eleitores tinham os sindicatos e as ideologias dos partidos como norteadores para suas escolhas. A fase a qual, segundo o autor, vivenciamos atualmente, é interpretada como a *democracia de auditório* (ou de audiência). Fase em que o eleitor(a) volta a conhecer o seu(sua) candidato(a), todavia, a partir do marketing produzido pelas mídias, fazendo com que seu voto seja destinado a um personagem cuja característica seja de um militante, ou de um político de carreira, dentre outros com performance semelhante.

O diálogo entre ambos os autores sobre o conceito *metamorfose* ocorre por duas vias. Na primeira, é abordado o aspecto do personalismo político com forte acento no indivíduo e em sua personalidade militante (ou criada religiosa e midiaticamente). Na segunda, a categoria de *efeito colateral* (BECK, 2018)¹³, com seus indicativos, ajuda a compreender o cenário nacional, conseqüentemente, abrindo portas para o entendimento do surgimento de atores carismáticos-religiosos na esfera política, o que chamarei de “efeito-efeito colateral”.

Busco, portanto, destacar quais são os efeitos colaterais diante da crise de representação na política e que, conseqüentemente, criam o cenário de oportunidade para a ascensão do carisma religioso neste campo e o anúncio de uma metamorfose. Por fim, explícito o conceito de *antagonismo* (MOUFFE, 2015) na política, acentuado pelo discurso religioso, que demarca uma característica do personalismo que discutirei no decorrer da tese.

Após a exposição dos efeitos colaterais diante de um cenário de mal-estar institucional capaz de causar o surgimento do *profeta emissário* como *efeito-efeito colateral*, o segundo capítulo é intitulado “Da autonomia do profeta-emissário-político diante das

¹³ Agradeço à orientadora desta tese a indicação de Beck, que se tornou um autor importante para o desenvolvimento do trabalho, uma vez que a partir da categoria *efeito colateral* criada por ele, foi possível perceber outras adequações analíticas, possibilitando, inclusive, o desenvolvimento do conceito “efeito-efeito colateral”, cunhado nesse trabalho monográfico.

instituições”. Embora Weber tenha destacado três tipos de autoridade religiosa (mago/feiticeiro, profeta e sacerdote)¹⁴, seria possível, conforme já anunciara Jean-Paul Willaime (1986), acrescentar à tipologia weberiana outros termos/subtipos, após avaliar sua pertinência social e valorativa. No campo de nossa hipótese, portanto, a trajetória de Daciolo, com suas ações públicas, inauguraria o subtipo *profeta-emissário-político*, cujo carisma triunfa no cenário político em 2014 – e que precisou ser reinterpretado nas eleições em 2018, como será discutido no capítulo 4.

Esse capítulo traz como questão corolária o chamamento do cabo Daciolo para a arena política. Interessa nessa seção responder às questões: de que maneira o político se descreve como um mensageiro sagrado neste setor? Como Daciolo compreende e se posiciona diante dos partidos políticos e como se distancia simbolicamente das instituições? Sua autoidentificação como verdadeiro profeta no Congresso o possibilita, em termos weberianos, *racionalizar* sua fé em termos weberianos?, De que modo essa racionalização se dá em discursos e projetos políticos? Aqui, lanço mão de duas outras ferramentas para analisar sua trajetória. A) análise do discurso político, considerando Patrick Charaudeau (2017). E as novas construções individuais da crença, a partir de Danièle Hervieu-Léger (2008).

No terceiro capítulo, abordo o tema “Da (não)] representação política do ‘povo evangélico’”. Como forma de observar as características já reconhecidas em Daciolo proponho comparar a opinião dos eleitores evangélicos (pentecostais ou não) e com a dos parlamentares (evangélicos ou não) acerca de temas morais, comportamentais e socioeconômicos. Os dados retratam uma crise no que se refere à representação política (o que se discutiu no capítulo 1) e anunciam uma metamorfose neste setor. Enquanto parlamentar, como seus discursos e Projetos de Lei (PL’s) se inserem na sociedade e na política e constituem uma configuração hierárquica (dominação carismática) a partir da religião – que intensifica a construção de sua narrativa/teodiceia?¹⁵ Ao contrário do que pensava Marcel Gauchet (1985b), de que a religião havia deixado de constituir o princípio ordenador do político¹⁶, no Brasil parece não ser possível aplicar esse tipo de leitura, pois nossa aposta, como já anunciada, é que Daciolo, de maneira histriônica, traz elementos

¹⁴ Joachim Wach (1955), cuja abordagem se dá através da filosofia e história das religiões, elencou nove tipos de autoridade religiosa: o fundador da religião, o reformador, o profeta, o vidente, o mago, o adivinho, o santo, o sacerdote, o religioso.

¹⁵ Seguindo aqui a afirmação de Pierre Rosanvallon (2010, p. 30), de que o “mundo da política” é como um “segmento do mundo do político”.

¹⁶ Para Gauchet (2007), os pilares do regime democrático moderno estavam baseados em três revoluções sucessivas: da política (séc. XVI); do direito (séc. XVIII); da história (séc. XIX). Por isso, suas obras se debruçaram nesses pilares como sustentação moderna da figura do político.

religiosos capazes de aprofundar a questão da personalização política através da relação de dominação carismática.

Também neste capítulo me valho, como ferramenta metodológica de interpretação, da análise do discurso (CHARAUDEAU, 2017), tendo como foco de investigação o discurso político. Charaudeau entende que a identidade do político é construída em torno da *prática política* (posição do ator no processo comunicativo/interativo) e do *conceito político* (que constitui o posicionamento ideológico do sujeito do discurso, ou seja, como pensa, o que fala, no que crê). Neste aspecto, embora a crise de representação política seja um dado, veremos se Daciolo seria, de fato, um personagem que possui características dissonantes aos seus pares na Câmara.

O capítulo quatro, “Messias e Profeta vis-à-vis e o projeto de personalismo político”, traz para o debate outro personagem carismático como novo *efeito-efeito colateral* desse cenário em metamorfose. Trata-se de Jair Messias Bolsonaro, que venceu as eleições em 2018 para a Presidência da República utilizando discursos compostos, entre outras coisas, por símbolos religiosos e versículos bíblicos durante sua campanha. Além de ter recebido apoio por parte de igrejas cristãs, sobretudo, evangélicas. Após analisar o quadro que contempla esse novo personagem, abordarei novamente a candidatura do cabo Daciolo à Presidência da República, destacando as diferenças entre ambos os personagens e verificando como este último busca se manter como profeta, mesmo após sua derrota para Bolsonaro, cujo carisma institucionalizado triunfou na disputa eleitoral em 2018.

Também a partir da análise do discurso (CHARAUDEAU, 2017), as questões corolárias que serão respondidas neste capítulo, são: como ambos personagens poderiam ser distinguidos quanto à dominação carismática? Como seus discursos foram forjados e como instrumentalizam a política a partir da religião? De que maneira Jair Messias Bolsonaro acentua o antagonismo político? Com isso, que fatores ou elementos tornariam a relação da dominação carismática a partir da trajetória de Daciolo diferente dos demais líderes carismáticos sacerdotais – isto é, dos religiosos profissionais em suas instituições religiosas – diante da análise de sua atuação política? Daciolo inauguraria não apenas a classificação *profeta-emissário-político*, mas também uma narrativa/teodiceia pela qual a representação política ganharia aspectos religiosos, na tentativa de construir uma hierarquia que torne o sujeito da fala um escolhido por Deus para ocupar o cargo no poder executivo no país. Tais características seriam, enfim, suficientes para descrever uma sociologia do personalismo político em sua face carismático-religiosa? É o que descrevo na conclusão desta tarefa.

Quanto aos instrumentos metodológicos adotados nesta pesquisa podemos destacar: a) análise documental de mídia impressa (jornais, livros publicados, informativos de procedimento em [e de] campanhas político-religiosas) e de mídia eletrônica (declarações feitas através de redes sociais, sites do governo federal, etc.); b) análise de discurso político (CHARAUDEAU, 2017); c) entrevistas semiestruturadas (BOURDIEU, 1986; COSTA, 2015).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cabo Daciolo¹⁷; com 17 bombeiros militares envolvidos (ou não) no movimento SOS Bombeiros¹⁸; com o, então presidente do PSOL, Chico Alencar¹⁹. Além das entrevistas, procedeu-se pela análise de conteúdo por meio do uso do software Atlas.ti 8.4.24 – que possibilita criar codificações a partir da escolha das categorias de análise – dos discursos de Daciolo à época que atuou como líder e militante do SOS Bombeiros, bem como dos 223 discursos realizados no plenário da Câmara dos Deputados, entre os anos de 2015 a 2018, quando ocupava o cargo de deputado federal. Também foi feita a análise de conteúdo de 142 discursos do, então Deputado Federal, Jair M. Bolsonaro no plenário da Câmara, bem como de outras manifestações públicas.

¹⁷ Realizada no dia 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro. Cf. Termo de Livre Consentimento (ANEXO A).

¹⁸ Entrevistas realizadas entre os meses de setembro a novembro de 2019.

¹⁹ Realizada, por telefone, no dia 08 de setembro de 2019. Cf. Termo de Livre Consentimento (ANEXO B).

1. DO MAL-ESTAR INSTITUCIONAL E DO ANÚNCIO DE UMA METAMORFOSE

“[...] não é o carisma em si, mas o contexto social no qual ele ocorre, que determina a forma como será vivido e avaliado. [...] o meio social que dá expressão e forma ao carisma”.

Charles Lindholm²⁰.

Neste capítulo viso, a partir da análise de dados divulgados por institutos de pesquisas acerca da confiança nas instituições brasileiras, apresentar de que maneira ocorre o *fracasso* na representação política e como o segmento religioso evangélico contribui para o *antagonismo* neste setor, bem como para a articulação de um discurso cujo foco é a hegemonia nacional. Os temas *crise* e *mal-estar institucional* no Brasil não são novidade no campo da sociologia política. A menção aos dados se deve, sobretudo, à apresentação do cenário responsável em produzir determinados efeitos na sociedade. São esses efeitos que interessam a este trabalho.

Portanto, mediante o mal-estar institucional, pretendo responder às seguintes questões: Quais seriam os *efeitos colaterais* nesse processo de *metamorfose* na representação política? De que maneira contribui o tema da relação de dominação carismática, em sua face religiosa, no que se refere aos dilemas sócio-políticos?

Para responder às questões lanço mão do conceito de *metamorfose* de Bernard Manin e Ulrich Beck, com a finalidade de entender os processos de mudança e de como reagem determinadas instituições diante de *fracassos* ou *crises*. Valho-me de Max Weber para realizar uma interpretação tipológica do sujeito carismático e sua relação de dominação frente ao cenário de metamorfose no setor político e da leitura de Chantal Mouffe sobre o conceito de *antagonismo* na política—acentuado pelo discurso religioso, que, como demonstrarei nesta tese demarca uma característica do personalismo que pretendo discutir.

1.1 Dos efeitos colaterais na crise de representação política

Na década de 1980, a sociologia produziu debates acerca dos paradigmas do conceito de crise, cujo padrão de orientação teórica se baseava nos conflitos de sociedades capitalistas

²⁰ In: Carisma: êxtase e perda de identidade na veneração ao líder (1993, p. 88).

e o marxismo elaborava suas explicações diante das indagações sociológicas (TAVARES DOS SANTOS; BARREIRA; BAUMGARTEN, 2003; OFFE, 1989). O trabalho do cientista social alemão Claus Offe foi divulgado no Brasil em diversas publicações na década de 1980. Sua tese era de que as tradições clássicas da sociologia burguesa assim como da marxista “[...] compartilham do ponto de vista de que o trabalho é o fato social principal. Eles concebem a sociedade moderna e sua dinâmica central como uma ‘sociedade do trabalho’” (OFFE, 1989, p. 167). Em outras palavras, derivam das relações de poder tanto a divisão do trabalho como as transformações do sistema econômico. A “sociedade do trabalho” possui eixos definidos pelos campos da economia e da política, onde, no centro, está o indivíduo/sociedade, capaz de fazer eclodir grandes movimentos de crítica contra sistemas institucionais que não o/a contemple com equidade.

Enquanto isso, na década mencionada, os países latino-americanos testemunhavam o renascimento de lutas sociais com diferentes faces de conflitos e, conseqüentemente, o surgimento de novos atores e movimentos. Eis o paradoxo: “[...] estavam os sociólogos ainda na busca da utopia perdida, enquanto que as sociedades estavam a fabricar novas conflitualidades” (TAVARES DOS SANTOS, 1994, p. 48), dentre elas, “as lutas urbanas acerca do transporte ou da moradia²¹; sobre os camponeses sem terra e os boias-frias²²; as lutas das mulheres²³ e os movimentos das minorias étnicas²⁴” (TAVARES DOS SANTOS, 1994, p. 50).

Segundo a hipótese do sociólogo francês Pierre Ansart (1990, p. 22), “[...] o refluxo do estruturalismo permitiu a emergência de correntes teóricas que podem ser reagrupadas em quatro orientações maiores”. Tal reagrupamento parece marcar “o essencial das problemáticas sociológicas atuais”. As quatro ideias-elementos são: ordem, ação, *crise* e mudança. Dentro de cada ideia-elemento, há metodologias diferentes para as temáticas. Para um exemplo, Luis Felipe Miguel e Aline de Almeida Coutinho (2007) elaboraram a partir da análise de editoriais publicados entre os meses de maio e dezembro de 2005, as causas das crises no Brasil. O resultado: os pesquisadores chegaram a 14 categorias diferentes de causas dentro desta “ideia-elemento”. Dentre elas, se depararam com as categorias *corrupção*, *denúncias de corrupção*, *aparelhamento da máquina pública ou do Estado*, *falta de governabilidade*.

²¹ Importante desdobramento deste tema, verificar C. Farias da Silva e M. Kunrath Silva (2016). Ver também pesquisas de A. Singer (2013), Scherer-Warren (2014), Jardim Pinto (2017).

²² Cf. organização de Chevitaese (2002), com temáticas que envolvem questões teórico-metodológicas, campesinato e identidade, campesinato e política, campesinato e lutas sociais, campesinato e movimentos sociais.

²³ Há um número bem generoso de estudos na área. Cf., por exemplo, S. Veleza da Silva (2000), Soares (1994), E. Berquó (1982), C. Pinto (1992).

²⁴ Cf. pesquisas de Risério (2007) e Gohn (1997, 2013).

Segundo os autores, o desdobramento de tais crises eclode diretamente na economia de um determinado estado ou até mesmo do país.

Os temas acima apareceram nas manifestações ocorridas no Brasil no período de julho de 2013 a 2018. Leonardo Avritzer (2018) as elenca em sua pesquisa e interpreta que o mal-estar na democracia foi intensificado com tais manifestações que reuniram um conjunto de demandas sócio-políticas que vão do protesto contra o aumento no preço de passagem de ônibus à denúncia de corrupção no alto escalão do governo federal. Segundo o autor, todos esses reveses não permitem uma análise otimista “das últimas duas décadas sobre a democracia no Brasil” e “precisam ser colocados em perspectiva e substituídos por uma visão pendular do processo de construção da democracia no Brasil” (AVRITZER, 2018, p. 275).

Dentro desse quadro de crises, outro elemento a ser considerado é o mal-estar institucional. Isto no que se refere aos partidos políticos, cuja discussão já se encontra presente há décadas no país (MICHELS, 1982; LIMA JR., 1993; NICOLAU, 1994), mesmo não havendo consenso sobre o assunto. Há quem acredita na existência de uma crise na democracia representativa que atinge, conseqüentemente, os partidos políticos (NOGUEIRA, 2014). Por outro lado, embora também partindo do pressuposto de uma crise de representação, outros entendem que não se trata de uma perspectiva de extinção de partidos, mas de uma *metamorfose* no sistema de governo representativo (MANIN, 1995). E por que *metamorfose*? Conforme Bernard Manin (2013) a democracia representativa não foi minada, mas, há alguns séculos, já se encontra em processos constantes de transformação. Nesta tese, sigo esta última interpretação.

Na pesquisa de décadas de Manin, a crise recente de representação pode ser identificada, dentre outros elementos, pela crescente mudança que marca a escolha do eleitor, que passaria a votar a partir da identificação coma personalidade de um candidato e não de acordo com a ideologia de um partido²⁵. Todavia, os estudos do cientista político francês, embora aprofundados ao longo do tempo, não discutem o sujeito carismático religioso. Assim, ainda não se pode afirmar que existem características dessa figura obtidas de um projeto de personalismo político. O que se pode concluir até aqui, baseado em Manin, é que a figura do político se tornou central em uma eleição e as ferramentas midiáticas passaram a ser essenciais durante o processo. Em suas palavras: “A estratégia eleitoral dos candidatos e dos partidos repousa [...] na construção de imagens vagas que projetam a personalidade dos líderes” (MANIN, 1995, p. 5). De outro modo:

²⁵ Para Chantal Mouffe (2019), o presente contexto de crise de representação não revela uma crise da democracia representativa em si, e sim, sua encarnação pós-democrática.

O candidato inspira confiança por sua personalidade, não por suas relações com outros representantes ou com organizações políticas. O representante mantém uma relação direta com os eleitores: ele é eleito por pessoas com quem tem contato frequente. *As eleições parecem ser um reflexo e uma expressão da interação não-política.* A confiança decorre do fato de que o representante pertence à mesma comunidade de seus eleitores, e essa comunidade se define em termos puramente geográficos ou em função “dos grandes interesses do reino” (MANIN, 1995, p. 13, grifos meus).

O ambiente da “não-política” parece não informar adequadamente a relação de interdependência que Norbert Elias (2001) já havia anunciado sobre diferentes esferas da sociedade. Uma parcela considerável do segmento religioso no Brasil se constitui como exemplo dessas esferas que se desencaixam do *summum bonum* da articulação social e/ou política. Os interesses religiosos, cujas pautas morais se sobrepõem a outras discussões e demandas mais amplas, servem de propaganda e incentivo para que membros de determinada comunidade se sintam confiantes em eleger o candidato que apenas interaja consigo e suas pautas. Portanto, a intenção de Manin ao falar de uma “interação não-política” é destacar o papel que exercem no jogo político as instituições que são classificadas como não detentoras do poder público (nas esferas do executivo, legislativo ou judiciário), o que não as impede de influenciarem determinadas decisões.

Manin (1995) entende que nessas transformações, “os eleitores tendem a votar em uma pessoa, e não em um partido” (p. 18). Dois fatores explicam essa característica. Primeiro, a relação direta que o candidato tem com os eleitores contando com o uso da ferramenta midiática para esse contato. Segundo, as novas condições em que os políticos exercem o poder. Os próprios partidos enfatizam a individualidade de seus candidatos e também se identificam “com o líder do momento”²⁶. Neste caso, não se trata de uma personalização política em seu conceito tradicional, ou seja, *sem partido*, mas de uma *personalização do poder* conforme já sinalizado por autores como Bruce Cain, John Ferejohn e Morris Fiorina (1987). Por isso, ao invés de se tratar da perda de papel dos partidos políticos, penso, em consonância com Manin e Ulrich Beck, que o caso se trate de uma *metamorfose*. Dito isso, o presente capítulo busca responder como a figura carismática religiosa pode ser resultado desse processo.

A teoria da metamorfose é ampla. Ulrich Beck (2018) se concentrou no conceito de uma metamorfose do mundo, mas, também deixou claro haver outros tipos de transformações acontecendo. O sociólogo alemão defende que a metamorfose destrói certezas e surge não como projeto, mas como *efeito colateral*. Em suas palavras, “[...] metamorfose não é mudança

²⁶ Manin em entrevista a Landemore (2016, p. 152).

social, não é transformação, não é evolução, não é revolução e não é crise. [...]. Significa a era dos efeitos colaterais” (BECK, 2018, p. 36). A saber, são três as lentes conceituais para se entender como funciona a metamorfose no mundo: a) a violação cria a norma (e não o contrário); b) a violação de valores sagrados causa um “choque antropológico”, e; c) a violação causa uma “catarse social” (BECK, 2018, p. 155).

Em relação às instituições, o autor refere-se à metamorfose de estar no mundo, ou seja, de observar como as instituições operantes fracassam (e ainda assim continuam). Já no âmbito da política, seus limites foram alterados, pois a metamorfose inseriu outros novos espaços. Por um lado, ainda se obedecem a regras. Por outro, a nova política mundial cosmopolita altera regras possibilitando um jogo de conflitos, sem roteiros fixos. Essa era apresenta uma dupla contingência: a não fixidez dos papéis de atores sociais e a personificação de novos e velhos atores em um só indivíduo que busca mudar a ordem nacional da política – o que parece encontrar conexão com a formulação de Manin. A metamorfose também pode ser observada na movimentação de atores na sociedade, informação que amplifica a pesquisa para com indivíduos e grupos religiosos que se encontram em constantes mudanças.

Embora a metamorfose não seja “a crise”, ela só pode ocorrer após uma distensão em determinado enredo da (macro ou micro) história, ocasionando *efeitos colaterais*. A metamorfose não é um programa, mas algo que acontece (BECK, 2018, p. 33). E qual seria o agente da metamorfose? Segundo Beck (2018, p. 17, 32, 46) a resposta é o “fracasso”. Assim, o fracasso de determinada instituição não significa sua extinção, mas, indica que, certamente, sofrerá as consequências, ou melhor, os efeitos colaterais para sustentar sua manutenção. Nas palavras do sociólogo “[...] uma característica essencial da metamorfose é que instituições simultaneamente funcionam e fracassam” (BECK, 2018, p. 103).

Delimitadas as concepções de metamorfose desenvolvidas por Manin e Beck, a partir de agora utilizarei o conceito de *metamorfose* concebido por Manin, quando se refere aos indícios da personalização do poder na política, e a concepção de Beck, quando avalia a dinâmica das instituições nos “fracassos” e nos “efeitos colaterais”. Ambos nos ajudarão a observar os resultados da relação entre política e religião. Resultados que não podem ser classificados como um projeto, mas sim, como efeitos colaterais de uma distensão muito maior.

O conceito, portanto, norteará a análise da dinâmica institucional brasileira, dos partidos políticos e, finalmente, da movimentação de atores na sociedade, considerando as transformações ocorridas na esfera religiosa. Para isso, trago como base os dados levantados

pelo Latinobarômetro²⁷, o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e o Datafolha Instituto de Pesquisas. A finalidade é apresentar e analisar os indicadores que registram o nível de confiança em instituições nacionais. Como podemos explicar as mutações, ou melhor, a metamorfose neste setor específico?

Primeiramente, apresento o cenário que contempla a confiança nas *Instituições* no Brasil em um período de 10 anos (2009-2018), conforme Índice de Confiança Social (ICS), medido pelo IBOPE Inteligência apresentado na Tabela 1. Antes, uma observação: das 20 instituições elencadas na pesquisa pelo IBOPE, na tabela apresento os dados referentes apenas às principais instituições a serem discutidas nesta tese²⁸.

TABELA 1 – NÍVEL DE CONFIANÇA EM INSTITUIÇÕES NO BRASIL: 2009-2018 (%)

	Instituição	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
1º	Corpo de Bombeiros	88	85	86	83	77	73	81	83	86	82
3º	Igrejas	76	73	72	71	66	66	71	67	72	66
4º	Forças Armadas	71	69	72	71	64	62	63	65	68	62
6º	Pol. Mil.	52	52	55	54	48	48	50	52	57	53
13º	Governo Federal	53	59	53	53	41	43	30	36	26	25
14º	Pres. da República	66	69	60	63	42	44	22	30	14	13
15º	Sistema Eleitoral	49	56	52	47	41	43	33	37	35	33
17º	Sindicatos	46	44	44	44	37	43	41	40	44	35
19º	Congresso Nacional	35	38	35	36	29	35	22	22	18	18
20º	Partidos Políticos	31	33	28	29	25	30	17	18	17	16

FONTE: Adaptada de IBOPE INTELIGÊNCIA (apud ABERJE, 2019).

Na série histórica apresentada na Tabela 1, a instituição do *Corpo de Bombeiros* permanece em primeiro, enquanto os *Partidos Políticos* gozam de um nível de desconfiança

²⁷ Conforme informações no site da Corporación Latinobarómetro, uma ONG sem fins lucrativos com sede em Santiago (Chile), o Latinobarómetro é um estudo de opinião pública que aplica anualmente em torno de 20.000 entrevistas em 18 países da América Latina, representando mais de 600 milhões de habitantes.

²⁸ Foram suprimidas da tabela os dados das seguintes instituições: Polícia Federal (2º lugar), Escolas Públicas (5º lugar), Meios de Comunicação (7º lugar), Empresas (8º lugar), Banco (9º lugar), Ministério Público (10º lugar), Organizações da Sociedade Civil (11º lugar), Poder Judiciários (12º lugar), Sistema Público de Saúde (16º lugar) e Governo da cidade onde mora (18º lugar). Ressalta-se ainda que a Polícia Federal e o Ministério Público só passaram a constar nas pesquisas a partir de 2016.

considerável, o que os mantêm em último lugar. A partir de 2014, ano de eleições, a confiança no *Corpo de Bombeiros* cresceu 17,8% até 2017 e, durante o ano eleitoral de 2018, caiu 5,4%. A pesquisa sobre confiança nos *Partidos Políticos*, em relação aos anos eleitorais em questão (de 2014 a 2018), registrou decréscimo de 46,6%. Para o comandante-geral do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ), coronel Roberto Robadey Costa Jr., o ICS do IBOPE sobre a referida instituição reforça o “reconhecimento quanto à eficiência, à qualidade técnica e ao comprometimento da tropa” (PROJETO..., 2020, n.p.).

Os dados sobre a confiança nos partidos políticos divulgado pelo Latinobarômetro na tabela abaixo ajudam a complementar as informações acima.

TABELA 2 – NÍVEL DE CONFIANÇA EM PARTIDOS POLÍTICOS NO BRASIL: 2009-2018 (%)²⁹

Ano	Nenhuma confiança	Pouca confiança	Muita confiança
2009	41,8	36,1	3,4
2010	40,3	32,8	4,9
2011	49,3	34,4	2,3
2013	46,8	29,3	4,2
2015	51,4	36,1	1,0
2016	65,4	28,2	0,6
2017	72,4	19,8	0,5
2018	66,5	25,7	2,0

FONTE: Adaptado de LATINOBARÔMETRO (s. d.)³⁰

Na Tabela 2 é possível perceber que a confiança dos brasileiros em relação aos partidos políticos é decrescente entre os anos 2009 e 2018, embora haja intercorrências em 2010, 2013 e 2018. Contudo, após 2016, época do impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT), a variável *nenhuma confiança* manteve posição acima de 65%, enquanto que no ano de 2018 – período das eleições em que Jair Messias Bolsonaro (PSL) derrotou o candidato Fernando Haddad (PT) – a variável *muita confiança* teve um aumento (depois de 4 anos) de 1,5% em comparação com 2017. Tais alterações podem ser interpretadas como resposta a rejeição ao PT por estar ligado a temas políticos como corrupção, bem como a temas baseados em valores morais religiosos. Chamam a atenção o fato que nas variáveis: a) *pouca confiança*, o número aumentou 5,9% de 2017 para 2018, enquanto que b) em *muita*

²⁹ O ano de 2014 não foi analisado pelo Latinobarômetro.

³⁰ Disponível em: <<https://www.latinobarometro.org/latOnline.jsp>>. Acesso em: 22 de out. de 2020.

confiança, esteve abaixo de 5% em todo o período analisado. Isso nos permite afirmar que, embora os números nesta última variável tenham aumentado, não registra alterações substantivas capazes de nos fazer desconsiderar o descrédito nesta instituição, tendo ainda em vista a relação entre as Tabelas 1 e 2.

Ainda que os partidos políticos, no período de dez anos (2009-2018), tenham obtido ICS muito baixo, não se pode afirmar que os mesmos não constituem o eixo fundamental da representação política em uma democracia (AVRITZER, 2009; BAQUERO, 2000). Diga-se de passagem, logo após o Golpe Civil-empresarial-militar de 1964, os partidos foram extintos em 27 de outubro de 1965 com o Ato Institucional-nº 2 decretado pelo general-presidente Castello Branco (GALVÃO, 2016). Todavia, considerando o fato de os partidos cumprirem um papel essencial em um governo representativo, o Regime Militar, buscando manter a imagem democrática, oficializou um sistema bipartidário composto pelos partidos Aliança Renovadora Nacional (ARENA), que representava o governo, e Movimento Democrático Brasileiro (MDB), no seu início uma frágil e controlada oposição. No processo de desgaste da Ditadura Militar e com o avanço da oposição que culminou com a redemocratização do país, a ARENA mudou sua sigla para Partido Democrático Social (PDS) e o MDB passou a se denominar Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Nesse período também foram criados novos partidos e a política se abriu para o pluripartidarismo. Surgiram à época da redemocratização o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Democrático Trabalhista (PDT), o Partido Progressistas (PP) e o Partido dos Trabalhadores (PT). Em 2020, o Brasil fechou o ano com um considerável número de partidos: 33 cadastrados no Tribunal Superior Eleitoral (TSE)³¹. Portanto, a partir dos dados trazidos pelos institutos de pesquisa quanto à representação política partidária se pode pensar acerca de uma metamorfose nesse setor.

O setor político ocupou os últimos lugares do ICS, com exceção dos *Sindicatos*. Para além de perscrutarmos a razão da baixa confiança em tal instituição, entendo que há três questões que não podem ser consideradas como de menor importância. Refiro-me aos efeitos colaterais desse cenário de metamorfose na representação política, ainda mais visíveis nesta segunda década do século XXI. Em todas as esferas desses efeitos colaterais, a relação de dominação carismática se faz presente, conforme esquema apresentado no Quadro 1.

³¹ Segundo informações sobre os partidos políticos registrados no site do órgão. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>>. Acesso em: 29 out. 2020.

QUADRO 1- EFEITO COLATERAL/EFEITO-EFEITO COLATERAL

Efeito colateral	Efeito-efeito colateral
<i>O setor religioso</i>	A primeira candidatura de um pastor à presidência da república.
<i>Os protestos no Brasil</i>	O surgimento do personagem cabo Daciolo, um profeta emissário (à luz do conceito weberiano), como líder do movimento SOS Bombeiros.
<i>O modelo adversarial</i>	A relação de dominação carismático-religiosa no que se refere às classificações e renomeações do adversário político.

FONTE: O autor (2021)³².

De maneira detalhada, cada um dos efeitos apontados, na ordem em que estão relacionados no quadro, serão discutidos nas seções abaixo.

1.2 Primeiro efeito: o setor religioso

A “onda conservadora” das últimas duas décadas não tem sua gênese no Brasil e não pode ser definida nem geográfica nem linearmente (BURITY, 2018)³³. A *reação* conservadora religiosa é um efeito colateral que se intensificou durante a crise financeira de 2008 e ajudou a destacar o *antagonismo* na política a partir da “moralização da política”, cujas categorias morais do que é o “bem”, produzido pelo “nós”, colocam-se em confronto direto com o que é o “mal”, produzido por “eles” – os adversários a serem eliminados (MOUFFE, 2015, p. 74).

Diante dos números registrados nas Tabelas 1 e 2 não seria impróprio afirmar que um dos fatores essenciais em relação à aliança de atores políticos com instituições e/ou discursos/elementos religiosos se deve à confiança creditada pela sociedade nestas – as Igrejas figuram em 3º lugar no nível de confiança da população. Além disso, a hipótese é que o avanço de fiéis do segmento evangélico na política sugere que tais atores adotam a “missão” de sacralização de uma instituição em descrédito. Interpreto esse movimento como um efeito colateral que descrevo com uma equação bem objetiva: descrédito na política + confiança na igreja = avanço de atores religiosos na política. Só nas eleições de 2014 foram eleitos para a

³² Elaborado a partir do conceito de Beck (2018).

³³ Sigo a interpretação de Burity (2018) quanto à “onda conservadora”, uma vez que Demier e Hoeveler (2016) organizaram coletânea cuja discussão acerca do tema se concentrou a partir das jornadas de 2013.

cadeira de deputados federais 26 membros, de 19 estados da federação, ligados à Assembleia de Deus (AD)³⁴. Importante destacar que a AD possui muitos ministérios, como: Ministério Madureira, Ministério Resgatando Vidas, AD Vitória em Cristo, AD Central etc.

Não apenas líderes evangélicos, mas houve, igualmente, um avanço considerável de membros leigos deste segmento. A Frente Parlamentar Evangélica (FPE) ajuda a mensurar tal afirmação (PRANDI; SANTOS, 2017). Acompanhando as clivagens dessa bancada, em 2010 o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP) identificou 73 parlamentares evangélicos (ELEIÇÕES..., 2018, n. p.). Embora a FPE leve o nome de um só segmento religioso, há também os que se alinham ao grupo através de determinadas pautas que interessam a outras instituições religiosas. Neste caso, se associam à Frente não só pastores, mas também bispos, missionários, leigos e sacerdotes católicos, cantores do setor gospel etc.

Para o ano de 2014, o objetivo era ultrapassar 100 vagas na Câmara. Foram eleitos 88. Já nas eleições de 2018, candidataram-se 326 pastores(as) e 18 padres³⁵. A meta era alcançar 150 deputados federais. Neste pleito, 70 dos 88 eleitos em 2014 tentaram reeleição, todavia, apenas 41 foram reeleitos. Ao todo, foram eleitos 78 deputados federais evangélicos. Ou seja, um decréscimo de 10 deputados deste segmento. A FPE, para a 55ª Legislatura, agregou parlamentares de 18 denominações diferentes, predominando igrejas pentecostais, como AD (com 23 deputados), seguida da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), como 17 deputados e Igreja Batista, com 12 deputados (ELEIÇÕES..., 2018, n. p.). Os números apontam para outra informação crucial para definição de onde deságua a moralização religiosa conservadora na política: dos 22 partidos, 19 foram identificados como de orientação de direita e centro-direita (CUNHA, 2018, n.p.). Seria, então, o espectro partidário à direita o mais suscetível ao *efeito colateral* de sua *metamorfose* na direção de uma “sacralização” e da representação exclusivista de comunidades religiosas.

Para o sociólogo da religião Paulo Barrera Rivera, o crescimento de candidatos “abertamente evangélicos” pode ser explicado pela crença pentecostal de que “uma de suas missões é a prática política – não apenas em lugares secundários, mas como protagonista”³⁶. Rivera entende que as denominações religiosas que se envolvem com a política impulsionam os candidatos com perfis messiânicos. Muitos dizem: “Estou fazendo porque Deus me mandou e estou certo de que vou ganhar”. A presença dessas igrejas na *mídia* cria e/ou orienta

³⁴ No ano de 2014, dos 27 estados nacionais, 9 não elegeram deputados federais ligados à AD: Acre, Alagoas, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Piauí, Sergipe e Tocantins. Mas tiveram eleitos para outros cargos para a Câmara em outros estados, exceto em Alagoas, Paraíba, Piauí e Tocantins.

³⁵ Informações extraídas do banco de dados do autor.

³⁶ In: Braga (2014).

um volume significativo de votos e as lideranças pentecostais possuem suas alianças políticas “em nome das instituições religiosas”³⁷.

Esse interesse não pode ser interpretado como um projeto, pois a metamorfose na política partidária de que estamos tratando não é *causada*, mas, configura-se como um efeito colateral. Como consequência do efeito colateral, é possível afirmar que as igrejas ajudaram a acentuar o descrédito na política e, conseqüentemente, em partidos políticos, buscando criar um ambiente de expectativa messiânica em suas comunidades. Ou seja, que a política, assim como o “mundo”, deve ser comandada por “homens fiéis a Deus”, os “ungidos”. Isso pode ser atestado diante das considerações políticas, pelo viés teológico-conservador, que estiveram presentes nas eleições de 2010. A ideia era avolumar informações acerca da “iniquidade institucionalizada” (ALONSO, 2013, p. 209) com a pretensão de que os membros das igrejas acreditassem que a esquerda era movida por ideais “demoníacos”, sobretudo, no que se refere às questões no âmbito da moralidade e do comportamento, de pautas como: a descriminalização do aborto, a união legal entre casais homoafetivos, a pedofilia, a pornografia, a descriminalização das drogas, dentre outras.

Um dos exemplos deste irromper da dissolução do debate político e dos consensos democráticos baseados em universais foi o discurso do pastor Paschoal Piragine Jr., da Primeira Igreja Batista de Curitiba. Em setembro de 2010, Piragine subiu ao púlpito de sua igreja e alertou a seus membros quanto à “iniquidade institucionalizada”. O vídeo de sua pregação viralizou pela plataforma do YouTube. Segundo o pastor:

Iniquidade é quando a gente está tão acostumado ao pecado, que o pecado... a gente não tem mais vergonha de cometê-lo. E ele passa a ser algo tremendamente natural na nossa vida. E a Bíblia diz que quando a iniquidade chega, ou seja, que o coração do homem está tão endurecido que ele não se envergonha mais do pecado, que não pode mais reconhecer que determinada ação é pecado. [...]. Eu quero dizer para vocês que nós temos que tomar muito cuidado com essas eleições que vão acontecer. [...]. Eu vou pedir que você assista um vídeo de alguns minutos, que fala desses problemas e de como nós vamos precisar levar isso a sério porque isso tudo que vai passar aqui é *iniquidade institucionalizada* (A INIQUIDADE..., 2010, grifo meu).

O vídeo que “fala desses problemas” refere-se a cenas sobre aborto, violência familiar, pedofilia e outros temas. O objetivo era associar tais dramas aos governos do PT. Para este pastor, ter eleito em 2002, 2006 e continuar elegendo lideranças desse partido para o executivo do país em 2010 seria o mesmo que contrariar a “Palavra de Deus”, entendida como a vontade divina. Esse aspecto de denúncia na forma de “iniquidade institucionalizada” ajudaria a destacar o discurso de uma expectativa messiânica diante de uma crise moral

³⁷ Para acesso a uma reflexão sobre o desdobramento da relação entre evangélicos e política no pleito de 2018, cf. Rivera e Fidalgo (2019).

causada pela política. Nesse contexto, segundo o pastor, opressão e desintegração dos laços familiares precisariam de uma libertação a partir de uma espécie de renascimento religioso na política, capaz de levar a nação do caos moral e corrupto ao paraíso.

Essa “crise institucional” abriu as portas para uma crítica fervorosa de muitas comunidades religiosas à política (e aos partidos) da esquerda, fazendo aumentar a defesa por temas morais/comportamentais. Certamente, o apelo de Piragine no mesmo vídeo motivou a efervescência de comunidades cristãs. Como indagou o pastor no púlpito, “Cadê a igreja? Ela se fechou em seus problemas internos. Adormeceu. Ficou passiva. Precisamos clamar pelo nosso país. Igreja brasileira, reaja! [...] Cadê a igreja?” (A INIQUIDADE..., 2010). E continuou:

Nós precisamos nos posicionar e dizer: “nós não queremos isso na *nossa nação*”. E procurar *pessoas que nos representem* para dizer: vou votar *contra essas coisas*. Porque caso contrário, a iniquidade será oficializada e Deus não vai ter outra coisa a não ser fazer *julgar a nossa terra*. É isso que a Bíblia diz (Ibidem, grifos meus).

A expressão “nossa nação” pode representar a busca pela hegemonia de um *ethos* consagrado pela plataforma confessional. Para que isso se concretize, é preciso “procurar pessoas que nos representem”, isto é, que defendam as mesmas pautas morais, independentemente de quaisquer outros resultados, cuja política social observe como demanda. “Votar contra essas coisas” é uma orientação de voto por oposição, em que não se diz claramente em quem se deve votar, mas sim, sinaliza que partido ou candidato não pode ser eleito. Uma estratégia utilizada em outras eleições como a do ano 2000 (MACHADO, 2001), todavia, que tomou maior proporção a partir de 2010 (LELLIS, 2019).

O sermão em destaque seria uma forma de despertar a consciência do fiel para sua responsabilidade de se colocar contra o PT e aderir publicamente às pautas conservadoras – que empreendem movimento de “valorização das tradições” (GAHYVA, 2017, p. 302) – a fim de evitar que a pretensa “iniquidade” fosse oficializada e, conseqüentemente, executado o julgamento divino. A narrativa acentua o juízo de Deus por se tratar de um juízo politicamente negociado. Não há alternativas senão, após identificar o mal (o PT), negá-lo e defender os temas morais e de comportamento presentes em planos de governo de (extrema-) direita e centro-direita. Esse mecanismo consiste em “[...] assegurar a própria bondade por meio da condenação do mal existente nos outros. Denunciar os outros sempre foi uma forma eficaz e indolor de ter um alto conceito do próprio valor moral” (MOUFFE, 2015, p. 73).

Neste quadro, a instrumentalização da religião para o ingresso de uma elite eclesial evangélico-pentecostal e católico-carismática nos poderes legislativos e executivos da

República brasileira, pode assumir um papel proeminente, já que a presença da religião na modernidade não significa necessariamente o confinamento desta na esfera privada, mas, pontua a abertura de um horizonte de possibilidades variadas de organização e prática do religioso (DUTRA, 2016; BERGER, 2017). Daí a força da influência de igrejas evangélicas sobre temas morais/comportamentais que são destacados na esfera política (FIGUEIREDO FILHO, 2005; LELLIS, DUTRA, 2020a, 2020b).

É possível observar que os anos 2010 e 2011 apresentam uma significativa clivagem na escalada sociopolítica, momento em que evangélicos passam a nutrir expectativas messiânicas. Assim, para que o juízo divino não se abata sobre o povo pecador, o projeto de certo setor dos evangélicos é eleger alguém que considerem um “homem de Deus” para que, assim, haja “salvação da nação”. Não quero com isso afirmar que este grupo cria uma nova narrativa. Mas, que há um movimento discursivo eclesial como efeito colateral promovido pela crise no setor político – como demonstram os dados das Tabelas 1 e 2. A partir desta crise, igrejas reforçam estrategicamente a narrativa messiânica já existente em terras brasileiras, porém, atualizada como efeito colateral diante de uma *nova clivagem* política, interessadas nos ganhos políticos *stricto sensu*.

A descrença no jogo político tende, historicamente, a levar indivíduos a crerem em salvadores da pátria (TORGAL; PAULO, 2008). E o que se articula no plano religioso, como observado acima, é um discurso em que se articulam alguns elementos, tais como(a) a identificação do inimigo, neste caso, um partido (o PT), que a projeção teológica na política descreve como “iniquidade institucionalizada”; (b) o apontamento de uma solução, que é a igreja *acordar e tomar partido*, isto é, mais especificamente, advogar pela defesa política da manutenção do *ethos* moral/comportamental religioso em detrimento da assistência às demandas sociais (CUNHA, 2020); (c) a menção por determinados líderes religiosos de um juízo de Deus para a nação que não acatar a “Palavra de Deus”, e, por fim; (d) a construção de um argumento de que Deus tem uma promessa de uma ordem social, o que corresponde a expectativas messiânicas.

O movimento dos evangélicos na política possibilitou, por exemplo, a emergência do primeiro candidato à Presidência da República que se valeu do título religioso de “pastor” em sua campanha, fato que interpreto como parte do resultado desse movimento, um *efeito-efeito colateral*. Refiro-me a figura do pastor Everaldo Dias Pereira que nos ajuda a compreender, em meio a essas *teias figuracionais* – nos termos de Norbert Elias –, o desempenho do ator filiado a uma instituição religiosa e que leva consigo as pautas conservadoras defendidas pela maioria das igrejas (VITAL DA CUNHA; EVANGELISTA; LUI, 2017) e também ecoadas

pelas manifestações nas ruas desde o ano de 2011 (TATAGIBA, 2017), tema discutido na próxima seção.

Em 2010, o Partido Social Cristão (PSC) “[...] se inclinava a apoiar o PSDB em razão das *pautas prioritárias dos evangélicos*” que, segundo o pastor Everaldo, “[...] não vinham sendo contempladas por Lula, como a proibição do aborto e do casamento entre pessoas do mesmo sexo” (VITAL DA CUNHA et al., 2017, p. 26, grifo meu)³⁸. A ligação com a identidade estatutária do PSC o distancia de uma personalização política nos termos mais fundamentais.

Diante do dinamismo desse campo político-religioso, observamos outras clivagens a partir das eleições de 2014. Momento em que, como dissemos, desponta um candidato à Presidência da República que se apresentou como pastor evangélico: o Pastor Everaldo, do PSC. O candidato obteve 780.299 votos (0,75%), assumindo o quinto lugar na corrida presidencial (VITAL DA CUNHA et al., 2017)³⁹. Everaldo era um dos pastores da Assembleia de Deus do Ministério Madureira e teve apoio de igrejas, fez campanhas em púlpitos, teve tempo de mídia e em programas de rádio. Como disse, “Com a Bíblia e a Constituição Federal nas mãos, inicio aqui, com Fé, minha caminhada para mudar o Brasil de verdade”. E descreveu seu objetivo: “Para trazer *segurança, educação* com qualidade e *saúde* para os cidadãos de bem e as famílias brasileiras” (grifos meus)⁴⁰.

Everaldo participou de muitos eventos envolvendo milhares de membros de igrejas evangélicas de vários estados, como Minas Gerais, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Norte, dentre outros⁴¹. Seu percurso era enfatizado em suas redes como peregrinações religiosas. E qual seria o resultado desses encontros? Buscar apoio para representar as “*pautas prioritárias dos evangélicos*”, uma vez que o discurso que ecoava neste

³⁸ À época, todavia, o partido aderiu à campanha do PT, que repassou ao PSC o valor de 4,7 milhões de reais (PASTOR..., 2014), fato negado pelo pastor em 2014. Porém, confirmado pela declaração do PT à Justiça Eleitoral em 2010 que atesta o repasse do valor citado. Esta declaração pode ser vista na página de Prestação de Contas das Eleições 2010, na página do TSE, disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2010/prestacao-de-contas/prestacao-de-contas-eleitorais-2010>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

³⁹ Camurça (2019), ao analisar as eleições de 2018, entendeu que, “[...] para além das divisões, há de forma geral uma presença cada vez mais naturalizada da religião no campo da política. Um dos indicadores disto é o fato, de que nesta eleição de 2018, centenas de candidatos usarem títulos religiosos na sua inscrição como candidatos a postos parlamentares. No Rio de Janeiro, uma pesquisa detectou 521 casos, distribuídos em 313 intitulações como ‘pastor(a)’; 97 ‘irmão(ã)’; 40 ‘missionário’; 29 ‘bispo’; 17 ‘padre’; 9 ‘apóstolo’; 3 ‘frei’; 2 ‘reverendo’ e 1 ‘presbítero’ e também, fora do campo cristão, 10, ‘mãe/pai de santo’” (CAMURÇA, 2019, p. 139). Os dados da pesquisa que Camurça faz referência podem ser encontrados em Gelape e Putini (2018).

⁴⁰ Extraído da matéria “Pastor Everaldo anuncia ministério da segurança pública” no portal último Segundo – IG. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2014-07-06/pastor-everaldo-anuncia-ministerio-da-seguranca-publica-em-1-dia-de-campanha.html>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

⁴¹ A maioria das regiões onde aumentou o número de evangélicos, segundo Censo 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

setor era exatamente “procurar pessoas que nos representem”, como destacado na pregação de Piragine.

Em 2010, a discussão em torno de temas conservadores aumentou consideravelmente (TEIXEIRA, 2016) – possivelmente como desdobramento de discursos tais como o do pastor Piragine e de outros líderes. Por exemplo, durante o processo eleitoral de 2014, o Congresso não havia apresentado os PL’s sobre o conjunto de temas associados à moral sexual e ao controle da fecundidade, embora houvesse uma tendência da sociedade em relacionar “[...] determinadas candidaturas a pautas e temas ‘polêmicos’ como aborto e casamento homoafetivo” (COSTA et al., 2016, p. 142). Fato é que o tema do aborto, alinhado à defesa da vida e da família, ganhou destaque na pauta de legisladores. Até outubro de 2015, a Câmara Legislativa registrou: 12 projetos sobre direitos do nascituro; 12 sobre direitos do embrião; 28 acerca do aborto. “Desses 52 projetos, apenas 4 propunham avanços no que se refere aos direitos sexuais e reprodutivos” (COSTA et al., 2016, p. 142).

Esse cenário certamente inspirou, como efeito-efeito colateral, a bandeira da candidatura do pastor Everaldo, que esteve baseada na defesa dos princípios religiosos cristãos, da valorização da família (com criação de políticas públicas para estimular valores morais entre as famílias), na luta contra o aborto e na redução da maioridade penal. Seu Plano de Governo ainda preconizava fortemente a defesa da economia liberal a partir do “[...] empreendedorismo individual, com mínima intervenção estatal; a modernização da infraestrutura e da mobilidade urbana com parcerias público-privadas e plena concorrência” (SERRA, 2014, n. p.).

Por fim, a “peregrinação” feita pelo pastor Everaldo e os contatos com lideranças religiosas, geraram uma expectativa de que pudesse levar a disputa para o segundo turno. Todavia, no dia 17 de agosto de 2014, quatro dias após a morte do presidente Eduardo Campos, a propaganda eleitoral gratuita na televisão começou e, tendo 1 minuto e 8 segundos, por dez dias, as intenções de votos caíram de 4% para 1%. Vital da Cunha et al. (2017, p. 70) entende que a rejeição ao candidato Everaldo subiu ao longo da campanha, em que “[...] as estatísticas apontavam Dilma Rousseff como a candidata com maior rejeição, seguida por Pastor Everaldo”. A pesquisa ainda afirma que a causa dessa crescente recusa dos eleitores se deu a partir da exploração política de forma negativa de sua identidade religiosa. Ou seja, se a mídia é uma ferramenta que pode garantir o personalismo do poder, pode também ser utilizada para desacreditar oponentes políticos.

Diante dos fatos elencados acima, será que o “voto evangélico”, mesmo com todo o direcionamento político realizado por lideranças eclesiais, foi suficientemente capaz de

alterar as eleições nos pleitos de 2010 e 2014? Todo o movimento parecia indicar uma alteração no resultado das eleições de 2010, contudo, mesmo com o movimento teológico-político criado, o voto religioso não apresentou tanta eficácia, em nenhum dos dois pleitos. Dilma Rousseff, conhecida como a “mulher sem Deus” (PIERUCCI, 2011) por defender a descriminalização do aborto e não se declarar religiosa no início de sua campanha, venceu as eleições em 2014 e se reelegeu. Pastor Everaldo, pretense “representante dos evangélicos”, perdeu. Para Alonso (2013, p. 208), o importante foi “considerar o voto religioso como realidade ascendente” e que, embora tal fenômeno eleitoral não tenha alterado os rumos das eleições de 2010 e de 2014, não significa que “também não é irrisório e insignificante”.

1.3 Segundo efeito: os protestos no Brasil

Do desalinhamento institucional (Tabela 1) surgem novos movimentos, petições, protestos, que são outras formas de manifestação política que antes eram vinculadas ao partidarismo. Este é o segundo ponto: *os protestos* que se intensificaram no Brasil. A pesquisa de Tatagiba e Galvão (2019) associa o contexto de crise do capitalismo neoliberal, inaugurado em 2008, às especificidades do arranjo político engendrado no Brasil pelo PT, baseado na conciliação de classes, sem enfrentamento com o grande capital. Quanto às motivações dos movimentos e suas possíveis raízes, também avaliam que os protestos evidenciam queixas de “um conjunto muito diverso de atores sociais” e “uma conflitividade social crescente que extrapola a capacidade de incorporação política” da coalização social capitaneada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (TATAGIBA; GALVÃO, 2019, p. 72). As autoras encontram correspondências empíricas no levantamento anual dos protestos no país:

QUADRO 2 – PROTESTOS NO BRASIL ENTRE OS ANOS 2011 A 2014

Ano	Número de protestos
2011	108
2012	260
2013	445
2014	147

FONTE: TATAGIBA; GALVÃO (2019, p. 70).

Segundo a pesquisa em referência, 48,5% dos trabalhadores reivindicavam melhorias salariais, e; de todas as razões para as manifestações, as duas primeiras foram: a crítica ao “governo e sistema político” (25,2%) seguida por “salário e condições de trabalho” (17,6%)

(TATAGIBA; GALVÃO, 2019, p. 78). De acordo com a Tabela 1, a confiança no Governo era de 53% nos anos de 2011 e 2012. Esse número caiu para 41% em 2013, ano de maior registro de protestos (cf. Quadro 2). Em relação às manifestações sobre salário e melhores condições de trabalho, a Tabela 1 demonstra que os *Sindicatos*, associação responsável para constatar e resolver problemas de trabalhadores, possuíam 44% de confiança da população nos anos de 2011 e 2012 e, no ano seguinte, 37% – números que apresentam certo descrédito para com *Sindicatos* e justificam a presença de trabalhadores em manifestações.

O cientista político Valmir dos Passos afirmou que os protestos de 2013 pelo movimento do Passe Livre, tinha como objetivo, além de reclamar o aumento de R\$ 0,20 da tarifa de transporte em São Paulo, apontar para uma crise de legitimidade no setor político. Em suas palavras:

O sistema eleitoral é influenciado pelo poder econômico e o protesto é para que setores deixem de definir as agendas de debates. Falam de reformas há 15 anos e o que se vê são velhas práticas eleitorais. [...] **Ocorre que as pessoas não se sentem representadas pelos políticos** (Grifo meu)⁴².

Os movimentos sem “bandeira partidária”, inclusive grupos de esquerda não petistas que se somaram aos manifestantes nas ruas para afirmarem a expressão “não me representa”⁴³ reforçam ainda mais a tese de uma *metamorfose* neste setor. São efeitos colaterais de um descrédito da sociedade nos partidos e nos políticos, conforme demonstram os dados da Tabela 1. Considerando as reivindicações urbanas como o desdobramento de uma crise (ou fracasso) institucional instaurada em setores do país, como demonstrei a partir das pesquisas de Tatagiba e Galvão (2019) e dados fornecidos por institutos de pesquisa, o estado do Rio não esteve fora desse processo.

Alguns protestos ocorridos em 2011 foram protagonizados por membros da instituição do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ), cujo ICS da corporação nacional a manteve em primeiro lugar (cf. Tabela 1). O movimento SOS Bombeiros, que surgiu no dia 14 de abril de 2011, no Rio de Janeiro, contemplava, em uma de suas pautas, melhorias no piso salarial da classe, à época fixado no estado no valor bruto de R\$ 1.092,37 – enquanto no Distrito Federal, o valor do piso era de R\$ 3.453,70.

⁴² Em entrevista à GZH Geral. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/06/politica-nao-me-representa-e-a-mensagem-dos-manifestantes-afirma-cientista-politico-valmir-dos-passos-4173083.html>>. Acesso em: 07 jan. 2021.

⁴³ Acerca do debate sobre essa interlocução, cf. debate entre Jacques Rancière e Ernesto Laclau, disponível em: <https://www.eldiario.es/interferencias/democracia-representacion-laclau-ranciere_132_2685384.html>. Acesso em: 15 dez. 2020. Cf. também Fernandes (2019).

Tatagiba e Galvão (2019) consideram que os grupos sociais tradicionalmente mobilizados foram os que mais se fizeram presentes (31%). Depois dos setores da educação, da indústria, do comércio e serviço, geralmente, representados por seus sindicatos (cujo nível de confiança, lembremos, encontrava-se em constante queda), as forças de segurança apareceram dentre os trabalhadores mais mobilizados (Os servidores da segurança pública, entre os quais se incluem os bombeiros militares, por possuírem obstáculos legais à sindicalização e greve, contaram com os familiares e outros civis que ajudaram nas mobilizações (Figura1).

FIGURA 1 – MANIFESTAÇÃO DE BOMBEIROS, FAMILIARES E CIVIS EM COPACABANA, RIO DE JANEIRO, EM 2011



FONTE: PUPO (2011).

A imagem acima é o registro da manifestação ocorrida no Rio de Janeiro, em 23 de abril de 2011. O movimento SOS Bombeiros iniciava uma onda de protestos diante de um cenário interpretado por Tatagiba e Galvão (2019) como uma crise político-econômica. Neste campo é possível observar o elemento da relação de dominação carismático-religiosa que me proponho refletir a partir de um personagem que surgiu como líder desse movimento.

O surgimento do ator carismático que analisarei, Benevuto Daciolo Fonseca dos Santos, o cabo Daciolo, juntamente com as redes e os temas que o envolvem, constrói-se diante da opressão econômica e social. O cenário que possibilitou o surgimento deste personagem está dentro do quadro de protestos (efeito colateral), quando ocupou a liderança

do movimento SOS Bombeiros. Ou seja, como nas tabelas apresentadas, trata-se de um efeito-efeito colateral de todo esse cenário.

Daciolo é filho de um militar da reserva que professa a fé espírita e de uma dona de casa evangélica. Nosso personagem busca adequar sua função militar e de líder do movimento com o discurso religioso aprendido no segmento pentecostal. Ao contrário do pastor Everaldo, cuja defesa latente se inclinava às pautas morais, a atuação do cabo Daciolo visava defender direitos e reivindicar melhores condições de trabalho para a corporação dos bombeiros junto ao, à época, governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral – denominado pelo cabo como “o governo do Nabucodonosor”.

É importante termos o cenário de protestos e do movimento SOS Bombeiros próximo ao sujeito carismático, pois como já mencionado, “[...] não é o carisma em si, mas o contexto social no qual ele ocorre, que determina a forma como será vivido e avaliado” (LINDHOLM, 1993, p. 88; cf. também WEBER, 1998). Não é outra coisa senão “[...] o meio social que dá expressão e forma ao carisma” (LINDHOLM, 1993, p. 88). Em outras palavras, cabo Daciolo pode ser interpretado como efeito-efeito colateral produzido nesse ambiente de fracassos institucionais, efervescência religiosa e protestos. Por isso que a personalidade do líder não é suficiente para a compreensão do líder carismático, uma vez que a sua personalidade é apenas

[...] um elemento do conjunto. Suas qualidades pessoais não existem fora dessa relação [com a sociedade], pois é o modo como elas são avaliadas subjetivamente pelos adeptos que as constituem: trata-se de propriedades atribuídas. (SELL, 2018, p. 5).

Dito de outra maneira, o sujeito carismático seria um efeito-efeito colateral, resultado de um quadro em transformações. A leitura do modelo teórico weberiano da carismatização de Sell (2013a) ajuda a esclarecer tal sentença. Como escreve o autor:

[...] a condição social para uma situação carismática [...] é a percepção de uma **crise**. Dada sua incapacidade de dominar a crise, as **instituições políticas são deslegitimadas**, e cresce a esperança de que um “**homem forte**” possa superar a situação emergencial (SELL, 2013a, p. 29, grifos meus).

Além disso, o carisma subversivo “[...] só é possível diante de uma crise do carisma institucional” (LAUREANO, 2020, p. 184). Isso exposto, antes de seguirmos com a análise, é necessário tecer algumas considerações iniciais sobre a trajetória de cabo Daciolo, esse “homem forte”.

a) *Sua eleição como líder do movimento SOS Bombeiros está diretamente associada à relação de dominação carismática*

Segundo a percepção de cabo Daciolo, a classe dos bombeiros foi *afetada* e Deus o projetou como líder do movimento SOS Bombeiros. Como explicou

Em 2011 começa o movimento dos bombeiros **em busca de dignidade**. Naturalmente, **Deus nos projeta ali como liderança**. Aquele movimento, ele começa com 20 pessoas, no máximo. Os garotos, nós já tínhamos uma liderança dentro da tropa do Corpo de Bombeiro. Os militares me procuram na minha casa pra poder falar: “Daciolo, ninguém tá aguentando mais, a pressão tá muito grande...” (informação verbal, grifos meus)⁴⁴.

Há alguns aspectos que considero importantes nesta fala, quais sejam: a) **o objetivo do movimento**: isto é, a busca de dignidade, referindo-se, neste caso, ao piso salarial e à melhoria da estrutura de trabalho; b) **a eleição de Deus**: Daciolo não é simplesmente escolhido pelos bombeiros, mas é *projetado*, segundo sua convicção religiosa, pela própria divindade; c) **o número de participantes** que dá início ao SOS Bombeiros: ou seja, um número reduzido, de 20 membros, que, devido ao carisma do cabo e seu trabalho de liderança dentro da tropa, irá crescer; d) **liderança**: como se notou na fala de Daciolo, já existia uma liderança, entretanto, ela era ineficiente em sua representatividade; e) **a situação dos bombeiros**: a frustração daqueles que foram procurar o cabo, sobretudo, no que se refere à insatisfação com o imobilismo, com incapacidade de mudança, dentre outras intempéries que os afetavam cotidianamente.

A legitimação da liderança de Daciolo a partir de “Deus” sugere, de pronto, que o “aparelho” (BOURDIEU, 1974)⁴⁵ do profeta se opõe, ‘naturalmente’, ao “aparelho” de tipo burocrático-administrativo⁴⁶ – o que o distancia ainda mais da figura do pastor Everaldo, figura de carisma rotinizado. Análise que nos ajuda a compreender a fala de Evandro Bezerra, o tenente-coronel do CBMERJ. Em sua fala, que demonstra a face da instituição, dotada de formação e formulação especializada, é possível notar a inadequação com que Evandro enquadra a manifestação encabeçada pelo cabo. Como disse o tenente-coronel, “*Eles são militares e estão seguindo um caminho equivocado. O que deveria fazer é procurar o comando dos quartéis para que a demanda deles seja levada ao comando geral*” (FREIRE, 2011, n. p., grifos meus).

⁴⁴ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

⁴⁵ Bourdieu (1974, p. 79), ao interpretar a Sociologia da Religião de Weber, se utiliza do conceito de “aparelho” para representar a ideia dos discursos, práticas e propriedades características das mobilizações.

⁴⁶ O esquema de C. Hatcher (2001), ao examinar a definição de dominação carismática em Weber, engloba oito características, dentre elas “um aparato administrativo de caráter pessoal” (HATCHER, 2001, p. 60).

A fala de Evandro Bezerra demarca uma postura institucional que se opõe à característica carismática da figura do profeta e sua palavra profética, que se deve a ações extraordinárias e descontínuas. Dito de outro modo, militares devem seguir o rito administrativo e hierárquico para reivindicar melhoria salarial e das condições de trabalho, e não fazer manifestação ‘sob a proteção de Deus’.

Daciolo, não obstante, seguirá outra orientação. Pois o profeta está sujeito apenas à *revelação sagrada* que ditará a maneira peculiar como cumprirá a missão (WEBER, 2010, 2016). Retomando a leitura de Sell (2018) da teoria weberiana:

[..] um líder carismático invoca sempre princípios que transcendem as rotinas cotidianas e ele instaura sua pretensão de legitimidade como encarnação pessoal desses princípios superiores. Líderes carismáticos falam sempre em nome de uma missão (SELL, 2018, p. 5).

A hierarquia no serviço militar obriga a observância das competências de cada um. Quanto maior a patente, maior a burocracia para acessá-la e, dificilmente, uma patente inferior exerceria sobre seu superior algum tipo de comando. Todavia, a relação da hierarquia para Daciolo não implica em um comando dirigido à um superior hierárquico na carreira militar, mas constitui uma postura que desobriga à burocracia hierárquica. Sua postura destoa do militarismo e se aproxima mais da postura religiosa, uma vez que seu engajamento na política profissional ainda não havia se concretizado.

Durante a entrevista concedida a mim, o cabo disse que o engajamento para o início do movimento SOS Bombeiros não se deu durante as reuniões que o escolheram como líder, mas, objetivamente, se deu em decorrência de uma *revelação sagrada*. Nas palavras dele, “Deus havia colocado no meu coração que ia me colocar diante do governador e que tinha algo pra tratar com ele. *E aí começa aquele movimento*” (informação verbal, grifo meu)⁴⁷. Isto é, a direção para um cabo do CBMERJ se dirigir a um governador de estado se deu por uma revelação religiosa e não pela observância de protocolos administrativos. Em entrevista, a tenente Ana⁴⁸ destacou que Daciolo “deu voz aos soldados” e que era “o terror dos oficiais” (informação verbal)⁴⁹ – o que ilustra bem o modo como começa o movimento, destacado na fala do cabo.

Daciolo entendia que “O protesto é uma *reação* à política do Estado, que desrespeita e desvaloriza o trabalho dos bombeiros”. E conclui, “O movimento nada tem a ver com a

⁴⁷ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

⁴⁸ O nome da tenente foi modificado, pois a entrevistada preferiu não ser identificada. A oficial atua no CBMERJ da cidade de Campos dos Goytacazes-RJ. Embora não tenha feito parte do movimento SOS bombeiros, disse ter sido “simpática” ao mesmo.

⁴⁹ Entrevista concedida pela tenente Ana, em 5 de novembro de 2019, em Campos dos Goytacazes-RJ.

postura dos comandantes das unidades operacionais” (informação verbal, grifo meu)⁵⁰. Nessa relação de dominação carismática,

A atração pessoal do carismático se opõe à autoridade institucionalizada da ordem vigente uma vez que ele [...] tem o potencial para domar e incorporar os espíritos temidos pelo sistema, para rejeitar o mundo como ele é, e para *assegurar uma participação imediata aos descontentes* (LINDHOLM, 1993, p. 195, grifo meu).

Essa participação dos descontentes junto ao líder carismático (em uma situação de liminaridade e *communitas*) é o que, genericamente, Turner (1982) chamou de “o poder dos fracos”. O movimento teve como base a aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 300/2008, de autoria do, então, deputado federal Arnaldo Faria de Sá (PTB-SP), que advoga pela instituição de piso salarial para os servidores policiais civis e militares, incluindo os bombeiros. Abaixo, o artigo e o parágrafo que tratam diretamente da emenda ao texto constitucional:

Artigo 1º - O § 9º do artigo 144 da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:

“§ 9º - A remuneração dos servidores policiais integrantes dos órgãos relacionados neste artigo será fixada na forma do = 4º do artigo 39, sendo que a das Polícias Militares dos Estados, *não poderá ser inferior a da Polícia Militar do Distrito Federal, aplicando-se também o Corpo de Bombeiro militar desse Distrito Federal*, no que couber, extensiva aos inativos” (BRASIL, 2008, n. p., grifo meu)⁵¹.

Durante nossa entrevista, Daciolo endossou que o piso salarial no estado do Rio deveria se equiparar ao de Brasília. Como disse, “Existe o piso da educação, da saúde, mas não existe um piso pra segurança pública”, e continuou, “Um militar aqui no Rio de Janeiro que, em 2011, no momento da luta, ganhava 900 reais e um militar em Brasília ganhava mais de 4 mil reais. É totalmente desproporcional, sendo que o serviço é o mesmo” (informação verbal)⁵².

Em vista disso, alguém que compreendesse a desproporcionalidade e estivesse disposto a lutar pela pauta de reajuste salarial junto ao governo, deveria ocupar o cargo de liderança do movimento SOS Bombeiros para melhor representá-los. Para os primeiros membros do movimento, Daciolo possuía tais virtudes. Nas palavras de Lindholm (1993, p. 116), “[...] somente um grande líder [...] poderia trazer a ordem e o comprometimento que os tempos exigiam”. Esse “grande líder” assemelha-se ao “homem forte”, já mencionado nesta

⁵⁰ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

⁵¹ Atualmente pensada à PEC 446/2009, cujas informações detalhadas sobre sua tramitação podem ser conferidas no Portal da Câmara dos Deputados, disponível em: <<https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/414367>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

⁵² Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

seção. O aspecto da relação de dominação carismática na trajetória de Daciolo ainda seria uma ferramenta que o ajudaria a aglutinar pessoas, gerar motivação no movimento e moldar sua narrativa.

b) A postura do cabo Daciolo e o reconhecimento de seus liderados permitem a classificação de profeta emissário

Embora Daciolo tenha declarado que fora “projetado por Deus”, é também, em termos weberianos, um “líder eleito” pelo movimento SOS Bombeiros. O “líder eleito” (que difere do “funcionário eleito”) age como responsável “exclusivamente perante si próprio”, ou seja, “[...] enquanto aspire com êxito à confiança daqueles [que o elegeram], agirá estritamente segundo seu próprio arbítrio (democracia de caudilho) e não como funcionário” (WEBER, 2016, p. 557).

Durante esta pesquisa, entre os meses de outubro e dezembro de 2019, foram entrevistados 18 bombeiros que participaram do movimento. Destes, 6 estiveram presos por causa da greve realizada pelo movimento. Todos os entrevistados foram unânimes quanto à caracterização profética do cabo Daciolo. Isto é, interpretaram-no como um “enviado de Deus”, aquele que “fala o que Deus manda”, o que faz de nosso personagem alguém ainda mais próximo da associação com o *profeta emissário*, que aqui defendo. Seguem algumas expressões ditas pelos entrevistados a respeito de Daciolo: “enviado de Deus”, “profeta dentro da corporação”, “Deus falava através dele e a gente seguia”, “servo de Deus [...] que faz a vontade de Deus”. Como será analisado mais à frente, a postura de Daciolo como um profeta emissário será acentuada na política.

c) A trajetória do cabo Daciolo como líder do movimento SOS Bombeiros associado ao Quadro de História do Profeta

Outro elemento que ajuda a entender a trajetória do cabo Daciolo é o discurso sobre a *perseguição*, tanto voltada para o movimento (retaliações) quanto para seu líder. Nesta seção, focarei na perseguição voltada para o movimento, deixando a perseguição sobre o profeta no contexto do movimento SOS Bombeiros para a seção seguinte e a perseguição contra o profeta-emissário-político para o capítulo 3.

Com o início dos protestos, houve impasses diante do comando do CBMERJ, resultando, inclusive, na transferência de 36 bombeiros do Grupamento Marítimo (GMar) –

ação interpretada pelos bombeiros como *retaliação*⁵³. O grupo na que se vê na Figura 2, abaixo, com cerca de 200 bombeiros e guarda-vidas, reuniu-se no dia 21 de abril de 2011, uma semana após o início do movimento, em duas ocasiões. Uma em frente ao GMar, da Barra da Tijuca, e outra, horas antes, próximo ao GMar de Botafogo, na Zona Sul do Rio. O objetivo foi mobilizar as unidades para as manifestações em defesa do reajuste salarial e por melhores condições de trabalho. Durante o depoimento, no momento do protesto – indicado por uma seta na Figura 2 –, cabo Daciolo buscou tranquilizar a população quanto à disponibilidade dos serviços prestados pela corporação diante do surgimento de ocorrências: “Vamos ficar aqui e, se precisar, vamos atender qualquer ocorrência que for necessária. Não vamos abandonar nossa responsabilidade com a população” (FREIRE, 2011, n. p.).

FIGURA 2 – PROTESTO DE BOMBEIROS EM FRENTE AO GMAR, NA BARRA DA TIJUCA, ZONA OESTE DO RIO EM ABRIL DE 2011. CABO DACIOLO EM DESTAQUE



FONTE: FREIRE (2011).

⁵³ No ANEXO C é possível acompanhar o histórico dos protestos realizados pelo movimento SOS Bombeiros, bem como as tentativas de reuniões com o governador e com o comando do CBMERJ, a invasão ao Quartel Central e seus desdobramentos. Histórico baseado em Ritto (2011) e confirmado pelos bombeiros entrevistados.

FIGURA 3 – DACIOLO DURANTE UMA DAS NEGOCIAÇÕES NA ALERJ PARA O FIM DA GREVE DOS BOMBEIROS, EM 2011, NO RIO DE JANEIRO.



FONTE: QUAINO (2012).

Durante os protestos Daciolo se viu “perseguido” por seus superiores e pelo governador do estado do Rio de Janeiro. *Perseguição* é uma categoria utilizada pelos movimentos para punir manifestantes, demonstrar força superior e inibir a continuação de protestos (JASPER, 2016; DELLA PORTA, DIANI, 2006; TAVARES DOS SANTOS, 1994). A perseguição causa um sofrimento que, por sua vez, une determinado grupo de pessoas (CASTELLS, 2001, 2013) e que, na esfera religiosa, “[...] só pode obter resultados semelhantes [...] em comunidades que pratiquem uma ética de fraternidade” (WEBER, 1998, p. 384). O sentimento de comunhão promove, entre os membros “uma compaixão de massa ativa e um amor pelos que estão sofrendo necessidades” (WEBER, 2010, p. 62)⁵⁴.

A ética religiosa é capaz de trazer um novo significado à perseguição/sofrimento. Isto é, de purificar o indivíduo e torná-lo apto para subir na escala das virtudes. O sofrimento é uma espécie de “morte ritual” que precede à ressurreição (WEBER, 2010, p. 56). Comumente, o indivíduo disposto a sofrer pelo grupo – como foi o caso de cabo Daciolo, que foi preso e silenciado – é aquele que tem interesse em desequilibrar a batalha entre política e religião, mostrando o caminho da salvação aos seus companheiros/seguidores por suas qualificações carismáticas “frente à malignidade do mundo” (WEBER, 1998, p. 387).

⁵⁴ Perseguição, prisão, sofrimento, são aspectos que compõem uma narrativa que é própria do cristianismo e que já foi bem explorada por Edir Macedo – embora este personagem não seja classificado como um tipo de profeta que aqui propomos. Na vida de Daciolo, a prisão não teve a mesma conotação religiosa como no caso de Edir Macedo, que fora julgado por “charlatanismo, curandeirismo e estelionato” (MAFRA; SWATOWISKI; SAMPAIO, 2012, p. 83).

As perseguições fazem parte da história do profeta – trata-se de um quadro classificatório acerca do profeta/messias (cf. Quadro 3, abaixo) proposto no início do século XX por Paul Alphandéry (1911, p. 8)⁵⁵. Inicialmente, o profeta é *eleito*. Após o chamado especial, o profeta passa pelo *teste* (provação; perseguição). O terceiro estágio é o *retiro*, que representa breve inatividade do profeta na sociedade. Por último, o *retorno glorioso*.

Este quadro pode ser associado ao profeta emissário weberiano, em que o sujeito tem a convicção de ter sido escolhido divinamente para ser “instrumento de Deus” (WEBER, 2010, p. 35). O profeta se opõe a sistemas políticos e religiosos cujas configurações hierárquicas apresentam ações opressoras e, por isso, defende que “primeiro é preciso obedecer a Deus e não aos homens” (WEBER, 2010, p. 67), o que deixaria o profeta sujeito a críticas, perseguições e inatividades por tais grupos. Quanto a este ponto, há um segundo argumento, em que o estilo de um profeta ou salvador “[...] consiste na apologia de um estilo de vida para a obtenção de um valor sagrado” e o carismático sistematiza o conteúdo acerca desse comportamento quando, em sua particularidade, recebe a revelação de Deus – que é exclusiva a ele (WEBER, 2010, p. 53). Além disso, o “confronto em vias públicas”, “insultos” e “agressões”, eram formas de *perseguição* contra o profeta (WEBER, 2019, p. 317).

Quanto ao *retorno glorioso*, é possível destacá-lo a partir dos estudos de Weber (2019) sobre o profeta no judaísmo antigo. Duas marcas ajudam a compreender o processo de retorno: a) a *teodiceia dos profetas*, marcada por ameaças de catástrofes naturais que Deus poderia enviar aos governadores, reis, imperadores, e; b) o *caminho do regresso* que afasta a desgraça, onde apenas um remanescente é capaz de percorrê-lo.

No primeiro plano, o profeta lança “[...] desgraças aos inimigos [...], mas isso não raro apenas depois de fazer o povo sofrer [...]”. Por essa razão, e *somente por isso*, os profetas se tornaram *políticos*” (WEBER, 2019, p. 347, grifo do autor). Assim, “[...] a desgraça política [...] constituía a verdadeira esfera de atuação” (ibidem) de determinados profetas. O engajamento na política profissional era impossível à época e ainda não se teve registros disso na democracia brasileira – dado que sugere uma novidade com a trajetória do cabo Daciolo, uma vez que sua atuação profético-carismática perpassa pelos meios legais da política profissional.

No segundo plano, apenas alguém com qualidade extraordinária, “apenas um” (WEBER, 2019, p. 372) poderia percorrer tal senda apontando, em seu discurso, soluções

⁵⁵ Este é o mesmo modelo tipológico utilizado em diálogo com a teoria weberiana por Pereira de Queiroz (1977). Diferentemente de Weber, Alphandéry não faz distinção entre o profeta e o messias.

para demandas aparentes – dado que terá seu desdobramento no tema da personalização política. Vejamos o quadro:

QUADRO 3 – CLASSIFICAÇÃO DO PROFETA

História do profeta	História do cabo Daciolo
Eleição divina	Daciolo como profeta emissário
Provação (teste)	Perseguições
Período de retiro	Prisão ⁵⁶
Retorno Glorioso	Vitória nas eleições de 2014 ⁵⁷

FONTE: O autor (2021)⁵⁸.

Em relação à sua eleição como profeta emissário, o tópico anterior buscou apresentar a aceitação de seguidores/membros do movimento SOS Bombeiros. Quanto às perseguições, como a “transferência de bombeiros de uma unidade à outra” (RITTO, 2011, n. p.), as “punições administrativas”, as “escalas de serviços” alteradas, foram vistas como maneiras de punir integrantes e simpatizantes do SOS Bombeiros e atribuídas ao comando do CBMERJ, ligado ao governo do estado. Segundo o subtenente Moisés⁵⁹, durante as manifestações dos bombeiros nas cidades do interior fluminense, “[...] havia uma ordem do Coronel [...]”⁶⁰ para fotografar os soldados – no Rio e no interior – que estavam se manifestando para que depois recebessem punição” (informação verbal)⁶¹.

Os entrevistados para esta tese concordaram que os discursos religiosos do cabo Daciolo deram “novo sentido” para suportarem a perseguição vinda do governo do estado e de comandantes do CBMERJ. Segundo o sargento Firmino, “[...] o que o Daciolo falava pra gente naquele momento dava outro ânimo. [...] era mais uma força que a gente ganhava com as palavras dele. [...] Homem de Deus⁶². [...] *Não tinha outro igual a ele no grupo*” (informação verbal, grifo meu)⁶³.

Em relação ao *período de retiro*: a prisão de Daciolo foi decretada e ele ficou detido por 16 dias, sendo 9 deles em Bangu I. Afastado de seus “liderados”, enfrentou o isolamento e fez greve de fome. Foi expulso da corporação militar. A prisão do militar ocorreu após Sérgio

⁵⁶ A permanência em montes como ritual religioso também pode ser interpretada como *período de retiro*, contudo, isso só será possível em outro momento de sua trajetória.

⁵⁷ O cabo Daciolo foi eleito deputado federal pelo PSOL com 48.831 votos. A esfera política deste personagem será destacada no cap. 2.

⁵⁸ Quadro comparativo baseado em Alphonse (1911) e Weber (2010, 2019).

⁵⁹ Este nome foi alterado por questões éticas e a pedido do próprio oficial.

⁶⁰ Por questões éticas, o nome do oficial do CBMERJ foi ocultado.

⁶¹ Entrevista concedida pelo subtenente Moisés, em 10 de abril de 2019, em Campos dos Goytacazes-RJ.

⁶² “Homem de Deus” = “Homem forte”; “Grande líder”.

⁶³ Entrevista concedida pelo sargento Firmino, em 19 de abril de 2019, em Campos dos Goytacazes-RJ.

Simões, comandante do Corpo de Bombeiros, ter tido acesso a escutas autorizadas pela Justiça sobre greves no estado do Rio de Janeiro. Para o comandante, o cabo infringiu o código penal militar por crime de incitamento. Um pouco antes da prisão, Simões declarou:

Agora estamos juntando todas essas provas. O cabo Daciolo já responde e já foi indiciado a um inquérito policial-militar. Estamos dando mais consistência à toda materialidade que já temos sobre as ações que ele já vem desenvolvendo ao longo desses últimos meses para que, então, o poder judiciário determine sua prisão (CABO DACIOLO..., 2012, n. p.)

Após ser preso, uma assembleia com quase três mil manifestantes (bombeiros, agentes penitenciários, policiais civis e militares), ouviu de um bombeiro (não identificado na reportagem): “Juntos somos fortes. Soltem o Daciolo porque ele é *herói*. Ele não é vagabundo, não é vândalo. Ele foi o cara que sempre *pregou a mansidão e a paz*” (DECRETADA..., 2012, n. p., grifos meus). A dominação carismática que ocorre em tempos de crise faz com que liderados desconsiderem determinadas leis ou costumes, sendo influenciados diretamente pelos discursos (“pregou mansidão e paz”) de uma figura heróica. Segundo Weber

O “carisma” deve ser compreendido como referência a uma qualidade *extraordinária* de uma pessoa, independentemente do quanto essa qualidade é verdadeira, alegada ou pressuposta. A “autoridade carismática”, portanto, deve reportar-se a uma lei acima dos homens, seja predominantemente externa ou interna, à qual os governados se submetem devido a sua crença na qualidade extraordinária da pessoa específica (WEBER, 1998, p. 295).

Personagens dentro de movimentos de protesto, como o cabo Daciolo no SOS Bombeiros, têm suas narrativas moldadas diretamente por meio de “imagens, piadas [acrescento: memes], comentários, argumentos [...]” e refletem suas origens inspiradoras, como “heróis, vilões e vítimas” (JASPER, 2016, p. 77). Não é possível construir um problema social sem a presença de heróis e vilões, cujas características definem, inclusive, “[...] o arsenal retórico dos manifestantes, em parte porque os personagens nos dizem que emoções devemos sentir sobre quem: temos pena das vítimas, tememos e odiamos vilões e salvar as vítimas” (JASPER, 2016, p. 77). Retoricamente, personagens sugerem um papel para si e para o público: de vítima para heróis. E o que se espera é que herói – assim como o “homem forte” – resolva o problema derrotando os vilões (JASPER, 2016, p. 79). Em Weber (2019, p. 370), o discurso do profeta se alterna entre a “esperança pacifista” e a “vingança contra os inimigos” – tema que será desenvolvido na próxima seção acerca da potencialização do antagonismo político pela relação de dominação carismático-religiosa.

Daciolo entende que sua prisão serviu para uma experiência de crescimento religioso. Assim descreve sua prisão: “Me levam pra Bangu I, um presídio de segurança máxima e me colocam em crime de segurança pública nacional. Não gostaria que nem a pessoa que mais me *persegue* viva isso” (informação verbal)⁶⁴. E continuou:

Mas foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida porque ali eu tive um encontro com Deus, meu irmão, que eu vou até falar aqui pra você: em determinado momento, no terceiro dia, só bebendo água e lendo bíblia, e no terceiro dia eu parei e questionei Deus. Falei: “Deus, o que que eu tô fazendo aqui, Pai, se eu tô levando o teu nome? É isso que é te servir, Senhor?””. E eu comecei a questionar Deus e eu falei: “Senhor, o Senhor faz sol parar, faz chover, o Senhor é o Deus das causas impossíveis... já não tô aguentando mais, Senhor”, falei pra Deus. “Mostra que o Senhor tá comigo aqui porque pra mim tá doendo. Sempre pedi família e o Senhor me deu uma família maravilhosa e agora eu tô longe dela”. Meu irmão, era tipo umas 3 e meia, 4 horas da tarde, um sol fortíssimo, um cubículo de 2 por 4, eu deitadinho na cela assim... pegando a parte de baixo, que era onde tinha ventilação, e eu falei pra Deus: “Deus, faz chover. Faz chover porque tá doendo e eu preciso de um sinal”. Meu irmão, tu tem dúvida que choveu? Tem dúvida que escureceu o céu e choveu, meu irmão? Depois da fala, uma hora, uma hora e meia, no máximo, começou a trovoar e caiu maior tempestade. Aquilo aumentou a minha fé, me trouxe uma experiência com Deus tão grande que eu vivi momentos com Deus ali que me preparou e me capacitou para que eu pudesse sentar como deputado federal e não me corromper e não me vender pra esse sistema (informação verbal, grifos meus)⁶⁵.

O *retorno glorioso* do nosso personagem pode ser notado em alguns elementos de sua narrativa, identificado em alguns elementos simbólicos tais como: a) o destaque ao “Terceiro dia”, pois, ao enfatizar o evento milagroso no “terceiro dia”, cabo Daciolo parece remeter à narrativa evangélica da ressurreição (retorno glorioso) de Jesus; b) a função que teve a prisão expresso em “... para que eu pudesse...” que diz da percepção de finalidade de sua experiência religiosa na prisão, que, em sua perspectiva, o “preparou” e o “capacitou” para que pudesse ser um deputado federal e não se corromper com o sistema (corrupto), tal como o governador associado a Nabucodonosor e autoridades da própria corporação dos bombeiros.

No dia 11 de outubro de 2011, a presidente Dilma Rousseff (PT) sancionou a Lei nº 12.505, que anistiava o grupo de infrações previstas no Código Penal Militar e no Código Penal⁶⁶. Dois dias depois, o Diário Oficial da União publicou a lei que concedia anistia aos militares (bombeiros e PMs), não apenas do Rio de Janeiro, mas também de outros doze estados e do Distrito Federal. Daciolo, que chegou a ficar preso em Bangu I por nove dias, estava entre os beneficiados (LELLIS, 2018).

⁶⁴ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

⁶⁵ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

⁶⁶ Para mais detalhes sobre a anistia dos bombeiros na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), cf. Carneiro (2013a, 2013b). Para acesso a um paralelo das histórias entre Sérgio Cabral e cabo Daciolo em relação ao caso da anistia, cf. Dois homens... (s. d.).

A trajetória do cabo Daciolo, de maneira geral, pode ser considerada a partir da moldura de uma relação de dominação carismática nos termos apresentados acima. No presente tópico apresentei, sobretudo, valendo-me das categorias weberianas, demonstrei que Daciolo, ao contrário de uma narrativa exclusivamente focada em questões morais e comportamentais (característica que acentuada entre candidatos religiosos durante as eleições de 2010), aproxima-se bem mais da figura do profeta emissário. Isto porque (a) surgiu em um cenário de crise (dos protestos como efeito colateral, portanto, é efeito-efeito colateral); (b) foi chamado ao engajamento político, segundo seu relato, pela divindade de sua devoção (e não em resposta à filiação a uma estrutura religiosa, como no caso de alguns candidatos religiosos durante as eleições de 2010) e, consequentemente; foi (c) eleito líder por seu grupo/movimento. Assim, passou pelos estágios de um profeta carismático, como destacado acima.

Um adendo. Daciolo não foi o primeiro “cabo” a se manifestar, em favor da corporação orientado por um *ethos* religioso e a “sofrer perseguição”⁶⁷. Em 1997, na cidade de Belo Horizonte, Júlio César Gomes dos Santos, conhecido como cabo Júlio (da polícia militar), liderou a greve dos praças com o intuito de reivindicar melhorias salariais e de trabalho da classe. Sua imagem como líder já era comum entre os militares por “[...] ser pastor e na época pregar o evangelho no Batalhão de Choque” (ALMEIDA, 2010, p. 467), o que também facilitou sua inserção no meio político até vencer as eleições de 1999, tornando-se deputado federal pelo Partido Liberal (PL) de Minas Gerais com 217.087 votos. Como explicou: “[...] o fato de ser pastor me deu uma melhor condição de saber lidar com um número maior de pessoas” (ALMEIDA, 2010, p. 64), sobretudo, por causa de sua oratória diante de congregações eclesiais.

A ascensão de cabo Júlio se deu pelo crescente protagonismo do militar e religioso através de seu engajamento na União de Militares e Policiais Evangélicos de Minas Gerais (UMPEM), em um momento em que policiais de origem pentecostal não chegavam a 20% da tropa (ALMEIDA, 2010, p. 64). A pesquisa de Almeida (2010, 2011), contendo vasto registro de entrevistas com atores que participaram daquele movimento, permite-nos afirmar que, embora cabo Júlio carregasse características religiosas, outros membros da UMPEM também

⁶⁷ Agradeço à contribuição crítica do prof. Dr. Paulo Gracino por apontar essa observação. O que se seguirá, ao final desta seção constitui-se uma glosa, demonstrando, portanto, as idiosincrasias do cabo Daciolo.

se utilizavam de discursos, hinos evangélicos e pregações, o que nos impossibilita uma classificação do caso como personalismo político-religioso, pelo menos, de acordo com argumentos que proponho nesta tese.

O discurso sobre a perseguição também esteve presente na trajetória de cabo Júlio, todavia, não há registros de que essa perseguição tenha sido interpretada a partir dos elementos religiosos, tal como ocorrera com Daciolo. Embora pregasse o evangelho no Batalhão de Choque, esse exercício não esteve conjugado ao seu discurso enquanto líder daquele movimento. Portanto, não houve uma *ressignificação* de personagens políticos por meio da aproximação com as figuras de personagens bíblicos ou a ‘conversão’ de eventos do movimento da década de 1990 em cenários sagrados tal como se viu na trajetória do cabo Daciolo a partir de 2011. Nem mesmo o cabo Júlio se apresentou como um emissário divino em que, minimamente, pudesse ser interpretado nos termos weberianos de um profeta.

À época, o avanço das manifestações lideradas pelo cabo levou a uma reação do Conselho Disciplinar da Política Militar. Dentre os motivos para a exclusão de 186 militares, o Conselho apontou a participação no movimento reivindicatório como a principal causa. Dois anos após as manifestações, os militares foram anistiados e cabo Júlio eleito deputado federal (JÚLIO, 2002).

Por fim, em sua atuação como parlamentar – que se prolongou por mais um mandato pelo PL-MG (2003-2007) – sustentou sua luta em defesa da classe, discursando e legislando em favor dos militares. Todavia, sua postura no plenário da câmara não apresentou a religião como legitimadora constante de suas decisões, bem como de seus PL’s⁶⁸, o que o diferencia o caso de cabo Júlio do de cabo Daciolo.

1.4 Terceiro efeito: o modelo adversarial

O jurista católico e membro do partido nazista Carl Schmitt (1995) propôs, na primeira metade do século XX, a sentença de que a sobrevivência de uma nação dependeria especificamente de sua capacidade em identificar seu *inimigo* corretamente. Esse inimigo é todo aquele que se insurge contra o Estado. Deve-se levar em consideração que a gênese da teologia política moderna deste autor está associada a uma reação ao crescimento dos movimentos socialistas e anarquistas do final do século XIX. Além de forte traço autoritário

⁶⁸ Para acesso às proposições de autoria de cabo Júlio, vale conferir as informações em sua biografia no Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/deputados/74577/biografia>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

sua visão não permite a dissolução entre religião e política, uma vez que defende que a metafísica é o fundamento de toda a política verdadeira. Para este autor, a teologia política é um sistema de correspondência entre a política e um conjunto de representação da sistematização do dogma religioso cristão. Em suas palavras, há um “[...] paralelismo eminentemente fecundo entre metafísica e teoria do Estado” (SCHMITT, 1976, p. 68). O jurista também entendia que a moralidade na sociedade advinha da relação intrínseca entre política e religião.

A respeito de sua percepção econômica, acreditava que nada mais era do que uma consequência da metafísica sobre o mundo natural. Desta forma, esse filósofo defendia o antagonismo entre o pensamento técnico e o pensamento do político, em que apenas este seria capaz de compreender a ideia política, uma vez que o verdadeiro ator político se encontra gafado de uma narrativa religiosa. A única forma do político tomar uma decisão moral absoluta seria através de sua relação com a transcendência. A sociedade estaria submetida à uma espécie de normatização moral a partir da força dos conceitos religiosos.

Sobre a figura do líder carismático, Schmitt elogia abertamente a atividade do *Führer* baseado nos debates entre Max Weber, Hugo Preuss e Friedrich Naumann, que defendiam uma espécie de seleção de “chefes” carismáticos na política. Ao mesmo tempo que esses autores entendiam os problemas que o parlamentarismo absolutista poderia causar, em razão do monopólio das máquinas partidárias e dos políticos profissionais, preconizavam a imagem de um presidente eleito pelo povo, cuja vontade fosse maior que o poder do parlamento. Analisando a sentença weberiana sobre o perigo da ditadura plebiscitária, o historiador alemão W.J. Mommsen (1985, p. 445) escreveu:

O presidente do Reich devia ser, por assim dizer, um “monarca eleito”, e, nessa qualidade, representar um contrapeso à onipotência do Reichstag. [...] Porém, isso não é tudo, o presidente do Reich deveria ser ao mesmo tempo chefe cesarista. [...] O homem de estado carismático governa por meios cesaristas e luta pela adesão do parlamento a ele, assim como pela aclamação das massas; um como as outras o seguem incondicionalmente enquanto ele tem sucesso.

Mommsen (1985) destaca que Schmitt, um discípulo de Weber, assume a concepção do presidente eleito pelo povo e o eleva a um patamar de extremos, desconsiderando, inclusive os “elementos constitucionais que Weber destinava a conter o chefe a confirmar continuamente seu dom carismático” (MOMMSEN, 1985, p. 478). Para Schmitt, o presidente carismático estava para além do parlamento e da política partidária. Essa defesa fez com que seus escritos, dos anos de 1930-40, fizessem referência a Hitler e o ajudassem a expandir sua denúncia contra o que ele chamou de influência nefasta do judaísmo na ciência.

Em suma, o conceito de político para Schmitt (1976) pode ser compreendido somente no “[...] contexto dos grupamentos amigo/inimigo, malgrado as perspectivas que essa possibilidade pressupõe com relação à moralidade, à estética e à economia” (SCHMITT, 1976, p. 70). Analisando o avanço do pensamento liberal desde os escritos de Schmitt, Mouffe (2015)⁶⁹ entende que tal filosofia tem se movido entre dois temas: a economia e a ética. Neste campo surgem dois paradigmas liberais: o *agregativo* e o *deliberativo*.

O primeiro é a ideia de mercado aplicada na política, em que os atores sociais são compreendidos como seres racionais atuando na esfera pública de maneira operacional. O segundo, diz respeito à ligação entre moralidade e política. Neste último paradigma, abre-se mão de um compromisso “[...] entre as forças sociais e discordantes” em direção a uma compreensão da política que se estrutura não “[...] por meio da economia, mas por meio da ética ou da moralidade” (MOUFFE, 2015, p. 12). Essa ideia da moralidade está associada à negação de qualquer possibilidade de pluralismo, defendido por Schmitt. Embora acreditasse no pluralismo de nações, sua tese é que a relação política está baseada no grupo do “nós” *versus* o grupo do “eles”. Em outras palavras, “amigos” e “inimigos”. Este é o traço do antagonismo na política e que pode ajudar a interpretar a escalada da relação de dominação carismática no processo de metamorfose no setor da representação política brasileira, especialmente, no que toca a relação de dominação carismática em sua face religiosa, que ajuda a promover o personalismo na política.

Temos então duas questões para análise. Primeiro a reflexão sobre o tema da moralidade. Em seguida, a questão sobre a associação de atores políticos com personagens bíblicos— como por exemplo, o “eles” sendo identificado como os opressores, os “falsos profetas”, os “inimigos de Deus” etc. Quanto ao primeiro tema, percebemos que quando

[...] a política acontece na esfera da moralidade, os antagonismos não podem assumir uma forma agonística. Na verdade, quando os oponentes não são definidos em termos políticos, mas em termos morais, eles não podem ser encarados como “adversários”, mas unicamente como “inimigos”. Com o “eles do mal” nenhum debate agonístico é possível: é preciso exterminá-los (MOUFFE, 2015, p. 74-75).

Para Mouffe, a esfera agonística é onde ocorre o debate entre o “nós” e o “eles”, onde os termos da relação são interpretados como adversários e não como inimigos. No agonismo, a derrota não incita ações para além do jogo político. Contudo, é importante sublinhar que o discurso religioso não cria o antagonismo e o descrédito na política, mas, intensifica-o, apontando para si mesmo (o “nós”) como resposta salvacionista através não só

⁶⁹ Uma recente análise comparativa sobre ambos os autores pode ser encontrada em Rodrigues (2020), que propõe uma leitura a partir dos temas política, democracia e liberalismo.

da atuação no campo religioso, mas também, por meio da atuação de seus atores na esfera pública. O que se vê no contexto de 2010, cujo discurso do pastor Piragine é um exemplo (seção 1.2 desta tese), é exatamente uma inclinação à prática do antagonismo. O conteúdo do “nós” é ocupado pelas pautas conservadoras e o discurso é construído e legitimado por termos bíblicos, cuja hermenêutica busca dirigir à comunidade de fé para uma leitura da realidade a partir da *negação*, ou exclusão, do inimigo. Para Mouffe (2015) só é possível diferenciar a constituição do “nós” a partir do que “eles” são. Neste caso, o aspecto religioso se impõe na esfera política para justificar a luta contra seu adversário.

Não votar em partido ou candidato cuja bandeira seja contrária aos estatutos sagrados, utilizando-se para a defesa dessa escolha argumentos e concepções morais/bíblicas, é uma maneira de agravar o modelo adversarial do antagonismo e também de criar identificação com o grupo do “nós”. Nas palavras de Mouffe (2015), “[...] o que leva as pessoas a votar [ou não votar] vai muito além da simples defesa de seus interesses” (p. 23-24). Segundo a cientista política, além dos interesses, “Existe uma importante dimensão afetiva no ato de votar e o que está em jogo ali é uma questão de *identificação*. [...] as pessoas precisam ser capazes de se identificar com uma identidade coletiva que ofereça *uma ideia de si próprias* que elas possam valorizar” (Ibidem, grifos meus). O que o grupo religioso busca construir, portanto, não é outra coisa senão uma identidade coletiva e uniforme em que seja possível defender ou “valorizar” as pautas que seus membros acreditem ser a base de tudo o que os define.

O PT que, segundo o pastor Piragine, tornou-se a “iniquidade institucionalizada”, representa o “eles”, o alvo do levante religioso, cujos candidatos os evangélicos não podem votar. Nesse discurso, todo aquele que se porta moralmente contra o que “Deus defende” se torna apto para o julgamento dessa mesma divindade. Além disso, o julgamento divino – e aqui me detenho à uma noção de julgamento própria da teologia cristã imaginada por grupos mais conservadores – recairia sobre a terra, o que ‘explica’ toda a maldade e sofrimento.

Há que se observar a omissão no discurso de Piragine em relação ao partido que deveria receber atenção positiva durante as eleições, isto é, aquele que se aproximava do “nós”. Em 2010, o candidato mais bem votado no primeiro turno depois de Dilma (PT) – que recebeu 47.651.434 votos (46,91%) – foi José Serra (PSDB), com 33.132.283 votos (31,61%), seguido pela assembleiana Marina Silva (PV), com 19.636.359 votos (19,33%). Embora a candidata do PT tenha vencido, Mariano e Oro (2010, p. 15) destacaram que o “[...] peso da religião e de questões de natureza moral e religiosa sobre a esfera pública brasileira revelou-se

de forma contundente nesta eleição”. A estratégia de cada candidato contemplou as demandas religiosas de maneira bem direta. Serra, por exemplo, fez sua campanha como um católico devoto e defensor dos valores cristãos tradicionais. Marina se esquivou de temas como “aborto” e “união civil de casais homoafetivos”, assuntos caros para o segmento cristão conservador, apontando um plebiscito como caminho político. Dilma foi alvo de críticas por ter apoiado a legalização do aborto, ao mesmo tempo que assumiu a fé católica durante o 1º turno das eleições. De forma estratégica, para o segundo turno, emitiu uma carta ao “Povo de Deus” reafirmando a continuidade dos projetos sociais com o objetivo de defender os valores da cidadania, a “semente do Evangelho e a família”, alertando ainda que manteria a legislação sobre o aborto e censuraria parte do PL 122/2006, que propunha a criminalização da homofobia. Na carta afirmou:

2. Sou pessoalmente contra o aborto e defendo a manutenção da legislação atual sobre o assunto;

3. Eleita presidente da República, não tomarei a iniciativa de propor alterações de pontos que tratem da legislação do aborto e de outros temas concernentes à família e à livre expressão de qualquer religião no País.

[...]

6. Se Deus quiser e o povo brasileiro me der a oportunidade de presidir o País, pretendo editar leis e desenvolver programas que tenham a família como foco principal, a exemplo do Bolsa Família, Minha Casa, Minha Vida e tantos outros que resgatam a cidadania e a dignidade humana (TEXTO..., 2010, n. p.).

Durante as eleições, Indio da Costa do Democratas (DEM), vice de José Serra, chegou a reunir 30 líderes evangélicos da cidade de São Paulo para aumentar sua rede de apoio. Dentre os evangélicos, os tucanos sinalizaram uma aliança com a Assembleia de Deus desde o primeiro turno (INDIO..., 2014, n. p.) e buscaram incentivar as pautas morais. O Fórum Político Evangélico do Espírito Santo (FPEES) e a Associação dos Pastores Evangélicos da Grande Vitória (APEGV) chegaram a declarar que não votariam em Dilma. A razão, segundo o pastor Enock de Castro, presidente da APEGV, seria por causa do posicionamento da candidata em relação ao aborto, à união civil entre homoafetivos e à proibição da presença religiosa em órgãos públicos que, segundo esses atores, “são coisas que não podemos aceitar”. E, de acordo com consulta realizada pela própria APEGV, cerca de 80 a 90% dos evangélicos votariam em Serra para a presidência. Lauro Cruz, presidente do FPEES, afirmou que “[...] o posicionamento histórico de Dilma gera apreensão. Ela é a favor do aborto, embora tenha negado isso. A postura de Serra preocupa menos [...]. E dos males, vamos escolher o menor” (A FORÇA..., 2010, n. p.).

Embora toda essa crítica estivesse estabelecida, Dilma venceu no segundo turno com 55.752.529 (56,06%) contra 43.711.388 (43,95%) dos votos dados a Serra. Na pesquisa realizada pelo Datafolha, Dilma já havia conseguido melhorar os índices entre as mulheres evangélicas pentecostais (42%) e entre o eleitorado feminino (46%) no último mês das eleições. Enquanto isso, Serra havia perdido votos neste período: de 44% para 39% entre eleitoras; de 49% para 43% entre evangélicos. O instituto Datafolha ainda informou que 70% dos entrevistados afirmaram que “ter um passado político conhecido” é um atributo “muito importante” para escolha de um candidato. O mesmo instituto publicou que 87% responderam que o fato de um candidato “nunca ter se envolvido em casos de corrupção” é uma condição “muito importante” (DATAFOLHA..., 2010, n. p.). A corrupção é um assunto que o coletivo religioso entende como valor moral não negociável. Sem dúvida, a manifestação de igrejas, como vimos até aqui, articula o antagonismo buscando banir o “eles”, vistos também corruptos, com o objetivo de não atrair o julgamento divino na terra.

Mouffe (2015), embora não concorde com Beck em relação à importância dada aos partidos, entende que, diante deste efeito colateral, os partidos perderam sua centralidade “[...] por não estarem mais adaptados para lidar com as novas formas de conflito” (MOUFFE, 2015, p. 35). Beck (2018) afirma que a sociedade se tornou incapaz de raciocinar a relação “amigo” / “inimigo” e entende que a resolução dos conflitos será alcançada com a mudança da percepção das pessoas para aceitarem outros pontos de vista e conseguirem fazer acordos, ao invés de imporem suas ideias. Todavia, o caráter religioso do conflito parece tornar distante a realização de tal prognóstico. Beck entende também que o crescimento do individualismo promove o enfraquecimento de sindicatos e partidos políticos. Para ele, as sociedades, na verdade, não seriam resultado de lutas políticas, mas de efeitos colaterais. Mouffe (2015, p. 27), por sua vez, acredita que a política sempre teve sua dimensão partidária e “[...] para que as pessoas se interessem pela política elas precisam ter a possibilidade de escolher entre partidos que ofereçam alternativas reais”.

Neste ponto, reconheço que Beck nos ajuda a entender melhor a realidade brasileira, exatamente por seu foco de análise se centrar mais no indivíduo e menos nos partidos. As Tabelas 1 e 2, anteriormente apresentadas (seção 1.1), demonstraram o descrédito da população quanto aos partidos e entendo que o papel da relação carismática, além de agravar esse descrédito no campo da representação política, também desenvolve em seu discurso antagônico um enquadramento da figura do *outro* (ou do “eles”) por meio da aproximação com termos do campo religioso (nomeações, classificações, ressignificações de personagens bíblicos). Assim, as ações desse *outro* passam a ser, na visão dos evangélicos, orientadas pelo

domínio do “mal”, do “adversário” maior, do próprio diabo. Este é o segundo elemento que pretendo articular na presente seção.

A segunda questão tem relação direta com a ressignificação de atos e contextos da realidade, com atos e cenários bíblicos, como pode ser notado, por exemplo, na demonização do oponente (classificados como “opressores”, “falsos profetas”, “inimigos de Deus”, dentre outro as imagens negativas) por parte de alguns evangélicos. A busca dos políticos cristãos por diferenciação dos demais políticos não é novidade na democracia brasileira, como sinalizei na Introdução desta tese. Contudo, tendo em vista o crescimento da participação de evangélicos nos pleitos eleitorais nas primeiras décadas dos anos 2000, pode-se afirmar que houve uma transformação desta dimensão.

Cabo Daciolo, antes mesmo de adentrar à política profissional, já era possuidor de tal discurso. De outro modo, uma das características que marca a atuação do líder do movimento SOS Bombeiros é o caráter político-religioso de seu discurso de *antagonismo*, metaforizado por narrativas bíblicas. De um lado, o movimento dos bombeiros, de outro, o governo do estado e seus aliados. E nessa disputa na arena política, Daciolo apresenta a seus liderados uma nova percepção acerca de seus inimigos: Cabral é Nabucodonosor⁷⁰. Cabral é o *inimigo comum* que possuí, segundo interpretação de Daciolo, as mesmas características do personagem bíblico: ação criminosa, corrupta e opressora. Ao mesmo tempo, o embate ocorre entre o profeta e o imperador. Interpretar a “origem do mal” encarnada em um adversário para responder à “desordem social” também faz parte do discurso político. Neste caso, “[...] a solução salvadora consiste em propor medidas que deveriam reparar o mal existente” (CHARAUDEAU, 2017, p. 91).

Concomitantemente, há reformulação do próprio movimento SOS bombeiros que, anteriormente, era a reunião de militares em favor do aumento do piso salarial e que ganhou dimensões religiosas pela perspectiva do cabo Daciolo e de alguns de seus liderados, conforme declaração de entrevistados.

Um dos objetivos de Daciolo era entregar a “mensagem divina” ao governador. Antes desse ato, o cabo reuniu, em um protesto, centenas de bombeiros em frente à ALERJ:

E lá eu falei pra ele: “Olha, governador, eu tô há 2 anos pedindo 5 minutos com o senhor *só pra entregar algo de Deus pro senhor*. E o senhor me perseguiu, me prendeu, me expulsou...”. E eu entreguei uma mensagem no livro de Daniel, capítulo 4... um rei chamado Nabucodonosor, que em determinado momento achou que era o próprio Deus. Deus coloca o homem na cadeira, mas Deus tira também. E falei que Deus tinha um propósito na vida dele e entreguei uma bíblia pra ele, grande,

⁷⁰ Relaciona-se com o que se discutiu na seção 1.2, em que, na narrativa de líderes evangélicos, o “inimigo” é o PT e assume o lugar bíblico da “iniquidade institucionalizada”.

vermelha, grossa e botei que Jesus é o caminho, a verdade e a vida, só através dele que ele ia ter vitória. *Então, aquilo se cumpre, aquilo acontece* (informação verbal, grifos meus)⁷¹.

O “mensageiro de Deus” reinterpreta a narrativa bíblica. Daciolo se posiciona como o personagem bíblico “profeta Daniel” diante do governador Cabral, associado à figura do rei Nabucodonosor. Ainda que nesta ocasião Daciolo não figurasse como um político profissional, interpreto tal associação – que será recorrente em seus discursos no plenário da Câmara – como um acento no antagonismo do setor político provocado pela religião.

Na narrativa bíblica, Daniel exorta o imperador que se impunha à sociedade como figura divina e opressora. Nabucodonosor é punido por Deus, segundo o texto sagrado. Na entrevista, concedida após a prisão de Cabral – encarcerado em novembro de 2016, em decorrência da investigação da operação Lava-Jato –, Daciolo destaca a queda do governador como resultado de sua profecia: “[...] aquilo se cumpre, aquilo acontece”. No aspecto de uma racionalidade profética, trata-se de uma “justa retribuição ética” da parte de Deus (WEBER, 2019, p. 204).

Uma das características de um profeta emissário é agir segundo mandatos ou exigências que o mesmo acredita ter recebido de uma divindade. Weber afirma que a ação religiosa se orienta para este mundo. Em suas palavras, a ação religiosa, pelo menos relativamente, é orientada por “regras da experiência” (WEBER, 1998, p. 279). No caso de Daciolo, segundo sua experiência com o fenômeno religioso, Deus teria dito *em seu coração* uma mensagem para entregar ao governador.

Além da experiência, Weber (1998) também entende que o agir do profeta emissário depende da tradição e dos costumes religiosos, de certa forma, arraigados, que o orientam racionalmente. Dessa forma, a crítica, percepção ou interpretação da realidade do profeta não prescinde da esfera pública. O profeta não utiliza códigos, linguagem, símbolos religiosos inéditos, pois estes estão na realidade e fazem parte da comunicação de um povo. Em outras palavras, o emissário do divino canaliza a crise em seus discursos a expressando segundo hermenêutica influenciada por sua tradição de fé ou por uma teologia revisada, a partir de sua crítica à instituição religiosa.

Em nossa entrevista, Daciolo relata que havia um importante movimento, juntamente com o SOS Bombeiros, que teria seu início com uma mensagem divina recebida por ele e dirigida ao governador Sérgio Cabral. O ápice desse movimento seria sua vitória nas eleições de 2014. Como disse:

⁷¹ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

[...] o movimento começa com uma mensagem divina pra ser entregue a ele [Cabral]. Eu tinha um entendimento que eu ia estar com ele e iria pregar Jesus pra ele [...] como eu havia dito, eu sou um subidor de montes. Um dia, eu em cima do monte, e o *Espírito Santo de Deus falou pra mim, no meu coração, que ia me colocar diante do governador. Eu, um cabo do Corpo de Bombeiro, achei que fosse até coisa da minha cabeça. Eu falei assim: “não pode ser”. Mas eu tomei posse disso. E passaram-se dois anos dessa conversa com o Espírito Santo... eu estava diante do governador e levando uma mensagem pra ele que Deus tinha colocado no meu coração. Deus havia colocado no meu coração que ia me colocar diante do governador e que tinha algo pra tratar com ele. E aí começa aquele movimento (informação verbal, grifos meus)*⁷².

Como se vê, Daciolo se autodenomina “subidor de montes”. No contexto bíblico, o *monte* é a habitação das divindades (Salmo 121,1), da revelação sagrada (Êxodo 20; Mateus 5), lugar de batalhas entre profetas (I Reis 18), espaço para retiros e orações (Mateus 17,1-13; Lucas 5,16). Na teologia pentecostal, muitos aderem às orações nos montes fazendo analogia a tais passagens bíblicas. Além disso, subir nos montes é parte imprescindível para a comunhão com a divindade e como espaço para obter autoridade/poder espiritual (SANTOS; MATIOLLI, 2011).

O termo “subidor de montes” não se limita à dimensão teológica. Na análise weberiana, subir ao monte seria o mesmo que se afastar do *mundo*, o que ele denomina de “fuga ascética do mundo” (WEBER, 2010, p. 52). Ou seja, uma retirada do mundo, de ambiente ligado aos desejos terrenos, perigosos e corruptíveis. Os atores políticos, portanto, que surgem do “mundo”, tomando o conceito weberiano, não estariam aptos para a missão. Na esfera política, a subida ao monte, frente a alguns eleitores simpatizantes do ritual/mito/narrativa, ajudaria a legitimar o sujeito religioso com seus anseios. Trata-se de se portar como um “homem de Deus” ideal, que teria tido contato com a divindade e estaria não apenas apto para assumir determinado cargo público, mas o assumiria com sabedoria diante das demandas sociais e com autoridade para combater quaisquer adversários. Em suma, o subidor de montes é aquele que se distancia moral e religiosamente de seus oponentes, mantendo-se como preferido de um ser supramundano.

Outro dado observado é a criação de um slogan. O líder ajuda a inspirar o grupo a partir de um “novo vocabulário de solidariedade” e, por vezes, de “sofrimento” (JASPER, 2016, p. 82). Daciolo une três expressões diferentes que ajudam a construir uma espécie de identidade do grupo: “Juntos somos fortes”; “Nem um passo daremos atrás”; “Deus está no controle”⁷³. Segundo depoimento de todos os bombeiros entrevistados e que participaram do

⁷² Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

⁷³ Na maioria das notas taquigráficas da Câmara dos Deputados e na transcrição de entrevistas, a expressão “Nem um passo...” é escrita da seguinte maneira: “Nenhum passo...”. Portanto, todas as vezes que for citada

movimento, afirmaram que tanto a primeira quanto a última expressão foram introduzidas à comunicação do movimento por Daciolo⁷⁴. A origem das frases é o Hino “Canção do Soldado do Fogo”, composto pelo Cap. Antônio Pinto Júnior e pelo Ten. Sérgio Luiz de Mattos. A expressão “Deus está no controle”, a última a ser inserida, oferece, portanto, a presença de termos religiosos, o que “inova” e traz “novas formas de sentir” (JASPER, 2016, p. 82) ao movimento. Além disso,

Os movimentos sociais dificilmente poderiam ser considerados divinos, mas, ao mobilizarem grande número de pessoas, são capazes de consertar as coisas – *e talvez adquirir um certo carisma sagrado*. Pelo menos é essa a retórica que eles costumam empregar para recrutar e preservar seus membros. “Juntos, podemos fazer isso”. A “maioria moral” deve ser incitada à ação (JASPER, 2016, p. 79, grifo meu).

Na noite do dia 04 de junho de 2011, mais de 400 manifestantes invadiram o Quartel Central do Corpo de Bombeiros tombando o portão principal e impedindo a saída dos veículos para atendimento de ocorrências, durante aproximadamente 13 horas, período que durou a ocupação com a presença de mulheres e crianças – o que fez com que o governador Sérgio Cabral os chamasse de “vândalos e irresponsáveis” (LELLIS, 2018, p. 113). Sobre esta declaração, Daciolo comentou: “Não me atingiu ser chamado de vândalo pelo governador. Luto pelo que considero certo” (informação verbal)⁷⁵. Diante disso, Cabral entendeu que a motivação não era apenas a questão salarial, mas, atinava-se também a aurora de certo interesse político partidário. Em nossa entrevista, Daciolo destaca ter sido chamado várias vezes pelo governador de “liderzinho messiânico”. Em suas palavras:

Dentro do Quartel Central, quando nós ocupamos o Quartel Central, que é a nossa casa, ali nós estávamos dando uma volta, de uma em uma hora no pavilhão central, *simbolizando a queda da muralha de Jericó*. Entendeu? O tempo todo. Tanto é que o movimento muita das vezes, o governador colocava o Daciolo como “*liderzinho messiânico*”. Entendeu? “Esse aí não vai dar em nada e tal...” Mas aí é Deus, né meu irmão? O Deus das causas impossíveis, *ele pega e capacita o seu e bota de frente de uma batalha* (informação verbal, grifos meus)⁷⁶.

Como sinalizado em sua fala, outra ação importante relacionada a um episódio bíblico ocorreu após a entrada no Quartel Central, isto é, as voltas que eram dadas, de uma em uma hora, em torno do pavilhão. A ação guarda relação com o texto bíblico de Josué, capítulo 6, a ressignificando-o. Na narrativa sagrada, Josué, líder de Israel e sucessor de Moisés,

nesta tese, será de acordo com a fonte; e tal como no Hino “Canção do Soldado do Fogo”, quando utilizada por este pesquisador.

⁷⁴ A frase “Juntos somos Fortes”, foi utilizada como slogan para a chamada “Associação SOS Bombeiros Juntos Somos Fortes”. Posteriormente, a expressão compôs o nome de outra organização, a Associação “Juntos Somos Fortes” dos Bombeiros Militares do Estado do Rio de Janeiro.

⁷⁵ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

⁷⁶ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

convoca sacerdotes e o povo para darem voltas em torno das muralhas da cidade de Jericó a fim de que elas caíssem pela força de sua fé, fato que ocorre depois de sete dias. Daciolo transforma a manifestação em uma espécie de recriação da narrativa bíblica, em que ele lidera os manifestantes, tal como Josué liderou o povo de Israel, dando voltas no pavilhão central para simbolizar a queda da “muralha”, neste caso, do obstáculo político, agora espiritualizado, que enfrentam. Por essa e outras, Cabral ironiza a postura do cabo, chamando-o de “liderzinho messiânico”. Ao mesmo tempo, que sinaliza, mais uma vez, como Daciolo se vê como alguém escolhido por Deus à frente de uma “batalha”.

O profeta, como já anunciado, é aquele que discursa contra o inimigo que prejudica o grupo contemplado por seu empenho. Cabo Daciolo, após sair da prisão, ocasionada pela ocupação do Quartel Central, afirmou que Deus o livrou da prisão e colocou o seu opositor durante as manifestações, Cabral, no lugar⁷⁷ Apesar de dizer que não desejava nem ao seu pior inimigo o que passou na prisão, Daciolo interpretou que Deus havia julgado com justiça o caso do ex-governador. E no caminho de regresso, Daciolo estaria apto para o engajamento na política profissional e serviria como modelo político de moralidade. Restaria saber se “[...] a pureza ideológica e o auto-sacrifício” seriam ou não “corrompidos pelos estragos da vitória” (LINDHOLM, 1993, p. 132).

Mesmo com o movimento “Fora, Cabral”, Cristiane Daciolo, esposa do cabo, refutou a ideia de que a greve teria manipulação política. Como explicou ela, Daciolo “[...] não está envolvido com política, não está filiado a partido algum. Partidos políticos apoiam o movimento, mas o movimento não está com nenhum partido” (LELLIS, 2018, p. 113). Os partidos políticos que apoiam o movimento de que fala Cristiane sem os mencionar são o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), que mantiveram contato com Daciolo na expectativa de filiá-lo e lançá-lo posteriormente como candidato à Câmara dos Deputados, assunto que tratarei no próximo capítulo.

Discorri neste capítulo, segundo interpretação ancorada, sobremaneira, no caso de cabo Daciolo – um exemplo *bom para pensar* –, sobre os efeitos colaterais causados pela crise de representação política brasileira e seus efeitos-efeitos colaterais. Durante o percurso,

⁷⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_UjjwjslSB4>. Acesso em: 15 out. 2019.

refletiu-se sobre a complexidade da relação entre religião e política e as *metamorfoses* vistas na democracia representativa do país nesse início de século XXI.

Contudo, trata-se de um capítulo de abertura sobre o caso de Daciolo. Há ainda outras reflexões a serem feitas sobre esse personagem, classificado de acordo com a malha teórica weberiana, como profeta emissário. Portanto, no próximo capítulo tratarei, por exemplo, de questões como: a maneira pela qual se entende os elementos de fé na esfera pública; a relação de cabo Daciolo com as instituições, sejam elas religiosas ou políticas; a forma com que se opera a interpretação em relação ao outro, quer este outro esteja ligado ao quadro eclesiástico ou partidário etc. Tais aspectos serão investigados no próximo capítulo, o que ajudará avançar na análise do cenário político nacional que gerado determinadas excentricidades bem como serão apresentadas as nuances e adequações de Daciolo que, com seu envolvimento com a política profissional, também nos permite ampliar e aprimorar o conceito sociológico de profeta emissário.

2 DA AUTONOMIA DO PROFETA-EMISSÁRIO-POLÍTICO DIANTE DAS INSTITUIÇÕES

“A voz divina é o que eles [profetas] escutam, e esta, a princípio, exige dos mesmos – e do povo, por meio deles – tão somente fé”.

Max Weber⁷⁸

“[...] e Ele [Deus] me ensina a profetizar”.

“Não existe política sem Deus”.

Cabo Daciolo⁷⁹

Após discorrer sobre os efeitos colaterais, bem como sobre seus efeitos-efeitos colaterais, neste capítulo foco na análise da trajetória do cabo Daciolo, agora descrito como *profeta-emissário-político*. Descreverei as três dimensões que mais se destacam em sua trajetória pública, a saber: as dimensões política, religiosa e militar, sem que essa ordem implique em uma hierarquia de importância entre os termos. Na verdade, a escolha por essa ordem de apresentação se deu em razão da primeira esfera ser a que dá sequência ao assunto que acabamos de discutir no capítulo 1.

Assim, darei seguimento à análise da esfera política da trajetória do cabo abordando o início de sua relação com a política partidária/profissional. Considerando, portanto, o que foi discutido no capítulo anterior – que movimento SOS Bombeiros foi inundado por um viés religioso com cabo Daciolo em sua liderança –, busco responder às seguintes questões: como o bombeiro militar operacionaliza a religião, ou, exerce sua dominação carismática se valendo dela, no ambiente da política profissional? Como busca autonomia frente a estatutos partidários e mobiliza projetos de leis e emendas constitucionais que comunguem com sua teodiceia? A maneira como interpreta o ambiente da Câmara dos Deputados e os demais parlamentares religiosos reforçaria o antagonismo político e o colocaria em destaque como o “escolhido”? E, por fim, embora flagrantemente influenciado pela teologia pentecostal, de que maneira a desinstitucionalização religiosa permite a Daciolo analisar e criticar, *de fora*, líderes evangélicos filiados a alguma igreja que estejam (ou não) ligados à política profissional?

⁷⁸ In: Ética econômica das religiões mundiais (2019, p. 366).

⁷⁹ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

2.1 Daciolo e a política: “Não existe política sem Deus”

A sentença “não existe política sem Deus” foi dita por Daciolo em várias ocasiões, inclusive durante nossa entrevista. A expressão ilustra bem o complexo quadro da laicidade no país⁸⁰. Todavia, tal frase é boa para refletir não apenas sobre este tema, mas, também ajuda a pensar como a crença em uma divindade, no âmbito da política, ajuda a legitimar os discursos e ações de um ator que lança mão deste argumento.

Há ainda um terceiro elemento. Diante do enfraquecimento das identidades coletivas coma dinâmica da individualização, tal como defendem Beck e Giddens – ou ainda, na leitura de Mouffe (2015) para quem “o crescimento do individualismo enfraquece os sindicatos e os partidos, tornando ineficaz o tipo de política que costumavam promover” (MOUFFE, 2015, p. 47)e de acordo com os dados analisados no primeiro capítulo, volto a afirmar a existência de uma *metamorfose* no setor da representação política.O efeito dessa transformação no sujeito carismático aqui estudado,que busca se afastar das instituições se valendo de seu individualismo ilustra e reforça a crise das instituições.

Na interpretação weberiana “Deus” seria a legitimação da atividade política, mas, é imperativo que a divindade exerça seu papel através de seu escolhido. Cabo Daciolo, personagem aqui classificado como profeta emissário, é aquele que busca adequar a política profissional aos seus desígnios religiosos-dogmáticos. Por isso, em sua visão, não pode haver política sem Deus. Além disso, o empenho pela busca do “bem comum”, dimensão clássica da política, é narrado por ele como um mandamento sagrado e, assim sendo, só alguém chamado por Deus poderia concretizar tal feito para aproveitamento da sociedade.

Este personagem, que não aceita classificações e rótulos, procura se distanciar das estruturas eclesiais e dos modelos políticos representativos historicamente conhecidos. Todavia, como se verá, seus discursos são impregnados de termos e crenças originárias do pentecostalismo brasileiro, e, quando filiado, a relação com partidos políticos é cada vez mais enfraquecida.

2.1.1 Daciolo e o PSTU: pensando desinstitucionalização na relação com Cyro Garcia

A relação do cabo Daciolo com o PSTU se deve mais ao contato com Cyro Garcia, um dos fundadores e dirigentes do partido e que tem por referência os princípios socialistas de

⁸⁰ Tema recentemente discutido por Camurça (2020).

Lênin e Trotsky (FERREIRA, 2011; RODRIGUES; CARDOSO, 2009). Segundo Garcia assim ocorreu seu encontro com Daciolo: “Eu o conheci na época da greve dos bombeiros, em 2011” (PROJETO COMPROVA, 2018, n. p.). Especificamente, “[...] o movimento contou com a ampla solidariedade do PSTU, [e] *foi criada uma estreita relação com o Cabo Daciolo, por causa da sua liderança numa luta importantíssima*” (Ibidem, grifo meu). A “luta importantíssima” a que Garcia se refere é a liderança de Daciolo no movimento SOS Bombeiros.

Garcia afirmou ainda que o PSTU apoiou o movimento dos bombeiros por reconhecer ali uma causa justa (Figura5). Apoio que converge com a declaração da esposa de Daciolo, quando disse que partidos políticos apoiavam o movimento, mas, o movimento não estava “com nenhum partido”. Cristiane, nesta mesma entrevista, também defendeu que seu marido, à época das manifestações, não estava ligado a partidos políticos. Em junho de 2011, como ilustra a Figura 4, Garcia participou da passeata (greve) promovida por bombeiros e policiais militares, em que declarou apoio total à causa dos manifestantes (RIO..., 2012, n. p.) Na ocasião, o PSTU se referiu a Cabral como “o ditador do Rio”. O partido também se posicionou a favor da soltura de Daciolo e demais presos pelas manifestações (Figura 5).

FIGURA 4 – CYRO GARCIA E CABO DACIOLO DURANTE PASSEATA EM JUNHO DE 2011 PELA CAUSA DOS BOMBEIROS



FONTE: RIO... (2012).

FIGURA 5 – MANIFESTAÇÃO DO PSTU EM FAVOR DA LIBERDADE DO CABO DACIOLO E DEMAIS PRESOS. NO CANTO ESQUERDO, CABRAL É ASSOCIADO A HITLER: “CABRAL, O DITADOR DO RIO”



FONTE: CRUZ (2012).

A relação entre Daciolo e Cyro Garcia também foi notada no período em que o cabo esteve como deputado federal:

Sr. Presidente, eu venho notificar todos os Parlamentares da Casa que, em 1992, nós tivemos a felicidade de ter na Câmara dos Deputados o Deputado Federal Cyro Garcia, hoje, Presidente do PSTU no Estado do Rio de Janeiro. *Cyro Garcia, é um grande prazer ter você como um grande amigo! Quero deixar bem claro que o Corpo de Bombeiros agradece o apoio que V.Sa. sempre deu a todos nós.* Hoje, está conosco aqui o meu amigo Cyro Garcia, eterno Deputado Federal. Obrigado, Sr. Presidente (informação verbal, grifos meus)⁸¹.

Em sua participação no plenário da Câmara, o deputado chama a atenção para a importância de Cyro Garcia enquanto parlamentar em 1992 e de seu apoio à corporação dos bombeiros durante as manifestações de 2011 (Figura 4). Destacando sua afinidade e admiração por seu exercício político, chama-o de “meu amigo” e “eterno Deputado Federal”⁸². Durante nossa entrevista, Daciolo fez a seguinte declaração sobre Garcia:

Meu irmão, *eu conheci homens que têm mais Deus que muitos que estão dentro da igreja.* E esses homens que têm mais Deus se dizem ser ateus. Quem? Eu vou dar um exemplo: Cyro Garcia. É um líder do PSTU, *um homem de um coração brilhante, um homem que ajuda o próximo e que tem amor pelo próximo, um homem que respeita sua casa, seu lar, sua família.* Um homem que se vê alguém em necessidade, ele tá tomando café, ele quer dar o café pro próximo; ele tá comendo o

⁸¹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 11 de junho de 2015; sessão nº 150.1.55.O; fase: GE.

⁸² Daciolo apoiou Cyro Garcia para a prefeitura do Rio de Janeiro nas eleições de 2012. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2018/08/14/porque-votei-no-cabo-daciolo-em-2014/>>. Acesso em: 06 de fev. de 2020 (FEVEREIRO, 2018).

pão, ele dá o pão pro próximo. *Eu pergunto: esse homem tem Deus ou não tem Deus? Ele só não sabe que ele tem Deus* (informação verbal)⁸³.

A associação que Daciolo faz entre Cyro, que se declara ateu, e a religião ajuda a entender sua percepção acerca da (não) função da igreja (enquanto instituição) e a figura da família na sociedade.

a) *A igreja como um lugar não-determinante para a espiritualidade*

Daciolo já havia dito que a igreja o ensinou a ler a bíblia. Quando perguntado sobre o que é e qual a função da igreja, respondeu: “Ele [Deus] é o criador do céu e da terra e que não habita em templo feito por mão de homens. Nosso corpo é templo do Espírito Santo de Deus”, e sua função é “amparar o próximo”, “amar ao próximo como a si mesmo”, “fazer alguma coisa concreta para o próximo” (informação verbal)⁸⁴. Fazendo referência aos textos bíblicos de 1 Coríntios 6,19 e o evangelho de Mateus 22,39, considera “igreja” aqueles que exercem atividade solidária. No caso de Garcia, um homem “cheio de Deus”, “que ajuda o próximo e que tem amor pelo próximo”. E para isso, não haveria necessidade de *saber* que “tem Deus”, pois, suas características de partilha (dividir o café, o pão) e de respeito (com a família) determinariam sua *fé*.

O fato de não *lugarizar* ou restringir o uso da espiritualidade no templo religioso, destaca a ideia de um deus pessoal (BECK, 2009)⁸⁵ da teologia cristã, mas acrescentando a intensa subjetividade⁸⁶ na interpretação de sua fé. É possível afirmar que Daciolo manifesta oposição quanto à teoria de que religião pertence à esfera do privado. Embora variada literatura tenha trabalhado a teoria da secularização como algo que exclui totalmente o outro lado, o do movimento religioso, é importante notar como ambos podem coexistir⁸⁷. Para Berger (1985, p. 118):

[...] o termo “secularização”, e mais ainda seu derivado “secularismo”, tem sido empregado como um conceito ideológico altamente carregado de conotações valorativas, algumas vezes positivas, outras negativas. Em círculos anticlericais e “progressistas”, tem significado a libertação do homem moderno da tutela da

⁸³ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

⁸⁴ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

⁸⁵ O autor destacou o surgimento do “Deus pessoal” no lugar de uma divindade metafísica das religiões tradicionais. Contudo, sua tese aponta para um “[...] politeísmo subjetivo [...], acima das fronteiras religiosas” (BECK, 2009, p.72) e que resiste à obstinação institucional ao absolutismo. O personagem desta pesquisa não se enquadra no aspecto destacado por Beck.

⁸⁶ Sobre esse aspecto, cf. Burity (2001, 2020a), Fernandes (2009, 2015), Hervieu-Léger (2008), Berger (2017).

⁸⁷ Como se verá no capítulo 3, Daciolo expande a religião para a política esvaziando o próprio conceito de religião para melhor adequação ao espaço público.

religião, ao passo que, em círculos ligados às Igrejas tradicionais, tem sido combatido como “descristianização”, “paganização” e equivalentes.

Assim como Berger, Hervieu-Léger (2008) também entende que não houve uma exclusão da religião, mas sim, uma mudança de *status* do lugar da religião e do religioso na sociedade. Na percepção de J. Zepeda, que sintetiza a relação entre secularização e movimentos religiosos em uma mesma sociedade – assunto que pode ser igualmente refletido por Hervieu-Léger (2008) e Berger (2017).

[...] o processo de dessecularização coexiste com o processo de secularização, isto é, mantém-se a emancipação de diversas instituições da tutela religiosa, *ao mesmo tempo* em que as crenças e as práticas herdadas coexistem e interpenetram-se com novas crenças e movimentos religiosos, criando uma situação inédita, pois nem se trata de um simples retorno religioso do passado, tampouco de uma dissolução da secularização. (ZEPEDA, 2010, p. 136, grifo meu).

A compreensão do cabo é de que “não existe política sem Deus”, como afirmou em nossa entrevista. O seu lugar de vivenciar a fé é como profeta enquanto político profissional. Essa postura manifesta o que observou Gehlen (1988), isto é, após a saída de uma instituição, pode-se levar consigo determinados conteúdos (programas de comportamento) para vivenciá-los em outra esfera da vida e de maneira ressignificada. Assim, a política passa a ser o ofício por meio do qual Daciolo pretende legitimar sua teodiceia e exercer sua dominação carismática.

b) *A família como elemento moral-religioso*

Garcia é apresentado como um “homem que respeita sua casa, seu lar, sua família”. Casa, lar e família são sinônimos nesta descrição. Para Daciolo, a família foi um marco em sua conversão, uma vez que se dizia “mulherengo” e sua esposa e filhos seriam “resposta de oração”. Quando preso, orou: “Mostra que o Senhor tá comigo aqui porque pra mim tá doendo. Sempre pedi família e o Senhor me deu uma família maravilhosa e agora eu tô longe dela” (informação verbal)⁸⁸.

Era comum que o fator *família* em grupos reunidos por um líder carismático estivesse acompanhado por “[...] uma intolerância pela formação de casais”, em que a “[...] desvalorização e quebra de qualquer ligação dialética mais intensa, enquanto se concentram os desejos sexuais sobre o líder, que desperta poderosos sentimentos de fusão com o grupo” (LINDHOLM, 1993, p. 216). E por que tudo isso? As missões sagradas eram carregadas de

⁸⁸ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

um processo de doutrinação e sua participação se fundamentava na “[...] desvalorização do eu, corroendo todos os valores tradicionais e imprimindo nos recrutas o sentimento do seu grande objetivo” (LINDHOLM, 1993, p. 136).

Por meio da teoria freudiana, Lindholm (1993, p. 216) observou que a saída da comunidade carismática por causa de um amor romântico era o que se entendia por “volta gradual da sanidade”. Contudo, ao olharmos para a trajetória de Daciolo, destacamos a ausência de um discurso que contrarie a forma tradicional de família. Isso pode ser explicado por dois motivos: a) pelo não isolamento de um grupo dentro de uma configuração social e b) pela influência da teologia pentecostal que valoriza, em sua grande maioria, o conservadorismo do quadro familiar. O discurso do ator carismático em tela – que possui axiomas teológicos inclusive para a esfera pública – reforçará a defesa pela família, sobretudo, no período de seu mandato parlamentar.

Durante a entrevista, Daciolo disse ter o “costume de fazer um café, pão e levar para as pessoas que estão na rua e bater um papo com eles lá” (informação verbal)⁸⁹. “Café” e “pão” são os mesmos elementos que utilizou para descrever as ações de Garcia, a quem considera ser “cheio de Deus”. E continua: “Tá cheio de desviado lá. Tá cheio. O cenário ‘rua’ não é garotos drogados. Ali, eu tenho *chefes de família*, eu tenho *famílias*, eu tenho senhor e senhora. A humanidade tá passando por ali, meu irmão, e não tá nem aí” (informação verbal)⁹⁰. Daciolo se identifica com o próprio modelo de alguém que está fora da igreja e “cheio de Deus”, embora creia, diferentemente de Garcia, que Deus é o que dá pão e café às famílias e que respeita a sua “maravilhosa família” – o tema da “família tradicional” fará parte de sua pauta política. Esta forma de enxergar o indivíduo “cheio de Deus” fora da igreja (enquanto instituição) não encontra concordância nessa estrutura conservadora religiosa.

Retomando a declaração de Cristiane, Daciolo não se filiou a partidos políticos até 2014, mas, fez-se presente em reuniões, assembleias e outros encontros promovidos por partidos e movimentos ligados a legendas de esquerda. Três ocasiões demonstram sua participação como líder de movimento, em que o discurso religioso dialoga com a política.

O primeiro que destaque ocorreu logo após a anistia recebida pela sua prisão. Foi em junho de 2011, no Congresso da Assembleia Nacional dos Estudantes Livres (ANEL)⁹¹.

⁸⁹ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

⁹⁰ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

⁹¹ Para o PSTU, a União Nacional dos Estudantes (UNE) “[...] desarticulou as mobilizações e desconstruiu os princípios do movimento, educando gerações de ativistas com métodos degenerados e despolitizados”. E continua, “A experiência negativa com a UNE fez milhares de jovens abandonarem a militância estudantil e outros tantos mil não reconhecerem a importância da organização dos estudantes de todo o país” (CRUZ, 2013, n. p.).

Fundada em 2009, a ANEL incentivava o projeto de serem um instrumento de luta da juventude, “[...] plural e independente, com o objetivo de organizar uma parcela dos estudantes para enfrentar os governos do PT e da direita, os empresários, as reitorias e diretorias de escola” (CRUZ, 2013, n. p.). Daciolo representou o movimento dos bombeiros no evento e agradeceu a “[...] solidariedade ativa prestada pela ANEL na campanha pela libertação dos grevistas presos durante toda a mobilização da categoria” (CONGRESSO..., 2011, n. p.).

FIGURA 6 – CABO DACIOLO NO CONGRESSO DA ANEL, DE 23 A 26 DE JUNHO DE 2011. NA CAMISA SE LÊ, “SAIA DO ARMÁRIO E VÁ AONDE QUISER”



FONTE: CRUZ (2012b).

Sua participação neste evento abre espaço, inclusive, para outras interpretações sobre como se adequa a determinados meios, a fim de ter atenção da plateia. Em primeiro lugar, nota-se uma concessão ao discurso de família tradicional. Como se vê na Figura 6, Daciolo usa uma camisa da ANEL, com o mapa do Brasil trazendo as cores da bandeira de luta do movimento LGBTQIA+ e uma frase estampada remetendo ao mesmo movimento: “Saia do armário e vá aonde quiser”. A expressão é uma espécie de convite às pessoas da comunidade LGBTQIA+ a se assumirem e a firmarem suas identidades na sociedade. Em segundo lugar, parte de seu discurso militar é alterado para valorizar a luta dos estudantes.

Existe algo que nós dizemos sempre na nossa corporação. Nós dizemos assim, ó: “Quem é, quem é?”, e nós falamos: “É o bombeiro no local!”. Só que aqui, hoje, é o estudante no local [estudantes aplaudem e ovacionam] O estudante no local! *Pega isso aí, ó... segura!, segura, ó!* “Quem é, quem é?” [alunos e demais presentes

respondem:] “É o estudante no local!”. “Quem é, quem é?” [*idem*] “É o estudante no local!” (1º CONGRESSO..., 2011, n. p., grifo meu).

“Pega isso aí, ó... segura!, segura, ó!” não é uma *ordem* de estilo militar. Somada à maneira ofegante – e, em outros casos, marcado pelo transe religioso –, a frase é encontrada em ambientes pentecostais e utilizada como entrega de profecia religiosa⁹². “Maneira”, em termos goffmanianos, “[...] são os estímulos que funcionam no momento para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima” (GOFFMAN, 2014, p. 36). O autor, assim, espera coerência entre o ambiente e maneira de interagir. Daciolo rompe com os limites do ambiente e utiliza a maneira religiosa/pentecostal de falar.

A segunda ocasião em que os dois se encontra é quando Garcia convida Daciolo para o lançamento do livro “Karl Marx: a história de sua vida”, de Franz Mehring (2013)⁹³. O evento foi promovido pelo PSTU. Durante nossa entrevista, Daciolo comenta o convite. Como resposta a Garcia, se utilizada expressão (com tom religioso) “meu irmão”: “*meu irmão*, vou com maior prazer”. O encontro foi registrado e o cabo posou com o livro na mão junto com Garcia (Figura 7), que disse, em outra entrevista, ser “forçação de barra” considerar Daciolo um marxista (PROJETO COMPROVA, 2018, n. p.). O uso do punho cerrado é característico de cabo Daciolo em diversos registros fotográficos. Após a entrevista que me concedeu, inclusive, registrei nosso encontro com uma fotografia e Daciolo cerrou o punho (Figura 8). Não foram poucos os momentos em que, durante aparições em vídeos nas redes sociais, entrevistas e discursos políticos, o punho cerrado é acompanhado da frase “Glória! Glória!” ou “Glória a Deux!”.

⁹² Por exemplo: “Segura [ou: pega; receba; acredite] essa profecia; é para você!”. Após o anúncio, revela qual seria a profecia (que pode ser dada tanto para a coletividade quanto para uma pessoa em especial) e, por vezes, seguida pelo uso da glossolalia, isto é, a utilização de línguas desconhecidas em transe religioso. Através de diário de campo, pude registrar o uso das expressões em diferentes igrejas pentecostais. Não encontrei registros em artigos ou livros que descrevessem tais expressões durante pregações, mas, exemplos podem ser encontradas em vídeos de cultos pentecostais, como em: Pregação... (2018); O fenômeno... (2013) e no vídeo disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=oz6K377_d8g>. Acesso em: 05 fev. 2020. O próprio cabo Daciolo, quando esteve pregando em igrejas pentecostais, também utilizou desse recurso (cf. ASSEMBLEIA..., 2013; DEP. CABO DACIOLO, 2016; PREGAÇÃO PASTOR..., 2017):.

⁹³ Mehring foi um comunista alemão e político socialista revolucionário, além de ter sido membro sênior do Partido Social-Democrata durante a Revolução Alemã de 1918-1919, ano de sua morte.

FIGURA 7 – CYRO GARCIA E CABO DACIOLO DURANTE O LANÇAMENTO DA BIOGRAFIA DE KARL MARX, EM 15 DE AGOSTO DE 2013



FONTE: RESENDE (2018).

FIGURA 8 – NELSON LELLIS E CABO DACIOLO NA RECEPÇÃO DO PRÉDIO DE SEU APARTAMENTO APÓS A ENTREVISTA



FONTE: O autor (2019).

O cabo descreveu sua participação no lançamento do livro sobre Marx da seguinte maneira:

E aí, pô, pra honra e glória do Senhor Jesus, me deram a palavra. Eles me deram a palavra. Eu fui lá e me deram a palavra. Então *eles tiveram que me ver com a bíblia e com o livro* [sobre Marx]⁹⁴. E eu preguei pra todos eles. Naquele dia eu disse... se nós pudermos fazer uma retrospectiva, nós vamos ter, *se tiver um vídeo, todos vão ter que contemplar o Daciolo lá na frente pregando pra um grupo de militantes do PSTU sobre Jesus Cristo*. Perguntei pra eles: “você sabem quem foi o avô de Karl Marx? Você sabem quem foi Karl Marx? Karl Marx... ele vem de uma estrutura com conhecimentos bíblicos, vem de um rabino. Um rabino era o avô de Karl Marx. O pai dele começou a caminhar aceitando Jesus Cristo. Karl Marx, em determinado momento, desviou. Ele só precisa conhecer Jesus”. Preguei pra todo mundo e graças a Deus... [...] e se me convidar pra ir, eu vou de novo (informação verbal, grifos meus)⁹⁵.

Como se vê, no mesmo evento, promovido pelo PSTU, Daciolo interpreta a história do personagem alemão a partir da plataforma religiosa. Seu objetivo não era apenas discursivo, mas também visual: “*eles tiveram que me ver com a bíblia e com o livro*”; “[...] se tiver um vídeo, *todos vão ter que contemplar o Daciolo lá na frente pregando pra um grupo de militantes do PSTU sobre Jesus Cristo*”.

Weber, ao estudar a figura do profeta emissário no Antigo Testamento, destaca que adereços e quaisquer outras ferramentas ligadas ao corpo do profeta, são elementos imagéticos que fazem parte da mensagem (WEBER, 2019). Seu testemunho, além de discursivo, é físico, passa pelo seu corpo em si ou no uso de adereços e outros objetos. Weber (2019) destaca o profeta Isaías, que andou nu pela cidade. Tal ação tinha a finalidade de denunciar a nudez espiritual de Israel perante a divindade. O povo estava envergonhado. O profeta Jeremias andou com um cinto podre, denunciando, com este objeto, que o povo de Israel estava cercado de humilhação e desonra social e perante o seu Deus. Daciolo utilizará a bíblia como objeto presente em seus discursos no plenário da Câmara não apenas para realizar leituras sagradas e reinterpretar profecias, mas, como forma de identificação.

A bíblia e o livro são os símbolos imagéticos que Daciolo carrega diante dos “militantes do PSTU” também será utilizada no momento em que for deputado, afinal, ele subia ao plenário da Câmara com a bíblia. Como será visto no capítulo 3 desta tese, no período em que Daciolo esteve como parlamentar, chegou a “raspar a cabeça” para servir como protesto a fim de que a fosfoetanolamina fosse liberada para os pacientes com tratamento de câncer⁹⁶. A importância não está no conjunto dos livros, pois certamente “o livro” estaria consigo. Entretanto, seu destaque é dado à bíblia. Poderíamos dizer que qualquer cristão pode ser visto carregando uma bíblia. Todavia, o que destaque é o seu uso não

⁹⁴ Após Daciolo ter vencido as eleições, como se verá ainda nesta tese, um correligionário testemunhou ter visto um livro do Marx e uma Bíblia na mochila do deputado Daciolo. Não podemos afirmar, mas poderia ser este livro do lançamento.

⁹⁵ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

⁹⁶ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em: 03/02/2016; sessão: 001.2.55.O; fase: PE.

meramente ritualístico em culto ou estar acompanhado do livro sagrado enquanto caminha pela rua, mas sim, da imagem em conjunto produzida no cenário não religioso.

Daciolo quis ser visto com a bíblia e seu interesse era que outros ausentes pudessem “contemplá-lo” pregando no evento. A expressão “contemplar” é muito utilizada na bíblia e tem o mesmo significado de “ver algo maravilhoso da parte de Deus” ou “do próprio Deus”. A definição do termo *chazah*, em hebraico, é olhar para; mentalmente, perceber, contemplar (com prazer); especificamente, ter uma visão de: eis, veja, profetize, prove. Pode ser encontrado em textos bíblicos, como em Êxodo 18,21, Números 24,4, Jó 23,9, Salmo 46, 8. Portanto, este ator realiza, segundo sua percepção, um feito sagrado diante dos “militantes do PSTU” e seu interesse é que assim seja reconhecido⁹⁷.

Fazendo referência a esse contexto, pergunto a cabo Daciolo se Jesus, em sua concepção, poderia ser chamado de comunista e, abruptamente, fui chamado a atenção quanto à comparação: “Meu irmão, não fala isso. Não! Não fala isso!”. E continuou:

Isso aí... “comunista”, “socialista”... “capitalista”... isso aí é tudo criado pelo homem, varão, pra dividir. Esquerda e direita... isso tudo é amiguinho, cara. Isso aí você faz grupinhos. Isso aí você vai ter grupinhos... grupinhos. Ô, eu vou falar uma coisa: quando o povo despertar, eu queria ter uma camerazinha pra entrar em todas as reuniões pra vocês poderem todo mundo visualizar... grupinho de esquerda e direita tá todo mundo tomando cafezinho enquanto o povo tá se digladiando, se matando. *Para! Jesus é amor, meu irmão. Você considera Jesus como amor, aí a gente começa a conversar* (informação verbal, grifos meus)⁹⁸.

Diante das afirmações acima, a figura de Jesus não caberia em classificações ideológico-partidárias. Jesus é descrito pela sua autonomia – característica que Daciolo parece seguir e, em sua relação com a política, instrumentalizar como personalização. O cabo assume o atributo do “amor” que, durante nossa entrevista, terá seu desdobramento em “amor ao próximo”. Este é um aspecto em que Daciolo se distancia da narrativa apresentada no cenário das eleições de 2010. Isto é, para ele, não se trata de adequar a religião a determinado partido ou personagem político relacionado com a direita (ou esquerda). Assim como Jesus, Daciolo não se enquadra em performances religiosas institucionais nem se inclina a obediência de regras estatutárias de partidos. Ele pretende certa autonomia, como Chico Alencar declarará a seu respeito.

⁹⁷ No capítulo 3 veremos como a bíblia é transformada/operacionalizada em elemento político durante os discursos deste personagem.

⁹⁸ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

Nestes breves encontros com o PSTU, Daciolo se mostrou próximo das ideias marcadas pelo estatuto do partido⁹⁹, sobretudo, no que se refere ao interesse por classes, direito das minorias e justiça social. E no encontro da ANEL, embora não tenha mencionado *no discurso* o seu apoio, utilizou a camisa pela luta da comunidade LGBTQIA+. Levando em consideração que a imagem também carrega informações, o uso da camisa não expressa as convicções religiosas do cabo, mas seria a maneira encontrada pelo cabo para melhor interagir com um público militante. O aparente apoio à comunidade LGBTQIA+ não se repetiu em sua trajetória até onde acompanhei.

2.1.2 Daciolo e o PSOL: pensando desinstitucionalização na relação com o PSOL [de Cristo]

Daciolo se filiou ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) em 2013. A partir de então, participou de assembleias, congressos e outros eventos do partido. Em vídeo publicado no YouTube, no ano de 2018¹⁰⁰, o cabo diz que iniciou sua vida na política no ano de 2011 – cujo processo de engajamento (carisma), como vimos, emerge de uma revelação¹⁰¹ –, na luta por “direito de classe” através do movimento SOS Bombeiros. Porém, ele mesmo não pode ser classificado como “de direita ou de esquerda”, e sim, como um cristão que “obedece o que Deus manda”. No mesmo vídeo, um internauta insiste e pergunta se faria sentido ser reconhecido como um “socialista”. Daciolo nega a possibilidade, mas, enfatiza sua defesa quanto a uma “sociedade livre de desigualdade”.

Durante o *Acampamento Internacional de la Juventud – Anti Imperialista y Anticapitalista*, que ocorreu em 29 de março de 2013, em Bueno Aires (Argentina), usando uma camisa vermelha do movimento SOS Bombeiros, Daciolo discursou para grupos do Movimento de Esquerda Socialista (MES). Como discursou:

Senhores, primeiro eu gostaria de *agradecer a Deus* por estar aqui hoje e dizer a todos que eu faço parte do PSOL e eu faço parte do grupo JUNTOS¹⁰² [aplausos]. [...]. Eu preciso dizer que o meu país, que vai sediar a Copa do Mundo... o meu país, ele tem líderes, governantes que estão atolados na corrupção, que estão matando o nosso povo, que estão matando a saúde, a educação, o pobre, e que... marginaliza todos os movimentos sociais que tentam lutar por dignidade. Eu sou bombeiro militar do estado do Rio de Janeiro, nós temos o pior salário do país, e viemos numa

⁹⁹ Disponível em: <<http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tse-estatuto-do-pstu-aprovado-em-11-9-2014>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JoosFEJGils>>. Acesso em: 6 fev. 2020.

¹⁰¹ Cf. Sell (2013a, p. 31).

¹⁰² JUNTOS é um coletivo nacional de juventude. O coletivo se organiza a partir de redes sociais e do próprio site do movimento, que pode ser acessado pelo link: <<https://juntos.org.br/>>. Acesso em: 6 fev. 2020.

luta mansa, pacífica e ordeira. [...] Hoje eu venho aqui notificar a todos os países e levar a todos que no estado do Rio de Janeiro nós temos um governador ditador que chama os professores de “vagabundos”, os médicos de “preguiçosos” e os bombeiros de “vândalos”. [...] É necessário o “Fora, Cabral! Fora, Cabral” [aplausos do público]. [...] Hoje, os parlamentares que deveriam representar o nosso povo, na verdade representam os empresários e as construtoras [aplausos do público]. [...] E eu termino a minha fala agradecendo a todos os que aqui estão e podendo colocar o grito de guerra que eu aprendi com os argentinos hoje aqui: “Me parece que o socialismo cresce” [aplausos do público]. [Eufórico:] “*Me parece que o socialismo cresce!*”. *Ô, glória a Deus!* “*Me parece que o socialismo cresce!*” *Isso é bom! Isso é maravilhoso! Isso é maravilhoso! Glória!* [...] Eu queria só mais um grito: “Alerta!” [público responde:] “Alerta!”. *Glória a Deus!* [...] *Deus está no controle!* Amo vocês! (SOCIALISMO..., 2019, n. p.).

Cristiane Daciolo disse que não havia envolvimento de seu marido com nenhum partido à época das manifestações. Conforme o vídeo anunciado nesta seção, o cabo informa que sua participação política (e não partidária) inicia justamente na época do movimento e das greves. O mesmo não associa suas atividades como líder do SOS Bombeiros a partidos, mas, recupera o slogan “Fora, Cabral!” durante o evento do MES. Embora não estivesse ligado profissionalmente à política, assume que sua postura, já no movimento dos bombeiros – que ele chamará também de “luta por um movimento social” e “luta por um movimento de classe” (informação verbal)¹⁰³ –, é de enfrentamento e envolvimento político. Essa declaração ajudaria a entender sua inclinação para o que viria. Ou seja, sua candidatura como deputado federal.

Na citação acima, algumas indicações acerca de sua percepção política – seguida da expressão de fé “Glória a Deus” – tornam mais evidentes sua atividade e suas intenções enquanto líder do movimento SOS Bombeiros. A seguir, portanto, tecerei algumas análises sobre essas indicações. A primeira indicação é sua percepção em relação a *Copa do Mundo*, sediada pelo Brasil no ano de 2014. Curiosamente, no relatório do Plano Plurianual 2012-2015, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que realizou um mapeamento tanto da gestão quanto do plano estratégico para a cidade do Rio no período, observou-se um acréscimo de investimentos e de infraestrutura por causa da Copa e das Olimpíadas – o que possibilitaria, inclusive, melhorias para o CBMERJ. O que Daciolo chamou de “momento próspero”. Contudo, a corrupção foi um dado que, segundo o cabo, impediu que a corporação fosse contemplada nos termos de seus maiores interesses.

A segunda indicação em sua fala está ligada à *corrupção*. Líderes e governantes são responsabilizados por matarem o “povo”, a “saúde”, a “educação”, o “pobre” e marginalizar “movimentos sociais que tentam lutar por dignidade” – ao contrário da narrativa religiosa na

¹⁰³ Extraído de vídeo publicado no Youtube, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JoosFEJGils>>. Acesso em: 6 fev. 2020.

época das eleições de 2010, cujas pautas supracitadas inexistiam. Daciolo descreveu o objetivo do SOS Bombeiros da seguinte maneira: “Em 2011 começa o movimento dos bombeiros *em busca de dignidade*”. Foi a “indignidade” moral dos políticos que impossibilitou o acordo entre o movimento social e o governo. O cabo posiciona os políticos brasileiros em um estágio de precariedade moral e de indignidade, responsabilizando-os por destratarem profissionais da educação, da saúde, além de serem causadores do mal da população e da falta de progresso nos setores de assistência pública (saúde, educação, segurança, dentre outros). Note que a crítica sobre a precariedade moral não está relacionada com os temas morais defendidos por líderes de igrejas durante as eleições de 2010.

O ataque político não é apenas um protesto contra um governo (“Fora, Cabral!”), mas, também serve para minar suas chances de vencer novas eleições abrindo espaço para aquele ou aquela que, no jogo político, manifestou-se pronto para assumir determinado cargo (PRZEWORSKI, 1994). Além disso, serve para demonstrar que na relação de domínio carismático, o profeta está em constante oposição e não aceita concorrência (SELL, 2018). Em relação ao cenário das eleições, Daciolo declarou durante a nossa entrevista: “E *eu tô pronto* pra lutar agora [...] em prol do próximo, levando a Palavra de amor” (informação verbal)¹⁰⁴. Embora Daciolo não tenha se candidatado a governador do estado do Rio, seu interesse era continuar a luta no Congresso Nacional como parlamentar. Torna-se importante destacar que durante as entrevistas com bombeiros militares para esta pesquisa, o sargento Misael¹⁰⁵ informou que o objetivo do grupo era que Daciolo se candidatasse a governador do estado nas eleições de 2016, o que não ocorreu, causando, inclusive, divisão entre aqueles que o apoiavam.

A terceira indicação é sua crítica quanto a *não representação política do “povo”*, mas, sim dos interesses de empresários e construtoras. A busca pelo distanciamento das instituições é uma marca do profeta emissário. Em termos weberianos, submeter-se aos estatutos do capital ou daquilo que tem potencial de oprimir o povo, desclassificaria o profeta “verdadeiro”. O profeta deve se manter livre para se ocupar em sua missão sagrada (WEBER, 2019).

A última indicação é a *conexão entre “socialismo” e fé* concebida por Daciolo. Ao dizer com euforia “Me parece que o socialismo cresce!” e, em seguida, com o punho cerrado, concluir com o “Glória a Deus” em agradecimento pelo crescimento do socialismo (que é “maravilhoso!”), o cabo sugere uma aparente ligação entre os ideais do socialismo, o que ele

¹⁰⁴ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹⁰⁵ Por questões éticas, o nome verdadeiro foi alterado por um fictício.

mesmo chamou em outra ocasião de “sociedade livre de desigualdade”, e os ideais de sua espiritualidade – fundamentada pelo “amor ao próximo”.

Filiado ao PSOL, um partido que carrega o socialismo em sua sigla, Daciolo buscará manter sua retórica política de denúncias e de assistência ao “próximo” / “povo” legitimada pela inclinação religiosa, ainda que se distanciando de determinadas orientações do partido (votações, discursos) ou de instituições religiosas (dogmatismo religioso). Resta-nos saber até que ponto a sua postura religiosa permitirá que seu exercício político perdure ou se é, justamente essa postura, que manterá sua imagem com a população.

Para o ex-deputado federal pelo PSOL (RJ), Chico Alencar:

A filiação do cabo Benevenuto Daciolo ao PSOL não teve nada a ver com a sua fé religiosa, como nenhuma filiação. A gente respeita, no PSOL, todas as opções religiosas de cada pessoa que se aproxime do partido. O partido defende o Estado laico, que é aquele que pode assegurar, inclusive, o pluralismo religioso. A gente não quer um Estado teocrático, nem um Estado religioso, nem um Estado que reze ou ore, mas que respeite o direito de cada pessoa rezar ou orar. Muito bem... ou praticar os seus cultos, inclusive os mais discriminados até hoje que são os de origem afro... muito perseguidos até aqui no Brasil. Mas o Daciolo entrou por ser um grande líder de um movimento social muito expressivo dos bombeiros (informação verbal, grifos meus)¹⁰⁶.

Alencar, colega parlamentar de Daciolo e líder do partido na Câmara, foi reeleito para a Câmara dos Deputados juntamente com outro nome, Jean Wyllys – cuja bandeira eram as causas do movimento LGBTQIA+, do qual, ele mesmo faz parte.

Alencar desconsidera a fé de Daciolo como elemento norteador para que o partido o tivesse aceitado em seu quadro. O PSOL defende o Estado laico, não “teocrático”, como julgou a intenção do cabo durante sua atividade parlamentar. A razão pela qual o partido mostrou interesse em Daciolo foi por ele “ser um grande líder de um movimento social muito expressivo dos bombeiros”. Portanto, é seu engajamento na luta em um movimento social – cujas pautas o cabo defendeu durante sua participação no *Acampamento Internacional de la Juventud – Anti Imperialista y Anticapitalista* –, igualmente enfatizado nas palavras de Cyro Garcia na seção anterior, que marca sua consonância com o partido.

Daciolo, neste caso, seria para o PSOL o que Charaudeau (2017) chamou de “militante” como “cartão de visita de um partido”, cujas características podem ser identificadas como aquele que

[...] sai à rua, vai às manifestações, [...] participa dos grandes protestos, assume determinada identidade discursiva feita de paixão em função de suas declarações, de suas sentenças peremptórias a favor ou contra ideias ou pessoas, julgamentos

¹⁰⁶ Entrevista concedida por Chico Alencar, em 8 de setembro de 2019, por telefone. O áudio desta entrevista se encontra registrado no banco de dados deste pesquisador.

performativos na medida em que o militante deve crer [...] (CHARAUDEAU, 2017, p. 272).

Alencar entende que religião e política “se interpenetram”. Criado no interior da tradição católica, assim se posicionou sobre essa relação: “Eu tô com Mahatma Gandhi que dizia que aqueles que consideram que religião não tem nada a ver com política, não entendem nada nem de uma nem de outra” (informação verbal, grifos meus)¹⁰⁷. Todavia, Alencar considera que o vetor religioso na política não deve assumir “forma fundamentalista” que descredencia outras expressões de fé e que busca homogeneizar o discurso confessional.

Daciolose apresenta como alguém que preza pela manifestação nas ruas, por direitos dos pobres, igualdade social e busca criticar o envolvimento de políticos com empreiteiras, empresários e banqueiros – pautas prevalentes na plataforma de partidos de esquerda (MACIEL, ALARCON, GIMENES, 2017; TAROUÇO, MADEIRA, 2015). Durante análise de seus discursos políticos, veremos que, embora Daciolo carregue características progressistas, mostrar-se-á conservador quanto aos valores sociais (temas morais) por causa da esteira religiosa. Sem querer dizer com isso, que todo o pensamento que advém da religião seja conservador em relação ao comportamento social. Todavia, no caso de nosso personagem, as informações analisadas confluem para tal aspecto.

Boltanski e Chiapello (2009) destacam que é comum determinados religiosos (na política ou não) serem “progressistas” em assuntos ligados a determinados *grupos minoritários*, e “conservadores” quanto ao *comportamento social*. Almeida (2019) também destaca que, no Brasil, é preciso fazer a distinção, perguntando sobre qual tema o ator é conservador e em qual plano de comparação. Por outro lado, Burity (2018) entende que a complexidade do quadro político-religioso brasileiro não pode ser reduzida a determinadas categorias, como “fundamentalismo”, “conservadorismo” ou “fascismo”, pois há um jogo político que se pretende mostrar “tolerante”, ainda que não seja neutro.

Adotando a teoria de Boltanski e Chiapello (2009), o percurso de nosso personagem, por exemplo, demonstra de um lado sua aceitação e apoio às cotas, ao Programa Bolsa Família e demais programas sociais, e, de outro, suas reservas em relação às pautas defendidas pela comunidade LGBTQIA+.

Panotto (2020), analisando o contexto latino-americano, observará grupos e indivíduos evangélicos que se classificam como progressistas, que, ao mesmo tempo, “[...] não estão completamente de acordo com a descriminalização do aborto” (PANOTTO, 2020,

¹⁰⁷ Entrevista concedida por Chico Alencar, em 8 de setembro de 2019, por telefone.

p. 14). Esse desafio em classificar sujeitos a determinadas ideologias também foi estudado no Brasil por Rocha (2020).

Como analisa o sociólogo:

Um dos grandes desafios dos estudos empíricos é identificar se, e em que medida, o comportamento das pessoas na arena pública é orientado por ideologias políticas, muito especialmente pelo espectro ideológico da esquerda (apoio à intervenção do estado na economia para fins redistributivos e regulatórios e progressismo nas agendas morais) à direita (defesa da mínima regulação dos mercados e conservadorismo nas agendas morais). [...] Diante disso, pesquisadores da área discutem não apenas a extensão em que as pessoas aderem a ideologias, mas também os próprios mecanismos pelos quais as ideologias operam. (ROCHA, 2020, p. 86-87).

À época das manifestações de 2011, no tocante aos discursos religiosos de cabo Daciolo, seus interlocutores não se opuseram. Não havia ainda a presença de temas sobre moralidade, exceto sobre a corrupção, que estava atrelada à crítica político-religiosa. Daciolo demonstrara o mesmo tom carismático durante a campanha política. Como disse em 2014, “Só não chegarei ao Palácio Guanabara se não for obediente a Deus, que já traçou meus caminhos. Tenho que ser fiel a Ele e tudo vou conquistar” (ANTUNES, 2014, n. p.).

Nas eleições de 2014, fora eleito no estado do Rio de Janeiro como deputado federal pelo PSOL com 49.831 votos – quando a previsão do partido era de 12 mil. Poderíamos até pensar em Daciolo como um *outsider*, porém, sua trajetória política ascendente, a contar de 2011, permite-nos apontá-lo como um rico personagem, resultado do efeito-efeito colateral de uma atual metamorfose pela qual passa a democracia representativa no Brasil. Além disso, a plateia mudou. Sua tradição pentecostal de se pronunciar – adquirida na Assembleia de Deus – unida à maneira militar de se expressar, tornou peculiar o modo de conduzir seu discurso político, com forte conotação religiosa.

No plenário da Câmara, entre 2015 a 2018, cabo Daciolo realizou 223 discursos, em que a bíblia foi objeto sempre presente, além do uso de expressões que unem as esferas militar e religiosa, usados para fechá-los. “Juntos somos fortes”; “Nem um passo daremos atrás”; “Deus está no controle” foram frases recorrentemente utilizadas pelo então deputado.

Assumindo a representação de “profeta de Deus” no Congresso, Daciolo se aproximou cada vez mais das características do profeta emissário, que tende à ascese em sua atuação no mundo. Assim, ele deixou sua marca como o deputado que sobe à tribuna com a bíblia proferindo discursos por vezes intercalados com *línguas estranhas*¹⁰⁸, como o uso das

¹⁰⁸ A glossolalia é uma prática mais comum entre adeptos de movimentos pentecostais e neopentecostais, bem como no carismatismo católico. Nas palavras de Mariano (2005, p. 129), “[...] o falar em línguas estranhas, a glossolalia, como evidência do batismo no Espírito Santo, desde o início constituiu o elemento distintivo da

expressões “*Shanarae manra*” e “*Nara manara shanarae!*”, utilizadas por ele no plenário da Câmara (informação verbal)¹⁰⁹. Dentre todas as suas participações nesse contexto, dois casos serviram de alerta para o partido.

O primeiro deles quando Daciolo afirmou que lutaria pela libertação dos doze PM’s responsáveis por torturar e matar o pedreiro Amarildo de Souza, na favela da Rocinha, na cidade do Rio. Além disso, sua proximidade com o deputado federal Jair Messias Bolsonaro, representante das pautas da extrema direita, provocou outros desconfortos. Curiosamente, à época em que os deputados foram diplomados pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), o cabo estava reunido com a bancada do PSOL, que realizava uma manifestação condenando a violência contra a mulher—manifestação essa que tinha como pano de fundo a declaração de Bolsonaro de que não estupraria a deputada federal Maria do Rosário (PT-RS) porque ela “não merecia”¹¹⁰. O deputado Bolsonaro classificou a manifestação dos psolistas como “palhaçada” (PAIVA, 2014, n. p.). Após participar dessa manifestação, Daciolo junto com sua esposa, procurou Bolsonaro e registrou o encontro com uma foto.

doutrina pentecostal em relação ao movimento *Holiness* de fins de século XIX, do qual o pentecostalismo herdou as principais crenças, práticas culturais e tabus comportamentais. Alguns antropólogos classificam tal experiência extática como *transe de inspiração* [...]. Distinguem-na dos fenômenos extáticos da umbanda e do candomblé, os quais classificam como *trances de possessão*. Embora as possessões demoníacas (que se encaixam na última classificação) não constituam novidade nos meios cristãos e pentecostais, com o surgimento das neopentecostais, essas manifestações, dadas sua frequência e relevância, adquiriram nova dimensão. Em matéria de manifestação extática, já não se pode mais dizer que a marca distintiva de certos segmentos neopentecostais seja a glossolalia, mas sim o transe de possessão”.

¹⁰⁹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 31 de maio de 2017; sessão nº 140.355.O; fase: breves comunicações. A propósito, os discursos religiosos no ambiente político têm gerado, em diferentes áreas, inúmeros debates em relação ao lugar da religião frente ao Estado laico, de suas possibilidades e limites na participação na esfera pública, do decoro diante da pluralidade de confissões religiosas ou não etc. Para saber mais sobre esse debate, cf. Burity (1997), Giumbelli (2002); Leite (2014) e Silveira e Moraes Jr. (2015)

¹¹⁰ O evento tratado por mim em um ensaio (cf. LELLIS, 2018, p. 116-117).

FIGURA 9 - JAIR BOLSONARO, DACIOLO, SUA ESPOSA CRISTIANE E FLÁVIO BOLSONARO, APÓS DIPLOMAÇÃO DOS DEPUTADOS ELEITOS, EM 15 DE DEZEMBRO DE 2014, NA ALERJ



FONTE: PAIVA (2014).

Na fotografia, vê-se Daciolo – com o costumeiro punho cerrado – e sua esposa ao lado do deputado estadual Flávio Bolsonaro do Partido Progressistas, filho do, à época, deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ), também presente no registro. Em sua rede social, o cabo se defendeu:

Me reservo o direito de não trazer para minha ação política o debate que hoje mobiliza setores do meu partido, o PSOL e o deputado Jair Bolsonaro. Não fui chamado pelo PSOL e por nenhum outro setor a debater e preparar campanha pela cassação do mandato do deputado Bolsonaro. Se isso tivesse ocorrido, mesmo achando as posições deste erradas, não concordaria. Acho a tática equivocada, inclusive eleitoreira¹¹¹.

A segunda participação de Daciolo que mais gerou polêmica enquanto esteve filiado ao PSOL se refere à proposição pelo deputado de uma Proposta de Emenda à Constituição de teor confessional, o que seria inadequado para o PSOL tendo em vista que um dos objetivos do partido cravado em seu estatuto, no Art. 5º, é

[...] desenvolver ações com o objetivo de organizar e construir, junto com os trabalhadores do campo e da cidade, de todos os setores explorados, excluídos e oprimidos, bem como os estudantes, os pequenos produtores rurais e urbanos, a clareza acerca da necessidade histórica da construção de uma sociedade socialista, com ampla democracia para os trabalhadores, que assegure a *liberdade de expressão política, cultural, artística, racial, sexual e religiosa*, tal como está expressado no programa partidário (PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE [PSOL], 2010, n. p., grifo meu).

¹¹¹ Extraído da página do Facebook do deputado. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/deputadocobodaciolo/posts/?ref=page_internal>. Acesso em: 7 fev. 2020.

No capítulo III do Estatuto, em que são mencionadas disciplina e fidelidade partidárias, o Art. 21 alerta que “[...] o parlamentar poderá ser dispensado do cumprimento de decisão coletiva, diante de graves objeções de natureza ética, filosófica ou *religiosa*, ou de foro íntimo” (PSOL, 2010, n. p., grifo meu). Por outro lado, o mesmo documento, no capítulo XIII, Art. 90, explicita a liberdade de expressão religiosa, em que se possa assegurar “[...] a liberdade de expressão política, artística, racial, sexual e religiosa, tal como expresso no programa e no Art. 6º deste Estatuto” (ibidem).

O caso ocorreu em 2015, Quando Daciolo apresentou a PEC 12/2015, conhecida como a “PEC dos Apóstolos” (cf. ANEXO D), em que propunha uma emenda constitucional para alteração do art. 1º, parágrafo único da Constituição Federal de 1988, que diz: “Todo o poder emana do *povo*” (BRASIL, 1988, n. p., grifo meu). A emenda aventava que “todo o poder emana *de Deus*” (BRASIL, 2015a, n. p., grifo meu).

O deputado federal questionou retoricamente na PEC: “Que mal há expressar explicitamente na Carta Magna que todo o poder emana de Deus? E que bem há nessa afirmação?”. Respondeu a esta última questão dizendo: “Todos. Feliz é a nação cujo Deus é SENHOR”, fazendo referência ao texto bíblico de Salmos 33,12. Daciolo finaliza a PEC da seguinte maneira: “[...] submeto aos nobres pares a presente Proposta de Emenda à Constituição, reiterando a defesa de sua pertinência constitucional e a importância de sua aprovação” (BRASIL, 2015a, n. p.).

Essa “PEC dos Apóstolos” provocou desconforto no PSOL, uma vez que o partido não entendia haver nenhuma constitucionalidade em tal proposta, fato que ocasionou a exclusão de Daciolo pelo diretório do partido, por decisão quase unânime (53 votos a 1), não fosse o voto contrário da ex-deputada estadual Janira Rocha, do PSOL-RJ – afastada posteriormente do partido por denúncias de prática de cotização em seu gabinete.

Chico Alencar, líder do partido na Câmara à época, em entrevista para esta pesquisa, afirmou que Daciolo tinha dificuldades em obedecer às normas do partido. Segundo ele:

[...] Daciolo entrou por ser um grande líder de um movimento social muito expressivo dos bombeiros. Conversamos bastante sobre a questão de não... é... colocar no... nas reuniões do partido qualquer manifestação ritual, religiosa, que ele gosta muito de fazer. E, por fim, como *ele não consegue não ser um líder religioso e defender que tem que ser... colocar até na Constituição aquele Deus em quem ele acredita*, desrespeitando, inclusive, as percepções e as sensibilidades de outras pessoas, acabou tendo essa inviabilização dele dentro do PSOL (informação verbal, grifos meus)¹¹².

¹¹² Entrevista concedida por Chico Alencar, em 8 de setembro de 2019, por telefone.

Ao falar da atuação do Daciolo no PSOL, Alencar destaca sua autonomia e confirma os ritos religiosos que o cabo defendia praticar:

Atuação do Daciolo era uma atuação meio *autônoma*... ele não sentava perto da bancada, *tinha o seu caminho próprio*. Nas reuniões da bancada, ele sempre colocava a sua singularidade, *falava de visões, do monte que ele frequentava*, que todos nós iríamos ainda encontrar o Deus vivo. Foi criando uma situação muito incômoda, né? Porque se você vai nessa direção, você se torna um líder político sectário, defensor de uma seita e não de um programa de um partido laico, como o PSOL. [...] Faltava racionalidade, porque quando você vem com argumento da *visão, da revelação, do que Deus disse pra você em particular, das certezas absolutas*, como ele manifestava... Inclusive, uma vez, como líder bombeiro, ainda dizendo que tinha que certeza que a então presidente Dilma Rousseff ia recebê-los até à meia noite daquele dia. Ele era muito assertivo, muito peremptório. E é claro que esse tipo de compreensão, de concepção, meio *mágica, meio mítica, dogmática*, é... tira a racionalidade que é necessária num bom debate político (informação verbal, grifos meus)¹¹³.

Como disse Weber (2019), as realizações da profecia operam em conjunto com os costumes ritualísticos. Daciolo “Tinha o seu caminho próprio”; fala “visões”; das experiências que tem no “monte”; da “revelação de Deus [...] em particular”. Esse seu distanciamento partidário ilustra a sua recusa do que roga o estatuto do partido, enfim, uma não aceitação da submissão à “instituição”. Para o profeta emissário só é ético seguir a orientação divina. Ou, nos termos de Alencar, o cabo não defendeu o programa político do partido, mas demonstrou ser um “político sectário, defensor de uma seita” (mesmo não fazendo parte de uma) e, assim, não estaria qualificado para desempenhar o papel de um político.

Na sociologia weberiana, a religião vai ser compreendida como um campo marcado por tensões e busca de legitimação. Cada agente religioso, dotado de carisma e que busca se legitimar a partir deste campo, está exposto também ao processo de racionalização que conduz a burocratização desse carisma religioso. Assim, o profeta seria dotado de uma espécie de carisma racionalizante e, como nos adverte Mariz (2003), é importante estar atento às condições históricas que produzem esses personagens e aos conteúdos de suas mensagens.

Diante de tais posicionamentos dogmáticos de Daciolo, cuja “PEC dos Apóstolos” foi a “gota d’água”¹¹⁴, por um placar mais apertado, 31 votos a favor e 24 votos contrários, o partido decidiu não reivindicar o mandato do cabo junto ao TSE (LELLIS, 2018). Após a expulsão¹¹⁵, Daciolo divulgou em sua rede social a seguinte nota:

¹¹³ Entrevista concedida por Chico Alencar, em 8 de setembro de 2019, por telefone.

¹¹⁴ Ratifica tal declaração, as informações publicadas em matéria da *Carta Capital* em 2015 (APÓS POLÊMICAS..., 2015).

¹¹⁵ A propósito, a reportagem do *Congresso em Foco* realizou uma entrevista com cabo Daciolo um mês antes de ser expulso do PSOL. Na entrevista, o deputado frisou que todos no partido sabiam que ele era “um homem de Deus” e que *sempre* frisava “Deus e Jesus Cristo” (NÃO VEJO..., 2015).

Não recebi com alegria a notícia de minha expulsão pelo Diretório Nacional do PSOL. Fui eleito com 49.831 votos, numa campanha desacreditada pela maioria dos militantes psolistas. Não tive tempo de TV e os recursos financeiros foram escassos. Mesmo assim, diante da especulação negativa de que seria derrotado nas ruas, Deus, o Todo-poderoso, honrou a nossa fé e o empenho voluntário, aguerrido, das pessoas que acreditaram genuinamente em nossa proposta.

[...]. Todavia, a minha confiança está no Senhor e nos seus desígnios. A vontade de Deus é boa, agradável e perfeita (Rm 12.2). A Bíblia, o meu único manual de fé e prática, diz que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus. Nunca me envergonharei em declarar que Deus vem em primeiro lugar na minha vida. Todo o poder emana de Deus.

O PSOL me perseguiu, desrespeitou a minha liberdade religiosa e não permitiu que eu pudesse discutir as minhas propostas junto ao partido. Fui discriminado. Mesmo assim, eu os perdoo. Não levo mágoas comigo. Jesus me ensinou a perdoar. Para encerrar, quero reiterar que em qualquer partido político irei honrar a minha fé e defender os militares. Militar também é cidadão.

Sigo em frente, de cabeça erguida, sabendo que Deus está no controle. O trabalho não vai parar. Vamos honrar cada voto. Juntos somos mais fortes.

Abraços fraternos,

Cabo Daciolo (CABO..., 2015, n. p.).

Foi durante a transição do PSOL para o Partido Trabalhista do Brasil (PT do B) – atualmente AVANTE – que Daciolo começou a reconstruir seu discurso contra a corrupção, assumindo com mais ênfase o papel de profeta, lançando mão da leitura bíblica, emitindo juízos de cunho religioso (‘divinos’) sobre toda as mídias e os partidos, o FPE e os políticos envolvidos em sistemas considerados por ele como fraudulentos. Como se manifestou na tribuna da Câmara: “Sou cristão, servo do Deus vivo. Contra essa quadrilha, essa organização criminosa que envolve parte da bancada evangélica, eu voto ‘não’. *Intervenção militar e divina já!*” (informação verbal, grifo meu)¹¹⁶.

Observando os itens que compõem o tema da corrupção, Daciolo procura se apresentar como aquele que, possuído pela dinâmica do carisma e desligado de instituições religiosas e estatutos partidários, seria o legítimo representante de Deus. Ao mesmo tempo, emite “juízos de valor” relacionados a outros evangélicos que atuam na política. Considerando a perspectiva weberiana, é possível compreender que esses discursos ocorrem para que haja, por parte do auditório, o “reconhecimento” da identidade do deputado como profeta verdadeiro (WEBER, 2016, p. 552-553). Durante a entrevista ele denominou de “falsos profetas” os políticos de uma forma geral e não apenas os pertencentes a um partido ou outro.

¹¹⁶ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 25 de outubro de 2017; sessão nº 322.3.55.O; fase: ordem do dia.

O parlamentar se posicionou também contra a mídia, especificamente a Rede Globo, e grande parte dos partidos políticos que, segundo ele, fazem parte de uma “organização criminosa”:

Estou falando com homens e mulheres da Nação brasileira que apoiam o patriotismo [...] e que são contra essa falsa reforma política que está acontecendo hoje no Congresso Nacional, são contra a organização criminosa que envolve PT, PMDB, PP, PSDB e grande parte dos partidos do Brasil. [...] Agora, eu quero dar um recado a uma grande vilã da Nação brasileira. Eu estou falando da Rede Globo. Rede Globo, você é grande para os homens, mas, para Deus, você é pequenininha. [...] O que eu quero deixar muito claro aqui é: se há alguém para ser punido, quem tem que ser punida é a Rede Globo, aquela que vem destruindo a família tradicional do País, aquela que vem destruindo a Nação brasileira e tirando do povo o amor à Pátria, aquela que vem dando contrainformação o tempo todo para a Nação brasileira, aquela que arregimentou e que está por trás da quadrilha e dessas organizações criminosas do País, a D. Rede Globo. Sr. Bial, vocês têm que ser punidos (informação verbal)¹¹⁷.

Defensor da “família tradicional”, como transcrito acima, o deputado inicia seu posicionamento acerca da narrativa moral/comportamental ao emitir *juízos bíblicos* contra pessoas homossexuais e outros segmentos sociais, como nessa sua fala durante discurso na Câmara

“O homossexualismo [*sic*] é pecado, e está escrito que quem o pratica não vai para o céu, assim como o alcoólatra, assim como o adúltero, assim como o ladrão, assim como o corrupto. Esses também não vão herdar o reino de Deus” (informação verbal)¹¹⁸.

Na época de sua liderança no SOS Bombeiros, assim em sua participação no evento da ANEL que supramencionamos, não havia esse tom em seu discurso. Apenas após consolidar seu mandato, tornou-se presente o uso de textos bíblicos relacionados a temas como, por exemplo, questão de gênero. Movimento discursivo que ficará ainda mais patente em seu Plano de Governo, a época de sua candidatura à Presidência da República.

Daciolo se opõe ainda aos membros da maçonaria. Baseado em sua tradição evangélica/pentecostal, *condenou* o então presidente Michel Temer. Segundo ele, por ser um satanista: “(O orador fala em línguas estranhas¹¹⁹). Há pouco tempo, Deus mandou dizer aqui:

¹¹⁷ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 20 de setembro de 2017; sessão nº 267.3.55.O; fase: ordem do dia.

¹¹⁸ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 20 de setembro de 2017; sessão nº 267.3.55.O; fase: ordem do dia.

¹¹⁹ Em seu discurso transcrito no site da Câmara dos Deputados só há a informação de que o deputado “fala em línguas estranhas”. Provavelmente, as expressões utilizadas não foram compreendidas pelos taquígrafos para o registro oficial, por se tratar da prática da glossolalia.

‘Presidente Michel Temer, largue o satanismo e a maçonaria! Venha correndo para Deus, porque não me agrada a morte de ninguém’” (informação verbal, grifo do taquígrafo)¹²⁰.

Nos partidos pelos quais passou sempre esteve presente a cadência religiosa como a norteadora de seu engajamento, de suas decisões e apontamentos orais. Em resposta a esse comportamento, o cabo comunicou no plenário:

Quero deixar algo aqui. Podem dizer assim: “Daciolo, aqui é o Congresso Nacional. Aqui não é púlpito, Daciolo. Aqui é uma tribuna, Daciolo”. É verdade! É verdade! Aqui é o Congresso Nacional. Mas aqui [bate no peito] é o templo do Deus vivo! E a boca fala do que está cheio o coração. Toda a honra e toda a glória sejam dadas ao Senhor Jesus Cristo! Juntos somos fortes! Nenhum um passo daremos atrás! E Deus está no controle! (informação verbal)¹²¹.

Durante a entrevista, quando perguntado como conciliar a laicidade do Estado democrático de direito com a fé que norteia suas decisões, Daciolo respondeu: “Eu acho que seria maravilhoso porque o Estado é laico. Quando nós falamos laico, é a liberdade da expressão religiosa. Daciolo não prega religião nenhuma” (informação verbal)¹²². Seu entendimento quanto ao discurso e decisões a partir da fé, está baseado na esfera do “amor”. Em suas palavras, “Só tô falando de amor, tô falando de Jesus, tô falando de tratar o próximo como gostaria de ser tratado” (informação verbal)¹²³.

2.2 Daciolo e a religião: aspectos familiares e pessoais

Dando continuidade ao que se discutiu nas seções anteriores, nesta parte da tese busco entender a relação entre religião e política a partir de algumas questões, a saber: De onde vem a inclinação de Daciolo para o discurso religioso? Quais foram os caminhos percorridos por ele? A partir de quais esferas esse personagem produz seus discursos? Qual é o vínculo entre sua identidade e sua orientação político-religiosa (ou vice-versa)? “Quem” é o ser que fala (TAYLOR, 2013, p. 45-46) e – de acordo com a sociologia compreensiva – como descrevê-lo (WEBER, 2004)?

¹²⁰ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 14 de junho de 2017; sessão nº 158.3.55.O; fase: ordem do dia.

¹²¹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 29 de março de 2017; sessão nº 051.3.55.O; fase: breves comunicações.

¹²² Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹²³ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

Daciolo, nascido em Florianópolis-SC, em 30 de março de 1976, formado em Hotelaria e Turismo, casado com Cristiane Dutra Daciolo e pai de duas filhas, é filho de Manoel Fonseca dos Santos, coronel aviador da Força Aérea Brasileira (FAB), e da dona de casa, Neuza Aparecida Daciolo dos Santos. Como filho de aviador, foi criado na Vila Militar, na Praça do Avião, situada na Ilha do Governador, Rio de Janeiro. Daciolo relembrou, em nossa entrevista, que quem cuidava da vila eram os “praças”, os “soldados” e a “Polícia da Aeronáutica”.

Após terminar o segundo grau, foi morar nos Estados Unidos e, ao retornar, decidiu – pela identificação que tinha com o mar (“Eu sempre gostei de pegar onda, sempre gostei de mar” – se tornar um guarda-vidas. Em 1998 ingressou na carreira militar, passando a integrar as tropas do CBMERJ, no posto desejado.

[...] eu não sabia o que era ser um soldado, não sabia o que era ser um praça. E quando eu entro na corporação, eu vejo como tratavam os praças. *Eu comecei a lutar pelo direito dos praças*. Em determinado momento, os militares vivendo uma necessidade muito grande, já naquela época tínhamos um salário péssimo, não tínhamos condições, equipamento de proteção individual, nadadeira, protetor solar, não existia... (informação verbal, grifo meu)¹²⁴.

O cabo afirmou que sua luta “pelo direito dos praças” não tinha nenhum envolvimento político e, à época, sua vocação religiosa ainda não havia sido descoberta. Sobre sua tradição religiosa na família, disse que foi “[...] criado em berço católico e espírita”. Antes mesmo da sua conversão, a família era a referência para suas atividades de caridade: “[...] eu vivo isso antes de ter aceitado Jesus. É interessante que eu já vivia esse cenário de caridade, de ajudar o próximo [...] [e, enfatiza] A base da minha família é católica e espírita, *mas uma família de muito amor*” (informação verbal, grifo meu)¹²⁵. Daciolo não atribui seu engajamento na defesa das classes trabalhadoras militares às religiões católica e espírita, mas, faz questão de considerar a experiência de “amor” em sua vivência com pais e irmãos.

O primeiro contato com o segmento evangélico foi através de sua mãe, a primeira da família a se “converter”, em uma igreja da Assembleia de Deus (AD), na cidade de Santa Cruz das Palmeiras, interior de São Paulo. Em um dia de culto, Daciolo levou seus pais e, a convite de sua mãe, entrou e se sentou nos “fundos da igreja”.

Como recorda, ele achava que os rituais de “falar em línguas”, “falar em mistério”, “sapatear”¹²⁶, era uma grande “loucura”. Até que no final do culto religioso, um pastor iniciou

¹²⁴ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹²⁵ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹²⁶ Para os pentecostais, os termos “falar em línguas” e “falar em mistério” em uma reunião religiosa são sinônimos. Como dissemos, trata-se da glossolalia, um fenômeno que ocorre quando um fiel se expressa em

o período de “revelações”, em que apontava para pessoas e discorria sobre eventos particulares de suas vidas. Segundo Daciolo, dirigindo-se a ele, o pastor “revelou”: “Essa mulher casada que você está saindo vai te trazer morte. [...] Você é um ministro de Deus, mas não sabe ainda. [...] Deus tem um propósito na sua vida” (informação verbal)¹²⁷. Nesta época, apenas um irmão, que morava nos EUA, tinha conhecimento da relação de Daciolo com a “mulher casada”. Após o culto, Daciolo disse ter saído correndo da igreja para evitar outro contato com o pastor. “Eu era mulherengo e gostava de uma cerveja, de uma caipirinha; e para quem quer buscar espiritualidade precisa deixar essas coisas” (informação verbal)¹²⁸.

No ano de 2004, após consumir cerveja com amigos, sentiu-se mal e durante um mês sofreu com desinteria (hoje, ele atribui sua enfermidade ao “inimigo”, o diabo). Em sua função como guarda-vidas na praia, lembrou-se das palavras do pastor da cidade de Santa Cruz das Palmeiras e, retirando-se para um local reservado, fez a seguinte oração: “Deus, se o Senhor existe mesmo, se o Senhor tem um propósito na minha vida, me cura, me tira os desejos da carne, me dá uma família” (informação verbal)¹²⁹. No dia seguinte, creditou a Deus a cura da desinteria.

Frequentou inicialmente a denominação AD “Emanuel Deus conosco”, onde foi ordenado pastor pelo dirigente da comunidade, pastor Renato. Daciolo não se filiou a nenhuma denominação evangélica e enfatiza isso em suas entrevistas: “Sou um grande leitor da Bíblia. *Não tenho denominação*, isso acaba dividindo o povo. Se me convidarem, eu vou a qualquer igreja. Gosto mesmo é de fazer leitura bíblica” (LELLIS, 2018, p. 112, grifo meu). Considera-se um “[...] subidor de montes e leitor compulsivo da Santa Escritura” (ANTUNES, 2014, n. p.), que carrega traços do movimento pentecostal, cujas práticas foram julgadas anteriormente por ele como “loucura”.

Ainda sobre sua família, destacou que seus pais se separaram em 1987 por uma ação do “inimigo” (ou do “diabo” – um dos nomes do adversário de Deus e de seus fiéis na teologia cristã), porém, mantiveram o contato. Acredita que “[...] após todos esses anos, que Deus vai restaurar esse casamento”. Assim descreve seu pai: “Meu pai é espírita, *mas é um leitor da bíblia*” (informação verbal, grifo meu)¹³⁰. Ser um leitor da bíblia é outra característica que o cabo evoca para um seguidor de Jesus. No caso de Cyro Garcia, um ateu,

“línguas estranhas” no momento de oração. Já o termo “sapatear” expressa, no imaginário pentecostal, o ato físico de bater um ou ambos os pés no chão como forma de combater o “diabo” – o que ajuda a criar um clima de efervescência provocando sensações extáticas entre os membros da comunidade reunida (MACHADO, 1996).

¹²⁷ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹²⁸ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹²⁹ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹³⁰ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

mas que “amava o próximo”, que dividia o “pão” e o “café”, que respeitava sua família, e, que, portanto, era “cheio de Deus”. No caso de seu pai, espírita, “*mas é um leitor da bíblia*”, como ele também se denomina (“leitor compulsivo da Santa Escritura”). A conjunção adversativa expressa que *apesar de* confessar outra religião, a leitura do livro sagrado – seguido por Daciolo, credenciaria sua vida de fé.

2.2.1 Cabo Daciolo: engajamento “social e espiritual”

Nosso personagem destaca um evento ocorrido no ano de 2007 sobre seu engajamento “social e espiritual”:

Em 2004, eu entreguei minha vida pro Senhor e começo a viver a Palavra de Deus. Comecei a *subir muito o monte, jejuar muito, buscar muito Deus*. Em 2007, eu entro com meu *primeiro grande trabalho social e espiritual* dentro da maior favela da América Latina, que foi a Rocinha. Ali nós *ganhamos muitas almas, levamos muitas pessoas pra Jesus*. Na formatura, eu fiz questão de levar todos pra dentro de uma igreja pra agradecer a Deus. E eles foram (informação verbal, grifos meus)¹³¹.

O “subidor de montes”, como se autodenomina, diz realizar o seu “primeiro grande trabalho social e espiritual”. O trabalho referido é o “Curso de guardião de piscina”, realizado pelo 2-GMar¹³² com a autorização do Cel. do CBMERJ, Ricardo Nunes. Curso gratuito com o objetivo de levar jovens “para o mercado de trabalho”. Segundo o cabo, a base do curso “é o amor, tratar o próximo como gostaria de ser tratado” – a regra de ouro da tradição cristã que o mesmo prega em seus discursos. Ao término do projeto, foram formados cerca de 300 jovens e levados “pra o mercado de trabalho *e eles conheceram Jesus*. Foi algo muito precioso” (informação verbal, grifo meu)¹³³. O ato religioso que acompanhou sua atividade neste curso, também faria parte das reuniões com membros do SOS Bombeiros: “Nós ganhávamos almas, pregávamos pra todos. Eu visualizei momentos [...] de mais de 100 militares levantando a mão pra Jesus de uma vez só” (informação verbal)¹³⁴.

Conforme relatou o cabo, a primeira turma do “Curso de guardião de piscina”, com 70 jovens, foi levada à igreja Bola de Neve como forma de agradecer a Deus pela formatura. A escolha por esta igreja era por sua proximidade com a comunidade e pela identificação com o público, “[...] que era um pouco de praia, uma garotada que gostava de pegar onda. Isso tudo, eu lembro que eu levei eles em 2007 pra Bola de Neve da Barra da Tijuca” (informação

¹³¹ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹³² Para acesso a um vídeo com cenas do curso, cf. Cabo... (2018b).

¹³³ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹³⁴ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

verbal)¹³⁵. Nosso personagem fez questão de enfatizar que não era membro da igreja e nem tinha contato com seus líderes: “[...] eu senti que ali seria o momento mais oportuno de ganhar algumas almas pra Jesus e eles foram e gostaram muito” (informação verbal)¹³⁶.

Afirmou ainda que no curso não havia envolvimento político, ainda que tivesse se candidatado a deputado federal pelo Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) um ano antes¹³⁷. Contudo, é importante registrar que o mesmo se manteve ligado à ALERJ de 2007 a fevereiro de 2011, quando foi exonerado do gabinete da então deputada estadual, evangélica, Beatriz Santos¹³⁸ (Partido Republicano Brasileiro - PRB) por não comparecer à ALERJ (LÍDER..., 2011). Em 2008, Daciolo tentou a câmara de vereadores do Rio de Janeiro pelo mesmo partido de Beatriz Santos, o PRB, e obteve 2.097, mantendo-se fora do quadro de políticos (ROCHA; BOTTARI; BERTA, 2011). Ele ainda não apresentava características de um profeta emissário.

O que se pode dizer, à luz da análise do discurso político, é sobre a existência de um *ethé* de identificação como “[...] resultado de uma alquimia complexa feita de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais” (CHARAUDEAU, 2017, p. 137). Descrever os tipos de imagens que caracterizam o *ethos* de uma identificação é um exercício complexo, uma vez que o ator político age de maneira diferente: ora, demonstrando-se “*tradicional*”, com sua postura conservadora; ora, “*moderno*”, com discursos e defesas progressistas. Neste caso, reitero a análise de Boltanski e Chiapello (2009), onde há personagens que podem demonstrar, em determinadas escolhas, seu lado conservador e progressista.

Essa *duplicidade*, como comenta Charaudeau (2017), apresenta políticos jogando com suas próprias imagens e remetendo à vida política quando se definem como personagem e, à vida privada, quando se definem como pessoas. Ambas as imagens se reforçam mutuamente. Um dos perfis trabalhados pelo autor em questão, é o *ethos* de “humanidade”, que constitui um “imaginário importante para a imagem do político” (CHARAUDEAU, 2017, p. 148). Uma de suas características é o *guia-profeta*, categoria inspirada no conceito weberiano. Contudo, essa figura é voltada a uma vida de solidão, “[...] pois sua mensagem é tão exigente que ele é rejeitado, tornando-se um ser incompreendido” (CHARAUDEAU,

¹³⁵ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹³⁶ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹³⁷ Daciolo obteve à época 2.976 votos e não se elegeu (TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL, 2006).

¹³⁸ Beatriz Santos presidiu a Comissão de Combate às Discriminações e Preconceitos de Raça, Cor, Etnia, Religião e Procedência Nacional, além de ter se engajado em sua luta “pelo social e pelos direitos da mulher”. Antes de sua atividade parlamentar, esteve à frente de trabalhos sociais ligados à Associação Beneficente Cristã (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO DE JANEIRO [ALERJ], s. d.).

2017, p. 155). Weber (2019, p. 338) destaca que o “[...] espírito profético os acomete justamente na solitude”. Por causa disso, na política, deve-se atentar para os traços que são mais apropriados. Ele deve ocupar, portanto, a figura do *leadership* na cena política e aparecer como um ator “[...] ‘inspirado’ pela divindade (mistério), um ‘visionário’ e ‘depositário’ da mensagem sagrada (CHARAUDEAU, 2017, p. 155).

Possivelmente, a escolha de Daciolo por determinadas características do profeta emissário nos ajude a entender o porquê do uso da camisa em defesa pelo movimento LGBTQIA+ no evento da ANEL. E entender como, igualmente, em sua posição de deputado federal, citou as palavras “trabalho”, “trabalhistas”, “trabalhador” por 111 vezes no plenário da Câmara. A defesa por direitos trabalhistas de funcionários públicos (professores, agentes de segurança etc.), autônomos (como, por exemplo, os motoristas de aplicativos), terceirizados (como funcionários da câmara, caminhoneiros, taxistas, garis etc.) é contemplada em seus discursos tendo a religião como fator legitimador¹³⁹. Além disso, a denúncia de abuso de autoridade e corrupção de coronéis do CBMERJ (informação verbal)¹⁴⁰. Como um cabo faria isso? Assumindo as prerrogativas de um parlamentar e de um profeta que, como crido, escolhido por um Deus estava acima dos coronéis. Em suas palavras: “O meu Líder é Deus” (informação verbal)¹⁴¹.

Daciolo é aqui interpretado como um profeta-emissário-político que aciona “valores de referência” (CHARAUDEAU, 2017, p. 137) que são comuns a ele e a cidadãos. Seria desta forma que alcançaria o *ethé* de credibilidade, extraídas não apenas da religião, mas também do afeto social, onde o “[...] cidadão, mediante um processo de identificação irracional, funda sua identidade na do político” (CHARAUDEAU, 2017, p. 137). Em termos weberianos, Daciolo racionalizaria sua função profética *na política*. Seguindo a interpretação de Arnold Eisen (1978) sobre a racionalização em Weber¹⁴², ele teria a capacidade de *adequar* meios e fins (calculabilidade), o que é comum na dominação carismática.

Ao demonstrar *duplicidade* e sua não filiação a denominações cristãs, parece apresentar uma espécie de *cálculo* para buscar uma não-identificação institucional e maior abertura para sua identidade profética – ainda que envolvido na política profissional – e isso

¹³⁹ Para acesso às propostas e discursos de cabo Daciolo à época de seu mandato como deputado federal, vale conferir o portal da Câmara dos Deputados, no link: <<https://www.camara.leg.br/busca-portal?contextoBusca=BuscaGeral&pagina=1&order=relevancia&abaEspecificas=false&q=daciolo>>. Acesso em: 10 set. 2019. Cf. também a discussão do capítulo 3 desta tese.

¹⁴⁰ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 02 de junho de 2015; sessão: 137.1.55.O; fase: HO. A propósito de suas denúncias, cf. também capítulo 1, seção 1.2.

¹⁴¹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 01 de julho de 2015; sessão: 178.1.55.O; fase: BC.

¹⁴² Cf. também a esse propósito, Sell (2013b).

nos aproxima cada vez mais de nossa hipótese: a construção de uma sociologia da personalização política como subtipo da dominação carismática em sua face religiosa.

2.2.2 Cabo Daciolo: pensando a desinstitucionalização na relação com a igreja¹⁴³

No Brasil, há pesquisadores(as) que deram atenção, desde o Censo 2000, para o aumento de atores religiosos que optaram viver a fé fora de suas instituições religiosas e acompanharam o crescimento desse grupo com a divulgação do Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontou um crescimento de 7,3% para 8% referente ao grupo dos sem-religião. Ou seja, no ano de 2000 eram cerca de 12,5 milhões; em 2010, mais de 15 milhões. Segundo os dados oferecidos pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais (CERIS), o indivíduo sem-religião não é, necessariamente, aquele que pode ser definido como a-religioso. Em outros termos, a desinstitucionalização, que não retira o caráter de espiritualidade do indivíduo religioso, é um processo “[...] contínuo e progressivo ou definitivo” (FERNANDES, 2008, p. 32)¹⁴⁴.

Fernandes (2009) identificou, a partir de entrevistas com jovens (15 a 24 anos) da baixada fluminense, haver maior inclinação para a atividade político-cidadã entre aqueles(as) sem vínculo com a igreja¹⁴⁵. Na pesquisa, esses se autoidentificavam como “sem-religião”. Embora não houvesse uma necessária “apolitização” da instituição religiosa, a pesquisadora registrou “ausência de oportunidades para atuação sociopolítica” (FERNANDES, 2009, p. 125) naquele ambiente periférico. As igrejas ofereciam oportunidades para os jovens em ações educativas e comunitárias, porém, não demonstraram “atuação relevante na esfera política” (FERNANDES, 2009, p. 125-126).

Para Daciolo, não só a tendência de igrejas na baixada fluminense, como também a ação social das igrejas não tem sido relevante. Durante nosso percurso para o local da entrevista, apontou para um templo da igreja Metodista no Rio e me disse: “Está vendo isso,

¹⁴³ Preferi inserir a reflexão sobre sua desinstitucionalização na relação com a igreja nesta seção – e não na sequência como fiz anteriormente –, pois julguei necessário apresentar sua inclinação religiosa antes de fazê-lo.

¹⁴⁴ A questão *política* entre jovens religiosos, mas, que se denominavam sem-religião – pessoas que preferem se inserir mais no registro da espiritualidade, e com mais dificuldade de se denominarem religiosas – também foi apurada em pesquisas como as de Regina Novaes (2006), Fernandes (2008, 2009, 2011) dentre outras(os).

¹⁴⁵ Em pesquisa realizada em 2018 e apresentada na *XIX Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina*, ocorrido na Universidad de Chile, trabalhei com a metodologia de grupo focal, em que 10 participantes, com faixa etária entre 30 e 39 anos (por ser, no Brasil, o maior contingente populacional) indicaram o motivo do desligamento de suas igrejas/instituição. A escolha destes membros se deu a partir dos indicadores levantados pelo próprio IBGE, como: gênero, cor, escolaridade, rendimento mensal. Todos destacaram, dentre outras coisas, a falta de liberdade política e o pouco engajamento cívico da comunidade. O artigo que aborda essa pesquisa se encontra no prelo.

vão? Um templo desse tamanho... fechado. Sabe o que fazem durante a semana? Nada. Só se reúnem. Não saem daí” (informação verbal)¹⁴⁶. E continuou: “Igreja paga imposto? Não. E o que elas fazem na sociedade? Fazem nada, vão” (informação verbal)¹⁴⁷. Em seu entendimento, o conceito de igreja só pode ser encontrado “[...] no contexto bíblico. Ele [Deus] é o criador do céu e da terra *e que não habita em templo feito por mão de homens*. Nosso corpo é templo do Espírito Santo de Deus” (informação verbal, grifo meu)¹⁴⁸. Portanto, a função da igreja seria dinâmica, deveria estar em movimento e comprometida com a sociedade.

Como dito acima, Daciolo se diz alguém que não tem denominação¹⁴⁹, isto é, que não é filiado a nenhuma instituição religiosa (igreja). Sua profissão de fé, consoante as palavras da socióloga Grace Davie (1994), fundamenta-se em um “Believing without belonging” (“Crer sem pertencer”). Sua identidade como “seguidor de Jesus Cristo”, portanto, passa por uma noção em que ser religioso é estar em movimento, ser comprometido com a sociedade e se manter *longe da* “corrupção do mundo”. Daciolo utiliza o texto bíblico de Tiago 1,27 para conceituar o que é religião. Em suas palavras, “A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como sincera e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e, guardar-se isento da corrupção do mundo” (informação verbal)¹⁵⁰.

Weber (2010) explica que aquilo que não faz parte do “outro mundo” – no sentido de lugar (do) sagrado, transcendente – para a pessoa religiosa é chamado de “mundo” (lugar profano, secular). E a plasticidade do “outro mundo” sempre surge com novas representações que apontem outras rotas de fugas do mundo (como no caso de Daciolo com o uso da bebida alcoólica e dos relacionamentos afetivos fora do casamento). Portanto, quando o cabo pronuncia a palavra “mundo” denota um espaço secular, bem como o que o segmento pentecostal chama de espaço para “batalhas espirituais”. A sociedade para ele não é um ambiente isento de códigos teológicos. Sua percepção é pragmática quanto ao exercício da religião e o conceito que utiliza para compreender a sociedade é interpretado a partir do texto sagrado, em seu caso, destacando o cuidado que se deve ter com as classes emergentes.

¹⁴⁶ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹⁴⁷ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹⁴⁸ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro. Nesse trecho, a citação feita pelo cabo é do livro bíblico de Atos 17,24 que diz: “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo ele o Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos dos homens”.

¹⁴⁹ Denominação no sentido de “grupos com uma interpretação distinta da mesma fé” (DENOMINAÇÃO, 2008-2021, n. p.). Isto é, querendo dizer da diversidade de templos e ministérios possíveis (diferentes “igrejas”) dentro da tradição cristã.

¹⁵⁰ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

Até aqui temos três elementos importantes apontados por Daciolo para interpretação sobre como ele identifica alguém que pode se relacionar com a divindade sem a instituição como mediação

a) A igreja (instituição) não é um local determinante para viver a espiritualidade, pois encara a igreja como atores sociais em atividade (expressando “amor ao próximo”)

Quanto a este elemento, notamos a desinstitucionalização tanto na trajetória de nosso personagem quanto em seu discurso. Como diz Daciolo, denominações (diferentes “igrejas”) só servem para “dividir o povo de Deus”; “não tenho denominação”; “Deus não habita em templos feitos por mão humana” (informação verbal)¹⁵¹. O fato de não estar filiado a igrejas evangélicas, todavia, não o impede de fazer uso da teologia pentecostal, segmento onde teve a experiência da conversão. Aliás, como já desataquei neste capítulo, o modo de se portar e as expressões pentecostais utilizadas por ele exprimem o que Gehlen (1988) categorizou como *background* (plano de fundo).

O *background* é o que estabelece a instituição onde o indivíduo recebe informações sobre determinado destino. Em outras palavras, são programas de ação, uma espécie de repertório que ajuda a constituir o indivíduo. A mesma categoria pode ser utilizada para a religião. Em diálogo com Hervieu-Léger (2008), entendemos que o vínculo com a instituição pode ser rompido, todavia, o conteúdo ali aprendido continua junto com a pessoa em sua trajetória. Tal como Daciolo já havia dito em nossa entrevista, na instituição da AD ele *aprendeu* a ler a bíblia, a ter experiências com o Espírito Santo, falar em línguas desconhecidas (glossolalia) e a profetizar. Todavia, jamais informou que a instituição religiosa o ensinou a agir no mundo enquanto cidadão ou político. As características (apontadas por ele (seu repertório pentecostal) o acompanharam para além da igreja. Neste aspecto, não afirmo que tais atividades litúrgicas ou ritualísticas sejam específicas do segmento pentecostal, mas a maneira como a instituição carismática as aborda e as *ensina* programática e teologicamente. Ou seja, embora tenha rompido com a instituição, o repertório pentecostal permanecerá. A partir dos estudos de Hervieu-Léger (2008), podemos afirmar que a *igreja* continua falando e validando alguns códigos, ainda que o indivíduo tenha saído dela – ao semelhante disse Gauchet (1985a). Na análise de Hervieu-Léger (2008) sobre a religião no ambiente secularizado, entende-se que ou a religião é lançada para fora dos assuntos da esfera pública ou pode ocorrer uma individualização da crença.

¹⁵¹Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

b) O comportamento social altruísta.

Quanto ao segundo ponto, o comportamento social altruísta é destacado por Daciolo em figuras como Cyro Garcia, mas, também se refere a seus trabalhos com famílias nas ruas¹⁵². Este comportamento pode ser identificado, por exemplo, quando Daciolo fala sobre o conceito de religião, que envolve “cuidar de órfãos e viúvas”. Durante sua trajetória, interagiu com jovens (no projeto do CBMERJ na Rocinha), com o movimento SOS Bombeiros, com grupos de trabalhadores¹⁵³.

Hervieu-Léger (2008) já perguntava retoricamente se era possível uma identidade desprendida da instituição (ou “dispersa”) se organizar na sociedade de forma religiosa? A autora entende que a identidade religiosa é formada a partir dos “[...] interesses, das disposições e aspirações que eles manifestam nas *situações concretas*” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 63, grifo meu). As “situações concretas” servem como marcadores comunitários, onde o sujeito, acionando a memória religiosa, buscará praticar os conhecimentos e saberes na sociedade ou em casos específicos. Neste aspecto, mesmo tendo contato com o conteúdo (memória) religioso, a análise parte do indivíduo, não mais da instituição. É o sujeito quem estabelece os critérios.

A “saída da religião”, ou a desinstitucionalização no presente caso, faz com que o sujeito descubra gestos de “solidariedade vividos no engajamento humanitário”, que o possibilite adequar a si mesmo e a outros (como no caso de Cyro Garcia) no “percurso espiritual” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 73), ainda que sem a participação eclesial.

c) A leitura da bíblia

A bíblia, como livro de fé e símbolo imagético, surge como elemento importante na trajetória do cabo. Diz ter aprendido a ler, ou seja, a interpretar o livro sagrado dos cristãos na igreja AD, onde foi ordenado pastor. Um dos objetivos enquanto líder do movimento SOS Bombeiros era entregar uma bíblia ao governador Sérgio Cabral para que houvesse conversão religiosa da parte dele. Durante sua prisão, jejuava e lia textos da bíblia. A bíblia sendo vista

¹⁵² O cabo me convidou a participar deste trabalho com os moradores de ruas, mas o mesmo não conseguiu agendar novo encontro comigo em decorrência de seu envolvimento com a presidência do Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA) em 2019, o que também não ocorreu.

¹⁵³ Como pode ser vista em busca no Portal da Câmara dos Deputado no link disponível em: <<https://www.camara.leg.br/busca-portal?contextoBusca=BuscaGeral&pagina=1&order=relevancia&abaEspecificacao=false&q=daciolo>>. Acesso em: 10 set. 2019.

por militantes do PSTU como forma de testemunho cristão. Durante seus discursos no plenário da Câmara, todavia, a bíblia – como objeto constantemente presente junto do deputado e citado por ele na tribuna –, era apresentado por Daciolo como sendo um livro não religioso, como forma de adequá-lo à sua narrativa/teodiceia no mundo político (carisma racionalizante)¹⁵⁴.

Em seu caso, é normativa a reinterpretação do mundo bíblico para o mundo “profano” e político – processo que é comum na teologia pentecostal¹⁵⁵: a ressignificação do imperador Nabucodonosor na figura do governador Sérgio Cabral; o ritual no quartel do CBMERJ reencenando a queda das muralhas de Jericó; o cenário da Câmara dos Deputados como ambiente de “batalhas espirituais”, como destacou em nosso encontro.

Ainda que o sujeito tenha saído da instituição, e seu repertório continue, este poderá ser ressignificado, uma vez que o critério de validação não é mais a igreja, e sim, a “certeza subjetiva” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 163). E a subjetividade nada mais é que um processo relacional, ou seja, “[...] é o movimento de saída de si e de retorno a si pela mediação da alteridade: só no outro e por meio do outro a subjetividade se constitui como tal” (TAYLOR, 2013, p. 56). Em outras palavras, Daciolo constrói sua identidade religiosa não exclusivamente fora da instituição/igreja, mas a partir dela, e integrando os elementos que nela circulam como símbolos. Ao apontar para ela, lança suas críticas se utilizando do mesmo repertório confessional. Não obstante, categoriza atores políticos os dividindo em “verdadeiros” ou “falsos profetas”.

2.2.3 Cabo Daciolo e o antagonismo político-religioso: o verdadeiro e o falso profeta

A partir da pergunta: “O senhor diria que tem alguma religião?”, Daciolo abre mão de quaisquer classificações e inicia uma série de julgamentos contra as lideranças das igrejas evangélicas atribuindo a elas, inclusive, um novo sacrifício de Jesus caso viesse nos tempos atuais.

Não, meu irmão. Eu acredito em Jesus Cristo. A igreja evangélica me ensinou a ler bíblia. Depois que eu visualizei o que as liderança da igreja tá (sic) fazendo, eu observei que eles são *primos de Anás e de Caifás*, são *fariseus*, *saduceus*, são os mesmos... Se Jesus volta hoje, eles vão sacrificar Jesus novamente. Essa que é a verdade. [...] Eu vejo isso: a decepção está nos *falsos profetas*, dos homens que

¹⁵⁴ Como pode ser visto em seus depoimentos em busca no Portal da Câmara dos Deputado no link disponível em: <<https://www.camara.leg.br/busca-portal?contextoBusca=BuscaDiscursos&pagina=1&order=relevancia&abaEspecifica=false&q=cabo%20daciolo>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

¹⁵⁵ A hermenêutica metaforizada também ocorre na teologia reformada, contudo, as performances cênicas são mais comuns nas doutrinas pentecostais (cf. MESQUIATI; TERRA, 2018).

vivem sem Deus, que *estão dentro das igrejas comercializando a Palavra*. Pedem muito dízimo, muita oferta, mas *não ajudam a ninguém*. Entendeu? Não tem aquela questão da bíblia que coloca: olha, as pessoas pregavam tudo o que tinham, vendiam e entregavam aos pés dos discípulos e *esses distribuíam de acordo com a necessidade de cada um*.¹⁵⁶ Hoje não é isso que acontece (informação verbal, grifos meus)¹⁵⁷.

A igreja evangélica teve a função de ensinar Daciolo a *ler bíblia*. Ponto. Consequentemente, através de referenciais do texto sagrado como “Anás e Caifás” (membros da classe sacerdotal que, nas narrativas evangélicas, participam do julgamento de Jesus), “fariseus” e “saduceus” (conhecidos por sua fama de hipocrisia religiosa e colocarem Jesus à prova), tomou a “liderança da igreja” por semelhança desses. A classificação dada por ele a estes líderes é de “falsos profetas”. Torna-se importante destacar que, à luz da sociologia weberiana, o poder dominante só pode ser reivindicado pelo profeta verdadeiro. É o que, aparentemente, Daciolo decide fazer: distanciar-se dos demais – outra característica que também aponta para um personalismo político (LEAL, 2012).

No cristianismo, os falsos profetas são aqueles que comercializam a “Palavra”, ou seja, fazem concessões quanto aos textos da bíblia para atingirem fins lucrativos pedindo “muito dízimo” e “muita oferta”, mas sem ajudarem “a ninguém” – o que contraria a característica do comportamento social altruísta. Na cosmovisão religiosa do cristianismo primitivo todos os valores ofertados deveriam servir para auxiliar na necessidade de cada um.

No Congresso Gideões Missionários da Última Hora¹⁵⁸, ocorrido em 29 de abril de 2018, em Camboriú-SC, Daciolo, que não fazia parte da “lista de pregadores”¹⁵⁹, teve a oportunidade de falar por cerca de alguns minutos no evento que durou nove dias. Diante de pessoas vindas de vários estados do país, o cabo disse, de forma ofegante, ter uma revelação de Deus para aquela liderança: “Deus falou: ‘Meu filho, eu vou te colocar lá. O microfone vai vim pra sua mão e fala o que eu tô mandando você falar’”. E continua:

Deus manda eu trazer uma mensagem, que os senhores têm nas mãos a chave da vitória. [...] Escuta o que Deus está falando, escuta! [...] Só precisava fazer uma coisa, um ato de fé que vai revolucionar os Gideões no mundo. [...] Esse é o sétimo dia [do congresso], olha só, é profético, hein! Olha o que Ele manda dizer: “Sete dias eu tô mandando o povo ofertar para a obra”. [...] Mas tem gente ali [público] que só teve o dinheiro da passagem pra chegar aqui. [...] Eu não estaria aqui hoje, mas Deus quis que eu estivesse. Botei um propósito, igreja, de jejum. Hoje eu tô no

¹⁵⁶ Daciolo traz como referência o texto bíblico de Atos 2,34-35: “Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade”.

¹⁵⁷ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹⁵⁸ O grupo dos Gideões é formado por evangélicos que criam eventos e trabalhos evangelísticos pelo país, com distribuições de literaturas e bíblias (em miniatura).

¹⁵⁹ A lista de pregadores deste evento pode ser consultada na página do Congresso, através do link disponível em: <<https://www.gideoes.com.br/congresso/gideoes-2018/lista-de-pregadores/>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

29º dia só na água e Deus tem me alimentado. [...] Pegue toda a oferta que aconteceu hoje aqui... a porta da igreja tá fechada... divide com esse povo. [Aumentando o tom de voz]. Divide com esse povo! Divide com esse povo! (CABO..., 2018b, n. p.).

A figura do profeta emissário volta a aparecer. Deus, segundo a percepção religiosa, escolhe Daciolo para enviar uma mensagem específica à liderança dos Gideões – o que não havia ocorrido até então. Foram 135 preletores, com título de pastores, evangelistas, missionários, bispos e apóstolos¹⁶⁰, porém, até aquele dia ainda não havia mensagens remetidas aos dirigentes do congresso, tampouco contendo características típicas do emissário divino – o que também não ocorreu ulteriormente. “Deus manda eu trazer uma mensagem”, “Escuta o que Deus está falando, escuta!”, “Olha o que Ele manda dizer...”, são expressões que apontam para os traços do profeta emissário. Curiosamente, não se trata de uma reinterpretação bíblica, mas de uma mensagem dada exclusivamente ao cabo: “Deus manda eu trazer uma mensagem”. Para Weber (2019, p. 338, 340), “a convocação sempre vem diretamente de Iahweh” e “o carisma profético é privilégio” do profeta. Além disso, o ritual do jejum denota maior abertura para a relação com o sagrado e maior operosidade no ato religioso. Weber (2019, p. 336), ao estudar os profetas do judaísmo antigo, entende que uma característica comum a todos eles era que a interpretação das ocorrências “[...] mesmo da própria vida cotidiana – como sinais significativos de Iahweh”. Portanto, o que ocorre, em análise heurística, é a atenção de Daciolo às “ocorrências” dos participantes do congresso. A partir disso, e tão somente por isso, sua profecia seria entregue.

O “sétimo dia” traz ao discurso um elemento simbólico religioso. No judaísmo, o número sete representa perfeição (WEBER, 2019). Logo, a citação do sétimo dia se conecta diretamente com o exercício profético: “Hoje é o sétimo dia, olha só, é profético, hein!”. Trata-se não só de legitimar a perfeição da profecia, mas valorar o oráculo. E a mensagem era que todo o dinheiro ofertado naquele dia fosse distribuído com os presentes, uma vez que muitos estavam ali sem recursos até mesmo para alimentação. Como recompensa, Deus multiplicaria o valor compartilhado.

No dia seguinte, o vice-presidente dos Gideões, pastor Hueslen Santos, disse que o discurso constrangeu a ele e ao pastor Reuel Bernardino, presidente dos Gideões. Destacou ainda que outros deputados estaduais e federais também estiveram presentes no evento, e apenas Daciolo não agiu com “respeito”. Além disso, criticou o deputado por anunciar que estava em propósito de jejum, uma vez que “não é para tocar trombeta quando se jejua”. Disse ainda: “Ele pediu que dividíssemos com a multidão o dinheiro arrecadado. Por que ele não dá

¹⁶⁰ Cf. lista de pregadores disponível no link: <<https://www.gideoes.com.br/congresso/gideoes-2018/lista-de-pregadores/>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

o salário de deputado federal? Ele ganha dinheiro do povo! Por que não foi o primeiro a vir aqui e dizer: ‘Eu quero dar o meu salário de deputado’?’¹⁶¹. Hueslen ainda declarou que o deputado tentou se “promover” politicamente e queria ensiná-los a fazer missões.

Em resposta aos gideões, Daciolo gravou um vídeo de aproximadamente doze minutos rebatendo os pastores citados acima, reafirmando a profecia e se colocando mais uma vez como enviado de Deus:

Estive sábado passado junto com o pastor Reuel e o pastor Hueslen. [Dirigindo-se a estes]. Os senhores me convidaram para estar aí [no evento]. [...] Eu não pedi para subir no púlpito, eu não pedi o microfone. [...] E daí, quando eu subi, me passaram o microfone, aí já não sou mais eu. É aquele que vive dentro de mim. Aí já é o Espírito Santo (DEPUTADO..., 2019, n. p.).

A afirmação “Eu não pedi para subir no púlpito, eu não pedi o microfone” serve para chamar atenção quanto à ação sobrenatural de sua fala. O profeta, à luz da sociologia weberiana, acredita que a “mensagem o persegue” e que a oportunidade ideal para a expressar acontecerá (WEBER, 2019, p. 338-339). Situação que se assemelha, inclusive, ao evento que descrevemos no lançamento da biografia de Marx, promovido pelo PSTU. Lá, como aqui, como disse Daciolo: “Eles me deram a palavra. Eu fui lá e me deram a palavra. Então eles tiveram que me ver com a bíblia e com o livro [sobre Marx]”.

Em seu discurso, a expressão “Aí já não sou mais eu” se refere ao seu não-controle diante da mensagem divina recebida. Observando o vídeo, não podemos afirmar que se trata de um caso extático. Weber, por exemplo, dirá que profetas pré-exílicos se distinguem das formas extáticas, pois o caráter emocional daqueles estava relacionado ao encontro com os ouvintes. No vídeo, é possível notar o público respondendo à “profecia” entregue por Daciolo. Palavras como “amém”, “glória a Deus”, “aleluia”, demonstravam aceitação.

Abaixo, tomando para si o texto bíblico do profeta Jeremias como referência, o cabo o reinterpreta, bem como quando discursava no movimento SOS Bombeiros contra o governador Sérgio Cabral, a quem chamou de Nabucodonosor. Aqui, ele recupera não a imagem de Daniel, mas a imagem do profeta Jeremias. E por que Jeremias? O capítulo primeiro aborda o chamamento do profeta, a crítica a líderes religiosos e a políticos quanto à mensagem e a preparação de Deus, segundo a narrativa, quanto às perseguições que enfrentaria.

Quero deixar uma coisa bem clara aqui... está no livro de Jeremias¹⁶². [Lê] “... a todos a quem eu enviar, você irá e dirá tudo o que eu [Deus] lhe ordenar”. [...]

¹⁶¹ Extraído de vídeo publicado no YouTube, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q8Rstwq0lco&feature=youtu.be>>. Acesso em: 10 de fev. de 2020.

que façam isso? Você tem que dar o exemplo”. Eu para os senhores naquele dia 6 mil reais. [...] Antes de ser deputado federal, eu sou servo do Deus vivo. [...] Deus falou que iria me colocar lá e que era pra eu abrir a minha boca e falar dele lá dentro. E é o que eu faço. [...] Sabe o que Deus fala? Ele fala, olha: “Veja, veja! Eu, hoje, te dou autoridade, te dou autoridade sobre nações e reinos, meu servo, cabo Daciolo”. Ele fala isso. Pra quê? Pra arrancar, pra despedaçar, pra arruinar e pra destruir, pra edificar e pra plantar. [...] Quero dizer aos senhores que eu amo os senhores, que estou orando, intercedendo pelos senhores, mas agora é os senhores com Deus. Peça ao Senhor misericórdia. Peça pra ele os guardarem aí porque as consequências virão. [...] Dizer aos senhores que juntos somos fortes, que nem um passo daremos atrás e que Deus está no controle. Glória a DeuX! (DEPUTADO..., 2019, n. p.).

Os pastores dos Gideões, líderes responsáveis pela decisão em obedecer ou não à profecia, são associados aos que pregam e não vivem coerentemente com a própria mensagem. “A voz divina é o que eles [profetas] escutam, e esta, a princípio, exige dos mesmos – e do povo, por meio deles – tão somente fé” (WEBER, 2019, p. 366). Dessa forma, são esses pastores que lançam pedras contra o profeta (cabo Daciolo) e, consequentemente, lutam com Deus, aquele que escolheu seu servo. Hueslen e Reuel são os que endureceram o coração e não foram aprovados.

Ao citar outro verso do livro de Jeremias, Daciolo o ressignifica a partir do contexto de “perseguição” que agora sofre: “Não tenha medo deles [dos pastores], pois eu estou com você [Daciolo] para protegê-lo” (DEPUTADO..., 2019, n. p.). Em seguida, sob a autoridade dada por Deus a ele sobre nações e reinos, acompanhada de uma “teodiceia da desgraça” – típica dos profetas quanto à “violação da justiça” daqueles que lideram (WEBER, 2019, p. 348-349). Após os eventos ocorridos, o pastor Reuel, foi forçado a renunciar à presidência dos Gideões por não suportar “mais tanta falsidade e ingratidão” e “perseguições” sofridas (FARIAS, 2018). O pastor Hueslen foi acometido por uma paralisia facial (PASTOR..., 2018, n. p.). Procurado, Daciolo respondeu aos fatos de acordo com o que havia anunciado (“... as consequências virão”): “Deus está no controle” (FARIAS, 2018, n. p.).

Na política, Daciolo segue classificando os demais políticos por meios das duas categorias utilizadas para classificar os pastores. Isto é, há aqueles que podem ser chamados de “verdadeiros profetas” e outros de “falsos profetas”. Como ele mesmo se vê como profeta verdadeiro, coloca-se como tipo ideal nos quesitos da moralidade e ações públicas. Daciolo se apresenta como resultado de uma profecia: “[...] um ano antes de eu estar aqui, um profeta – e eles existem – chegou até a mim e falou: ‘Varão, Deus manda eu te dizer que vai te colocar no meio dos grandes’. E termina aconselhando: “E, quando chegares lá, abra a tua boca e fala de Deus”” (informação verbal, grifos meus)¹⁶⁶.

¹⁶⁶ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 29 de novembro de 2015; sessão: 285.1.55.O; fase: GE.

O cabo apresenta a legitimação para sua fala como profeta: “[...] e Ele [Deus] me ensina a profetizar” (informação verbal)¹⁶⁷. No exercício desta profecia, como já dito, emite *juízos bíblicos* contra aqueles que são homossexuais, viciados e cometem crimes: “O homossexualismo é pecado, e está escrito que quem o pratica não vai para o céu, assim como o alcoólatra, assim como o adúltero, assim como o ladrão, assim como o corrupto”. E sentencia: “Esses também não vão herdar o reino de Deus” (informação verbal)¹⁶⁸. Também o faz contra aqueles que são membros da maçonaria, os quais, a partir de sua tradição evangélica-pentecostal, são *condenados*— como foi o então presidente Michel Temer, por ser, segundo o Daciolo, um satanista. Na Câmara dos Deputados, após falar em “línguas estranhas”¹⁶⁹, ele declarou: “Há pouco tempo, *Deus mandou dizer aqui*: ‘Presidente Michel Temer, largue o satanismo e a maçonaria! Venha correndo para Deus, porque não me agrada a morte de ninguém’” (informação verbal, grifo meu)¹⁷⁰.

Quanto aos falsos profetas, definidos pelo próprio Daciolo, são aqueles que se utilizam da religião e da política com interesses econômicos desprezando os interesses dos necessitados. Ao ler o texto bíblico de Mateus 24, ele também o ressignifica para as esferas aqui destacadas: “Naquele tempo, muitos ficarão escandalizados, trairão, odiarão uns aos outros, numerosos *falsos profetas* surgirão e enganarão a muitos” (grifo meu). Falsos profetas são aqueles religiosos-políticos que comercializam a “Palavra” (mensagem cristã), que não consideram temas como “saúde”, “educação”, “transporte”, “segurança” (informação verbal)¹⁷¹, que se corrompem com este “mundo” (uso do conceito teológico para expressar tudo aquilo que não comunga com os estatutos sagrados; neste caso, a própria corrupção política).

Assim como as denominações servem para “dividir o povo de Deus”, vimos que, para Daciolo, partidos políticos e classificações ideológicas (direita ou esquerda) são coisas do “homem” e também servem para “dividir”. Neste aspecto, Daciolo utiliza o argumento para um único julgamento: “são todos amiguinhos” e formam um “grupinho” enquanto o povo está se “matando”.

¹⁶⁷ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 05 de março de 2015; sessão: 023.1.55.O; fase: CG.

¹⁶⁸ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 2 de setembro de 2017; sessão: 267.3.55.O; fase: OD.

¹⁶⁹ Na transcrição de seu discurso na página da Câmara, a expressão “fala em línguas estranhas” é o termo pelo qual registram os taquígrafos as expressões utilizadas por Daciolo que não foram compreendidas, provavelmente, por se tratar da prática da glossolalia.

¹⁷⁰ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 14 de junho de 2017; sessão: 158.3.55.O; fase: OD.

¹⁷¹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 16 de julho de 2015; sessão: 205.1.55.O; fase: OD.

Na estrutura militar, a hierarquia deve ser rigorosamente obedecida. Daciolo aprendeu isso e, como cabo, só haveria uma maneira de reivindicar o poder dominante: o papel do profeta.

Lembrando o coronel da Norte/Noroeste, os militares estão exigindo respeito *e o senhor ainda fica falando de Deus? Pare de falar de Deus, porque homens de Deus tratam o seu semelhante com respeito!* Então, os militares da Norte/Noroeste exigem ser tratados com respeito, *dentro da hierarquia militar*, dentro da disciplina, mas com respeito! Juntos somos fortes. Nenhum passo daremos atrás, e Deus está no controle (informação verbal, grifos meus)¹⁷².

Em que circunstância um cabo poderia se dirigir desta maneira a um coronel? O que ocorre neste discurso? A denúncia pelo profeta acerca do exercício da “violência simbólica” através da hierarquia militar; quem não trata o semelhante com respeito não tem a autorização para falar em nome de Deus; a mediação do profeta que fala em nome dos militares (outra hierarquia); o uso do nome de Deus pelo cabo Daciolo, que seria o legítimo profeta, autorizado para falar em nome da divindade.

Neste capítulo vimos como nosso personagem inicia sua trajetória na política, sobretudo, a política partidária; seus aspectos familiares/pessoais, profissionais e religiosos que ajudaram a determinar seu repertório; suas inclinações a determinadas pautas de partidos de esquerda e seu conservadorismo quanto ao comportamento; como classifica líderes religiosos, políticos e militares à luz de sua leitura confessional; sua crença como um oráculo sagrado, um profeta-emissário-político; como se distancia das instituições religiosas, dos estatutos partidários e classificações que o definam em algum espectro político ou eclesial.

¹⁷² Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 30 de abril de 2015; sessão nº 090.1.55.O; fase: PE.

3. DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DO “POVO EVANGÉLICO”

“Política e religião não combinam. Mas política e Deus... Eu quero dizer que não existe política sem Deus”.

“Quero dizer que sou do PSOL, sou militar e sou cristão. E, para poder falar de representante do povo, eu preciso começar o meu discurso, falando de trabalhador”.

“Eu sou Deputado Federal há 1 ano e 10 meses e nunca vi, no Congresso Nacional, ser votada qualquer coisa em prol do povo”.

Cabo Daciolo¹⁷³.

Este capítulo analisa o avanço de candidatos evangélicos na política ligado a um discurso de construção de “povo evangélico”. Para isso, utilizo o conceito de construção de povo em Ernesto Laclau (2018), e desenvolvido no cenário brasileiro por Burity (2020b), para perceber de que maneira Daciolo classificará “o povo” e em torno de quais demandas pretende unificá-lo. Além disso, através de pesquisas realizadas pelo Instituto Datafolha, analiso se e como a crise de representação política atinge o segmento evangélico, e se Daciolo seria, à luz da sociologia compreensiva, um político que se isola buscando se adequar a um personalismo através de sua dominação carismática.

O conteúdo dos discursos de Daciolo no plenário da Câmara é carregado do que tenho desenvolvido nesta tese a partir do conceito de *antagonismo político*. Todavia, tendo como principal foco a dinâmica da relação de dominação carismática em sua face religiosa. A teodiceia construída por ele visa afastar do centro os demais políticos, considerados por ele como instrumentos de um mal sobrenatural. Esta é a justificativa que Daciolo encontra para interpretar as decisões dos parlamentares que não contemplam, em sua maioria, as demandas dos eleitores (povo). Deste modo, nos fica a questão: o cabo se utiliza da prerrogativa religiosa (racionalização) para ascender politicamente e obter exclusividade nessa plataforma (personalização política)?

¹⁷³ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

3.1 Do avanço dos evangélicos na política

No ano 2000, a população evangélica era de 15,4%. Este número passou para 22,2% em 2010. Destes, 13,4% se declararam de origem pentecostal/neopentecostal, 4,1% de evangélicos de missão e 4,9% de evangélicos não determinados (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE], 2010). Com base nos dados do TSE¹⁷⁴, em 2010, os candidatos evangélicos representavam 1,0% do total. A porcentagem aumentou no ano de 2014 para 1,29%. O número de candidatos evangélicos de um pleito para o outro cresceu de 226 para 328. Registra-se a seguinte porcentagem para candidatos autodeclarados religiosos à Câmara dos Deputados nos pleitos de 2010 e 2014. Os dados de 2018 serão apresentados a seguir.

TABELA 3 – CANDIDATOS AUTODECLARADOS RELIGIOSOS (%)

Candidatos	2010	2014
Outros	98	98
Religiosos	2	2
Total	100	100

FONTE: O autor (2021)¹⁷⁵.

Ao desmembrarmos religiosos em categorias, o grupo de evangélicos se sobressai ao grupo dos católicos (%):

TABELA 4 – CANDIDATOS POR TÍTULOS RELIGIOSOS (%)

Designação	2010	2014
Pastor(a)	58	65
Irmã(o) ¹⁷⁶	16	18
Bispo	7	7
Padre	7	2
Outros ¹⁷⁷	13	9

FONTE: O autor (2021).

¹⁷⁴ Que podem ser acessados no portal do TSE, disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-antiores>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

¹⁷⁵ Os dados foram extraídos do TSE e ainda não foram divulgados por fazerem parte de projeto de pesquisa paralelo com o cientista da religião Leonardo Gonçalves de Alvarenga, a quem agradeço pela composição conjunta das informações destas tabelas e da Tabela 3.

¹⁷⁶ Irmã(o) é o mesmo que crente, membro de uma comunidade evangélica.

¹⁷⁷ A categoria em questão agrupa as seguintes designações eclesiais: Reverendo, Presbítero, Missionário, Apóstolo.

Não apenas líderes evangélicos, mas houve, igualmente, um avanço considerável de membros deste segmento. A FPE ajuda a mensurar tal afirmação (PRANDI; SANTOS, 2017). Acompanhando as clivagens dessa bancada, em 2010 o DIAP identificou 73 parlamentares evangélicos (ELEIÇÕES..., 2018). Embora a FPE leve o nome de um só segmento religioso, há também os que se alinham ao grupo através de determinadas pautas que interessam a instituições religiosas. Neste caso, não só pastores, mas bispos, missionários, sacerdotes católicos, cantores do setor gospel.

Para o ano de 2014, o objetivo era ultrapassar 100 vagas na Câmara. Foram eleitos 88. Já nas eleições de 2018, candidataram-se 326 pastores(as) e 18 padres¹⁷⁸. A meta era alcançar 150 deputados federais. Neste pleito, 70 (dos 88) tentaram reeleição, porém, apenas 41 permaneceram. Foram eleitos 78 deputados federais evangélicos. Ou seja, um decréscimo de 10 deputados deste segmento. A FPE, para a 55ª Legislatura, agregou parlamentares de 18 denominações diferentes, predominando as igrejas pentecostais, como Assembleia de Deus (23 deputados), seguida da IURD (17 deputados) e Batista (12 deputados) (ELEIÇÕES..., 2018). Os números apontam para outra informação: dos 22 partidos, 19 foram identificados como de orientação de direita e centro-direita (CUNHA, 2018).

Para o cientista da religião Paulo Barrera Rivera, o crescimento de candidatos “abertamente evangélicos” pode ser explicado pela crença pentecostal de que “[...] uma de suas missões é a prática política – não apenas em lugares secundários, mas como protagonista” (BRAGA, 2014). Rivera entende que as denominações religiosas que se envolvem com a política auxiliam os candidatos com tons messiânicos. Muitos dizem: “Estou fazendo porque Deus me mandou e estou certo de que vou ganhar”. A presença dessas igrejas na mídia cria e/ou orienta um volume significativo de votos e as lideranças pentecostais possuem suas alianças políticas “em nome das instituições religiosas”¹⁷⁹.

Há um outro aspecto, levantado por Machado (2006), mais especificamente sobre a tradição (neo)pentecostal, que é o tripé de determinadas igrejas para se alcançar o poder legislativo (dentre outros): a) a *filantropia*, que busca estabelecer um vínculo clientelista, pois os atores que surgem como gerentes da redistribuição de benefícios são também os candidatos a cargos públicos; b) a *mídia*, que garante visibilidade não apenas à igreja, mas, inclusive, aos seus candidatos; c) a *política institucional*, que, além de ser retroalimentada pela presença da mídia e pela prática da filantropia, abriga a religião em sua missão de estender-se a outras

¹⁷⁸ De acordo com as informações do banco de dados do autor.

¹⁷⁹ Como desdobramento da relação entre evangélicos e política no pleito de 2018, vale cf. Rivera e Fidalgo (2019).

posições institucionais com a finalidade de garantir um enraizamento maior nas instituições públicas.

Conforme vimos no capítulo anterior, a campanha de Daciolo não utilizou características e elementos elencados nem nas estatísticas acima, nem no tripé relacionado às igrejas (neo)pentecostais – o que demonstra mais uma vez seu distanciamento das igrejas enquanto instituição. Contudo, não se pode desconsiderar que Daciolo é também efeito-efeito colateral do avanço de evangélicos na política profissional. Com isso, não afirmo que o mesmo foi influenciado pelo segmento a se tornar um parlamentar, e sim, que parte considerável dessa *metamorfose* no cenário político brasileiro ampliou a possibilidade de tornar aceito, no próprio meio evangélico, a participação de fiéis como candidatos a cargos públicos. Todavia, em relação a Daciolo, existem elementos que, conforme acabo de afirmar, o diferenciam de atores religiosos ligados às suas instituições. Vejamos, a seguir, ponto a ponto de forma detalhada.

a) *Daciolo não teve tempo de mídia*

Não há registros de que o então candidato ao Legislativo tenha recebido apoio de igrejas com presença na mídia ou que tenha utilizado de forma abrangente canais na internet, ou redes sociais, para promover sua campanha. No *Programa dos sem TV PSOL RJ*, no canal do YouTube do referido partido, criado por candidatos sem tempo de televisão para se apresentarem junto com suas propostas. Daciolo dispôs de 20 segundos de tempo neste canal. O canal tem como ícone a imagem de vários sóis¹⁸⁰; dentre eles, em um dos sóis se lê a Bíblia sagrada. Na introdução, a deputada estadual Janira Rocha critica a elitização feita pelo partido para tempo de TV e apresenta Daciolo como “um dos candidatos que foi excluído” de um dos principais recursos políticos:

Este é um dos candidatos que foi excluído da propaganda eleitoral pela direção majoritária do PSOL Rio que apresentou apenas os seus candidatos. A democracia que defendemos para a nossa sociedade é a mesma que defendemos para dentro do partido. Vote PSOL, vote 50, vote PSOL do povo (CABO..., 2014, n. p.).

Outro dado importante é que Daciolo passou a utilizar redes sociais e outros aplicativos somente após as eleições. O perfil no *Facebook* “Deputado Cabo Daciolo” foi aberta em 10 de junho de 2016¹⁸¹. Sua conta no *Twitter*, em 28 de abril de 2018, espaço onde replica muitas postagens de sua página do *Facebook*. No *Instagram* (@cabodaciolo), sua

¹⁸⁰ Desenhado por Ziraldo, o sol é o logotipo do PSOL.

¹⁸¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/deputadocabodaciolo/>>. Acesso em: 15 de fev. de 2020.

primeira atividade foi no dia 6 de agosto de 2018, dia que postou uma imagem registrando a realização de uma pregação em uma igreja na cidade de Boston, EUA. Nos comentários, há muitas declarações como: “O próximo presidente do Brasil”; “O meu presidente”; “É sério, vou votar nesse cabra”; “Glória a Deus”; “Profeta de Deus”; além de pedidos oração e de indicações de literaturas sobre a “Nova Ordem Mundial”.

Durante nossa entrevista, ao ser perguntado sobre quem o auxiliava nas postagens, Daciolo respondeu:

Esse é o meu telefone, meu irmãozão [cf. Figura 10]. Minha esposa, ela faz jornalismo. Sempre foi meu assessor e minha esposa. Eu sempre tive um deles fazendo os vídeos e eles colocam, eles publicam, eles soltam. Então, as pessoas que às vezes comentam alguma coisa em *Facebook* ou no *Instagram* ou no *Twitter*, peço desculpa a todos, mas não é o Daciolo que tá ali. “Pô, Daciolo não falar comigo...”. É porque não sou eu e ao mesmo tempo eu não autorizo ninguém falar em meu nome.

O celular da marca LG Dual SIM é incompatível com os aplicativos descritos. Possui apenas as funções de Rádio FM, lanterna, agenda telefônica com limite de até 300 contatos, ligar e receber chamadas e envio e recebimento de mensagens (SMS) – que foi a maneira com a qual me comuniquei pela primeira vez com Daciolo¹⁸².

FIGURA 10 – FOTO DO CELULAR DO CABO DACIOLO



FONTE: O autor (2021).

¹⁸² Um caso curioso sobre esse aparelho é retratado em vídeo postado pelo cabo, no dia 11 de novembro de 2018. Daciolo gravou um vídeo em comemoração ao alcance da marca de 15 milhões de seguidores do canal do grupo YouTube de humor Porta dos Fundos. No vídeo, Daciolo aparece parabenizando o canal e dizendo, ao lançar o celular escadaria do Congresso abaixo, que, caso o aparelho se quebrasse, ele trocava de celular para poder acompanhar os vídeos dos humoristas. Após juntar as peças do aparelho, ele liga o aparelho, acende sua lanterna e conclui que não era aquele momento em que ocorreria a troca do celular (15 MILHÕES, 2018). Sua participação no canal lhe rendeu críticas de setores conservadores, pois o principal responsável pelo grupo de humor é o ator Fábio Porchat, acusado por alguns religiosos de banalizar, em seus roteiros, o cristianismo. Daciolo gravou outro vídeo justificando sua participação no canal, a partir do livro bíblico de Atos, cap. 9, onde o apóstolo Paulo perseguia os cristãos e, após sua conversão, passou a defender a causa de Jesus. O então deputado questiona retoricamente no vídeo: “Quem disse que isso não vai acontecer com o Fábio Porchat?”. Esse vídeo pode ser visto no link disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P-GI3kPAuG0>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

Enquanto parlamentar, Daciolo utilizou como argumento o uso do “mesmo celular de sempre” para afirmar sua popularidade e sua luta pelos direitos dos trabalhadores:

Alguns podem perguntar e dizer: “Nós colocamos o Daciolo lá dentro para nos defender. Nós colocamos o Daciolo lá dentro para lutar pelas nossas lutas, pelos nossos direitos. O Daciolo se vendeu?”. *Eu quero dizer que o Daciolo continua com o mesmo celular de sempre, este celular aqui* [cf. Figura 10] (informação verbal, grifo meu)¹⁸³.

O fato de não trocar o aparelho telefônico também ajuda a destacar a maneira como lida com o dinheiro. Durante nossa entrevista, o cabo citou o *dinheiro* ligado a três temas: corrupção, economia e vida religiosa. No primeiro caso, o deputado esclarece: “[...] porque Deus nos colocou lá pra mostrar que nós podemos entrar lá e não nos corromper” (informação verbal)¹⁸⁴. No segundo caso, disse:

Essa que é a verdade: que fica pagando reserva de sobra de caixa dos bancos e aí fica cobrando e jogando dívida pública em cima disso e aumentando dívida pública e o país sofrendo e o dinheiro não tá no mercado, não oxigena a economia do país. Isso é proposital, não entra em investimento, não entra em infraestrutura, não temos saneamento básico, não tem educação, saúde, param o país com a reforma do teto, pararam o país durante 20 anos, mas, em contrapartida, pagar a dívida pública pode, que só cresce. Só cresce, meu irmão. Isso aí não existe (informação verbal)¹⁸⁵.

Por último, sobre a relação do dinheiro com a vida religiosa, assevera: “Eu tenho um tesouro dentro de mim que dinheiro nenhum desse mundo pode comprar, o homem mais rico do mundo não compra, que é a presença do Espírito Santo de Deus” (informação verbal)¹⁸⁶.

b) *Daciolo não fez uso do título de “pastor” durante a campanha, e sim, de sua patente militar (“cabo”), como já era conhecido no movimento SOS Bombeiros*

Como se vê na Figura 11, em sua campanha para deputado federal pelo PSOL, Daciolo não se utilizou da alcunha de “pastor”, mas sim, de sua patente militar. Em seu vídeo de pouco mais que 20 segundo se apresenta da seguinte maneira:

Deus está no controle. Não estamos à venda. Não somos mais um. Estamos lutando pela dignidade do povo brasileiro, [...] lutando pelo estado do Rio de Janeiro, lutando pelos trabalhadores da saúde, da educação, da segurança pública [as classes mencionadas serão utilizadas como categorias em seus discursos como parlamentar

¹⁸³ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 21 de junho de 2016; sessão nº 157.2.55.O; fase: BC.

¹⁸⁴ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹⁸⁵ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹⁸⁶ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

para serem analisadas]. *Meu nome? Cabo Daciolo. Meu número? 5020. Preciso do seu voto. Não estamos à venda. Juntos somos fortes* (CABO..., 2014, n. p.)¹⁸⁷.

Embora não tenha se candidatado sob o título de “pastor”, a identificação de nosso personagem com a religião pode ser notada através de ritos, da identificação do cabo com o segmento evangélico pentecostal e, sobretudo, pelo seu discurso – como será melhor visto ulteriormente.

FIGURA 11 – *PRINT* DA TELA DO PROGRAMA DOS SEM TV PSOL RJ NO YOUTUBE



FONTE: CABO... (2014).

Após as eleições, Daciolo discursou no Plenário da Câmara destacando a falta de apoio do partido:

Em momento algum, o partido em que eu entrei, que foi o PSOL, quis que eu viesse para cá. Eu não tive, em momento algum, tempo de televisão. Eu não recebi nenhum prospecto ou papel quando era candidato. Mas Deus proporcionou que eu estivesse aqui. Fizemos uma campanha com 35 mil reais, e o mais interessante, o detalhe que é primordial: saímos com 49.831 votos, para honra e glória do Senhor Jesus Cristo. Vou permanecer lutando pelos trabalhadores. Lutar por direitos não é crime (informação verbal)¹⁸⁸.

Bourdieu (1981, 2005) entendia que a influência mais evidente da mídia (meios de comunicação) sobre a esfera política estava naquilo que chamou de *capital político*. Neste caso, o autor distingue este capital em duas espécies: o capital delegado e o capital transferido. O primeiro é aquele que está ligado a um determinado cargo institucional, como um mandato parlamentar. O segundo nasce de uma trajetória construída para a política que pode ser obtida em diferentes meios. Por exemplo, um artista que usa de sua imagem para construir uma carreira política. No percurso do cabo Daciolo, o capital transferido não é o da

¹⁸⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i93Qve0IwPk>>. Acesso em: 9 de abr. de 2020.

¹⁸⁸ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 21 de maio de 2015; sessão nº 120.1.55.O; fase: CP.

religião em si, mas sim, de sua luta durante a liderança do movimento SOS Bombeiros. A religião é um elemento legitimador de sua participação na luta por direitos da classe. *Cabo Daciolo* tornou a identidade do movimento dos bombeiros (e não das instituições religiosas pentecostais), sua maior propaganda.

À luz da teoria bourdieusiana, as bases da representação política podem ser distinguidas através de dois tipos de capital político. O primeiro é aquele(a) que detém esse capital *a título pessoal*. Ou seja, neste caso o indivíduo é o resultado da popularidade, reconhecimento, notoriedade, associados a um capital *heroico*, que tem sua gênese na ação em determinado contexto de crise. O segundo é aquele(a) que se obtém *por delegação*, como alguém autorizado por determinada organização ou instituição. Neste caso, o indivíduo depende da empatia dos eleitores, mas aqueles que fazem parte de alguma denominação religiosa, contam com o cargo eclesiástico que, conseqüentemente, serve como um capital simbólico considerável nas eleições.

c) *Daciolo, como alguém sem afiliação à instituição religiosa, não utilizou do púlpito (de igrejas) para promoção de sua candidatura à Câmara dos Deputados, mas obteve apoio de evangélicos no movimento*

Há uma latente tentativa de uma hegemonia evangélica na cultura e também na política para a construção de uma “autorrepresentação” deste segmento. Pode-se perceber “[...] uma intensa utilização dos templos e dos cultos para promover mobilizações de diversa natureza, *inclusive político-eleitoral* (os apoios explícitos aos ‘candidatos evangélicos’, via os ‘conselhos políticos’ de igrejas pentecostais e neopentecostais)” (BURITY, 2020a, p. 3, grifo meu).

Mesmo diante destes engajamentos institucionais, durante nossa entrevista, Daciolo interpretou sua vitória nas eleições da seguinte forma: “É fruto do *meu* trabalho, da *minha* luta em prol dos trabalhadores humilhados pelo atual governo”, e também reconheceu o apoio de evangélicos na “operação do milagre”, contudo, sem interação direta com instituições (informação verbal)¹⁸⁹.

Segundo José Luis Fevereiro (2018), a maioria dos bombeiros que seguia o cabo nas manifestações era evangélica. A afirmação de Fevereiro juntamente com as informações que colhemos para esta tese não nos permite ir além dos atores religiosos. Ou seja, não há

¹⁸⁹ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

registros de quais igrejas/instituições tenham oferecido apoio a Daciolo durante sua campanha e sobre se este teria se beneficiado destas.

“É fruto do meu trabalho, da minha luta *em prol dos trabalhadores humilhados* pelo atual governo” (informação verbal, grifo meu)¹⁹⁰. Neste caso, notamos que a reconfiguração do ator religioso na esfera pública também ocorre através de *militância*, onde se adere a determinados grupos ou partidos por escolha pessoal e não por herança¹⁹¹. O fator religioso se torna um recurso simbólico na esfera pública. A religião oferece ao sujeito um modo de interpretar o mundo e, conseqüentemente, um modo de agir (inclinação para a moral). Há uma reorganização tanto do lugar da religião quanto do *ethos* religioso nas sociedades modernas, o que não configura, de modo algum, a anulação de ritos e práticas de fé. Os tempos atuais não apresentam um quadro menos religioso, pelo contrário, o que se vê é apenas a vivência do religioso por formas diferenciadas (WILLAIME, 2007). E, de alguma maneira, a crença alça como alternativa o envolvimento na política profissional (crença política) – caso do sujeito investigado nesta tese, que, até aqui, parece não se adequar ao mesmo modelo de campanha (e de exercício político) apresentado acima.

O que vimos até aqui, portanto é a emergência do segmento evangélico no cenário político que “começa com uma asserção coletiva de um novo ator” e, conseqüentemente, traz “[...] à visibilidade novos atores, novas demandas e novas formas de configuração do poder e do vínculo social” (BURITY, 2020a, p. 3). É neste quadro que Daciolo se localiza, e, como tenho defendido, ele se trata de um novo ator, que surge como efeito-efeito colateral de um projeto evangélico inclinado à construção de um “povo-nação” que possa ser chamado de evangélico– cujas demandas são interpretadas pelo cabo, à luz de categorias bíblicas, como “povo”, “mundo”, “igreja”.

Abaixo, analiso como a profecia religiosa de Daciolo se alinha à sua postura enquanto parlamentar (profeta-emissário-político). De que maneira suas pautas políticas são operacionalizadas pelo carisma (racionalizante) tornando-o um ator peculiar neste cenário?

3.2 Da construção de um “povo-nação” evangélico

Antes que avancemos, é importante conceituarmos o que Laclau (2018) entende como construção de um povo. Para ele, trata-se de uma constituição de uma identidade coletiva reunida em torno de demandas. Ou seja, a unidade de um sujeito coletivo (o “povo”)

¹⁹⁰ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

¹⁹¹ Sobre esse tema, o sociólogo da religião Jean-Paul Willaime (2007) faz uma releitura da teoria bourdieusiana.

não pode ser definida pela sua posição social ou por seus atributos compartilhados, e sim, pela articulação de demandas (LACLAU, 2018). Essas demandas podem ser articuladas em vários setores, assim como na religião que, de acordo com sua insatisfação à determinada questão social, política ou de outra ordem, interpreta para seus fiéis a demanda onde todos se reconhecem – em suas palavras: “[...] a necessidade de um cimento social que una os elementos heterogêneos [...] outorga centralidade ao afeto na constituição social [...] o laço social é um laço libidinal” (LACLAU, 2018, p. 10).

Seguindo a leitura laclauiana de Burity (2020a, p. 3-4), é, especialmente a partir de 2014, que o movimento de emergência do segmento evangélico, em seu aspecto conservador, se evidenciará como sujeito político constituído, cuja pretensão é “redefinir o povo-nação como povo evangélico”. O autor observa que esse crescimento ocorre desde a década de 1980, apesar de não ser considerado um “marco zero” deste movimento de inserção na política. Trata-se de expansão demográfica que implica na criação de um “ponto de virada”. Em minha interpretação, essa emergência evangélica conservadora em 2014 é o desdobramento dos eventos e narrativas em torno das eleições de 2010 (outro “ponto de virada”) que, conforme relatei no primeiro capítulo desta tese, surgiu como efeito colateral de uma crise institucional, bem como de um processo de maior inserção de evangélicos na política com a finalidade de “santificá-la” através de atores que assumissem pautas morais e de comportamento.

Por exemplo, em 2010, o discurso contra a “iniquidade institucionalizada” no PT, de acordo com nossa abordagem no capítulo 1, apresentou algumas demandas, brechas, no plano da moralidade e do comportamento. O ponto fundamental na construção da identidade desse povo, que é sempre uma construção discursiva, é que se possa nomeá-lo contra seu inimigo – neste caso, o PT. Daciolo também utilizou esse tipo de discurso quando esteve à frente do movimento SOS Bombeiros. Enquanto a demanda que unia seus pares era articulada em torno da PEC 300/2008 e da defesa por melhores condições de trabalho, definindo um “nós”, o governador Sérgio Cabral se tornou a figura do “inimigo comum”. O que se percebe é que para a criação de um povo é necessário que haja identificação entre membros no interior do grupo e um inimigo comum, ou um “ódio comum de algo ou de alguém” (LACLAU, 2018, p. 119)¹⁹². Lembrando que povo para Laclau (2018) é sempre uma construção discursiva, e discursivo aqui não apenas “[...] relativo às áreas da fala e da escrita, mas [a] quaisquer

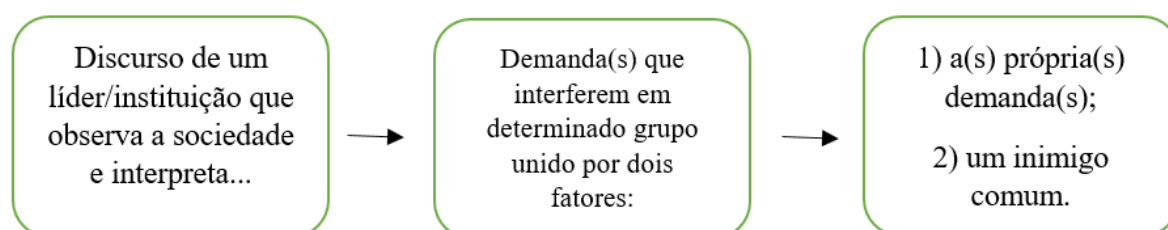
¹⁹² Para construir sua análise, Laclau faz referência a teoria de Freud, que entendia que o “traço que possibilita a mútua identificação entre membros do grupo é um ódio comum de algo ou de alguém” (LACLAU, 2018, p. 119).

conjuntos de elementos nos quais as *relações* desempenham o papel constitutivo” (LACLAU, 2018, p. 116).

O ano de 2014, em que o pastor Everaldo (PSC) se candidatou à presidência da República, registrou também o descontentamento de grupos da AD que esperavam eleger um presidente do mesmo segmento. Para Burity (2020a, p. 6), diante de um ponto de vista simbólico, a candidatura do pastor explicita a primeira articulação de um discurso neoconservador em termos econômicos, sociais e culturais e que já “passava por uma aproximação com Bolsonaro” – figura que avançaria com um projeto populista em que o *antagonismo político* também seria realçado em discursos contendo elementos religiosos cristãos.

Portanto, seguindo o raciocínio de Burity (2020a), os evangélicos se colocam como mediadores para solucionar as crises econômica, política e moral, mas, para isso, só têm condições de assumirem esta mudança se ocuparem cargos em poderes legítimos na democracia brasileira. Sua hipótese é que a construção da identidade pentecostal do “povo evangélico” na nação é “[...] um efeito agonístico de uma conjuntura de ativação de uma nova subjetividade política (a partir dos anos 1980), um novo povo brasileiro pós-ditadura” (BURITY, 2020a, p. 8). Sua inserção na política profissional acentua as pautas morais e de comportamento como demandas urgentes a serem atendidas. E já que, na percepção desses atores evangélicos, suas demandas não são atendidas por governos de esquerda, torna-se necessário que eles mesmos ocupem cargos políticos. Vejamos como esse processo funciona:

FLUXOGRAMA 1 – PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS EVANGÉLICOS E ATIVAÇÃO DE UMA NOVA SUBJETIVIDADE POLÍTICA



FONTE: O autor (2021).

Quando existe uma demanda e um inimigo comum, há unidade de determinado grupo, seja ele numericamente expressivo ou não. E como se dá a construção de um povo hegemônico? Quando o terceiro quadro é articulado com outros grupos. Ou seja, quando as demandas são compartilhadas e se estabelece um inimigo comum a todos. No caso dos

evangélicos, em seu processo de ascensão política, tenho demonstrado que, desde a nova clivagem desta participação política em 2010, o discurso religioso articula uma identidade baseada no fator da existência de uma crise moral e que o inimigo – responsável por essa “crise” – habita a esquerda política do país, com suas pautas sobre direitos da comunidade LGBTQIA+, descriminalização do aborto, cotas, dentre outras.

Levando-se em conta essa argumentação, levanto algumas questões: eleitores evangélicos são devidamente representados em suas demandas sociais por políticos do mesmo segmento religioso? De que maneira Daciolo se porta politicamente em relação a esse mesmo povo e como constrói, discursivamente, sua relação com esse grupo, mesmo sem pertencer institucionalmente à igreja evangélica? Esse grupo é classificado por Daciolo por quais categorias?

Para além da possibilidade concreta (ou não) da criação de um povo-nação evangélico – pelo menos, no que tange à delimitação temporal que esta tese propõe –, tais indagações ajudarão a compreender as idiosincrasias da participação política do ator em tela que, como sigo na construção do argumento, aponta para uma personalização política através da dominação carismático-religiosa.

3.3 Da 55ª Legislatura: a representação evangélica

Mediante as crises e seus efeitos colaterais, bem como a constituição de um “povo evangélico”, religiosos buscam representar pautas de suas instituições de fé na esfera política. Tal impulso faz com que as próprias igrejas passem a se colocar como mediadoras na sociedade (ou para seus membros), o que constitui uma espécie de paradoxo no processo de secularização do Estado.

No setor político, a FPE se torna um espaço para legislar em favor de tais pautas, que contemplem as demandas destacadas através dos discursos de líderes religiosos. O que se pode afirmar, neste aspecto, é que a FPE possui “[...] influência crescente das religiões na política brasileira contemporânea” (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 187). Contudo, como Prandi e Santos (2017) observaram, diante das diferentes posições em que os brasileiros religiosos se encontram nas igrejas, notam-se opiniões diversificadas acerca dos temas ligados ao comportamento moral que os orienta. E se trata exatamente disto: a qualificação das pautas discutidas – e que possui maior engajamento pela maioria dos religiosos – não possui se liga à pretensão de “participação política”, mas se direciona ao “comportamento moral” do

indivíduo na sociedade (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 188) – análise que ratifica os argumentos construídos no capítulo 1e na seção anterior.

A tese dos autores em questão reafirma a ideia de que a religião perdeu a capacidade de estruturar a política e a sociedade, mesmo que esteja presente na esfera pública e na convicção de determinados indivíduos. A religião, portanto, não pode ser reconhecida como “figura da organização pública”, ou como “princípio fundador”, ou ainda como formadora da cultura e da nação (FERRY; GAUCHET, 2008). Todavia, há que se pontuar como determinados temas surgem na sociedade e como são tratados por parlamentares. Isso nos ajudará a perceber de que maneira Daciolo estrutura seus discursos enquanto parlamentar e como constrói sua narrativa/teodiceia favorecendo uma imagem cada vez mais autônoma em relação ao setor público, distanciando-se, inclusive, da FPE e de outros deputados do segmento evangélico.

A análise sociológica de Prandi e Santos (2017) sobre o cenário político-religioso que envolve a 55ª Legislatura ocorreu a partir dos dados de duas pesquisas do Instituto Datafolha¹⁹³. Em ambas, foram colhidas opiniões a respeito de temas como: pena de morte, pobreza, maioridade penal, posse de armas, questões econômicas, benefícios de programas governamentais, dentre outros¹⁹⁴. Recorrerei aos dados da mesma fonte para confecção de um quadro temático e de posicionamentos de setores religiosos e políticos, que serão apresentados a seguir.

3.3.1 Temas morais e comportamentais

Em primeiro lugar, consideraremos os dados sobre a opinião de evangélicos (pentecostais e não pentecostais), dos sem religião/ateus, do Congresso Nacional, da PFE e de congressistas pentecostais sobre *moral e comportamento* na sociedade.

¹⁹³ Realizadas em setembro de 2014, com uma amostra de 10.054 eleitores e, em outubro de 2015, com uma amostra de 340 parlamentares.

¹⁹⁴ Em 2015, catorze jornalistas de Brasília, São Paulo e Pernambuco, realizaram uma pesquisa com o objetivo de um levantamento sobre a religião dos deputados(as). Dos quinhentos e treze, quatrocentos e vinte e um responderam. Destes, apenas 68 (16%) afirmaram ser evangélicos (LELLIS, 2017, p. 98-99), sendo que a FPE era composta por 87 deputados(as) e 3 senadores. Isso confirma que a composição da FPE abriga membros de outras denominações religiosas, com a Igreja Católica.

TABELA 5 – OPINIÃO SOBRE MORAL E COMPORTAMENTO NA SOCIEDADE – 55ª LEGISLATURA (%)

Tema	Evangélicos Pentecostais	Evangélicos não pentecostais	Sem religião / Ateus	Congresso Nacional	FPE	Congressistas Pentecostais
Acreditar em Deus torna as pessoas melhores	91,5	90	17,3	67,3	85,9	79,3
Proibição do uso de drogas	85,1	83,8	51,5	78,3	95,3	97,2
Pena de morte para crimes graves	35,3	36,1	36,4	8,1	9,6	0
Legalização do porte de armas	27,7	30,4	38,4	42,2	58,7	67,6
Homossexualidade deve ser desencorajada	49,9	40,3	21,1	14,4	46,2	41,9
Número de casos	610	20.057	816	340	40	33

FONTE: DATAFOLHA (2014)¹⁹⁵.

Quanto ao primeiro tema, o cenário político-religioso brasileiro, relacionados à 55ª Legislatura, mostra-se bem rigoroso. O desdobramento desses números pode ser visto, inclusive, na pesquisa “Retratos da Sociedade Brasileira – perspectivas para as eleições de 2018”, realizada em março de 2018 pelo IBOPE¹⁹⁶. O IBOPE divulgou que 79% dos brasileiros concordam total ou parcialmente que é importante que o candidato à presidência da república acredite em Deus, e; 29% declararam que é muito importante que o candidato seja da mesma denominação religiosa que elas.

Ao observarmos a trajetória de Daciolo, o tema do “crer em Deus para tornar o indivíduo melhor” carrega certa ambiguidade. Quer dizer, por um lado, o cabo se apresenta como alguém cujo interesse é fazer com que pessoas “conheçam a Jesus”, por outro, diz que basta que um indivíduo faça o bem, interessando-se pela causa do próximo que já demonstraria sua fé – ainda que seja um ateu, como vimos na seção 2.1.1, em que Daciolo se expressa sobre Cyro Garcia. No âmbito político, Daciolo associa a palavra “crer” às profecias realizadas no plenário da Câmara. Além disso, “Crer em Jesus Cristo é diferente de confiar em Jesus Cristo. Precisamos confiar em Jesus Cristo. *‘Maldito o homem que confia no*

¹⁹⁵ Dados referentes à pesquisa nacional realizada entre os dias 1 e 3 de setembro de 2014.

¹⁹⁶ A pesquisa foi encomendada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). O IBOPE entrevistou 2 mil pessoas de 127 municípios entre os dias 7 e 10 de dezembro de 2017. Os dados da pesquisa podem ser acessados no site na CNI, disponível em: <<https://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/rsb-43-perspectivas-para-eleicoes-de-2018/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

homem’, mas ‘*bendito o homem que confia no Senhor*’” (informação verbal, grifo meu)¹⁹⁷. O modelo de “homem que confia no Senhor” pode ser associado ao “profeta verdadeiro”, em que as pessoas deverão receber suas palavras acompanhadas de “sinais e maravilhas” (informação verbal)¹⁹⁸.

Dito de outro modo, na esfera política, crer em Deus é crer que as palavras anunciadas por Daciolo são verdadeiras. Charaudeau (2017) dirá que a credibilidade do político resulta “[...] da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante, realizada de tal modo que os outros sejam conduzidos a julgá-lo *digno de crédito*” (CHARAUDEAU, 2017, p. 119). E conclui: “Para isso, ele próprio deve fabricar uma imagem que corresponda a essa qualidade” (Ibidem).

Em relação à proibição do uso de drogas, um ano antes, a Pesquisa Nacional de Saúde (2015) divulgou que o próprio uso de álcool era considerado uma questão moral inaceitável por 47% brasileiros; 29% consideraram aceitável e 20% entenderam que não se tratava de uma questão moral¹⁹⁹.

A ingestão de bebida alcoólica para Daciolo já era interpretada como algo “do mundo”, uma vez que seu *ethos* evangélico se baseia no ascetismo intramundano, em que “primeiro é preciso obedecer a Deus e não aos homens” (WEBER, 2010, p. 67) e, conseqüentemente, justifica suas ações a partir da salvação alcançada em Deus (WEBER, 2004): “Eu era mulhereengo e gostava de uma cerveja, de uma caipirinha; e para quem quer buscar espiritualidade precisa deixar essas coisas” (informação verbal)²⁰⁰. Enquanto deputado, o assunto apareceu apenas como problema de *segurança pública*: apreensão de drogas²⁰¹ e fiscalização nas fronteiras em decorrência do tráfico²⁰².

A pena de morte para crimes graves está muito mais num contingente externo ao congresso. Na leitura de Daciolo – em reação à frase de dita por Bolsonaro, “Bandido bom é bandido morto” –, o “[...] bandido bom não é o bandido morto, mas o bandido lavado e remido no sangue de nosso Senhor Jesus Cristo”. Ligado a este tema, está a posição sobre a redução da maioria penal nos discursos do deputado:

Vejam, eu, o Deputado Cabo Daciolo, bombeiro militar do Estado do Rio de Janeiro, sou contra a redução da maioria penal. E quero dizer a todos os que

¹⁹⁷ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 14 de dezembro de 2016; sessão nº 333.2.55.O; fase: BC.

¹⁹⁸ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 17 de fevereiro de 2016; sessão nº 007.2.55.O; fase: GE.

¹⁹⁹ A pesquisa foi realizada com uma amostra de 960 entrevistados com 18 anos ou mais.

²⁰⁰ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

²⁰¹ Como se viu nos discursos realizados na Câmara dos Deputados em 04 de março de 2015 (sessão nº 022.1.55.O; fase: OD). Em 14 de abril de 2015 (sessão nº 070.1.55.O; fase: OD).

²⁰² Como se viu no discurso realizado na Câmara dos Deputados em 17 de março de 2016; sessão nº 043.2.55.O; fase: OD.

votaram em mim que se eu estiver errado em minha tese, por favor, não votem mais em mim. Eu coloco aqui em jogo o meu mandato, as próximas candidaturas. Não votem mais em mim se eu estiver errado. Eu quero dizer que não é necessário reduzir a maioria penal para punir o adolescente infrator, até porque da forma como nós estamos agindo o jovem de 15 anos não será punido, assim como o jovem de 14 anos e o de 13 anos. Não é preciso alterar o art. 228 da Constituição Federal para punir um jovem ou qualquer cidadão que venha a cometer crimes hediondos, como estupro e homicídio doloso. Isso não é necessário. Nós podemos fazer, via PL, uma modificação da Lei nº 8.069, de 1990; uma vez alterada, qualquer cidadão que venha a cometer um crime hediondo vai ser punido. Dessa forma haverá punição (informação verbal)²⁰³.

Na sequência de sua fala, aponta para a Constituição como proposta: “[...] de que os nossos jovens precisam, o de que a geração futura precisa para haver uma modificação é verdadeiramente o que está escrito no art. 6º da Constituição Federal” (informação verbal)²⁰⁴, que trata de do direito à “educação, lazer, esporte, alimentação, moradia”.

Quando se fala sobre a legalização do porte de armas, ocorre o contrário do tema anterior, maior engajamento se dá entre os parlamentares. Nos discursos do deputado Daciolo, o “porte de armas” é citado por três vezes²⁰⁵, sendo que, em todos eles o então deputado defende o direito de os guardas municipais portarem armas de fogo, segundo a Lei nº 13.022, de 8 de agosto de 2014. Em seu Programa de Governo²⁰⁶, apresentado durante a campanha para as eleições de 2018, todavia, demonstrou ser contra a legalização do porte de armas.

Sobre a homossexualidade, a crítica maior vem dos evangélicos pentecostais e da FPE. Na pesquisa do Datafolha (2013)²⁰⁷, 24,5% de evangélicos pentecostais são contrários à elaboração de uma lei para punir quem intimidar, constranger ou ofender homossexuais; 63,3% não concordam com a legalização da união entre pessoas do mesmo sexo; 66% são contra a adoção de crianças por casais homossexuais. Entre os evangélicos não pentecostais, os números aparecem respectivamente: 21,2%; 68,2%; 73,5%. Para os sem religião/ateus: 19%; 29,3%; 33,2%.

Na visão de Daciolo, “[...] o homossexualismo [sic] é pecado, e está escrito que quem o pratica não vai para o céu, assim como o alcoólatra, assim como o adúltero, assim como o ladrão, assim como o corrupto. Esses também não vão herdar o reino de Deus” (informação verbal)²⁰⁸. Tal declaração não era comum durante sua liderança no SOS

²⁰³ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em: 07/07/2015; sessão nº 163.1.55.O; fase: GE.

²⁰⁴ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em: 07/07/2015; sessão nº 163.1.55.O; fase: GE.

²⁰⁵ Nos dois discursos realizados na Câmara dos Deputados em 18 de junho de 2015 (sessão nº 163.1.55.O; fase: BC) em no discurso feito em 06 de dezembro de 2017 (sessão nº 023.3.55.N; fase: OD).

²⁰⁶ Nomeado como “Plano de Nação para a Colônia Brasileira”. Cf. ANEXO E.

²⁰⁷ Pesquisa nacional realizada de 6 a 7 de junho de 2013, com a população de 16 anos ou mais. O número de casos entre os evangélicos pentecostais foi de 775; entre os não pentecostais, 328 casos.

²⁰⁸ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 20 de setembro de 2017; sessão nº 267.2.55.O; fase: OD.

Bombeiros ou enquanto discursou em eventos do PSTU ou do PSOL²⁰⁹. Neste quesito, Daciolo se aproxima da visão de mundo da massa de evangélicos pentecostais, bem como da opinião da FPE.

3.3.2 Temas político-econômicos

O Estatuto da Frente Parlamentar Evangélica (FPE) orienta aos seus membros, em seu Art. 2º, inciso III:

Procurar, de modo contínuo, a inovação da legislação necessária à promoção de políticas públicas, sociais e econômicas eficazes, influenciando no processo legislativo a partir das comissões temáticas existentes nas Casas do Congresso Nacional, segundo seus objetivos, *combinados com os propósitos de Deus, e conforme Sua Palavra* (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA [FPE], 2015, n. p., grifo meu)²¹⁰.

Saltamos do plano da moral comportamental para o plano político-econômico. No primeiro grupo (Tabela 6), temos a opinião sobre as questões econômicas e governamentais de três classes: *Congresso Nacional*; *FPE* (pentecostais e não pentecostais) e *Congressistas pentecostais*. O segundo grupo se refere às opiniões do eleitorado: *Evangélicos não pentecostais*; *Evangélicos pentecostais* e *Sem religião/ateus*. Assim como na seção anterior, compararei os temas com o posicionamento do deputado Daciolo.

TABELA 6 – OPINIÃO SOBRE PLANO POLÍTICO-ECONÔMICO (%)

Posição do(a) entrevistado(a)	Grupo I			Grupo II		
	Congresso Nacional	FPE	Congressistas pentecostais	Evangélicos não pentecostais	Evangélicos pentecostais	Sem religião / Ateus
Sindicatos servem mais p/ fazer política do que defender os trabalhadores	41,0	62,6	68,0	52,2	48,7	33,6
É preferível pagar menos impostos ao governo e contratar serviços particulares de educação e saúde	40,0	47,6	52,8	55,3	47,6	47,4
Quanto menos eu depender do governo, melhor estará minha vida	77,4	87,0	78,8	46	45	60,6

²⁰⁹ Como já discutido. Cf. capítulo 2, seções 2.1.1 e 2.1.2.

²¹⁰ O novo Estatuto da FPE, apresentado em abril de 2019, manteve o artigo citado (cf. FPE, 2019).

Quanto menos o governo atrapalhar a competição entre as empresas, melhor p/ todos	64,5	85,3	69,8	37,8	33,7	19,4
Leis trabalhistas mais atrapalham o crescimento das empresas do que protegem os trabalhadores, por isso boa parte delas deveria ser eliminada	44,9	49,3	47,0	37,8	31,3	17,8
O governo não deve ajudar grandes empresas que corram o risco de ir à falência	40,3	52,5	49,5	27,9	24,3	45,1
As empresas privadas devem ser as maiores responsáveis por investir no país e fazer a economia crescer	60,1	57,6	48,1	19,0	21,0	29,9
Número de casos	340	40	33	2.057	610	816

FONTE: DATAFOLHA (2015)²¹¹.

O primeiro grupo referente revela que os *congressistas pentecostais* possuem uma visão mais negativa em relação aos sindicatos do que a FPE, o Congresso Nacional e as classes do segundo grupo (eleitorado). Essa discordância dos congressistas evangélicos sobre a função dos sindicatos no que tange à defesa dos trabalhadores, pode ter referência em relação ao movimento católico das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), que foram associadas à esquerda e ao comunismo. As CEB's trabalharam no período em que a igreja católica era praticamente uma imagem de representante do povo (PIERUCCI, 1996). Sempre que o sindicato se aproximou da religião, falou através dela. Contudo, “[...] o laço entre o sindicato e a igreja dissolveu-se, e a tensão entre grupos religiosos e outras organizações da sociedade civil reascendeu” (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 17).

Como relatado no primeiro capítulo desta tese, as manifestações ocorridas a partir de 2011 registraram participações de setores da educação, indústria, comércio e serviço, representados por seus devidos sindicatos. Todavia, os servidores da segurança, tal como os militares do CBMERJ, possuem obstáculos legais à greve e, à época do movimento SOS Bombeiros, valeram-se da participação de familiares e outros indivíduos durante as mobilizações, nas greves e passeatas. Enquanto parlamentar, Daciolo não discute o tema dos

²¹¹ Pesquisa realizada entre os dias 15 de setembro e 9 de outubro de 2015 com amostra de 340 parlamentares.

sindicatos, embora defenda os direitos dos trabalhadores em diferentes escalas, como se verá ulteriormente frente.

Na segunda questão, o primeiro grupo demonstra um distanciamento maior entre os membros do Congresso Nacional. No segundo grupo não há tanta diferença entre os religiosos. “As religiões não influenciam, não direcionam nem condicionam a opinião dos entrevistados nesse tema socioeconômico vital ao funcionamento estrutural da sociedade” (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 197). Isso ocorre no próximo tema, todavia, com uma diferença: os sem religião e ateus consideram ruim a dependência de benefícios do governo.

Em todos os discursos de Daciolo no Plenário da Câmara, o termo “imposto” esteve associado a um retorno injusto do Governo para com o povo e diminuição dos direitos do trabalhador. Embora não demonstre ser contra impostos, critica o Estado por não atender devidamente o povo. Isso ocorre em sete ocasiões²¹².

No terceiro tema, o primeiro grupo, protagonizado aqui pela FPE, apresenta opiniões que apontam mais para um liberalismo econômico. Em outras palavras, o Congresso, sobretudo os parlamentares evangélicos, mostra-se mais liberal no plano econômico do que os eleitores.

Em relação às empresas, Daciolo possui um discurso crítico ligado à defesa pela Previdência: “[...] as empresas públicas, as empresas privadas devem à Previdência. E estão querendo jogar tudo em cima do povo, porque querem escravizá-lo”. E, como de costume, trabalha retoricamente: ““Daciolo, qual seria a solução?” [...] A solução é se humilhar, é orar, é buscar e se afastar dos maus caminhos. O Senhor Deus é a solução!” (informação verbal)²¹³. O discurso em terceira pessoa é uma característica comum desse personagem. O diálogo do *eu* (ator) com o *eu* (personagem) tem a capacidade de encenar uma representação considerando o personagem, “[...] como figura, tipicamente uma figura admirável, cujo espírito, força e outras excelentes qualidades a representação” tenha por finalidade evocar (GOFFMAN, 2014, p. 270). A pergunta retórica também indicaria que somente ele teria a resposta – uma característica desse personalismo à luz da dominação carismática em sua vertente religiosa.

O Governo, nas exposições de Daciolo, deve atuar na sociedade. Além disso, é favorável aos programas sociais e de financiamento estudantil: “Uma pessoa que diz que vai

²¹² Ou seja, durante os discursos realizados na Câmara dos Deputados em 24 de março de 2015 (sessão nº 045.2.55.O; fase: GE); 10 de junho de 2015 (sessão nº 146.2.55.O; fase: BC); 08 de agosto de 2016 (sessão nº 188.2.55.O; fase: OD); 31 de agosto de 2016 (sessão nº 214.2.55.O; fase: OD); 05 de outubro de 2016 (sessão nº 214.2.55.O; fase: BC); 10 de novembro de 2016 (sessão nº 291.2.55.O; fase: PE) e 25 de maio de 2018 (sessão nº 131.4.55.O; fase: CG).

²¹³ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 23 de março de 2017; sessão nº 045.3.55.O; fase: BC.

tirar o FIES, o Bolsa Família, o ProUni, essa pessoa nunca passou necessidade” (informação verbal)²¹⁴.

O mesmo fenômeno do item anterior ocorre em relação ao tema das leis trabalhistas. Em relação a ajudar empresas nacionais, há uma taxa de rejeição de 27,9% dos evangélicos não pentecostais e 24,3% entre os pentecostais. Os sem religião e ateus saltam para o liberalismo econômico e rejeição à intervenção do Estado. Contudo, apenas 22,5% da população em geral acreditam que as *empresas privadas devem ser as maiores responsáveis por investir no país e fazer a economia crescer*. Possivelmente, a teologia da confissão positiva (da prosperidade) colaborou para a aversão da FPE (87%) em relação aos benefícios sociais do governo (SOUZA, 2011). Entre os eleitores evangélicos pentecostais e não pentecostais, a discordância ocorre abaixo dos 50%.

O liberalismo econômico do parlamento ressurgiu no tema sobre competição entre empresas. 85,3% da FPE concorda que *quanto menos o governo atrapalhar a competição entre as empresas, melhor para todos*. Entre a população evangélica, temos uma discrepância, sendo que apenas 37,8% dos pentecostais e 33,7% dos não pentecostais concordam com a questão levantada. E quando se fala da eliminação das leis trabalhistas, o primeiro grupo fica abaixo da linha dos 50%. O número é ainda menor no segundo grupo: abaixo de 38%. Quando se trata da *intervenção do governo para ajudar empresas*, a FPE possui um maior número (52,5%) que rechaça tal intervenção. No segundo grupo, os evangélicos demonstram maior aceitação na ajuda do governo, enquanto que os sem religião e ateus se aproximam da opinião dos parlamentares.

Daciolo apresentou, em época da campanha presidencial (2018), seu Programa de Governo onde se posiciona contrariamente à privatização de “estatais estratégicas” e propõe a “[...] modernização dessas empresas, bem como a melhoria das ferramentas de gestão e o investimento na capacitação dos colaboradores a fim de fortalecê-las a enfrentar a competitividade do mercado”²¹⁵. O mesmo discorda que a Previdência Social sofra qualquer tipo de déficit que necessite de emenda e recomenda “cobrar empresas que devem para o sistema de aposentadorias”. Em 2016, votou contra a proposta aprovada sobre o teto dos gastos públicos (366 X 111..., 2016), o que, em sua visão, ajudaria na economia brasileira. Também votou contra a proposta de Reforma Trabalhista (que fora aprovada no Congresso em 2017) (REFORMA..., 2017).

²¹⁴ Disponível no Twittter do Deputado Cabo Daciolo(@CaboDaciolo), postagem feita em 26 de setembro de 2018.

²¹⁵ Cf. ANEXO E.

O último tema traz as empresas privadas como as maiores responsáveis pelo investimento no Brasil e pelo crescimento econômico. Na pesquisa, 60,1% dos parlamentares e 57,6% da FPE concordam que as empresas, e não o governo, são as responsáveis pelo crescimento econômico. Já no quadro que expressa a opinião do eleitorado, temos abaixo dos 30% os sem religião e ateus e entre evangélicos não pentecostais e pentecostais, respectivamente: 19% e 21%.

Sobre política econômica, Daciolo declara em seu Plano que “Governar é baixar juros e impostos”, incentivando a economia com a valorização das *commodities* de exportação e a utilização de parte desses recursos para investir em ciência e tecnologia. Para ele, outro fator está relacionado à economia: o direito dos trabalhadores. Em seu discurso, portanto, vemos de um lado, como investir o dinheiro público e de outro, a causa dos trabalhadores. Como falou na tribuna da Câmara dos Deputados:

Quando falo de trabalhador, quero falar do trabalhador da defesa nacional, quero falar do trabalhador da segurança pública nacional, do trabalhador da saúde, mas, em primeiro lugar, do trabalhador da educação. Eu acho inadmissível que, num momento da economia como o que estamos vivendo, uma economia de cortes, simplesmente pegam um tal de projeto de decreto legislativo (PDC) e propõem um aumento salarial para os Parlamentares. [...] No momento em que a nossa Presidente diz “*Brasil, pátria educadora*”, cortam 7 bilhões de reais da educação. Nós não podemos aceitar 26% de aumento. Esse dinheiro deve ser colocado de imediato no Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. De imediato! Só assim podemos falar em reforma política. Só assim! O Regimento da Casa está errado. “O que você está dizendo, garoto?” Está errado! (informação verbal, grifo meu)²¹⁶.

Diante das pesquisas do instituto Datafolha, observamos que Daciolo segue um caminho um tanto quanto distante da maioria dos líderes evangélicos pentecostais, bem como da FPE, e se aproxima mais dos eleitores do mesmo segmento, sendo que: a) a maioria dos representantes religiosos busca levar para o Congresso temas mais próximos ao interesse dos parlamentares e alheios às questões comportamentais e morais; b) é possível perceber através das Tabelas 5 e 6 que, tanto no plano das questões morais/comportamentais quanto no plano socioeconômico, congressistas e eleitorado evangélicos possuem uma fina distinção.

Ainda que a FPE não seja homogênea, o próprio nome sugere uma representação maior entre evangélicos. Ora, a progressiva candidatura e eleição de evangélicos demonstra esse sucesso de *representação*, todavia, as opiniões da maioria dos parlamentares desta frente se distanciam da opinião dos eleitores evangélicos no que se refere aos temas político-econômicos²¹⁷. Em vista do Art. 2º do Estatuto da FPE, citado no início desta seção, parece-nos que a combinação do exercício do processo legislativo com “os propósitos de Deus, e

²¹⁶ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 03 de fevereiro de 2015; sessão nº 001.1.55.O; fase: GE.

²¹⁷ Como contribuição para o debate, cf. Cunha (2018).

conforme a Sua Palavra”, por fim, sugere uma interpretação, em um quadro geral, de que a FPE se inclina mais ao liberalismo econômico do que a favor da defesa dos direitos trabalhistas e afins, diferentemente da posição mais comum entre os eleitores (religiosos ou não) – que, por sua vez, é mais bem articulada com o posicionamento e os discursos de Daciolo, constatação que segue confirmando nossa hipótese.

3.4 Dos discursos do profeta-emissário-político

Para entender como um ator político define seu discurso, é preciso compreender “quais instâncias definem seus atributos identitários” (CHARAUDEAU, 2017, p. 55). O dispositivo identitário do político é composto de duas instâncias: uma política e outra cidadã. Instâncias sobre as quais, no que diz respeito à identidade de Daciolo, já apresentamos capítulos anteriores – desde sua relação com seus pais, que forjaram sua profissão e sua formação religiosa até seu envolvimento com atores e partidos políticos de esquerda. A partir desses atributos, entende-se os *ethé* de identificação no ator político é resultado de uma “[...] alquimia complexa feita de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais” (CHARAUDEAU, 2017, p. 137).

O “poder carismático” exercido pelo profeta só tem efeito social se é legitimado (WEBER, 2003). Diante dos números apresentados na primeira seção deste capítulo, é possível notar que a política profissional tem sido, em certo nível, uma esfera em que religiosos crescentemente buscam produzir seus discursos e criar PL’s que promovam programas confessionais. Este é o caminho que evangélicos utilizam para a criação de um povo-nação que se possa chamar de evangélico.

O vocabulário utilizado por Daciolo em suas prédicas revela bastante de sua relação com as *instâncias* que o ajuda(ra)m a construir não apenas sua identidade, como também componentes essenciais de seu programa de classificação e percepção política dualista, em que: (i) congressistas são identificados como “profetas” ou “falsos profetas”; (ii) o Congresso Nacional é visto como ambiente de “guerra espiritual” (para identificação de “inimigos”); (iii) o cabo se utiliza de frases – algumas já observadas nesta tese – como “Juntos somos fortes. Nem um passo daremos atrás. Deus está no controle”; “Glória a Deu”; “Não estou pregando religião. [...] A verdadeira religião é cuidar dos órfãos e das viúvas” para compor grande parte de seus discursos – o que, lembrando Jasper (2016, p. 82), pode ser visto com um “vocabulário de solidariedade”.

Dito isso, o objetivo, a partir de agora, será analisar os discursos de cabo Daciolo realizados na Câmara dos Deputados. Ao todo foram 223 participações durante seu mandato, sendo: 90 discursos em 2015; 46 em 2016; 56 em 2017 e em 2018, seu último ano como parlamentar, registra-se a menor participação do parlamentar, com 31 discursos. Assim se dividem por partido²¹⁸:

TABELA 7 – NÚMERO DE DISCURSOS DO CABO DACIOLO POR PARTIDO

Partido	Número de discursos	Ano
PSOL (2014-2015)	39	2015
Sem partido (2015)	51 / 7	2015 / 2016
AVANTE (2015-2018)	39 / 56 / 17	2016 / 2017 / 2018
PATRIOTA (2015-2019)	14	2018

FONTE: O autor (2021) ²¹⁹.

Foram 48 Projetos de Lei (PL's) de sua autoria: 26 em 2015; 14 em 2016; 11 em 2017 e 7 em 2018. A finalidade é observar se e como Daciolo concretiza seus discursos, que, como vimos, aproximam-se mais do eleitor evangélico, através desses PL's e, a partir disso, buscar traçar um quadro interpretativo de como o cabo operacionaliza a religião na esfera política, buscando uma personalização (pela construção de sua narrativa/teodiceia) neste setor.

Como mencionado no início do trabalho, as categorias agrupadas para análise nesta pesquisa foram codificadas através do software Atlas.ti²²⁰ de acordo com os termos mais presentes nos discursos do cabo Daciolo, bem como nas próprias categorias anunciadas em sua campanha. A codificação é um método que permite organizar/agrupar dados codificados em categorias ou “famílias”, pois compartilham alguma característica (SALDAÑA, 2009, p. 8; AUERBACH e SILVERSTEIN, 2003), que, considerando a análise do discurso, chamarei de *macrotemas* (CHARAUDEAU, 2017, p. 188). Desta forma, os principais macrotemas que serão apresentados são: a) Direitos dos Trabalhadores; b) Educação; c) Religião; d) Saúde; e) Segurança Pública. Todos, em sua maioria, alinhados com as próprias definições do cabo Daciolo: “Na política, a todo o momento, tem os pilares do discurso, e os pilares do discurso do político são: *saúde, educação, transporte e segurança pública*” (informação verbal, grifo

²¹⁸ Optei pelo uso da legenda atual do PTdoB, que é AVANTE.

²¹⁹ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/busca-portal?contextoBusca=BuscaGeral&pagina=1&order=relevancia&abaEspecificas=false&q=daciolo>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

²²⁰ Conforme anunciado na introdução desta tese, analiso seus discursos utilizando como ferramenta o software Atlas.ti 8.4.24, que possibilita criar codificações a partir da escolha das categorias de análise.

meu)²²¹. Só no momento de campanha, porque os *pilares da campanha* são *educação, saúde, transporte e segurança* (informação verbal, grifo meu)²²²

Embora Daciolo cite o tema *transporte* como um dos pilares do discurso político, bem como de sua campanha, demonstrou, através de nossa análise, irrelevância em seus discursos como deputado no Plenário da Câmara. Relacionado aos *macrotemas* destacados em seus discursos, está a própria denúncia de Daciolo: “Eles [políticos] falam de educação, de saúde, de transporte, de segurança, mas quando vêm para cá nada fazem” (informação verbal)²²³. E propõe, na mesma sessão, que os candidatos ao Congresso que não cumprirem suas promessas – após eleitos – acerca dos temas, respondam por crime de estelionato. Em outras palavras, moraliza o problema da crise de representação. Como declarou, “Aqueles candidatos, futuros Parlamentares, que façam promessas e não as cumpram quando eleitos responderão por crime de estelionato, com pena de reclusão de 1 a 4 anos. Com isso vamos ter educação, saúde, lazer, moradia, e o País vai mudar” (informação verbal)²²⁴.

Em relação a tal proposta, Daciolo foi autor do PL 2234/2015. Essa é uma forma de revelar as *contradições do adversário* (CHARAUDEAU, 2017, p. 92). Segue ementa:

Acresce o art. 171-A ao Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal) para tipificar como estelionato promessas de candidatos a cargos eletivos, na esfera do Poder Público, feitas por qualquer meio no período de campanha eleitoral e que não venham a ser cumpridas durante o mandato (BRASIL, 2015b, n. p.)²²⁵

A *Religião* não é um *macrotema* contemplado tecnicamente como os demais aqui citados, todavia, nos ajudará a perceber como as outras esferas são “legitimadas” pela plataforma da fé. Os principais assuntos em *Religião* que aparecem nos discursos de nosso personagem são: “glorificação a Jesus”, “leitura de textos bíblicos”, “juízos (e/ou imprecizações) bíblicos”, “uso de línguas estranhas (glossolalia)”, “orações”, “profecias”.

No quadro sobre os *Direitos dos Trabalhadores*, as classes e termos que aparecem são: “militares e segurança nacional”, “taxistas e motoristas do aplicativo da *Uber*”, “caminhoneiros”, “servidores públicos em geral”, “escalas de serviço escrava”, “opressores dos trabalhadores”, “professores”, “precarização do serviço público”. Quanto à *Segurança Pública*, seguem os assuntos destacados: “segurança pública do Rio de Janeiro”, “intervenção militar (e divina!)”, “investimento em equipamentos e estruturas de trabalho”. Na *Educação*:

²²¹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 2 de junho de 2015; sessão nº 137.1.55.O; fase: HO.

²²² Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 1 de julho de 2015; sessão nº 178.1.55.O; fase: BC.

²²³ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 07 de julho de 2015; sessão nº 188.1.55.O; fase: GE.

²²⁴ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 07 de julho de 2015; sessão nº 188.1.55.O; fase: GE.

²²⁵ O PL em questão foi apensado ao PL 4523/2012 e durante seu mandato a *tramitação* esteve registrada como “Proposição Sujeita à Apreciação do Plenário”.

“FIES”, “FUNDEB”, “recursos financeiros e estruturais”. Na *Saúde*: “precarização de hospitais”, “recursos financeiros e estruturais”.

3.4.1 Daciolo e os macrotemas do discurso

A construção da imagem é uma das categorias consideradas indispensáveis na esfera pública. Para Charaudeau (2017), o ideal para o político “[...] seria conseguir se constituir como *efígie* que, se possível, remeteria a mitos universais” (CHARAUDEAU, 2017, p. 85). O que Daciolo procura é se basear em personagens bíblicos conhecidos, trazendo à memória daqueles que (re)conhecem as narrativas sagradas, por similaridade, a não suspeição sobre a figurado deputado, que assim se mostra ser mesmo alguém capacitado para realização de grandes feitos. Todavia, para se concretizar essa efígie é necessária uma conjunção de fatores como *temperamento*, *circunstâncias históricas* e um saber *criar o acontecimento* – que veremos nos discursos de autoidentificação do profeta-emissário-político.

Antes, porém, divido os discursos do cabo Daciolo referentes ao seu primeiro ano de mandato em dois momentos. Enquanto a Tabela 8 registra o período em que esteve filiado ao PSOL, a Tabela 9 contabiliza seus discursos em época que esteve “sem partido”. Acerca do número de citações de cada uma das categorias elencadas nas tabelas, é importante registrar que em apenas um discurso, mais de uma categoria pode se fazer presente. Feito essa observação, vejamos as tabelas.

TABELA 8 – DISCURSOS DO CABO DACIOLO PELO PSOL (2015)

Categorias	Número de citações em discursos no Plenário	Partido	Ano de referência
Direitos dos Trabalhadores	23	PSOL	2015
Educação	6	PSOL	2015
Saúde	3	PSOL	2015
Religião	21	PSOL	2015
Segurança Pública	4	PSOL	2015

FONTE: O autor (2021).²²⁶

Como se vê, dois *macrotemas* se destacam nos 39 discursos do deputado Daciolo no período em que esteve filiado ao PSOL: *Direitos dos Trabalhadores* e *Religião*. Há um

²²⁶ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/discursos-e-notas-taquigraficas>>. Acesso em: 10 set. 2019.

distanciamento considerável diante dos demais. Fato que se repete no período em que esteve sem partido, após sua exoneração do PSOL.

Sublinho essas informações acima, pois a partir da Tabela 8 começa a ser desenhada a principal característica de Daciolo no que se refere à sua atuação enquanto deputado: a defesa pelos direitos dos trabalhadores. Os “trabalhadores” também comporão o grupo, conforme veremos à frente, classificado como “órfãos e viúvas” – que devem ser assistidos pelo Estado em todos os seus direitos.

Sua filiação ao PSOL mostrou a que veio: defender e lutar por grupos desfavorecidos economicamente e criticar elites e demais responsáveis pela miséria desses grupos. E sua justificativa sempre partiu da esfera religiosa. Sendo seus discursos e ações legitimadas através de sua leitura confessional do mundo e de si mesmo, que levava a uma certa autonomia e distanciamento do Estatuto do PSOL e de seus pares – principal razão apontada por Chico Alencar para que o partido rompesse com Daciolo.

Na tabela abaixo, o ano de 2015 se encerra com mais 51 participações no Plenário da Câmara. Todas estas feitas sem filiação partidária.

TABELA 9 – DISCURSOS DO CABO DACIOLO SEM PARTIDO (2015)

Categorias	Número de citações em discursos no Plenário	Partido	Ano de referência
Direitos dos Trabalhadores	22	Sem partido	2015
Educação	6	Sem partido	2015
Saúde	2	Sem partido	2015
Religião	32	Sem partido	2015
Segurança Pública	2	Sem partido	2015

FONTE: O autor (2021)²²⁷

O total de citações durante o ano de 2015:

- a) *Direitos dos Trabalhadores*: 55 discursos;
- b) *Educação*: 12 discursos;
- c) *Saúde*: 5 discursos;
- d) *Religião*: 53 discursos;
- e) *Segurança Pública*: 6 discursos.

²²⁷ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/discursos-e-notas-taquigraficas>>. Acesso em: 10 set. 2019.

A apresentação de Daciolo em seu primeiro discurso (Tabela 8) revela características importantes para a análise de seu exercício parlamentar como um profeta-emissário-político:

Eu queria deixar claro a todos os Parlamentares que *aqui está um servo do Deus vivo*. Eu estou aqui para a honra e a glória do Senhor Jesus Cristo. Quero dizer que *sou do PSOL, sou militar e sou cristão*. E, para poder falar de representante do povo, eu preciso começar o meu discurso, falando de trabalhador (informação verbal, grifos meus)²²⁸

Militarismo e cristianismo pentecostal servem como o *tempero* para a postura física objetiva e tonalidade rígida da voz de Daciolo. São aspectos desse seu *temperamento* – ou *modo* (GOFFMAN, 2014) – que nos ajudam a entender a performance do ator em cena: bater no púlpito, direcionar o dedo ou a fala a alguém presente, ficar na ponta do pé, discursar ofegantemente, falar em línguas estranhas. “Aqui está um servo do Deus vivo” é a *circunstância histórica* onde o deputado une os elementos anteriores para construção de seu discurso e, conseqüentemente, *criar um acontecimento*. Qual acontecimento? Ora, o *ethos* político deve “[...] mergulhar nos imaginários populares mais amplamente partilhados” (CHARAUDEAU, 2017, p. 87). Por isso, uma narrativa que facilite moldá-lo como efígie de um legítimo “representante do povo” seria o acontecimento. Para que isso ocorra, terá de reforçar a liberdade constitucional que tem para utilizar a Bíblia, trazer revelações divinas, profetizar e, por fim, ser protagonista de uma teodiceia que articula teologia e tradição cristã pentecostal com teorias da conspiração.

3.4.2 Daciolo e a operacionalização do discurso religioso na política

Daciolo operacionaliza a linguagem religiosa em seus discursos políticos não se trata apenas de um ato na busca de se adequar às opiniões dos eleitores evangélicos. Essa maneira de operarse trata também de anunciar uma narrativa que lhe possibilite protagonizar a mediação – como um “escolhido de Deus” – para a solução de determinadas demandas e até mesmo das crises nacionais. Além do termo weberiano, a maneira como é construída essa narrativa passa pelo *raciocínio principista* – igualmente conhecido como *raciocínio ético* –, que, além de afirmar um princípio que deve acarretar obrigatoriamente (obrigação moral) um ato (o de votar), visa “[...] fazer os indivíduos aderirem a uma ideia simples que deveria constituir o princípio de sua adesão ao projeto político que lhes é proposto” (CHARAUDEAU, 2017, p. 101). E qual o raciocínio de Daciolo?

²²⁸ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em: 03/02/2015; sessão nº 001.1.55.O; fase: GE.

Em primeiro lugar, na percepção do nosso personagem, discurso político e discurso religioso não são distintos. O foco é ajudar pessoas e não fazer proselitismo, pois a conversão religiosa para ele não se dá no e para o âmbito da instituição religiosa, mas torna o indivíduo solícito na sociedade. Em nossa entrevista, ao ser perguntado sobre a conciliação entre o Estado democrático de direito com sua fé, respondeu:

Eu acho que seria maravilhoso porque o Estado é laico. Quando nós falamos laico, é a liberdade da expressão religiosa. *Daciolo não prega religião nenhuma*. Só tô falando de amor, tô falando de Jesus, tô falando de tratar o próximo como gostaria de ser tratado (informação verbal)²²⁹.

Em seu primeiro discurso, citou a Constituição Federal de 1988 e justificou o que seria constante em suas participações no púlpito da Câmara: a leitura do livro sagrado. Como dissertou:

[...] Sr. Presidente. [...] eu preciso iniciar a minha fala aqui lembrando o dia 1º de fevereiro, quando o Presidente, o Deputado Miro Teixeira, começou, dizendo: “Sob a proteção de Deus (...)”. Eu estou aqui com a Bíblia e com a Constituição Federal de 1988, que diz: “Nós (...), reunidos em Assembleia Constituinte (...)”. E termina o parágrafo dizendo: “(...) promulgamos sob a proteção de Deus (...)” (informação verbal)²³⁰.

Ao alegar que no preâmbulo da Constituição o nome de “Deus” é citado, o deputado pretendeu amparar legalmente seu posicionamento religioso na esfera política posicionando lateralmente a bíblia, lida 47 vezes durante sua participação no plenário, sendo: 15 em 2015; 12 em 2016; 16 em 2017; 4 em 2018. Por vezes, Daciolo cita mais de uma passagem bíblica em um só discurso. Foram 36 citações do Antigo Testamento, cujas ressignificações de narrativas sobre profetas são constantes, bem como imprecizações, e, 20 citações do Novo Testamento, tomando Jesus como exemplo de autoridade para expulsar demônios, textos sobre o amor e trechos do Apocalipse.

O recurso de *acesso* ao passado (narrativas pretéritas) faz parte do jogo político. Para Gauchet (2007), o indivíduo que acredita deter certo tipo de conhecimento tido como legítimo, entende que pode exercer algum tipo de autoridade para o bem-estar de uma sociedade (ou coletividade). Esse conhecimento pode ser associado à crença religiosa. A crença é um dos componentes essenciais da ideologia. Gauchet (2007) dirá que a “[...] ideia do passado e essa imagem do futuro aplicam-se ao presente sob a forma de opções políticas em curto, médio e longo prazo (programa, projeto, profecia)” (GAUCHET, 2007, p. 116). O *programa* é estabelecido por diferentes teorias acerca da concepção da sociedade, ou seja,

²²⁹ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

²³⁰ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em: 03 de fevereiro de 2015; sessão nº 001.1.55.O; fase: GE.

existem sistemas de vida distintos e opostos que se antagonizam. Neste caso, o programa pode (ou não) ser recebido na sociedade como autoridade. Mas, em caso de o programa ser legitimado, a cosmovisão correlata é adotada por aqueles que o aceitam. O *projeto* é aquele que prevê a regeneração da sociedade através de um modo específico de organização. Aqui, os indivíduos precisam se submeter à crença para que o propósito seja concretizado. Já a *profecia* é responsável por renovar as esperanças para que o projeto de futuro (salvação, regeneração, prosperidade) se torne realidade.

O acesso ao passado é também interpretado como “retorno às fontes”, em que o ator político busca lembrar aos seus interlocutores que devem fidelidade a determinado contrato social. No caso do deputado em questão, o acesso aos textos bíblicos reforça a ideia de fidelidade a valores morais de origem sagrada. Observar a origem “determinaria” os “engajamentos” (CHARAUDEAU, 2017, p. 214). Esse “ponto de origem”, que evoca um passado fundador de determinados valores e legitima o ator que se serve dele, é um recurso ao imaginário da tradição religiosa para consolidar a exclusividade que se pretende. Trata-se de acessar um *discurso constituinte*, responsável por dar sentido, estruturação, origem a determinada *coisa* (MACEDO, 2009; MAINGUENEAU, 2000; 2016). O retorno à pureza religiosa também é capaz de produzir “[...] perversão do imaginário da soberania popular, pois no lugar de se fundar sobre uma vontade coletiva de partilha e de viver junto, ele se funda no retorno às origens, um estado de pureza original” (CHARAUDEAU, 2017, p. 239). Isso pode conduzir o Estado democrático de direito a certas fragilidades.

Há um elemento na narrativa moldada por Daciolo que parece facilitar o uso da bíblia em sua trajetória política sem causar maiores conflitos e o ajuda na construção de seu *ethos* como protagonista, refiro-me ao ato de o deputado reputá-la como um livro que não fala sobre religião. “Eu sou cristão, eu acredito em Jesus Cristo e *quero que alguém me mostre, na Bíblia, onde se fala sobre religião*. O que eu prego é amar ao próximo, é tratar as pessoas da maneira que eu gostaria de ser tratado” (informação verbal, grifo meu)²³¹.

Processo que se repete igualmente, no caso do uso do nome de “Deus”. Como explicou ele na tribuna, “Quando eu falo de Deus, não estou falando de religião” (informação verbal)²³². E aqui, vale ressaltar outro aspecto dessa narrativa. Especificamente, a perspectiva com a qual Daciolo trabalha para conceituar religião. Retoricamente, pronunciou: “Daciolo, qual é a sua religião?” *Eu não tenho religião*. [...] O que eu prego é amar ao próximo, é tratar

²³¹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 08 de julho de 2015; sessão nº 191.1.55.O; fase: PE.

²³² Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 16 de abril de 2016; sessão nº 088.2.55.O; fase: OD.

as pessoas da maneira que eu gostaria de ser tratado” (informação verbal, grifo meu)²³³. Ao proceder dessa forma, o cabo parece pretender uma amálgama entre a crença e o estatuto político, em que ambos apareçam como uma coisa só. Declara ainda: “Eu sou a favor do Estado laico, *sou contra a religião*” (informação verbal, grifo meu)²³⁴. Em outra fala sua, religião é conceituada como um exercício que se assemelha às políticas públicas:

Eu não estou aqui para fazer pregação, mas para dizer que a única religião que o Senhor considera pura e imaculada é o *cuidado com os órfãos e com as viúvas em suas dificuldades*, sem se deixar corromper por este mundo. No mais, é o homem comercializando a palavra de Deus (informação verbal, grifo meu)²³⁵.

O que passa do cuidado com os “órfãos” e “viúvas” é interpretado como *comercialização da palavra de Deus*, isto é, uso da pregação para manipulação e transações comerciais em espaços sagrados. Embora Daciolo tenha desconsiderado a “pregação”, em outros momentos enfatiza em tom religioso: “Eu prego civismo, patriotismo, nacionalismo, e luto pela soberania da minha Nação” (informação verbal)²³⁶. Como forma de sustentar sua pregação, anuncia que:

A crise que nós temos no Brasil é de ética, de moral, de *civismo*, de *patriotismo*, de *nacionalismo*. Mas se me perguntarem: “*Daciolo, qual seria a solução? A solução seria as ruas?*” Respondo que não, que a solução não está nas ruas. Quem tem o controle das ruas é o próprio Estado, é o próprio Poder. Qual a solução? A solução é se humilhar, é orar, é buscar e se afastar dos maus caminhos. O Senhor Deus é a solução! [...] Então, venho aqui com a autoridade que há em nome de Jesus repreender todos os demônios que cercam o Congresso Nacional e todos os demônios que cercam a Nação. Peguem tudo o que é seu e saiam em nome do Senhor Jesus Cristo! (informação verbal, grifos meus)²³⁷.

A graduação de seu discurso é construída através de uma narrativa em que, após apresentação de suas características religiosas, as demandas e crises do país só poderiam ser sanadas através de alguém capacitado. E esse “alguém” não se trata de alguma igreja/religião, algum político/partido e nem mesmo a força das manifestações nas ruas, no período que liderou o movimento SOS Bombeiros, mas, ele próprio. Em linguagem weberiana, apenas o profeta “[...] mantém o povo atido à moralidade e que repreende os pecados (mediante ameaças de desfortúnio)” (WEBER, 2019, p. 342). O personagem carismático é aquele que se pretende exclusivo, cuja autoridade é capaz de revelar/denunciar adversários e combatê-los. E quem seriam os inimigos a serem combatidos nessa relação carismática em que Daciolo é o protagonista?

²³³ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 08 de julho de 2015; sessão nº 191.1.55.O; fase: PE.

²³⁴ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 25 de março de 2015; sessão nº 048.1.55.O; fase: PE.

²³⁵ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 31 de outubro de 2017; sessão nº 328.3.55.O; fase: OD.

²³⁶ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 20 de outubro de 2016; sessão nº 266.2.55.O; fase: GE.

²³⁷ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 23 de março de 2017; sessão nº 045.3.55.O; fase: BC.

3.4.3 Daciolo e a desqualificação do adversário (inimigo) político

Aqui retomo um dos aspectos que a dominação carismático-religiosa acentua e que, por sua vez, ajuda na constituição do personalismo político. Estou falando do antagonismo. Ele ressurgiu no discurso de cabo Daciolo enquanto deputado federal. Contudo, nosso personagem não aponta para o adversário político como inimigo direto. Há, segundo sua percepção, uma relação com espíritos malignos que usam políticos como suas ferramentas para tornar o povo brasileiro cativo e empobrecido.

A estigmatização dos adversários de Daciolo se inscreve também no rol de suas estratégias de desqualificação dos mesmos. Não apenas na ciência política, conforme aponta Mouffe, mas também em conformidade com a análise do discurso, a estigmatização é um dos “polos constitutivos do discurso político” (CHARAUDEAU, 2017, p. 92). As consequências negativas das ações do adversário são apresentadas ao povo a fim de que haja enfraquecimento da imagem política do adversário, com vistas a impedi-lo de competir de igual para igual. Nesse contexto, o profeta-emissário-político Daciolo *revela* que tanto o Congresso Nacional quanto o país estão cercados por “demônios” e, somente ele mesmo, como “profeta” e “servo de Deus”, mostra-se apto para expulsá-los. Em seus termos:

Digo a todos que estão me ouvindo que não há como fazer essa luta de forma natural. [...] Existe uma guerra espiritual acontecendo contra principados e potestades, legião do mal que vem para matar, roubar e destruir. Quero usar da autoridade que há no nome do Senhor Jesus Cristo e repreender todos os demônios que cercam o Congresso Nacional, que cercam a Nação Brasileira: peguem tudo que é seu e saiam em nome do Senhor Jesus! (informação verbal)²³⁸.

Ao *desnaturalizar* o adversário político, o dispositivo da instância dogmática – como se verá melhor a seguir – classifica atores (religiosos, políticos, empresários) e instituições (religiosas, políticas, midiáticas), em sua prédica, como *instrumentos* de ordens superiores do mal, cuja intenção é “matar, roubar e destruir”. Ou seja, não adiantaria combater apenas indivíduos e instituições corruptas, pois, sendo a política uma “batalha espiritual”, deve-se também ter “autoridade” contra as forças sobrenaturais. Essa narrativa da “guerra espiritual” na política – já discutida por Mariz (1999), Cunha (2012), dentre outras(os) – não é, neste caso específico, a simples construção de um quadro sobre os “inimigos comuns” (MOUFFE, 2019; LACLAU, 2018; JASPER, 2016). Em minha interpretação, trata-se de uma competição

²³⁸ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 30 de novembro de 2017; sessão nº 371.3.55.O; fase: PE.

política com uso de signos, símbolos e termos teológicos com a finalidade de se obter exclusividade no que se refere à solução de certas demandas. E isso parece ter como desdobramento um projeto de personalização política pelo viés da dominação carismática com elementos específicos da religião.

Por outro lado, quando Daciolo é criticado por esses discursos, ele busca se defender enfatizando seu papel como emissário da divindade:

Quero deixar algo aqui. Podem dizer assim: “Daciolo, aqui é o Congresso Nacional. Aqui não é púlpito, Daciolo. Aqui é uma tribuna, Daciolo”. É verdade! É verdade! Aqui é o Congresso Nacional. Mas aqui [bate no peito] é templo do Deus vivo! *E a boca fala do que está cheio o coração* (informação verbal, grifo meu)²³⁹.

Como forma de se proteger, Daciolo se mune de textos bíblicos como Salmos 105,15, que diz: “[...] Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus profetas”²⁴⁰. Por exemplo, ao se pronunciar sobre a importância da imparcialidade dos Direitos Humanos, ele acentua: “Assim manda dizer o Senhor a todos aqueles que me perseguem: ‘Ai daquele que tocar no meu servo, ai daquele que tocar no meu ungido’” (informação verbal)²⁴¹. Como crítica àqueles que o teriam perseguido no PSOL também assevera: “Ai daquele que botar a mão no meu ungido, que fizer plano contra o meu servo!” (informação verbal)²⁴². Ao defender a libertação da “colônia brasileira” – termo que utiliza para se referir ao Brasil, que em sua interpretação ainda não é um país dependente que necessita de *libertação* – Daciolo comunica:

Eu quero profetizar o dia de hoje, pois quero dizer aos políticos da Nação brasileira que o espírito da morte já foi acionado. Vai entrar o temor no Congresso Nacional. Escutem isto, para honra e glória do Senhor Jesus. A Nação brasileira será a Nação brasileira. Ai daquele que tocar no ungido do Senhor. Taquem pedra, podem botar as calúnias, contem as mentiras. Quem vai me justificar é Deus (informação verbal, grifos meus)²⁴³.

O discurso político também envolve a *justificação*, entendida por Charaudeau (2017, p. 126) como “o contrapeso à crítica que o provocou”. Daciolo não justifica a si mesmo, mas anuncia ser “Deus” aquele quem o justificará de quaisquer críticas. E todos os que pretendem “tocar no ungido do Senhor” sofrerão, de acordo com sua hermenêutica, consequências negativas. Weber (2019, p. 346) chamará o anúncio de tais consequências de “teodiceia da

²³⁹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 29 de março de 2017; sessão nº 051.3.55.O; fase: BC.

²⁴⁰ Presentes também em outras passagens como: 2 Samuel 1,14; 24,6; 26,11; 1 Crônicas 16,22.

²⁴¹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 31 de março de 2015; sessão nº 058.1.55.O; fase: PE.

²⁴² Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 20 de maio de 2015; sessão nº 117.1.55.O; fase: OD.

²⁴³ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 19 de dezembro de 2017; sessão nº 399.3.55.O; fase: BC.

desgraça”, até porque “[...] os profetas têm o poder de matar por meio da sua palavra” (Ibidem, p. 343).

Curiosamente, o primeiro aspecto que observei durante nosso encontro foi a ausência de seguranças. Caminhamos pela Barra da Tijuca, zona Oeste-Sul do Rio de Janeiro, e Daciolo demonstrou ser acessível às pessoas sem esboçar maiores preocupações. Durante nossa entrevista, reforçou a crença na proteção divina e a ameaça contra seus opositores:

Tenta botar a mão pra ver o que Deus faz. Coloca pra ver se Deus não leva. [...] Eu sei que eu tô aqui, com Gabriel, com Miguel, com os anjos do Senhor que me cercam pelo caminho por onde eu ando... embaixo de uma obediência, de uma fidelidade com esse Deus vivo que eu sirvo (informação verbal, grifo meu)²⁴⁴.

Seu *programa* político-teológico é baseado nesses antagonismos promovidos pelas já mencionadas “guerras espirituais”:

Eu gostaria de deixar aqui bem claro a todos que nós estamos vivendo uma verdadeira guerra espiritual, e essa guerra espiritual é contra principados e potestades. Alguns podem não estar entendendo o que eu estou falando aqui. Eu queria deixar muito claro a todos [...] que nós vamos entrar com uma PEC, e essa PEC diz o seguinte: todo poder não emana do povo; o poder emana de Deus, que o exerce de forma direta e também através do povo. Dessa forma, nós vamos nos tornar uma grande potência. Deus está no controle de todas as coisas, e todos os joelhos se dobram a Jesus. [...] Todo poder emana de Deus! (informação verbal)²⁴⁵

Em outra ocasião:

Acredito que o meu Deus é criador do céu, da Terra e de tudo o que há, e Ele não habita em templo feito por mãos de homens. O meu corpo é templo do Espírito Santo de Deus. Eu sou uma igreja. Eu gosto de ler a Bíblia, gosto de subir o monte, acredito em um Deus das causas impossíveis. E eu venho decretar, aqui e agora, em alto e bom som, que, verdadeiramente, na minha opinião, todo o poder emana de Deus, que o exerce de forma direta e também através do povo. Quero dizer que hoje eu estou colocando uma PEC em andamento. As assinaturas já estão aqui. E eu quero dialogar. Peço, por gentileza, que o PSOL dialogue comigo (informação verbal)²⁴⁶.

Sua teologia se baseia no criacionismo e na autonomia da fé, pois, ele se vê como “templo do Espírito Santo de Deus” e “uma igreja”, mesmo não sendo filiado a uma instituição religiosa. No âmbito ritual, Daciolo é leitor da bíblia e subidor de montes. Sua teologia pretende descredenciar o que ele mesmo chama de “religião”. Como já informado, religião para nosso personagem é “cuidar de órfãos e viúvas”. O que ele tem feito até então é tentar esvaziar de religiosidade os símbolos e conceitos de sua fé e sacralizar, com recursos imagéticos e tons pentecostais, a política. Minha interpretação é que Daciolo pretende

²⁴⁴ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

²⁴⁵ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 25 de março de 2015; sessão nº 048.1.55.O; fase: PE

²⁴⁶ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 25 de março de 2015; sessão nº 048.1.55.O; fase: PE.

transferir para a esfera pública uma teodiceia baseada em sua tradição pentecostal, mas, que, ao longo do tempo, ganha elementos que reforçam sua identidade como o único “oráculo político” (WEBER, 2019, p. 343) – atuação essa que difere das intenções de poder que envolvem diretamente o protagonismo das igrejas/instituições.

Outro fator de sua narrativa de desqualificação do adversário que merece relevo é o fato de Daciolo o classificar como *perseguidor* – estratégia que já havia utilizado no tempo de sua liderança no movimento SOS Bombeiros. Diante da defesa pela “liberdade de expressão religiosa”²⁴⁷, a reação do partido sobre a “PEC dos Apóstolos” foi interpretada por Daciolo como *perseguição*: “Eu disse que todo o poder emana de Deus, e eu estou sendo perseguido dentro do meu partido por falar isso!” (informação verbal)²⁴⁸. Marcelo Freixo (PSOL), o deputado mais bem votado do país em 2014, reagiu da seguinte maneira:

Ele [Daciolo] é uma pessoa boa, *de luta*, mas a sua proposta legislativa é totalmente equivocada e gerou um enorme desconforto no partido. É um equívoco profundo. [...] Ele entrou no PSOL, não entrou em um partido de aluguel. Acho que ele deve respeitar as posições da bancada, *ouvir mais os colegas na Câmara*. [...] Ou ele entende o *significado do que é o PSOL* ou deve procurar um partido onde seja mais feliz (MARTINS, 2015, n. p., grifos meus).

A crítica de Freixo é similar à percepção de Chico Alencar em nossa entrevista. Ambos concordam que Daciolo não ouve seus colegas, ou seja, permanece distante da bancada buscando uma autonomia frente ao estatuto do partido. Jean Wyllys, deputado que fora eleito no mesmo estado e legenda que Daciolo, usou sua página do *Facebook*²⁴⁹ para pedir desculpas aos eleitores que se sentiram fraudados pela atuação de seu colega e reafirmou que o posicionamento do bombeiro era, em todos os sentidos, contraditório e incompatível com as ideias do PSOL. Como se expressou: “Para mim [Wyllys], que tive que conviver com essa situação aqui no Congresso, foi ainda mais constrangedor”. E continua:

[...] só quero dividir com vocês três reflexões que me parecem importantes. A primeira é que o Psol provou ser diferente. Não estamos isentos de cometer erros, mas lidamos com eles de uma forma distinta, *priorizando os princípios e não a conveniência partidária*. A segunda: que se conseguimos ser distintos é, principalmente, graças à *militância*. Foram as bases do partido que se mobilizaram para defender junto conosco o PSOL que nos representa. A terceira, por último, é que espero que esta experiência sirva para evitar o mesmo erro no futuro. *Todo partido quer crescer, e isso está certo, mas não deve ser a qualquer custo* (grifos meus).

²⁴⁷ Por duas vezes, Daciolo discursou sobre a letra L da sigla PSOL, defendendo a liberdade de expressão dentro do próprio partido. Essa defesa pode ser constatada nos discursos realizados na Câmara dos Deputados em 30 de março de 2015 (sessão nº 054.1.55.O; fase: PE) e 7 de abril de 2015 (sessão nº 061.1.55.O; fase GE).

²⁴⁸ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 07 de abril de 2015; sessão nº 061.1.55.O; fase: GE.

²⁴⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/jean.wyllys/posts/856672137714128>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

Freixo destaca que Daciolo é alguém de “luta”. Wyllys afirma a característica militante do partido, o que, segundo Alencar, fez com que o PSOL disputasse Daciolo com o PSTU. “Crescer a qualquer custo” seria filiar militantes apenas por seu engajamento social sem levar em consideração o alinhamento aos “princípios” estatutários do partido.

Daciolo reagiu aos seus pares e denunciou Jean Wyllys, que “propôs que os alunos das nossas escolas tivessem o ensino do Estado Islâmico”, e Marcelo Freixo, que, “sem consultar o partido, veio apoiar em segundo turno a Presidente Dilma, do PT” (informação verbal)²⁵⁰. Para outros parlamentares do PSOL que, contrariando o posicionamento do partido, teriam aceitado doações de campanha ele termina lendo o Salmo 62,11: “Uma vez falou Deus, duas vezes eu ouvi, que todo o poder pertence a Deus”.

Em resposta ao partido, Daciolo citou mais uma vez a Bíblia: “Ai daquele que botar a mão no meu ungido, que fizer plano contra o meu servo!” (informação verbal)²⁵¹. Mais uma vez, Daciolo ressignifica o texto bíblico colocando a si mesmo como o “ungido” e “servo” de Deus – uma *analogia* que pode produzir um forte impacto no que se refere ao contexto de *desqualificação* (CHARAUDEAU, 2017, p. 103). *Modus operandi* que é comum em suas leituras e falas públicas desde sua liderança no SOS Bombeiros – em que se posicionou como os profetas Daniel e Jeremias. Daciolo também menciona Josué, personagem cujo livro na Bíblia possui o mesmo nome, responsável por fazer com que o povo de Israel chegasse à Terra Prometida²⁵².

Nesta trajetória discursiva, a imprecisão se torna uma forma de legitimar seu posicionamento como profeta, pretendendo, concomitantemente, protagonismo na esfera política. O mesmo exercício prevalece em outros momentos:

Eu quero deixar algo bem claro: eu sirvo ao Deus vivo. As perseguições estão vindo, e a palavra de Deus diz: “*Bem-aventurados são aqueles que são caluniados, perseguidos e blasfemados por falar do amor de Deus*”! Eu tenho certeza absoluta de que todo o poder emana de Deus. Vou permanecer aqui falando em Deus, porque foi Ele que me colocou aqui. Eu estou aqui fruto de milagre. [...] Vou permanecer lutando pelos trabalhadores. Lutar por direitos não é crime (informação verbal)²⁵³.

Daciolo se apresenta como o servo escolhido, ungido e protegido por Deus. Porta-se como o *profeta* que *fala* a mensagem divina. As características como profeta emissário surgem no plenário em expressões como: “[...] assim manda dizer o Senhor [...]” (informação

²⁵⁰ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 7 de abril de 2015; sessão nº 061.1.55.O; fase: GE.

²⁵¹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 20 de maio de 2015; sessão nº 117.1.55.O; fase: OD.

²⁵² No discurso realizado na Câmara dos Deputados em 30 de março de 2017 (sessão nº 054.3.55.O; fase: BC).

²⁵³ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 21 de maio de 2015; sessão nº 120.1.55.O; fase: CP.

verbal)²⁵⁴, “Eu profetizo a vitória da minha Nação” (informação verbal)²⁵⁵, “Eu quero profetizar o dia de hoje” (informação verbal)²⁵⁶, “[...] eu profetizo a queda dos senhores a partir de hoje” (informação verbal)²⁵⁷, “Uma mensagem de Deus às Igrejas do Brasil [...]” (informação verbal)²⁵⁸, “Eu quero entregar uma mensagem de Deus” (informação verbal)²⁵⁹, “Presidente Eduardo Cunha, assim manda dizer o Senhor para ti [...]” (informação verbal)²⁶⁰, “Nesses dias, eu tive um sonho – o Cabo Daciolo teve um sonho! E eu quero compartilhá-lo com os Parlamentares aqui” (informação verbal)²⁶¹, “Quero dizer ao Presidente Michel Temer que assim lhe manda dizer o Senhor [...]” (informação verbal)²⁶², “2 anos atrás, um profeta foi usado por Deus para dizer que eu estaria aqui para abrir a minha boca e falar de Deus aqui dentro” (informação verbal)²⁶³. Não houve reação de Eduardo Cunha às críticas de Daciolo.

Embora não se identifique como “evangélico” nos termos institucionais, por vezes se dirige aos evangélicos como o *povo* que “preza a ética, a verdade, a moral e a justiça” (informação verbal)²⁶⁴. Seu interesse é se aproximar, pela “*força das crenças partilhadas*” (CHARAUDEAU, 2017, p. 102) desse segmento e se distanciar dele no que se refere à classificação “evangélico”.

Ser contra a corrupção é um elemento desta crença partilhada e também do *raciocínio ético* – que visa “[...] colocar o indivíduo diante de uma escolha moral (‘em nome do que é preciso agir’)” (CHARAUDEAU, 2017, p. 102). Assim como o profeta-emissário-político, o interlocutor evangélico não deve aceitar a postura de parlamentares que, na prática da corrupção, estão “[...] blasfemando, caluniando, crucificando o nosso Sr. Jesus Cristo novamente”. Nesse jogo discursivo, Daciolo oferece a seus interlocutores signos que os fazem crer “[...] que aquilo que ele enuncia é idêntico ao que ele pensa” (CHARAUDEAU, 2017, p. 105) e comunga diretamente com o que os evangélicos entendem por verdade. Na perspectiva de Charaudeau (2017), “[...] na medida em que o *ethos* está relacionado à percepção das

²⁵⁴ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 16 de abril de 2016; sessão nº 088.2.55.O; fase: OD.

²⁵⁵ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 21 de outubro de 2015; sessão nº 321.1.55.O; fase: PE.

²⁵⁶ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 19 de dezembro de 2017; sessão nº 399.3.55.O; fase: BC.

²⁵⁷ Daciolo “profetiza” a queda de “Dilma”, “Michel Temer”, “Eduardo Cunha”, “Rede Globo”. Outros nomes são citados, mas após a profecia, como “Pezão!” e “Dornelles”. Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 17 de abril de 2016 (sessão nº 091.2.55.O; fase: OD).

²⁵⁸ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 14 de junho de 2017; sessão nº 158.3.55.O; fase: BC.

²⁵⁹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 11 de julho de 2017; sessão nº 189.3.55.O; fase: OD.

²⁶⁰ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 21 de outubro de 2015; sessão nº 321.1.55.O; fase: PE.

²⁶¹ O sonho seria uma revelação de que o então presidente da Câmara, o deputado Eduardo Cunha, denunciaria políticos envolvidos em corrupção, dentre outros crimes. Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 11 de julho de 2017 (sessão nº 189.3.55.O; fase: OD).

²⁶² Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 17 de novembro de 2016; sessão nº 296.2.55.O; fase: CP.

²⁶³ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 29 de março de 2016; sessão nº 057.2.55.O; fase: BC.

²⁶⁴ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em: 29 de outubro de 2015; sessão nº 333.1.55.O; fase: OD.

representações sociais que tendem a essencializar essa visão, ele pode dizer respeito tanto a indivíduos quanto a grupos” (p. 117).

Para o autor em questão, as figuras do *ethos* no discurso político estão voltadas para os “valores de referência”. A apresentação de valores no discurso político implica *simplicidade* a fim de que os mesmos valores sejam “[...] partilhados e, sobretudo, compreendidos pela maioria, sem os quais se estaria isolado do público” (CHARAUDEAU, 2017, p. 97). Todavia, simplificar comporta um risco: o de reduzir a complexidade da teia sócio-política. Todavia, a ideia de *singularidade* (CHARAUDEAU, 2017) aplicada por Daciolo em sua narrativa/teodiceia pretende fazer com que o público (evangélico) se concentre em ideias isoladas, delimitadas.

Sua identidade é ainda reforçada com a ideia de sacrifício²⁶⁵, ausente em outros atores religiosos na política. Assim se descreve Daciolo: “Eu sou militar, sou cristão, prego o civismo, o nacionalismo, o patriotismo, a ordem e o progresso”. E conclui: “[...] dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria, cuja honra, integridade e instituições defenderei *com o sacrifício da própria vida*” (informação verbal)²⁶⁶. Nota-se um forte sentimento de penitência, característico do sujeito carismático (LINDHOLM, 1993) e algo que seria incapaz de sentir um adversário, que só sabe oprimir a mando dos demônios. O profeta nunca faz ideia “de si como emancipado do sofrimento” pelos oprimidos (WEBER, 2019, p. 361).

Ainda há outro aspecto importante da teodiceia elaborada por Daciolo nessa disputa. Para avolumar sua explicação acerca do mal no mundo, outros adversários surgem como articulações de demônios na sociedade. Daciolo se opõe à maçonaria e, baseado em seu repertório fundado na tradição evangélica pentecostal, *condena* o, à época, presidente Michel Temer por ele ser, segundo sua narrativa, um satanista: “[...]. Há pouco tempo, Deus mandou dizer aqui: ‘*Presidente Michel Temer, largue o satanismo e a maçonaria! Venha correndo para Deus, porque não me agrada a morte de ninguém*’” (informação verbal, grifo meu)²⁶⁷. O caso do *Congresso Gideões Missionários da Última Hora* é outro exemplo de sua crítica à maçonaria²⁶⁸.

Sua teodiceia traz um plano não apenas local, mas abrange segmentos políticos para além do Brasil, como é o caso de seu combate à União das Repúblicas Socialistas da América

²⁶⁵ Cf. capítulo 1, seção 1.2.

²⁶⁶ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 17 de março de 2016; sessão nº 043.2.55.O; fase: OD.

²⁶⁷ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 14 de junho de 2017; sessão nº 158.3.55.O; fase: OD.

²⁶⁸ Cf. capítulo 2, seção 2.2.3.

Latina (URSAL)²⁶⁹, aos Illuminati e à Nova Ordem Mundial, cujas famílias Rockefeller e Rothschild (em contato com a família Marinho, da Rede Globo) fariam parte. Estes seriam órgãos e personagens responsáveis pela “morte e sofrimento do povo” conforme sua narrativa²⁷⁰.

Em nossa entrevista, ao ser perguntado se as igrejas estariam envolvidas nesse “projeto”, respondeu: “A cúpula sim. A cúpula tem envolvimento com isso tudo. Tem envolvimento com a Nova Ordem Mundial” (informação verbal)²⁷¹. Quando questionado quem faria parte dessa cúpula, reservou-se e apelou para a *revelação* divina através da prática da oração: “Ah... ora aí. Ora aí que vocês vão entender. Orem aí e vocês vão entender” (informação verbal)²⁷². O fato de ter se negado a responder não pode ser interpretado como uma forma de não se comprometer com tais lideranças, pois durante sua campanha para a presidência (enquanto orava no monte), elencou nomes de pastores da cúpula da igreja evangélica no Brasil, tais como: Silas Malafaia, Edir Macedo, R.R. Soares, Marco Feliciano, Valdemiro Santiago, Manoel Ferreira, Abner Ferreira. Assim, interpreto a frase “orem aí e vocês vão entender” como forma de trazer seus interlocutores para o mesmo plano de reconhecimento dos *inimigos* (falsos profetas), isto é, a partir da revelação de Deus – que ele, Daciolo, já havia anunciado.

3.4.4 Daciolo e os Direitos dos Trabalhadores

Para melhor compreensão de sua narrativa, construída com a ajuda de seus discursos que relacionam religião e política, veremos nesta seção qual o principal assunto presente em sua trajetória enquanto deputado federal. Nos 5 primeiros discursos proferidos em 2016, Daciolo permaneceu sem filiação partidária. Novamente, *Direitos dos Trabalhadores* e *Religião* aparecem como os *macrotemas* mais citados: 27 e 31, respectivamente. Vejamos:

²⁶⁹ O significado do acrônimo URSAL, criado pela socióloga Maria Lúcia Victor Barbosa para rebater críticas do então pré-candidato à presidência Lula à Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) revela um termo jocoso: “Republiquetas” no lugar de “República” (cf. GONZO, 2019).

²⁷⁰ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 17 de novembro de 2016; sessão nº 296.2.55.O; fase: CP.

²⁷¹ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

²⁷² Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

TABELA 10 – DISCURSOS DO CABO DACIOLO (SEM PARTIDO/AVANTE) (2016)

Categorias	Número de citações em discursos no Plenário	Partido	Ano de referência
Direitos dos Trabalhadores	5 22	Sem partido / AVANTE	2016
Educação	1 1	Sem partido / AVANTE	2016
Saúde	2 1	Sem partido / AVANTE	2016
Religião	5 26	Sem partido / AVANTE	2016
Segurança Pública	1 4	Sem partido / AVANTE	2016

FONTE: O autor (2021)²⁷³.

Ao contrário do ano anterior (cf. Tabelas 8 e 9), a *Religião* assume a maioria dos discursos em 2016. O mesmo ocorre em 2017. Foram 32 discursos voltados para o *macrotema Religião* e 29 que envolveram *Direitos dos Trabalhadores*. A razão do *macrotema Religião* ter obtido maior presença em seus discursos se deve à sua postura, como profeta emissário, em relação à legitimação de outros *macrotemas* pelo viés da plataforma confessional.

TABELA 11 – DISCURSOS DO CABO DACIOLO PELO AVANTE (2017)

Categorias	Número de citações em discursos no Plenário	Partido	Ano de referência
Direitos dos Trabalhadores	29	AVANTE	2017
Educação	4	AVANTE	2017
Saúde	4	AVANTE	2017
Religião	32	AVANTE	2017
Segurança Pública	12	AVANTE	2017

FONTE: O autor (2021)²⁷⁴.

Em 2018, foram 17 discursos pelo AVANTE e 13 como deputado filiado ao PATRIOTA, totalizando 30 participações na tribuna do plenário da Câmara. O último discurso ocorreu em 11 de julho. No ano da campanha ao cargo de executivo do país (que será discutido no próximo capítulo), o *macrotema* dos *Direitos dos Trabalhadores* ultrapassa, em pouco, a *Religião*: 20 e 17, respectivamente.

²⁷³ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/discursos-e-notas-taquigraficas>>. Acesso em: 10 set. 2019.

²⁷⁴ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/discursos-e-notas-taquigraficas>>. Acesso em: 10 set. 2019.

TABELA 12 – DISCURSOS DO CABO DACIOLO PELO AVANTE/PATRIOTA (2018)

Categorias	Número de citações em discursos no Plenário	Partido	Ano de referência
Direitos dos Trabalhadores	9 11	AVANTE / PATRIOTA	2018
Educação	1 0	AVANTE / PATRIOTA	2018
Saúde	1 0	AVANTE / PATRIOTA	2018
Religião	9 8	AVANTE / PATRIOTA	2018
Segurança Pública	6 1	AVANTE / PATRIOTA	2018

FONTE:O autor (2021)²⁷⁵.

No cômputo geral, os temas surgiram 133 vezes quanto ao *macrotema* da *Religião*; 124 acerca dos *Direitos dos Trabalhadores*; 30 voltados para a *Segurança Pública*; 19 para a *Educação*; 13 sobre *Saúde*.

Além das características elencadas na seção anterior, Daciolo condiciona o discurso e o exercício de “representante do povo” à sua dedicação aos trabalhadores²⁷⁶. Em suas palavras: “Quero dizer que sou do PSOL, sou militar e sou cristão. E, para poder falar de [como] representante do povo, eu preciso começar o meu discurso, falando de trabalhador” (informação verbal)²⁷⁷. Neste discurso, o “trabalhador” envolve “aqueles que estão entregando cafezinho” na Câmara, “aqueles que estão fazendo a limpeza da Casa”, “secretários parlamentares” que, diga-se de passagem, “não são sequer regidos por uma CLT [...] pela Lei nº 8.112”. E continua: “[...] quero dizer aos trabalhadores da Casa que hoje os senhores têm um defensor”. Em outro momento, “Vou permanecer lutando pelos trabalhadores. Lutar por direitos não é crime” (informação verbal)²⁷⁸.

Outras classes são destacadas no mesmo discurso: “trabalhador da defesa nacional”, “trabalhador da segurança pública nacional”, “trabalhador da saúde”, “trabalhador da educação”, dentre outros autônomos como motoristas de aplicativo e taxistas. Quem sobressai em seus discursos são os “trabalhadores da segurança pública”. No entanto, é preciso observar

²⁷⁵ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/discursos-e-notas-taquigraficas>>. Acesso em: 10 set. 2019.

²⁷⁶ Cf. Tabelas 5, 6, 7, 8 e 9.

²⁷⁷ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 3 de fevereiro de 2015; sessão nº 001.1.55.O; fase: GE.

²⁷⁸ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 21 de maio de 2015; sessão nº 120.1.55.O; fase: CP.

se o deputado em questão elabora seus PL's em consonância com seus discursos. Afinal, as pré-dicas buscam alcançar sua concretude na política a partir da legislação.

TABELA 13 – PROJETOS DE LEI DO CABO DACIOLO (ANO DE REFERÊNCIA: 2015)

Macrotema	PL's	Total
Educação	662; 3293*	2
Direitos dos Trabalhadores	3581; 3390; 3316; 3304; 3293*; 3259; 3115; 3051; 2178; 1656; 1501	11
Segurança Pública	529; 2276	2
Outros Temas	617; 3695; 3391; 177; 416; 3214; 3167; 3214; 3167; 315; 2233; 2227; 1656; 2234;	14

FONTE: O autor (2021)²⁷⁹.

Segue descrição dos outros assuntos que foram contemplados: anistia (PL's 617/2015, 3695/2015, 3391/2015 e 177/2015), regulamento de câmbio de importação (PL 416/2015), Programa “Minha Casa, Minha Vida” para militares (PL's 3214/2015 e 3167/2015), crime de enriquecimento ilícito (PL 315/2015), Estatuto da Criança e do Adolescente (PL's 2233/2015 e 2227/2015), criação do Programa de Financiamento Habitacional para os Militares da Defesa Nacional e Agentes de Segurança Pública (PL 1656/2015) e o já citado PL 2234/2015 que tipifica como estelionato promessas de candidatos não cumpridas na esfera do Poder Público quando eleitos. Ao todo, 28 PL's no ano de 2015 (sendo que o PL 3293/2015 aparece em *Educação* e *Direito dos Trabalhadores*). Destaque para os *Direitos dos Trabalhadores*.

TABELA 14 – PROJETOS DE LEI DO CABO DACIOLO (ANO DE REFERÊNCIA: 2016)

Macrotema	PL's	Total
Educação	5985; 5332; 4660	3
Direitos dos Trabalhadores	5577; 5492; 4888*	3
Saúde	5331; 4660	2
Segurança Pública	5492; 4887	2
Outros Temas	6361; 5500; 4888*; 4384; 4383	5

FONTE: O autor (2021)²⁸⁰.

Em 2016 foram catorze PL's (sendo que o 4888/2016 aparece em *Direito dos Trabalhadores* e *Outros Temas*). Não ocorreram citações religiosas. Outros temas citados

²⁷⁹ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao>>. Acesso em: 12 out. 2019.

²⁸⁰ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao>>. Acesso em: 12 out. 2019.

discutem: Nova eleição majoritária em caso de votos brancos e nulos ultrapassarem 50% do eleitorado local (PL 6361/2016); votação em cédulas (PL 5500/2016)²⁸¹; inclusão de “assédio moral” no Código Penal (PL 4384/16); alteração da Lei nº 7524, de 17 de junho de 1986, e o Decreto-Lei nº 1.001, de 21 de outubro de 1969 (Código Penal Militar), “para permitir a livre manifestação de opinião e pensamento ao militar ativo e inativo” (PL 4383/16) e, por fim, proibição de monumentos estrangeiros no Brasil (PL 4888/2016).

Um adendo necessário. Sobre esse último PL, é interessante apresentar alguns fatos protagonizados por cabo Daciolo que se relaciona com o objetivo do projeto. Em junho de 2018 foi gravado um vídeo que passou a circular apenas em setembro do mesmo ano. O vídeo mostra Daciolo em frente à uma réplica da “Estátua da Liberdade”, utilizada como símbolo das lojas Havan. No registro ele afirma que as estátuas seriam derrubadas por serem o símbolo dos EUA, país que na visão do profeta emissário “explora o Brasil” e “toma suas riquezas”. Daciolo aproveita ainda para anunciar: “Eu quero *profetizar*: serei o próximo presidente da república” (CABO..., 2018c, n. p.)²⁸². Mais recentemente, em 24 de maio de 2021, após alerta sobre rajadas de vento de mais de 80km/h no Litoral emitido pela Marinha do Brasil, uma estátua da Havan caiu em Capão da Canoa, no Rio Grande do Sul. Momento em que o vídeo em que cabo “profetiza” sobre a queda do monumento retornou às mídias e foi divulgado também pelo próprio cabo em seu perfil no *Facebook*²⁸³.

TABELA 15 – PROJETOS DE LEI DO CABO DACIOLO (ANO DE REFERÊNCIA: 2017)

Macrotema	PL's	Totais
Educação	7285	1
Direitos dos Trabalhadores	7398; 7285	2
Saúde	8913; 8775	2
Segurança Pública	7564; 7481	2
Religião	9164	1
Outros Temas	8322; 7399; 8004; 8103	4

FONTE: O autor (2021)²⁸⁴.

Foram doze PL's em 2017. Pela primeira vez, surge um PL com assunto específico sobre *Religião*. Trata-se de alterar e acrescentar dispositivos à Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para incluir o “Estudo da Bíblia

²⁸¹ Assunto que será bastante discutido durante as eleições de 2018, e cuja análise, realizarei no cap. 4.

²⁸² Sobre seu engajamento na campanha eleitoral para a Presidência da República, tratarei no capítulo 4.

²⁸³ Que pode ser acessado pelo link disponível em: <<https://www.facebook.com/deputadocabodaciolo/posts/3074441016124656>>. Acesso em: 25 maio 2021.

²⁸⁴ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao>>. Acesso em: 12 out. 2019.

Sagrada” como disciplina obrigatória no currículo do ensino fundamental e médio do Brasil (PL 9164/2017). Segundo Daciolo, em sua rede social:

Foram os princípios éticos da Escritura Sagrada que forjaram as bases da civilização ocidental e os pilares que moldam os seus valores cívicos, sociais, morais e espirituais. *Conhecê-la é condição indispensável para a construção de uma sociedade saudável* (grifo meu)²⁸⁵.

E continua: “*Não pregamos religião. [...] A Bíblia Sagrada é um dos livros mais antigos do mundo e, sem sombra de dúvidas, é o mais conhecido e adquirido até hoje na história da humanidade. Mas não pertence a nenhuma religião*” (grifos meus). Mais uma vez Daciolo retira a classificação religiosa tanto de seus discursos quanto da bíblia a fim de obter mais aceitação na esfera pública. No mesmo ano, o vereador Kempes Rosa foi autor de um PL (sobre a leitura da bíblia nas escolas) que foi aprovado na Câmara de Vereadores e sancionado pela prefeita na cidade de Porto Seguro-BA. Algumas escolas adotaram a leitura da bíblia e, segundo a professora Elizabeth Doro, como forma de responder a questões como: “O que é ética? O que é moral? O que é o respeito ao próximo? O que é a coragem, sabedoria, paciência, tolerância?”. Para a professora, é “tudo o que eles [os estudantes] têm que ter na infância, na juventude” (ESCOLAS..., s.d., n. p.).

Outros assuntos são contemplados, como: instituir fundo parlamentar eleitoral (PL’s 8322/2017, 7399/2017); anistia de militares (PL 8004/17); responsabilização administrativa e civil de pessoas jurídicas pela prática de atos contra a administração pública (PL 8103/17).

TABELA 16 – PROJETOS DE LEI DO CABO DACIOLO (ANO DE REFERÊNCIA: 2018)

Macrotema	PL’s	Totais
Direitos dos Trabalhadores	10452	1
Saúde	10778*	1
Segurança Pública	10778*	1
Religião	10577; 10395	2
Outros Temas	9833; 11183; 10102	3

FONTE: O autor (2021)²⁸⁶.

No último ano de seu mandato, Daciolo foi autor de sete PL’s. *Saúde e Segurança Pública* são contempladas em um só projeto: PL 10778/2018. Quanto ao PL 10452/2018, trata-se de anistia das multas e sanções aplicadas aos caminhoneiros e pessoas jurídicas de

²⁸⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/deputadocabodaciolo/>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

²⁸⁶ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/>>. Acesso em: 12 out. 2019.

direito privado que participaram do movimento reivindicatório dos caminhoneiros iniciado em maio de 2018. Interpreto o projeto dentro do *macrotema* dos *Direitos dos Trabalhadores*, uma vez que o deputado em questão defendeu o direito à manifestação dos caminhoneiros. A criação de um PL para anistiar as multas representa 9 dos 20 discursos sobre os *Direitos dos Trabalhadores* em 2018. Quanto à *Religião*, dois PL's onde busca alterar o art. 3º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para proibir a disseminação da “ideologia de gênero” nas escolas do Brasil (PL 10577/2018), e; instituir a Semana Nacional de Adoração a Deus, a ser celebrada anualmente de 1 a 7 janeiro (PL 10395/2018)²⁸⁷. Outros temas: isenção de pedágios para policiais federais, rodoviários, ferroviários, dentre outros (PL 9833/2018); estabelecer normas para as eleições no que se refere à divulgação de pesquisas eleitorais por quaisquer meios de comunicação (PL 11183/2018) – Daciolo criticou institutos de pesquisa de opinião pública que não inseriram seu nome na lista de pré-candidatos à sucessão presidencial²⁸⁸; acrescentar o art. 33-A à Lei nº 8.906, de 4 de julho de 1994, que dispõe sobre o Estatuto da Advocacia e a Ordem dos Advogados do Brasil e revogar os incisos V e VI do art. 28 do mesmo diploma legal, para permitir que o militar advogue (PL 10102/2018).

De todos os PL's e PEC's (2015-2018), nenhum foi aprovado, exceto uma emenda, o PL 177/2015, que concede anistia aos policiais e bombeiros militares punidos por participação em greves (MARINI, 2018). O insucesso acentua a ideia de *perseguição* em seu discurso o fazendo reagir com tons de ameaça religiosa, conforme destacado neste capítulo.

Os PL's que contemplaram os *Direitos dos Trabalhadores* tiveram grande destaque, totalizando dezessete. Enquanto que a área da *Segurança Pública* teve sete; da *Educação*, seis; da *Saúde*, cinco; da *Religião*, três. Percebe-se na trajetória política de Daciolo que o mesmo só utiliza expressões confessionais em documentos quando se trata, especificamente, de introduzir algum tipo de dogma religioso. A hipótese inicial seria a de que há uma espécie de filtragem e adequação realizadas por sua assessoria. Todavia, duas informações enfraquecem tal possibilidade. A primeira foi através de nossa entrevista: “Minha assessoria são jovens maravilhosos *que viveram Deus conosco ali*” (informação verbal)²⁸⁹. A outra, trata-se de matéria publicada por Bernardo Mello Franco na revista *Época* (online). O jornalista foi surpreendido quando esteve no gabinete do deputado para entrevistá-lo: “Num breve momento em que ele [Daciolo] deixou o recinto, uma pastora [também assessora]

²⁸⁷ Este PL esteve presente em seu Plano de Governo (2018).

²⁸⁸ Cf. discurso realizado na Câmara dos Deputados em 06 de junho de 2018; sessão nº 143.4.55.O; fase: OD.

²⁸⁹ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

pegou minha mão e tentou me convencer a ‘aceitar Jesus’” (FRANCO, 2018, n. p.). Caso sua assessoria filtrasse as impressões religiosas em documentos legislativos como as PEC’s ou os PL’s o deputado não teria sido expulso do PSOL, por exemplo.

A segunda hipótese é que o uso específico dos vocábulos religiosos ocorre em documentações específicas para a área que envolve “ensino religioso”, “ideologia de gênero”, “adoração a Deus”. Paralelamente, a crença surge no plenário da Câmara como forma de manter a conexão com o público cristão, a quem costuma se dirigir. Seguem exemplos: “E dirijo-me principalmente àqueles que conhecem a palavra [bíblia]. Os sinais vão acontecer aqui - e vão começar acontecendo com os conhecedores da palavra de Deus. Os sinais vão chegar e estão próximos” (informação verbal)²⁹⁰; “Eu queria me dirigir às lideranças do mundo espiritual do nosso País” (informação verbal)²⁹¹; “Eu estou falando para mais de 160 milhões de habitantes que são cristãos. É com eles que estou falando, com aqueles que acreditam em Jesus Cristo” (informação verbal)²⁹².

O caso da mencionada PEC 12/2015 (“PEC dos Apóstolos”) explica outra fase do uso do vocábulo religioso em documentos. Segundo ementa, “altera a redação do parágrafo único do art. 1º da Constituição Federal, para declarar que todo o poder emana de Deus”. A primeira vez que Daciolo cita a expressão “todo o poder emana de Deus”²⁹³ foi em razão de suas constantes críticas às votações que são colocadas em pauta no Congresso e que não beneficiam o povo: “O que se vota na Casa são medidas provisórias, que travam a pauta, travam tudo, enquanto o povo está sofrendo” (grifo meu). E continua:

[...] o que é votado no Congresso é medida provisória [...] que tranca a pauta, e nada mais é votado. Eu venho aqui falar à Nação e ao povo que nós temos as iniciativas populares. A iniciativa popular é uma grande arma para nosso sucesso. E temos a PEC nº 5, de 2015, que coloca iniciativa popular no mesmo peso de medida provisória (informação verbal)²⁹⁴.

Neste mesmo discurso, *Educação, Direitos dos Trabalhadores e Segurança Pública* são citados. E termina: “Venho dizer ao povo brasileiro que acredite, pois nós temos um Deus, que é o Deus das causas impossíveis! O homem e as autoridades não determinam nada! Quem determina todas as coisas é Deus! Deus dá a última palavra” (informação verbal)²⁹⁵. Daciolo se dirige ao povo brasileiro para afirmar que(a) o Congresso não prioriza pautas que

²⁹⁰ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 29 de setembro de 2015; sessão nº 285.1.55.O; fase: GE.

²⁹¹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em: 14 de dezembro de 2016; sessão nº 333.2.55.O; fase: BC.

²⁹² Discurso realizado na Câmara dos Deputados em: 13 de julho de 2017; sessão nº 007.3.55.N; fase: OD.

²⁹³ Isto é, no discurso realizado na Câmara dos Deputados em 10 de março de 2015 (sessão nº 026.1.55.O; fase: PE).

²⁹⁴ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 10 de março de 2015; sessão nº 026.1.55.O; fase: PE.

²⁹⁵ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 10 de março de 2015; sessão nº 026.1.55.O; fase: PE.

beneficiem o povo e (b) que o Deus do povo é quem determinará, acima do Congresso, o que deverá ocorrer.

Para Charaudeau (2017, p. 52), há um “contrato de comunicação” onde o indivíduo toma a linguagem ou os símbolos que lhe constituem para se dirigir ao grupo que igualmente os aceita. O profeta Daciolo, que outrora falava apenas como cabo do CBMERJ e líder do movimento SOS Bombeiros, agora ocupa outro lugar de enunciação, o Legislativo. Não se pode afirmar que Daciolo desconsidera o valor da Câmara no processo democrático e representativo, e sim, que o profeta-emissário-político inicia um processo de distanciamento dos demais parlamentares, onde seria uma espécie de intermediador entre a vontade de Deus e o “povo que sofre”.

O que nos parece claro até aqui é que este *profeta* tem os trabalhadores – classificados como “escravos” e “oprimidos” em seus discursos – como público alvo. Por outro lado, os “senhores” e “opressores” agem a mando das “potestades espirituais”, enquanto, o próprio Daciolo se apresenta como profeta libertador. Toda essa teodiceia parece ser criada para articular exclusividade do personagem carismático (WEBER, 2019; LINDHOLM, 1993).

3.4.5 O “povo” constituído por “órfãos” e “viúvas”

Conforme Laclau (2018), as *demandas* interpretadas por Daciolo buscam se associar ao povo. Mas, quem é esse povo para o profeta emissário? Pois Daciolo utiliza as categorias bíblicas para nominá-lo: órfãos e viúvas. Neste contexto, e, diante dos dados que apontam para o protagonismo de sua defesa pelos *Direitos dos Trabalhadores* indicados neste capítulo, resta saber: como são percebidos por essa figura os novos órfãos e as novas viúvas?

Órfãos e *viúvas* representam o foco da “religião de Deus”, interpretação – baseada na epístola de Tiago 1,27 – adotada por Daciolo. Dito isso, órfãos e viúvas são os trabalhadores qualificados pelo cabo como “escravos” e “oprimidos”. Nas palavras de Sell (2018), a relação carismática “[...] não está dada permanentemente e exige da parte do líder um esforço renovado de convencimento, o que implica que ele deve captar, manipular e satisfazer continuamente as necessidades dos seus adeptos” (SELL, 2018, p. 5). A dignidade, a legalidade, os direitos dos trabalhadores são, como já demonstrados nas seções anteriores, o cerne de seus discursos políticos. A ausência dos direitos por ele elencados ajuda na montagem de uma espécie de quadro de *demandas* comuns, que abrem oportunidades para

que distintos grupos se sintam contemplados por sua fala e se assumam como este *povo* denominado por ele.

“Trabalhadores” e “dignidade” são palavras que surgem de modo complementar em suas participações no plenário. Maciel (2007) já havia relatado que “[...] a desqualificação de uma massa de trabalhadores [...] constitui um impedimento objetivo à construção [...] da dignidade pessoal” (MACIEL, 2007, p. 38). Assim, Daciolo organiza seu discurso a fim de construir um cenário possível de transformação. A palavra “trabalho” (e suas derivações) é citada 67 vezes; em 50 destas ocasiões, a palavra “dignidade” também aparece. É comum o uso de termos religiosos em sua defesa do direito dos trabalhadores, como se vê no dia em que disse na Câmara dos Deputados que “[...] não existe política sem Deus. Eu estou falando aqui é de Deus, porque hoje *vamos precisar de um milagre para que seja dado não à terceirização*” (informação verbal, grifo meu)²⁹⁶. No mesmo discurso, anuncia que não serão reeleitos em 2018 os que votarem “sim” ao projeto de terceirização dos trabalhadores: “Estou profetizando aqui no plenário [...] guardem isso [...]. Olha só, o Espírito Santo toca aqui [...]. Não votem a favor desse projeto [terceirização], porque isso vai trazer um dano para a Nação” (informação verbal)²⁹⁷.

Em relação aos bombeiros militares, Daciolo se dirige ao “Comandante Douglas Júnior, da unidade Norte/Noroeste”, que, segundo ele, diz “mentiras, perseguindo os militares, cometendo injustiças contra os militares”, tratando a tropa “com escravidão”: “[...] os militares estão exigindo respeito e o senhor ainda fica falando de Deus? Pare de falar de Deus, porque homens de Deus tratam o seu semelhante com respeito!” (informação verbal)²⁹⁸. O profeta, segundo Weber (2019), reivindica o poder dominante. Aqui, o que autoriza alguém a falar em nome de Deus, independentemente do cargo de autoridade que ocupe, é a justiça.

Após a exoneração do PSOL, Daciolo faz nova apresentação: “Eu sou bombeiro militar, sou cristão, hoje sem partido, ou melhor, não sem partido, pois o meu partido é o Brasil”. E ressalta: “O meu compromisso é com o *povo* e eu tenho um líder no meu coração. O meu Líder é Deus. É Deus que é o meu Líder, e eu prego o amor. *Eu trato as pessoas da maneira que eu gostaria de ser tratado*” (informação verbal, grifos meus)²⁹⁹. Seu compromisso é com “o povo” que se assemelha às categorias bíblicas anteriormente citadas. Em contrapartida, suas denúncias focam nos “falsos profetas”, responsáveis pela opressão. A frase que destaquei acima apresenta a imagem do que seria o *verdadeiro profeta*, ou seja,

²⁹⁶ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 8 de abril de 2015; sessão nº 064.1.55.O; fase: OD.

²⁹⁷ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 8 de abril de 2015; sessão nº 064.1.55.O; fase: OD.

²⁹⁸ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 30 de abril de 2015; sessão nº 090.1.55.O; fase: PE.

²⁹⁹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 1 de julho de 2015; sessão nº 178.1.55.O; fase: BC.

alguém autorizado a falar em nome de Deus – diferentemente do comandante citado acima. Daciolo, como *verdadeiro profeta*, denuncia falsos “homens de Deus”, que se envolvem em corrupção, como o ex-presidente da Câmara, deputado Eduardo Cunha. Em tom de ameaça, dirige-se à FPE:

Vigiem! Vigiem, porque o nosso Deus não é um Deus para se ficar brincando! Nada está oculto aos olhos Dele! Sobre esses sinais e sobre o que está acontecendo ao Presidente Eduardo Cunha, quero dizer a todos os evangélicos do País que não fiquem envergonhados por isso. [...] Está escrito, sobre os falsos profetas: “*Não se envergonhem destes. Continuem perseverando em Cristo*”. Eu sou cristão, sou leitor da Bíblia, subidor de montes, conheço o Deus a quem sirvo: o Deus das causas impossíveis (informação verbal, grifo meu)³⁰⁰.

E como entregando uma profecia, Daciolo lê o texto bíblico de Jeremias 2,17:

Presidente Eduardo Cunha, assim manda dizer o Senhor para ti [...]: “*Não foi você mesmo o responsável pelo que lhe aconteceu, ao abandonar o Senhor, o seu Deus? O seu crime o castigará e a sua rebelião o repreenderá. Compreenda e veja como é mau e amargo abandonar o Senhor, o seu Deus, e não ter temor de mim, diz o Soberano, o Senhor dos Exércitos*” (informação verbal, grifo meu)³⁰¹.

Em novembro de 2016, Eduardo Cunha foi preso por determinação do, à época, juiz Sérgio Moro. Cunha foi acusado de receber propina de contrato de exploração de Petróleo no Benin, na África e de usar contas na Suíça para lavar dinheiro. Além disso, o Ministério Público Federal (MPF) apontou onze ações de Cunha que buscaram atrapalhar investigações da Lava-Jato (DIONÍSIO et al., 2016). O ex-presidente da Câmara foi condenado a 15 anos de prisão. Em 2017, Daciolo foi visitá-lo no Complexo Médico Penal de Curitiba-PR com a finalidade de entregar uma mensagem de Deus a ele. Em sua página do *Facebook*, divulgou seu discurso na Câmara: “Hoje eu tive a felicidade, para honra e glória do nosso Senhor Jesus Cristo, de ter tido um encontro com Eduardo Cunha. Estive em Curitiba e me encontrei com o ex-presidente Eduardo Cunha”³⁰². Disse ter deixado sua bíblia em na cela e que saiu de lá com “sentimento de vitória”. O youtuber Américo Moura, que se apresenta como historiador, registrou que “Daciolo é um profeta de Deus mesmo! Muitas de suas palavras se cumpriram. [...] Daciolo profetizou a queda do ex PRESIDENTE da Câmara, EDUARDO CUNHA, que se cumpriu”³⁰³.

Na ocasião da visita a Cunha, Daciolo pediu aos evangélicos que fizessem o “jejum de Daniel” por 21 dias, que terminaria na data da votação sobre a denúncia contra o então

³⁰⁰ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 21 de outubro de 2015; sessão nº 321.1.55.O; fase: PE.

³⁰¹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 21 de outubro de 2015; sessão nº 321.1.55.O; fase: PE.

³⁰² Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?ref=external&v=2009069702661798>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

³⁰³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ml11UyhV8Vc>>. Acesso em: 27 de jun. de 2020.

presidente da república Michel Temer em relação às acusações feitas por Joesley Batista: “Que nós venhamos a fazer desses 21 dias um jejum pela nação brasileira. Só Deus pode nos dar a vitória”³⁰⁴. Neste contexto, desafiou aos parlamentares: “Brinquem aí. É a mão de Deus!”. E anunciou: “O povo brasileiro não quer um presidente mais ou menos, o povo quer um presidente quente, cheio da presença de Deus”.

Voltando-se para a FPE, anuncia:

Preste atenção! O nosso Deus é Deus de misericórdia. Arrependei-vos do seu pecado, pois o Reino de Deus está próximo. Quem achar que é o homem quem está falando aqui, “*nara shanarae manara*”, suba até este púlpito e diga que este garoto que está falando aqui não sou eu. Suba até este púlpito para ver se não é Deus quem está falando aqui! (informação verbal)³⁰⁵.

A última frase, semelhante a outras em seus discursos, pode ser interpretada através do que Charaudeau (2017) chamou de encenação destinada a “produzir um efeito de prova”, em que o desafio posto “[...] não é o da verdade, mas o da veracidade: não é o que é verdade, mas o que eu creio ser verdadeiro e que você deve crer verdadeiro” (CHARAUDEAU, 2017, p. 101). Percebemos que, se por um lado, o profeta-emissário-político defende os “oprimidos” e “escravizados” – a palavra “escravo” aparece 42 vezes, enquanto que “oprimido”, 14 vezes em seus discursos – pelo sistema indigno de trabalho, por outro, denuncia e ameaça com tons religiosos os que, em sua concepção, enquadram-se na classificação de “senhores” e “opressores”. Inclusive, em relação às opiniões da FPE nas pesquisas do Datafolha supra, Daciolo se afasta da referida bancada (dos interesses dos parlamentares) e se aproxima mais dos eleitores evangélicos. O que o profeta-emissário-político realiza é converter a categoria social “trabalhador” em categoria religiosa, uma vez que como “escravo” e “oprimido” precisa ser liberto. Este é “o povo” a ser defendido. E se as forças que fazem o mal são sobrenaturais, só alguém escolhido por Deus daria conta dessa “guerra espiritual”.

Uma das fontes utilizada por Daciolo na construção dessa narrativa é o livro *As lutas do povo brasileiro: do “descobrimento” a Canudos* (2004), do jornalista Júlio José Chiavenato. O autor critica a historiografia tradicional que oculta a participação popular, – classificados por muitos como uma multidão ignorante, fanática e desordeira. Essa multidão não é valorizada em sua fala democrática e é reprimida, como a histórica de Canudos ilustra. Chiavenato desmistifica a ideia de que o povo brasileiro é passivo e que não reage diante das diversas formas de opressão e exploração. O livro apresenta as diversas revoltas ocorridas no

³⁰⁴ Em seu *Facebook*, disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?ref=external&v=2009069702661798>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

³⁰⁵ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 21 de outubro de 2015; sessão nº 321.1.55.O; fase: PE.

Brasil desde o século XVI e explica como se deu a adesão popular a essas, que, por um lado foi orientada para os interesses das classes médias ou da elite, e em outras ocasiões foram movidas pela causa dos índios, dos negros e dos brancos pobres.

Quando perguntado o que a obra teria a dizer sobre ele mesmo e sobre o país, respondeu-me:

Eles [os políticos] querem deixar o povo dormente, sem saber que *o povo e a nação brasileira é um povo de luta*. Entendeu? Eles querem apagar do povo... “como é que você domina o povo? como é que você conquista o povo?” Você tira a essência do povo, o amor à pátria. Você tira o entendimento, o saber de um povo. Você não dá informação e instrução e você domina o povo. Você *escraviza* um povo. A partir do momento que a nação começa a ter educação e ensino, ela passa entender e conhecer a sua história. Ela começa a entender e a conhecer sua história de luta. E aí você transforma o povo. Eu acho que esse livro é um livro que toda a nação brasileira deveria ler (informação verbal)³⁰⁶.

Pergunto ainda se os movimentos messiânicos, como o de Canudos foram importantes para o país. Daciolo acena positivamente:

É importante e eu acho que em todo o momento você vai ver que é *um desejo de ser liberto*. E aí vem o Estado e oprime e destrói, entendeu? Nós nunca vimos uma luta nessa proporção. É entregando a Palavra de Deus para aqueles que se consideram teu inimigo, porque você só vai conquistar essa luta com amor. Você só vai ganhar isso tudo com Jesus Cristo. Não existe batalha com Jesus que tenha derrota. Todas as batalhas com Jesus são de vitória. Então, o inimigo vai vim pra te bombardear, vai te bater, vai te agredir, e se ele bater dum lado, Deus fala pra você oferecer o outro lado... e você, com a tua ideia, com a tua certeza da tua vitória. Aí nós vamos conquistar a vitória. [...] Você vai pra Farroupilha, você vai pra Revolta da Chibata, você vai pro movimento tenentista, você vai pra Canudos, *você vai ver que sempre foi homem tentando trazer vitória, homem tentando libertar. Homem não liberta ninguém*. Quem liberta é Jesus Cristo. Aí vai vim a vitória (informação verbal, grifos meus)³⁰⁷.

Em sua análise de parte da história dos movimentos messiânicos e militares (como o tenentista) no Brasil, seu foco foi observar o povo e a própria “batalha” contra aqueles que têm o interesse pelo domínio e, conseqüentemente, pela exploração do povo. Daciolo oculta a importância dos líderes – ou seja, o carismático assume sozinho sua postura, pois, trata-se de uma “qualidade *considerada* extraordinária [...] que é *atribuída* a uma pessoa” (WEBER, 1998, p. 179, grifo meu) – e reafirma, com base em sua fé, a operosidade de Jesus durante a libertação de determinados contextos de opressão social e econômica: “Homem não liberta ninguém. Quem liberta é Jesus Cristo”.

Ao ser questionado se, em sua percepção, Deus usa homens para essa libertação da dominação/opressão, o cabo respondeu positivamente. Contudo, sem enfatizar nomes de

³⁰⁶ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

³⁰⁷ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

líderes carismáticos na história pregressa e destacando a si mesmo como o sujeito capacitado por Deus para libertar a nação:

Sim. Sempre usou. Deus levanta os seus, meu irmão. Deus levanta os seus. Eu posso dizer pra você e eu encho a minha boca pra falar: Daciolo só chegou aonde chegou e viveu o que viveu porque tem um Deus vivo por trás. Não tem nada a ver. Não é Daciolo. Minha capacidade é bem pequenininha, *mas Deus capacita os seus*. É Deus que prepara, capacita, guarda. É Deus quem vai te dar o entendimento, é Ele quem vai te revelar (informação verbal, grifos meus)³⁰⁸.

Com esta fala, Daciolo não demonstra sua capacidade messiânica divina, porém, mais uma vez, valendo-me da tipologia weberiana, da figura de um profeta emissário, capacitado por Deus para uma missão especial. Além disso, a construção de sua narrativa supõe uma demanda por exclusividade na esfera política. A afirmação “Daciolo só chegou aonde chegou e viveu o que viveu porque tem um Deus vivo por trás” apresenta a sequência sistemática da companhia/presença divina, essencial para sustentar a figura carismática. O fato de dizer que “viveu o que viveu” apontaria para suas atividades, perseguições, feitos sociais e políticos, como obras que *Deus possibilitou* que ele fizesse. Pela conexão das perguntas e respostas, ele crê ser o escolhido e capacitado pela divindade com a missão de libertar a nação dos opressores, tirar a nação do caos e devolver a ela suas riquezas e dignidade; pois o papel do profeta, além de ter a “[...] convicção de ser ‘instrumento de Deus’”, é também buscar “instaurar uma era de justiça e paz” (WEBER, 2010, p. 29).

Para finalizar esta parte do roteiro de entrevistas, interpelei-o se ele mesmo sonha em libertar a nação; ao que me respondeu:

Eu creio na libertação da nossa nação. Em Deus, eu creio. Eu creio que nós vamos deixar de ser colônia e vamos nos transformar em uma nação. É o que eu creio, é o que eu acredito, mas olha... não tem nada a ver com religião, tem a ver com Jesus, com amor... *e nós vamos libertar esse povo* [bate na mesa] (informação verbal, grifos meus)³⁰⁹.

O cabo aciona o *pluralis majestatis* em sua resposta: “[...] *nós* vamos libertar esse povo” (informação verbal, grifos meus)³¹⁰. A finalidade não se é esconder, mas demonstrar, a partir da figura de Deus, que é o operador da transformação, sua legitimidade para ocupar a posição de líder maior da nação. Pois é o que veremos no próximo capítulo.

³⁰⁸ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

³⁰⁹ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

³¹⁰ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

A partir das informações e análises apresentadas neste capítulo, é possível afirmar que (i) a FPE, em sua grande maioria, não representa os eleitores evangélicos; (ii) que Daciolo se encontra mais próximo às demandas dos eleitores evangélicos e que seus PL's contemplam, sobretudo, os Direitos dos Trabalhadores; (iii) que a adequação dos discursos religiosos na política feita por Daciolo ocorrem pelo fato de ele entender que tanto a bíblia quanto os seus significados não *falam* de religião, ou seja, ele esvazia os símbolos religiosos para que possa encontrar espaço na esfera política profissional; (iv) que a maneira de abordar seu *antagonismo* político não é elevar diretamente o sujeito político a seu inimigo, mas sim, entendê-lo como ferramenta de um mal supramundano e que apenas ele poderia libertar a nação deste mal, uma vez que é o “escolhido de Deus” para cumprir tal missão; (v) que o povo defendido por Daciolo não está na mesma cadência discursiva de “povo-nação” evangélico, pois concebe o “povo” por meio de categorias bíblicas “órfãos” e “viúvas”.

Resta-nos agora compará-lo com seu grande oponente nas eleições de 2018, Jair Messias Bolsonaro, e verificar se se trata mesmo de um personagem com traços peculiares na história política da segunda década deste século e se a hipótese da adoção de um projeto de personalismo político pode, enfim, ser ou não confirmada.

4. MESSIAS E PROFETA VIS-A-VIS E O PROJETO DE PERSONALISMO POLÍTICO

“Estarei em oração [...] pela nossa NAÇÃO e por Jair Bolsonaro [...], lembrando mais uma vez que a nossa luta não é contra pessoas, mas contra potestades”.

“Ninguém quer um presidente mais ou menos. O povo brasileiro quer um presidente quente e cheio da presença de Deus”.

“Deus não escolheu Bolsonaro [para ser presidente]. Ele autorizou”.

Cabo Daciolo³¹¹

“Hoje temos uma Câmara que não cria leis, que não fiscaliza e que não representa os anseios do povo”.

“Hoje temos um presidente que acredita em Deus”.

Jair Messias Bolsonaro³¹²

Neste último capítulo, analiso o contexto de uma nova clivagem na democracia brasileira: as eleições de 2018. Para isso, retomo à categoria da criação de um “povo evangélico” a partir da complexa representação política. Um novo personagem entra em cena como um outro efeito-efeito colateral da narrativa evangélica, conforme apresentada nos capítulos 1 e 3. Trata-se de Jair Messias Bolsonaro.

Nesta parte da tese, buscarei respostas para mais algumas questões, quais sejam: as características políticas de Bolsonaro se assemelhariam às demandas construídas no discurso de segmentos religiosos, sobretudo, de líderes evangélicos, conforme efeito colateral analisado no primeiro capítulo? Ou, essas características se destacariam por sua política pública, cujos temas se associariam às demandas (pautas morais e comportamentais) defendidas por eleitores evangélicos, conforme a análise realizada no capítulo 3? Quais seriam os sinais políticos que tornariam Daciolo e Messias Bolsonaro tão distintos um do outro? De

³¹¹ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

³¹² Informações compiladas a partir de dados encontrados no Portal da Câmara dos Deputados no link disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/busca/?q=jair+bolsonaro>>. Acesso em: 1 jun. 2021.

que maneira “profeta” e “Messias” articulam seus projetos e interpretam o adversário político?

Para responder a essas questões corolárias, analiso todos os discursos e PL’s de Messias Bolsonaro (durante a 55ª Legislatura) realizados no plenário da Câmara dos Deputados. A fim de compreender sua relação entre política e religião, lanço mão da malha analítica de Mouffe e Laclau para ajudar na diferenciação entre os personagens em tela diante da relação com seus adversários políticos. Weber me auxiliará no exercício de categorização do que tenho defendido como uma face da sociologia do personalismo político-religioso como um subtipo da relação de dominação carismática. Assim, o objetivo deste último capítulo – além de descrever e analisar o cenário em torno das eleições de 2018 e das diferenças entre os personagens em tela – é compreender se a *metamorfose* no campo político permitiu que Daciolo apresentasse, diante de sua peculiar (?) trajetória, um projeto de personalismo dentro do quadro de dominação carismática. Enfim, quais seriam essas características?

4.1 Do “povo evangélico”: avanços quanto à *representação política*

Não há garantias, como explorado nesta tese – mormente, ao que se refere à 55ª Legislatura –, que a escolha de um representante do mesmo segmento religioso por eleitores evangélicos alcance substancialmente as demandas estruturais pretendidas por eles. Isso não quer dizer que não haja representatividade. Todavia, é mais comum que as pautas morais e de comportamento, conforme analisadas no capítulo anterior, sejam contempladas. É sobre esta plataforma que se pode mapear a construção desse “povo evangélico” na esfera pública e seus intentos quanto a escolha e eleição de representantes que lhes sejam propícios.

O pesquisador Joanildo Burity tem trabalhado a trajetória sobre a construção desse “povo evangélico”. Em exposição realizada em 2020, Burity destacou que o país vive uma escalada de “Sete Montes” (informação verbal)³¹³ para a concretização desse projeto de povo. A saber, “Sete Montes” possui um significado teológico e que traduz a emergência da presença dos evangélicos na arena pública em âmbito internacional (BURITY, 2020b). Dialogando com as pesquisas de Burity, lanço mão da categoria efeito colateral (BECK, 2018), apresentada no primeiro capítulo, e da categoria cunhada por mim, efeito-efeito colateral.

³¹³ Joanildo Burity durante aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Candido Mendes (UCAM), “Escalando os Sete Montes: o populismo evangélico pós-impeachment”, ocorrido em 30 de setembro de 2020. A aula foi transmitida pelo canal da UCAM no YouTube e está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZSidDXKEtoQ>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

Não só o autor supracitado, como também Gracino Jr. e Pereira de Souza (2020), entendem que o final da Ditadura civil-empresarial-militar abriu as portas para um cenário mais complexo e plural no que se refere à concepção de um “novo povo” brasileiro. De outro modo, fala-se da oportunidade para a emergência de uma outra forma de organização que pudesse promover maior igualdade e maiores chances de participação política. Neste aspecto, há uma incipiente pluralidade que é expressada em setores significativos da sociedade.

Compreende-se, fundamentando-me nas pesquisas supra mencionadas, que o início desse processo ocorreu no final da década de 1970, mas só em meados de 1980 houve um certo acolhimento dessa diversidade. Concomitantemente, o surgimento de outros atores, grupos sociais, dotados de uma gana associativa e articulação de uma agenda ao debate público que rompeu com o monopólio católico e que se estendeu à percepção de uma diversificação do movimento cristão. Na década de 1990, há o período de emergência de outras formas de engajamento que irá acirrar as diferenças existentes no campo religioso do país: passam a ganhar relevo outros modelos e práticas no interior das religiões, sobretudo, cristãs. Dentro deste campo plural, o desafio posto era saber lidar com a diferença.

Os evangélicos ganham notoriedade na cena pública diante dessa manifestação plural. A minoria evangélica passa a buscar reconhecimento no espaço público que tem a ver com o conjunto desse processo anterior – e que chamo aqui de efeito colateral. Foi a partir dos anos 1980 que a bandeira da representação política se colocou para os pentecostais para um voto corporativo. Burity, portanto, avança no aprofundamento do termo “religião pública” cunhado por Casanova (1994), problematizando-o para além de uma mera presença empírica dos evangélicos na política, chegando à proposição da tese de uma politização da religião. Dentro deste campo, o modelo de representação política oficial pelos evangélicos pentecostais (em que a igreja nomeia, apoia e, por vezes, financia certos candidatos) busca, dentre outras coisas, influenciar o poder público, indiretamente, pautando as agendas públicas.

O “povo” como articulação de um grupo restrito de *demandas* passa a atrair para si um conjunto de outras demandas. Ou seja, não se trata mais de um “povo-nação”, como conjunto da cidadania, mas passa-se à pretensão de determinadas particularidades por meio de suas demandas, que constitui um marco para o conjunto de outras demandas. O objetivo dos evangélicos em meados da década de 1980 era se tornar “povo” e impedir o desenvolvimento de ações que pudessem, em suas avaliações, bloquear tal propósito, como o cerceamento da liberdade religiosa e o comunismo (associado ao ateísmo). A consolidação desse nome/projeto (o “povo evangélico”) ocorre, segundo Burity, nos governos Lula e Dilma. O

“povo evangélico” passa a falar, votar e se fazer representado por figuras que passam a ser conhecidas amplamente.

É nesse contexto que se analisará a estratégia dos “Sete Montes”, cujo significado está relacionado à conquista de espaço, de reconhecimento. A metáfora faz menção aos lugares de ascendência evangélica, os montes. Vejamos como o autor dispõe a construção dessa visibilidade evangélica no cenário público.

QUADRO 4 – “OS SETE MONTES”

“Montes”	Descrição
<i>Religião</i>	Evangélicos disputam com o catolicismo
<i>Família</i>	Evangélicos disputam com o movimento LGBTQIA+
<i>Educação</i>	Evangélicos disputam com o “marxismo cultural”
<i>Governo</i>	Evangélicos disputam com o PT e com a esquerda (que havia acolhido vários grupos religiosos e movimentos afins)
<i>Mídia</i>	A ascendência de evangélicos na participação na mídia desde a década de 1980, a compra da TV Record por Edir Macedo (pastor da IURD)
<i>Artes e entretenimento</i>	Evangélicos disputam pelo corpo e coração da juventude com: shows e eventos gospel; diversificação de produtos para todas as faixas etárias; investimento em cinema, teatro, futebol (“Atletas de Cristo”)
<i>Mundo dos Negócios</i>	Protagonismo no mundo dos negócios incorporando elementos de mercado na teologia (da confissão positiva / da prosperidade) etc.

FONTE: O autor (2021)³¹⁴.

O quadro acima é representativo do que também interpreto como um efeito colateral no processo de metamorfose na democracia representativa, caracterizado pela complexidade nacional no que se refere ao campo religioso pós-Ditadura civil-empresarial-militar. Burity entende que o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff no ano de 2016 configura o reforço de grupos conservadores evangélicos cuja característica principal é promover as pautas comprometidas com questões morais e comportamentais³¹⁵ com forte lastro econômico-liberal e que incorpora (submetendo-se) a elementos políticos advindos da política norte-americana. O efeito-efeito colateral dessa escalada aponta para o surgimento de um ator político não-evangélico, mas que passa a representar a lógica construída e alimentada pelo grupo dos evangélicos, que também intensificou o discurso da expectativa messiânica – abordado no

³¹⁴ Quadro baseado na exposição de Joanildo Burity durante aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UCAM, “Escalando os Sete Montes: o populismo evangélico pós-impeachment”, ocorrido em 30 de setembro de 2020.

³¹⁵ Cf. Tabela 5.

primeiro capítulo, como outra clivagem desta trajetória. Estou me referindo a Jair Messias Bolsonaro³¹⁶, a quem passarei a tratar daqui em diante apenas por Messias Bolsonaro.

Messias Bolsonaro seria uma espécie de tipificação dessa “direita cristã” – termo também utilizado por Burity (2020b) –, resultado de um discurso cujo antagonismo na política está muito mais alinhado com a maioria das disputas apresentadas no Quadro 4, supra – porém, contendo características religiosas, políticas e interpretações acerca do antagonismo (dentro do aspecto da dominação carismático-religiosa) diferentes das que Daciolo utiliza, como veremos à frente.

4.2 Messias Bolsonaro e Daciolo vis-a-vis

Não é motivo para estranhamento a popularidade de Messias Bolsonaro – que se classifica como católico – junto aos evangélicos. Este personagem também surge como um efeito-efeito colateral de uma onda conservadora evangélica no país que desembocará na conjuntura altamente polarizada das eleições de 2018. Todavia, antes de seguir com essa discussão, busquemos refletir, tal como fiz com Daciolo, sobre a questão: quais informações relevantes acerca desse personagem ajudariam a compor um quadro de peculiaridades?

Podemos começar por sua formação. O site da Câmara dos Deputados divulga que Messias Bolsonaro possui como formação os seguintes cursos:

Formação de Oficiais, AMAN [Academia Militar das Agulhas Negras], Resende, RJ, 1977; Pára-Quedismo Militar, Brigada Pára-Quedista, Rio de Janeiro, RJ, 1977; Educação Física, Escola de Educação Física do Exército, Rio de Janeiro, RJ; Mestre em Saltos, Brigada Pára-Quedista, Rio de Janeiro, RJ, 1983; Mergulho Autônomo, Corpo de Bombeiros, Rio de Janeiro, RJ, 1985; Aperfeiçoamento de Oficiais, ESAO [Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais], Rio de Janeiro, RJ, 1987³¹⁷.

A página eletrônica ainda informa que o mesmo fez parte do 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista. Foi condecorado com Ordem do Mérito Militar (DIONÍSIO et al., 2016) e com a Medalha do Pacificador com Palma (AMORIM, 2018). Como capitão do Exército Brasileiro, ganhou projeção nacional em 1986 ao escrever para a revista *Veja* – seção *Ponto de Vista* – um artigo intitulado “O salário está baixo”³¹⁸. O jornalista Clóvis Saint-Clair

³¹⁶ Burity (2015) oferecerá, a partir da categoria *minoritização* – trabalhado a partir dos conceitos de Deleuze e Guattari (2003), retomados posteriormente por Connolly (2011), utilizada para classificar a emergência de atores com pretensões de articulações de autonomia; negociações, com expressão coletiva e pública ao mesmo tempo, uma discussão mais específica no quesito religião, entendendo-a, inclusive, como algo que vai para além da ideia de pluralização, uma vez que esta não foca em personagens que dela surgem.

³¹⁷ Extraído do Portal da Câmara dos Deputados no link disponível em: <<https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>>. Acesso em: 04 jun. 2020.

³¹⁸ Cf. ANEXO F.

(2018) reproduziu, na biografia que escreveu sobre Messias Bolsonaro, o trecho da revista em questão:

Como capitão do Exército brasileiro, da ativa, sou obrigado pela minha consciência a confessar que a tropa vive uma situação crítica no que se refere a vencimentos. Uma rápida passada de olhos na tabela de salários do contingente que inclui de terceiros-sargentos a capitães demonstra, por exemplo, que um capitão com oito a nove anos de permanência no posto recebe – incluindo soldo, quinquênio, habitação militar, indenização de tropa, representação e moradia, descontados o fundo de saúde e a pensão militar – exatos 10.433 cruzados por mês. Um terceiro-sargento, com o mesmo tempo de permanência e os mesmos adicionais, não passa dos 4.134 cruzados³¹⁹. Estes números, aliás, pertencem a um universo salarial cuja mobilidade – ou perspectiva de ascensão profissional e hierárquica – pode ser medida com dois exemplos: um sargento, para atingir a faixa salarial de um aspirante-a-oficial, deve ter no mínimo 24 anos de serviço. E um aspirante-a-oficial, para chegar a major, deve necessariamente ter, no mínimo, 15 anos de quartel, contados a partir da data de sua declaração a aspirante. Esse quadro é a causa sem retoques da evasão, até agora, de mais de 80 cadetes da Aman. Eles solicitaram desligamento. Não foram expulsos, como sugere o noticiário (SAINT-CLAIR, 2018, p. 25-26).

Na interpretação de Messias Bolsonaro, o salário pago aos cadetes foi o motivo para o desligamento de dezenas destes da AMAN, e não os desvios de conduta (homossexualidade, consumo de drogas e falta de vocação, conforme Saint-Clair [2018, p. 25]), como o Exército informou à época. A publicação foi vista pelos oficiais como conduta que infringiu o regulamento disciplinar e, como desdobramento, foi decretada a prisão de Messias Bolsonaro – o que provocou reação de oficiais do Instituto Militar de Engenharia (IME) e das esposas de oficiais em favor do militar, que se manifestaram em frente ao complexo militar da Praia Vermelha, na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1987, a revista *Veja* escreveu uma matéria sobre novos “atos de indisciplina”, como a ocupação (invasão?) da prefeitura de Apucarana-PR sob a liderança do capitão Luís Fernando Valter de Almeida³²⁰. A mesma edição apresentou a “Operação beco sem saída” que tinha como objetivo “[...] explodir bombas em várias unidades da Vila Militar, da Academia Militar das Agulhas Negras [...] e em vários quarteis” sem que houvesse vítimas. A operação tinha como personagens centrais Messias Bolsonaro e Fábio Passos da Silva, cuja finalidade era reajuste salarial da classe militar acima de 60%. Ambos “[...] negaram peremptoriamente, da maneira mais veemente, por escrito, do próprio punho, qualquer veracidade daquela informação”. Contudo, as provas documentais foram enviadas ao Superior Tribunal Militar (STM) pelo general Leônidas Pires Gonçalves que, após sindicância realizada pelo Exército, concluiu que os envolvidos deveriam ser exonerados.

³¹⁹ À época o salário mínimo era de 804 cruzados.

³²⁰ Ver matéria de capa do *Jornal Tribuna da Cidade*, ANEXO G.

Alegando insuficiência das provas, em 1988, o STM acolheu a defesa de Messias Bolsonaro e Fábio que “se consideravam vítimas de um processo viciado”. Além disso, entenderam que o laudo pericial feito pela Polícia do Exército sobre a caligrafia de Messias Bolsonaro no croqui da “Operação beco sem saída” não permitia comparações, pois o documento fora redigido em letra de imprensa. A Polícia Federal, pouco tempo depois, confirmou ser a caligrafia de Messias Bolsonaro.

O coronel Pellegrino dizia que Messias Bolsonaro tinha permanentemente a intenção de “[...] liderar os oficiais subalternos, no que foi sempre repellido, tanto em razão do tratamento agressivo dispensado a seus camaradas, como pela falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresentação de seus argumentos” (SAINT-CLAIR, 2018, p. 27). Como desdobramento do fato, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), “[...] emitiram instruções no sentido de que seus militantes explorassem ao máximo o descontentamento salarial dos militares criado a partir da entrevista do capitão Jair Messias Bolsonaro” (ibidem). Segundo Saint-Clair (2018), o Centro de Informações da Aeronáutica detectou reflexos do artigo escrito por Messias Bolsonaro e redigiu um documento alertando as Forças Armadas:

Segundo a orientação, o momento favorece a infiltração (comunista) no âmbito das Forças Armadas. Neste sentido, todo militar que se manifestar deverá receber total apoio dos referidos partidos. Na eventualidade de vir a ser disciplinarmente punido, aproveitar o descontentamento da família para aliciá-la, especialmente a esposa do militar punido que torna-se alvo dos grupos feministas de esquerda que, a curto prazo, pretendem ter em seus quadros uma ala de “esposas de militares”. [...] Panfletos sobre vencimentos de militares que vêm sendo distribuídos nos quartéis pelo nominado [Bolsonaro], procurando indispor o ministro do Exército e o presidente do Clube [Militar] com a classe militar (SAINT-CLAIR, 2018, p. 27-28).

O cenário acima gerou visibilidade necessária para que Messias Bolsonaro, após receber a patente de capitão da reserva, vencesse as eleições para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro em 1988 pelo Partido Democrata Cristão (PDC) – após a Segunda Guerra Mundial “[...] foram criados nos países de tradição católica partidos democratas cristãos com o objetivo de funcionar como instrumentos de importância estratégica para organizar a vontade política da sociedade civil católica” (PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO, s. d., n. p.). Embora estivesse filiado a um partido cujo hino termina com a seguinte estrofe: “Sem que nunca sejamos mancípios [escravos]/Chegaremos à glória tamanha/De aplicar, num governo, os princípios/Do divino Sermão da Montanha”³²¹; e o Art. 3º de seu estatuto registre que uma de suas finalidades é se associar “[...] a todas as iniciativas tendentes a desenvolver *cada vez*

³²¹ TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL [TSE]. Partido Democrata Cristão (Identificação), s. d. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/hotsites/registro_partidario/pdc/identificacao.htm>. Acesso em: 5 jun. 2021.

mais a moralização de nossas instituições políticas e sociais” (grifo meu)³²², não é possível afirmar que Messias Bolsonaro se utilizou de elementos religiosos neste período. Semelhantemente, quando buscou melhorias salariais para a classe militar (CARVALHO, 2019).

Por ora, podemos construir um quadro comparativo entre Messias Bolsonaro e Daciolo no que se refere às esferas militar e política.

QUADRO 5 – SEMELHANÇAS NA TRAJETÓRIA DE MESSIAS BOLSONARO E CABO DACIOLO

Esfera	Messias Bolsonaro	Cabo Daciolo
<i>Militar</i>	Militar do Exército Brasileiro	Militar do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro
	Luta por reajuste salarial da classe	Luta por reajuste salarial da classe (movimento SOS Bombeiros)
	Ocupação da prefeitura de Apucarana-PR	Ocupação do Quartel Central do CBMERJ
	Preso por transgressão disciplinar de natureza grave	Preso por transgressão disciplinar de natureza grave
<i>Política</i>	Eleito para a Câmara dos Deputados	Eleito para a Câmara dos Deputados
	Candidato à Presidência da República em 2018	Candidato à Presidência da República em 2018

FONTE: O autor (2021).

Nos capítulos precedentes indiquei outra área do cabo Daciolo – imprescindível para a análise feita nesta pesquisa – que aponta uma das principais diferenças entre ambos os personagens, isto é, a esfera religiosa. Somada a ela, analisarei a inclinação política (discursos e PL’s) de Messias Bolsonaro e a forma como classifica o “inimigo” na política. Destacadas sumariamente as semelhanças entre ambas as figuras (Quadro 5), agora o objetivo é, a partir dessas três dimensões (militar, política e religiosa) de suas trajetórias, descrever as peculiaridades de cada um.

Importante sublinhar que a pergunta-problema que está por trás da identificação entre semelhanças e particularidades entre ambos os personagens, baseia-se na competição direta entre os dois durante as eleições de 2018 e na projeção de Messias Bolsonaro ao executivo do país, cargo que Daciolo havia afirmado (profetizado) que ocuparia em janeiro de 2019. Além disso, a hipótese desta pesquisa trabalha na perspectiva de que alguém ligado às instituições não poderia oferecer uma face desse personalismo que aqui tenho percorrido. Neste caso, não

³²² TSE. Partido Democrata Cristão (Estatutos), s. d. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/hotsites/registro_partidario/pdc/estatuto.htm>. Acesso em: 5 jun. 2021.

observar Messias Bolsonaro como um efeito-efeito colateral desse processo de metamorfose no que diz respeito à representação política e colocá-lo vis-a-vis com Daciolo, seria desconsiderar um importante aspecto oferecido como resultado do ambiente político-religioso em transformação, bem como deixar de lançar luz a esse embate entre personagens no campo da sociologia política.

4.2.1 Da identidade religiosa de Messias Bolsonaro

Como informado acima, não é possível afirmar que Messias Bolsonaro tenha utilizado elementos religiosos na luta por melhoria salarial de seus pares na década de 1980. Quem desejou retratar sua figura como um predestinado na política por sua trajetória conservadora foi Flávio Bolsonaro, seu filho. O livro se chama “Mito ou verdade: Jair Messias Bolsonaro”, publicado pela editora Altadena, em 2017. O interesse de Flávio foi recriar uma versão da trajetória de seu pai a fim de que leitores(as) pudessem entender “[...] o conservadorismo puro-sangue da família, como se Bolsonaro fosse um predestinado” (CARVALHO, 2019, p. 12). Ainda assim, a visão trabalhada no livro não consegue projetar heurísticamente o personagem principal como alguém que se via “escolhido por Deus” para as atividades que realizou. A exposição de sua relação com a religião (e religiosos) estará presente tão somente a partir de seu último mandato como deputado federal.

Em 3 de maio de 2016, como deputado pelo PSC-RJ, discursou no plenário da Câmara dos Deputados citando a passagem bíblica do evangelho de João 8,32 e aplicando o conceito de “verdade” de maneira polissêmica:

Senhor presidente, vossa excelência como evangélico... à retaguarda tem um símbolo, uma cruz, Cristo. E à sua direita, a nossa bíblia, que é a bíblia de 90% da população brasileira. Respeitando quem não acredita, quem é ateu. E ali, em João 8,32, tá bem claro: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Obviamente que a verdade é Jesus, é Cristo. Trazendo para o nosso paralelo aqui, ao nosso nível dos mortais, a essa minha tribuna e tenho usado e muito. E a minha munição é a verdade e tem incomodado muita gente. [...] Eu quero agradecer neste momento a manifestação de apoio que eu tive [...] onde mais de 300 pessoas compareceram em meu condomínio apoiando as nossas verdades. A verdade nos libertará. Muito obrigado, senhor presidente, e fique com Deus³²³.

O personagem em tela interpreta os elementos religiosos no ambiente e os converte em objetos políticos. Charaudeau (2017, p. 39-40) defende que “[...] qualquer enunciado, por mais inocente que seja, pode ter um sentido político a partir do momento em que a situação autorizar” e que “[...] não é o conteúdo do discurso que assim o faz, mas é a situação que o

³²³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=626043744211282>>. Acesso em: 07 de jun. de 2021.

politiza”. O que Messias Bolsonaro faz não é proferir uma sentença exclusivamente religiosa, mas, metaforizar o conceito de cunho religioso de verdade para sua trajetória política.

O versículo bíblico “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8, 32) se tornará parte de sua campanha política para a Presidência da República. Em entrevista ao Jornal Nacional durante sua campanha para o segundo turno das eleições, agradeceu aos quase 50 milhões de votos recebidos no primeiro turno e afirmou que a motivação para sua campanha foi o versículo supracitado (cf. JN BOLSONARO..., 2018). Em outro momento, identificou-se como católico e associou a esfera religiosa à questão política: “[...] eu sou católico [...] Deus nos deu inteligência para saber que falta ao Brasil uma política de planejamento familiar”³²⁴ – neste caso, no sentido de um planejamento à luz da tradição conservadora.

Em um discurso/comício ocorrido em fevereiro de 2017, asseverou: “Como somos um país cristão, Deus acima de tudo! Não existe essa historinha de Estado laico, não. É Estado cristão!”. Neste momento ouve-se o grito de um eleitor no vídeo: “É Jesus Cristo!”. E continua: “E quem for contra, que se mude! Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. As leis devem existir para defender as majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem”³²⁵

A pesquisa “Retratos da Sociedade Brasileira – perspectivas para as eleições de 2018”, realizada pelo IBOPE³²⁶, divulgou que 79% dos brasileiros concordam total ou parcialmente que é importante que o candidato à presidência da república acredite em Deus; 29% declararam que é muito importante que o candidato seja da mesma denominação religiosa que elas. Neste quesito, duas questões precisam ser destacadas: Quem é a minoria preterida por Messias Bolsonaro? Como ele articula a religião cristã em seu favor para obter o apoio deste segmento?

A primeira questão será desenvolvida na seção 4.2.3, contudo, já adianto que a “minorias” de que Messias Bolsonaro fala está associada não apenas às outras expressões religiosas; tem a ver com grupos que são classificados por ele como “comunistas”, que pregam a “ideologia de gênero” e defendem o “marxismo cultural”, “petistas”, dentre outros (TOITIO, 2020). Quanto à segunda questão, a adesão de cristãos a Messias está muito mais

³²⁴ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 23 de março de 2016; sessão nº 053.2.55.O; fase: CG.

³²⁵ Extraído de matéria do site Paraíba Online, disponível em: <<https://paraibaonline.com.br/2017/02/bolsonaro-discursa-em-campina-a-minoria-tem-que-se-curvar-para-a-maioria/>>. Acesso em 29 fev. 2020.

³²⁶ A pesquisa foi encomendada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). O IBOPE entrevistou 2 mil pessoas de 127 municípios entre os dias 7 e 10 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/rsb-43-perspectivas-para-eleicoes-de-2018/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

ligada “[...] às condições discursivas que engendram os sujeitos e suas subjetividades” (GRACINO JR., PEREIRA DE SOUZA, 2020, p. 1188; GRACINO JR., GOULART, FRIAS, 2021). E para se entender tal processo, é preciso considerar que a

[...] conjuntura política brasileira da última década, *marcada por uma cruzada moral no combate à corrupção*, ensejada e levada a cabo pela Operação Lava Jato e, *principalmente*, a forma como a elasticidade do *discurso evangélico consegue traduzir estes cenários de instabilidade em sínteses discursivas capazes de oferecer mapas de ação para seus adeptos* (GRACINO JR.; PEREIRA DE SOUZA, 2020, p. 1192, grifos meus).

Ou seja, Messias Bolsonaro não apenas se alinhou ao discurso evangélico, cuja pauta moral tornada uma “cruzada”, ajuda a construir (re)interpretações para os fiéis sobre a sociedade – tal como discorri no primeiro capítulo ao observar o setor religioso como efeito colateral do processo de crise na representação política –, como é alguém que considero outro efeito-efeito colateral desse movimento conservador. O personagem aqui refletido passa a ser uma referência na política por defender temas comuns ao “povo evangélico” que nutria aquela expectativa messiânica. O que os unirá futuramente é mais esse contexto nacional conservador – que não é exclusivo do Brasil, como afirma Burity (2018) – do que, especificamente, as “[...] características intrínsecas à sua teologia [dos cristãos evangélicos]” (GRACINO JR.; PEREIRA DE SOUZA, 2020, p. 14).

Já em relação a cabo Daciolo, a identidade religiosa não está ligada diretamente a nenhuma instituição/igreja. Enquanto Messias Bolsonaro se abre para o segmento cristão, tanto católico quanto evangélico, Daciolo se entende como profeta emissário independente para, inclusive, lançar suas denúncias e juízos a denominações e a atores religiosos (envolvidos ou não na política profissional). O cabo também demonstra autonomia quando se trata das críticas aos espectros políticos da direita e esquerda. Para ele, todos são “amiguinhos”, ou seja, possuem projetos semelhantes e não podem ser encarados como os “escolhidos” de Deus.

4.2.2 Da pauta política de Messias Bolsonaro

Foi possível trabalhar os *macrotemas* (*Direitos dos Trabalhadores; Educação; Religião; Saúde; Segurança Pública*) em relação ao deputado Daciolo no capítulo anterior localizando os discursos em cada categoria. Quanto aos discursos de Messias Bolsonaro, tendo como referência a 55ª Legislatura, torna-se complexa a classificação, uma vez que as citações sobre Educação, por exemplo, não contemplam estratégias, PL’s, mudanças estruturais, mas sim, se baseiam na crítica ao que o deputado chama de “ideologia de gênero”

nas escolas. Portanto, utilizando o mesmo software (Atlas.ti 8.4.24), a tabela abaixo não apresenta os *macrotemas* como no capítulo anterior, e sim, as palavras-chave destacadas tecnicamente pelo programa e que ajudam a separar adequadamente os discursos e a descrição dos temas/assuntos neles contidos. Visando a melhor apresentação de uma análise comparativa entre o parlamentar e Daciolo em relação à pauta política, além dos discursos, seguem as tabelas referentes aos PL's (2015-2018) de autoria de Messias Bolsonaro³²⁷.

TABELA 17 – DISCURSOS DE MESSIAS BOLSONARO (2015)

Descrição temática	Quantidade
Crítica a atores políticos, partidos e movimentos de esquerda	37
Segurança	20
Movimento LGBTQIA+ e afins	13
Voto Impresso	12
Economia	6
Direito dos Trabalhadores	5
Crítica a Programas Sociais	3
Corrupção	3
Outros	4

FONTE: O autor (2021)³²⁸.

Messias Bolsonaro subiu ao plenário da Câmara 142 vezes durante a 55ª Legislatura. No primeiro ano de seu sétimo mandato no parlamento, foram 72 discursos. Destes, subiu ao plenário por 37 vezes para criticar a então presidente Dilma, o ex-presidente Lula, o PT, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), o Foro de São Paulo, o comunismo, a ditadura comunista, a relação do Brasil com Venezuela, Cuba e seus principais atores políticos.

Em relação à *Segurança*, que aparece em segundo lugar, foram 8 discursos sobre diminuição da maioria penal, 5 criticando o estatuto do desarmamento e 7 acerca de seu posicionamento favorável à tortura de criminosos, além de menções positivas sobre a Ditadura civil-empresarial-militar, totalizando 20 discursos. Em terceiro, 13 participações em que se concentrou na proteção à família e na crítica do movimento LGBTQIA+, da “ideologia de gênero” nas escolas, do “kit gay”, da pedofilia associada ao movimento mencionado. Em quarto, 12 discursos em favor do *Voto Impresso* – assunto que esteve ausente apenas em 2016. No que se refere à *Economia* (6 discursos), aparece a defesa ao agronegócio, aos

³²⁷ Informações compiladas a partir de dados encontrados no Portal da Câmara dos Deputados no link disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/busca/?q=jair+bolsonaro>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

³²⁸ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/discursos-e-notas-taquigraficas>>. Acesso em 21 jan. 2021.

empresários e à Caixa Econômica Federal. Com 5 discursos, fez sua defesa por melhoria salarial e condições de trabalho para as Forças Armadas, sendo que 1 destes é em favor da pensão para *viúvas de militares*. Nenhuma outra área do funcionalismo público e demais trabalhadores foi contemplada.

Por fim, sua crítica a Programas Sociais criados por governos de esquerda e o tema da corrupção que, em geral, foi associado aos partidos e governos tidos como comunistas. Os demais discursos passam por sua defesa em resposta às denúncias que pesam sobre ele, de ser racista, contra imigrantes e contra a demarcação da terra indígena. Em 2016, foram 48 discursos conforme tabela abaixo.:

TABELA 18 – DISCURSOS DE MESSIAS BOLSONARO (2016)³²⁹

Descrição temática	Quantidade
Crítica a atores políticos, partidos e movimentos de esquerda	32
Segurança	8
Direito dos Trabalhadores	7
Corrupção	7
Movimento LGBTQIA+ e afins	5
Religião	4
Economia	5
Crítica a Programas Sociais	5
Saúde	2
Outros	6

FONTE: O autor (2021)³³⁰.

Pelo segundo ano consecutivo, a crítica a atores, partidos e movimentos de esquerda aparecem em destaque em suas participações no plenário da Câmara. Desta vez, foram 32 (de 48). Quando o assunto *Corrupção* (7 discursos) é tratado, Messias Bolsonaro associa a sua crítica ao governo da presidente Dilma, demais atores/partidos de esquerda e instituições como Supremo Tribunal Federal (STF) e Ministério Público Federal (MPF). Quanto à *Economia*, faz referência mais uma vez ao agronegócio e entende que “[...] não resta a menor dúvida de que esse setor é a locomotiva da economia do Brasil!” (informação verbal)³³¹. Essa perspectiva se alinha mais às pautas presentes na esfera de um (neo)liberalismo econômico lideradas pela Frente Parlamentar Agropecuária, com participação, inclusive de membros religiosos (LIMA, 2019), que baseiam suas análises e decisões a partir da confessionalidade.

³²⁹ Sobre os números, vale lembrar que um mesmo discurso pode conter mais de um tema.

³³⁰ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/discursos-e-notas-taquigraficas>>. Acesso em 21 jan. 2021.

³³¹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 23 de fevereiro de /2016; sessão nº 011.2.55.O; fase: GE.

Quanto à *Segurança*, o deputado não apresenta nem um discurso baseado em planejamento estrutural, mas, reafirma seu compromisso com as atividades dos militares e suas reações que possam, inclusive, levar à execução de “bandidos”. Segundo Messias Bolsonaro: “Falta um Presidente da República que assuma, que diga o seguinte: *‘Em combate, soldado meu vivo não senta em banco de réu’*. E ponto final” (informação verbal)³³². E sobre o *Direito dos Trabalhadores*, faz menção tão somente às Forças Armadas e as condições de trabalho para os militares, tal como no ano anterior.

Sua crítica ao movimento LGBTQIA+ e sua defesa da família seguem os moldes conservadores cristãos – que nos remete sempre aos “Sete Montes”. Dois novos temas aparecem no contexto da 55ª Legislatura: *Religião* e *Saúde*. No primeiro, surge o nome do pastor Silas Malafaia³³³, que será uma presença constante durante seu mandato como presidente da República. Ainda quanto ao tema *Religião*, o uso do versículo bíblico de João 8,32 – que entrará como um dos *slogans* de sua campanha para Presidência da República: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Na ocasião, a referência ao texto sagrado ocorreu devido a uma manifestação de apoio político que, segundo seu depoimento, “[...] mais de 300 pessoas compareceram em meu condomínio apoiando as nossas verdades. A verdade nos libertará”. E afirma: “Tenho usado muito esta tribuna, e a minha *munição é a verdade*, o que incomoda muita gente” (informação verbal, grifo meu)³³⁴. A munição de que fala não tem relação com a religião, mas com sua defesa do Regime Militar e com elogios a figuras como Emílio Garrastazu Médici, que presidiu o Brasil de 1969 a 1974, e o Cel. Brilhante Ustra, ex-chefe do órgão de repressão da Ditadura civil-militar, o Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) e um dos responsáveis pela tortura da, à época, militante Dilma Rousseff. Ligado ao tema, após criticar o comunismo e elogiar a economia do período da Ditadura, em outubro do mesmo ano, termina seu discurso citando pela primeira vez o que seria o principal *slogan* de sua campanha presidencial em 2018: “Deixo o meu *grito de guerra*: Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!” (informação verbal, grifo meu)³³⁵.

Em mais um discurso afirmativo sobre a Ditadura civil-militar, sustenta que a mesma “[...] foi uma pressão da sociedade brasileira” e conclui oferecendo, ironicamente, um conselho à então presidente Dilma:

³³² Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 06 de julho de 2016; sessão nº 171.2.55.O; fase: OD.

³³³ Mencionado no discurso realizado na Câmara dos Deputados em 20 de dezembro de 2016 (sessão nº 340.2.55.O; fase: BC).

³³⁴ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 3 de maio de 2016; sessão nº 105.2.55.O; fase: GE.

³³⁵ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 26 de outubro de 2016; sessão nº 277.2.55.O_1; fase: HO.

Um conselho a Dilma Rousseff: dá tempo ainda, Presidente, já que V.Exa., segundo Mujica, toma decisões ouvindo as inteligências cubanas e venezuelanas, de pegar um aviãozinho da FAB - o mesmo que levou o Ministro da Defesa, do PCdoB, para passar o carnaval em Cuba, para tramar por lá o diabo sabe o quê - e sair do Brasil. Não renuncie! Saia daqui, depois diga que começou do zero novamente e busque chegar ao poder pela mentira! *Vade retro* satanás, Dilma e Lula!” (informação verbal)³³⁶.

Na área da *Saúde*, a defesa do uso da fosfoetanolamina para pacientes diagnosticados com câncer (à frente veremos que, em relação aos PL's, este foi o único de sua autoria transformado em norma jurídica, a saber: o PL 4639/2016). Além deste e dos demais discursos referentes à tabela acima, outros temas foram trabalhados como: exploração de nióbio, nepotismo e lei contra imigrantes (que ocorreu igualmente no ano anterior).

No penúltimo ano, Messias Bolsonaro subiu ao plenário da Câmara por 21 vezes. O número de discursos diminui ano a ano durante a 55ª Legislatura. Vejamos como se dividem por temas:

TABELA 19 – DISCURSOS DE MESSIAS BOLSONARO (2017)

Descrição temática	Quantidade
Crítica a atores políticos, partidos e movimentos de esquerda	13
Voto Impresso	6
Corrupção	4
Direito dos Trabalhadores	2
Religião	2
Economia	2
Segurança	1
Outros	5

Fonte: O autor (2021)³³⁷.

No terceiro ano, segundo dados compilados na Tabela 19, sua crítica ao movimento LGBTQIA+ não aparece, porém, seu posicionamento quanto à esquerda (e aqui entra seu posicionamento contrário ao da esquerda quanto à propriedade privada) se mantém em mais da metade de suas participações no plenário (13 de 21). O tema sobre *Voto Impresso* retorna e ocupa o segundo lugar. Mais uma vez, a *Corrupção*, citada 4 vezes, é um assunto que Bolsonaro busca associar diretamente às ações de atores políticos de esquerda, além de exaltar constantemente a Operação Lava-Jato. Os funcionários públicos militares aparecem sozinhos no tema *Direitos dos Trabalhadores*.

³³⁶ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 3 de março de 2016; sessão nº 027.2.55.O; fase: PE.

³³⁷ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/discursos-e-notas-taquigraficas>>. Acesso em 21 jan. 2021.

Em *Religião*, enaltece a cultura, a fé e a política de Israel e, como consequência, dispõe-se a criar parcerias: “O que acontece comigo, como cristão, entendo ser uma missão de Deus. Eu sonho alimentar, como Israel, muitíssimas parcerias. O povo de Israel vive! *Shalom!*” (informação verbal)³³⁸. Nesta declaração não é possível considerar que o personagem se entenda como um profeta tal como Daciolo, que se vê como emissário de Deus. É algo pontual, específico. A relação que Messias Bolsonaro estabelece é o que Charaudeau (2017, p. 243) chamou de discurso que tenta “compatibilizar” os mundos – seja ele econômico, seja religioso, seja político. Neste plano, interpreto que o personagem em tela – até aqui – não toma a religião como fator primordial para suas decisões e ações enquanto parlamentar.

A prerrogativa religiosa começa a ganhar tonicidade em seu discurso quando trata das características fundamentais para um presidente da República: “Para ser uma grande nação, o Brasil precisa de um Presidente *honesto, cristão e patriota*” (informação verbal, grifo meu)³³⁹. “Honesto, cristão e patriota” são atributos igualmente utilizados para expressar sua crítica a futuros candidatos à presidência que, segundo o deputado, estariam ausentes em seus adversários.

Quanto à *Segurança*, apenas o assunto sobre a liberação do porte de armas para os cidadãos que serão, posteriormente, chamados de “cidadãos de bem”. Na *Economia*, o agronegócio (tema recorrente), Caixa Econômica e empresas são citados novamente. Em *Outros assuntos* aparecem seu incentivo à exploração do grafeno (forma alotrópica do carbono), sua crítica ao envolvimento comercial com a China (também presente no tema da *Economia*), lei contra imigrantes e ode à ditadura e seus principais personagens.

Não há necessidade para construção de uma tabela para o ano de 2018, uma vez que Messias Bolsonaro se pronunciou apenas uma vez no plenário. Neste único discurso, dois assuntos. O primeiro: sua preocupação com o julgamento pelo STF acerca do *Habeas Corpus* do ex-presidente Lula, e que também deveria ser a preocupação de “90% dos brasileiros”. Notemos: Messias sempre articulará porcentagem ou expressões como “maioria” e afins para impressionar e legitimar sua postura política.

Eu apelo para o povo brasileiro que amanhã, junto ao Supremo Tribunal Federal, em especial o pessoal de Brasília, logicamente, vá fazer o seu protesto pacífico, não para pressionar, mas para dizer ao Supremo que nós queremos o cumprimento da lei. Que esse HC seja negado e que ele [Lula] vá para a cadeia. Afinal de contas, não podemos ter leis para uns e para outros em nosso Brasil (informação verbal)³⁴⁰.

³³⁸ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 10 de maio de 2017; sessão nº 110.3.55.O_1; fase: HO.

³³⁹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 2 de agosto de 2017; sessão nº 199.3.55.O; fase: OD.

³⁴⁰ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 3 de abril de 2018; sessão nº 058.4.55.O; fase: BC.

Durante as pesquisas entre presidenciaíveis em 2018, Lula aparecia em primeiro lugar em todas elas. No dia 7 de abril, quatro dias após o discurso acima transcrito, Lula foi preso e já não mais pode concorrer às eleições, abrindo espaço para que Messias Bolsonaro ecoasse sua crítica sobre corrupção associada ao PT, às pautas da esquerda durante sua campanha, dentre outro(a)s – o que acentuou, inclusive, o discurso antipetista, antilulista e afins (bem semelhante às pregações religiosas vistas nas eleições de 2010, que destaquei no primeiro capítulo).

O segundo assunto, em conexão com o anterior, expressa sua preocupação com as eleições: “[...] *longe da teoria da conspiração* e respondendo um pouco a quem está à minha esquerda, eu respeito a democracia. [...] E, sem o *voto impresso* [...], ele [Lula] tem tudo na base da fraude para ganhar as eleições. É isso que nós não queremos” (informação verbal, grifos meus)³⁴¹. O *macrotema* do *Voto Impresso* foi citado nos anos 2015, 2017 e 2018. Este tema também foi defendido por Daciolo por acreditar haver fraude nas urnas eletrônicas. Contudo, o que difere é que o cabo, ao contrário de Messias, acredita em teoria da conspiração: “O resultado da Nova Ordem Mundial já está lá [nas urnas]” (CABO..., 2018d, n. p.), assegura o profeta emissário.

Observando os discursos de Messias Bolsonaro no plenário da Câmara, por ora, o que podemos reafirmar acerca do posicionamento político desta figura, em comparação com cabo Daciolo, é que ele se encontra no espectro conservador da (extrema)direita. O principal tema abordado por Messias Bolsonaro passa por questões de comportamento e de moral, que são suas críticas às pautas da esquerda que contemplam programas sociais, estatuto do desarmamento, descriminalização do aborto, reconhecimento de direitos da comunidade LGBTQIA+ e outros assuntos relacionados à gênero, legalização das drogas, cotas.

Quanto ao *Direito dos Trabalhadores*, Daciolo não se restringiu aos militares, antes, buscou coerência entre seu discurso e os PL's propostos, em que outros funcionários públicos fossem contemplados, como, por exemplo, professores, funcionários que “servem cafezinho na Câmara”, autônomos, caminhoneiros e taxistas. O cabo classificou a muitos destes como “o povo que sofre”, os novos “órfãos e viúvas” que deveriam receber atenção do Estado. Por outro lado, Messias Bolsonaro se mostrou mais inclinado às decisões dos demais parlamentares religiosos cristãos e distante dos interesses dos eleitores evangélicos, conforme é possível comparar ao se observar os dados das Tabelas 5 e 6 do capítulo anterior.

³⁴¹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 3 de abril de 2018; sessão nº 058.4.55.O; fase: BC.

Até agora vimos apenas os discursos de Messias Bolsonaro. Para que possamos comprovar sua atividade política (55ª Legislatura) ligada à grande parcela dos parlamentares cristãos, torna-se necessário elencar os PL's e analisá-los à luz de seus pronunciamentos no plenário. No total, foram 31, sendo 10 em 2015, 9 em 2016, 8 em 2017 e 4 em 2018. Buscando objetividade, lançarei os PL's em uma só tabela estabelecendo, por vezes, a mesma área em linhas diferentes, respeitando a *situação* de cada *área contemplada*.

TABELA 20 – PROJETOS DE LEI DE JAIR MESSIAS BOLSONARO (2015/2018)

PL	Área Contemplada	Situação	Quantidade
3881/15; 5847/16	Código de Trânsito Brasileiro (1)	Arquivado	2
6647/16	Código de Trânsito Brasileiro (2)	Aguardando designação	1
3582/15; 860/15; 5825/16; 9564/18	Segurança (1)	Arquivado	4
1281/15; 2832/15; 4730/16; 10539/18; 9895/18	Segurança (2)	Transcorrendo em conjunto	5
647/15	Segurança (3) ³⁴²	Devolvido ao autor	1
3174/15; 1281/15	Código Penal (1)	Arquivado	2
6021/16; 4689/16; 9064/17; 7700/17	Código Penal (2)	Tramitando em conjunto	4
7712/17; 7711/17	Código Penal (3)	Aguardando designação	2
7701/17	Código Penal (4)	Pronta para pauta	1
4639/16	Saúde (1)	Transforado em norma jurídica	1
4510/16	Saúde (2)	Arquivado	1
2968/15	Regimento Militar	Arquivado	1
191/16; 347/17	Constituição Federal	Arquivado	2
9852/18	Código Eleitoral	Tramitando em conjunto	1
443/15; 7699/17; 6944	Outros	Arquivado; Aguardando parecer; Tramitando em conjunto	3

FONTE: O autor (2021)³⁴³.

Charaudeau (2017), ao abordar a questão da apresentação de valores, entende que o raciocínio do ator político e de sua experiência de vida coletiva, implicam “[...] a colocação em evidência dos valores que podem ser partilhados e, sobretudo, compreendidos pela maioria, sem os quais se estaria isolado do público” (CHARAUDEAU, 2017, p. 97-98). E

³⁴² O PL em questão trata-se de “pensão de militares” que se encontram na reserva.

³⁴³ Compilado feito e sistematizado em tabela a partir dos dados encontrados no portal eletrônico da Câmara dos Deputado. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/busca-portal?contextoBusca=BuscaProposicoes&pagina=1&order=relevancia&abaEspecificas=true&tipos=PL>>. Acesso em 15 fev. 2021.

prossegue, “O político deve, portanto, procurar qual pode ser o maior denominador comum das ideias do grupo ao qual ele se dirige, sempre se interrogando sobre a maneira de apresentá-las” (Ibidem). Através dos discursos de Messias Bolsonaro apresentados acima, vê-se que se trata da *simplificação* de seus PL’s para o grupo a quem se dirige: mormente militares. Ele não se dirige a evangélicos ou católicos, como Daciolo, que classifica seus ouvintes como “evangélicos”, “povo de Deus”, “católicos”, “cristãos”, “ateus”, dentre outros.

Todos os PL’s de sua autoria na área de *Segurança* não estabelecem mudanças estruturais na sociedade, tão somente melhorias nas condições de trabalho, salários e ações de militares durante operações. As emendas constitucionais e alterações nos Códigos descritos na Tabela 20 procuram beneficiar membros das Forças Armadas. Neste aspecto, ele é coerente entre discurso e PL: os militares protagonizam seus projetos. Apenas um PL (4639/2016) foi transformado na Lei Ordinária 13269/2016, na área da *Saúde*. Trata-se da autorização do uso da fosfoetanolamina sintética por pacientes diagnosticados com neoplasia maligna. Nem um outro PL foi aprovado.

Portanto, em relação à pauta política, que abrangeu 4 tabelas neste tópico, podemos afirmar que Messias Bolsonaro é um político que acompanha a maioria dos parlamentares cristãos em relação à questão moral e comportamental, bem como a visão econômica (neo)liberal. Sobretudo no que diz respeito a este último aspecto, Daciolo se distancia de seu colega parlamentar, sendo que, tanto seus discursos (legitimados por elementos religiosos) quanto a maioria de seus PL’s, buscam promover políticas públicas e o exercício de direitos que contemplem trabalhadores de outros setores além das Forças Armadas. O fator religioso também difere entre ambos, tal como já vimos no primeiro tópico e continuaremos a analisar no próximo.

4.2.3 Do(s) “inimigo(s)” político(s) de Messias Bolsonaro

A pergunta “quem é contra nós?”, citada no primeiro tópico desta seção, denota os espaços de conflito entre a maioria (o “nós”) e a minoria (“eles”) na esfera política. “Eles” não podem ser contra o “nós” por causa de Jesus. Por dedução: logo, o Jesus das *maiorias*, dos 90%. Desta forma, o objetivo seria assistir aos interesses de um grupo seletivo que comporia a *maioria* dentre os brasileiros. Nessa relação entre o “nós” e o “eles” o diálogo se encontra ausente no jogo político (em que o “eles” são concebidos como *adversários*), dando lugar à ideia de eliminação do outro (agora o “eles” vistos como *inimigos*), conforme já

articulamos conceitualmente a partir da teoria do antagonismo político de Mouffe, não é recente nos discursos de Messias Bolsonaro.

Sua trajetória comprova a expressiva presença desse antagonismo. A seguir, oferecerei alguns exemplos. O primeiro se trata da entrevista realizada no dia 23 de maio de 1999, no programa “Câmera Aberta” da TV Bandeirantes. À época, Messias Bolsonaro era deputado e confessou sonegar impostos estimulando telespectadores a agirem da mesma forma; defendeu a ditadura, a tortura (dizendo: “Dá porrada no Chico Lopes [ex-presidente do Banco Central]. Ele merecia isso: pau de arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura”); ao ser perguntado o que faria se fosse eleito presidente, afirmou que “daria golpe no mesmo dia” e acentuou o antagonismo político:

Através do voto, você não vai mudar nada neste país. Nada, absolutamente nada. Só vai mudar, infelizmente, no dia em que partir para uma guerra civil aqui dentro... E fazendo o trabalho que o regime militar não fez. *Matando uns 30 mil. Começando por FHC [Fernando Henrique Cardoso]. Não deixar ele pra fora, não! Matando! Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente* (BOLSONARO..., 2017, n. p., grifo meu).

O segundo exemplo é o episódio ocorrido durante a votação do *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff. Durante a sessão, Messias Bolsonaro, ao anunciar seu voto a favor do impedimento, elogia a condução do trabalho de Eduardo Cunha, presidente da Câmara, e ratifica seu posicionamento em relação à tortura:

[...] Perderam em 64. Perderam agora, em 2016. Pela *família*; pela inocência das *crianças em sala de aula* – que o PT nunca teve; contra o *comunismo*; pela nossa liberdade; contra o *Foro de São Paulo*; pela *memória do Coronel Carlos Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff*; pelo Exército de Caxias; pelas nossas Forças Armadas; por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, meu voto é sim. (RELEMBRE..., 2020, n. p., grifos meus).

Na fala acima é possível identificar os temas/pautas ligados/as ao conservadorismo e ao discurso religioso, como: família e “ideologia de gênero” (“kit gay” nas escolas); bem como seus grupos “inimigos”: o PT (ou os petistas), os comunistas, o Foro de São Paulo. Tais temas e grupos podem ser encontrados nos “Sete Montes”, conforme apresentado no Quadro 4. Por outro lado, falou positivamente de entidades/nomes como: Cel. Ustra, Exército de Caxias, Forças Armadas e Deus. Ao fazer referência ao evento de 1964 (Golpe civil-empresarial-militar) e ao Cel. Ustra, ex-chefe do DOI-Codi, mais uma vez, Messias expressa seu alinhamento com o conceito de antagonismo.

O terceiro exemplo concerne em sua campanha eleitoral, em um comício no Acre. Durante seu discurso, Messias pega um tripé de câmera e o toma como se fosse uma arma (cf. Figura 12) e declara: “Vamos *fuzilar a petralhada* aqui do Acre” (NO ACRE..., 2018a, n. p.,

grifo meu). E continua, “Vamos botar esses picaretas para correr do Acre [...] Já que eles gostam tanto da *Venezuela*, essa turma tem de ir pra lá³⁴⁴. Só que lá, não tem nem mortadela, hein galera!? *Vão ter de comer é capim* mesmo, hein!?” (Ibidem, grifos meus).

FIGURA 12 – *PRINT DE VÍDEO: MESSIAS BOLSONARO EM CAMPANHA ELEITORAL NO ACRE, “VAMOS FUZILAR A PETRALHADA”*



FONTE:NO ACRE... (2018b).

“Fuzilar a petralhada” é uma expressão que interpreto, em termos de discurso, como o ápice do antagonismo político. A ameaça de execução aos petistas (chamados, pejorativamente, de “petralhada”) não é outra coisa senão a impossibilidade de um *modelo adversarial* dentro do jogo político. Sobre a menção à “Venezuela” é possível apontar três pontos de reflexão. O primeiro, o sistema socioeconômico. Nicolás Maduro, que governa o país com poderes especiais, é criticado por governos e determinados atores políticos, como dos EUA e Brasil, e é classificado como ditador. Esses governos mais conservadores, geralmente, apresentam em seus discursos características negativas desse país, como: aumento da inflação, pobreza, fome, criminalidade. Por outro lado, Maduro entende que se trata de uma guerra econômica imposta pelas nações que se comportam como oponentes, sobretudo, os EUA.

³⁴⁴ Outra expressão semelhante é “Vai pra Cuba!”.

O segundo ponto está associado ao “nós” como construção de um “povo”, que possui demandas e confrontam um adversário em comum. Sem dúvida, é a radicalização de uma nova hegemonia (MOUFFE, 1993, 2019) em que o “eles” não possui espaço e direitos. Retomando sua sentença: “As minorias se adéquam ou simplesmente desaparecem”³⁴⁵. É uma espécie de eco das frases/lemas: “Brasil: ame-o ou deixe-o” e “Quem não vive para servir ao Brasil, não serve para viver no Brasil”. Expressões utilizadas como propagandas do período da Ditadura, parecidas com o que Charaudeau (2010) conceituou como “discurso manipulador”, uma vez que já há um “consentimento popular” – o “nós”. No mesmo contexto, o autor em questão entende que a

[...] população é muito mais manipulável quanto tiver a necessidade de que lhe forneçam explicações simples e narrativas dramatizantes. Este fenômeno de “consenso maleável” em torno de *fantasmas de crise e demanda de segurança* é talvez a marca de uma sociedade que se “desideologiza”. O sintoma seria o aumento do “*discours people*” no campo do discurso político (CHARAUDEAU, 2010, p. 76, grifos meus).

O fato de Messias Bolsonaro ter afirmado que a Ditadura ocorreu pela “vontade do povo”, conforme transcrevi acima, é um exemplo do resultado desse quadro e que direciona para um terceiro apontamento: seu posicionamento quanto ao (neo)liberalismo econômico. Ao criticar países considerados comunistas – que também revela um “pensamento estereotipado” (CASARA, 2020, p. 46) por parte do candidato –, sua intenção é se alinhar ao capital, aos EUA, aos empresários, aos militares.

Por fim, a “mortadela” e o “comer capim” indicam: a) sua crítica a petistas e simpatizantes que, segundo Messias Bolsonaro, reuniam-se para manifestações de apoio ao partido e suas pautas em troca de pão com mortadela; b) que a Venezuela (que, supostamente, só tem capim para oferecer como alimento às pessoas) revela um cenário de miséria devido o sistema político; c) que o adversário (petista) é desumanizado e assemelhado a um animal que se alimenta de capim – em outras palavras, um “burro”, popularmente metaforizado como alguém sem entendimento, sem inteligência.

Nesse contexto, a diferença entre Messias Bolsonaro e cabo Daciolo quanto ao tema do antagonismo político pode ser buscada na resposta às indagações: quem é (ou quais são) o(s) inimigo(s) político(s) da nação? E, como se opera o discurso combativo após sua identificação? Vejamos:

³⁴⁵ Extraído de matéria no site de notícias Paraíba online, disponível em: <<https://paraibaonline.com.br/2017/02/bolsonaro-discursa-em-campina-a-minoria-tem-que-se-curvar-para-a-maioria/>>. Acesso em 29 fev. 2020.

- *Para Messias Bolsonaro*: o inimigo é *institucional* (partidos políticos; STF e MPF [quando contrariam seu posicionamento]), *ideológico* (“marxismo cultural”; comunismo...) e *pessoal* (atores políticos de esquerda). A maneira que encontra para lutar contra seu inimigo é utilizando expressões de violência – ora simbólicas, ora reais (Figura 12) –, e buscando construir uma narrativa em que a Ditadura civil-empresarial-militar sirva como principal modelo de sociedade, ou seja, eliminando seus oponentes ou mandando-os para países considerados comunistas. A ameaça se concentra no plano da *realidade*, pois os inimigos podem ser notados, e; da *possibilidade*, uma vez que o discurso sobre tortura e defesa constante das Forças Armadas estão coerentemente abrigados em sua trajetória profissional e política. Além dessas considerações, para desqualificar seu(s) oponente(s), Messias Bolsonaro o(s) desumaniza, todavia, sem lançar mão da religião como mecanismo para atingir esse fim.

- *Para Daciolo*: o inimigo é complexificado pela sua postura na relação de dominação carismática. Além da teoria da conspiração, que reúne grupos como Maçonaria, Foro de São Paulo, URSAL, Illuminati, família Marinho (Rede Globo), família Rockefeller (EUA), há também a cúpula da igreja evangélica, FPE, partidos e determinados atores políticos, que são responsabilizados por empobrecer o Brasil levando o povo à escravidão e à miséria³⁴⁶. Contudo, o antagonismo praticado por Daciolo traz como peculiaridade a relação de dominação carismática em seu viés religioso, diferentemente de Messias Bolsonaro. Todas essas instituições e personagens não passam de “instrumentos” ou “ferramentas” utilizadas por um inimigo sobrenatural. Ele potencializa o adversário visível pela *força invisível* e seu intento é lançar juízo religioso e, ao invés de advogar por sua exclusão ou afastamento do país, procurar convertê-los – como fez ao visitar na prisão o ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha, que havia recebido uma de suas “profecias”: sua queda por ter “abandonado a Deus” (informação verbal)³⁴⁷. Enquanto que para Messias Bolsonaro, “bandido bom é bandido morto”, para o cabo, “bandido bom é bandido lavado e remido pelo sangue de Jesus Cristo”. Daciolo entende que o não-humano (o mal sobrenatural) usa o humano para seus

³⁴⁶ Cf. capítulos 2 e 3.

³⁴⁷ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 17 de abril de 2016; sessão nº 091.2.55.O; fase: OD.

fins, porém, este personagem não “desumaniza” o adversário, ainda que metaforicamente, como o faz Messias Bolsonaro.

Poderíamos questionar: Messias Bolsonaro não utilizaria o argumento religioso para dizer que as manifestações do movimento LGBTQIA+, a “ideologia de gênero”, o comunismo, dentre outras categorias utilizadas por ele, são expressões que se distanciam da “vontade de Deus” e, portanto, são originadas de um mal sobrenatural? No período da 55ª Legislatura, o único discurso que sinaliza uma resposta afirmativa seria o de 2016, em que coloca na mesma frase o nome de satanás e de atores políticos de esquerda: “*Vade retro satanás, Dilma e Lula!*” (informação verbal)³⁴⁸. Contudo, Messias não os situa em um grau de submissão a um mal sobrenatural. Na verdade, os equipara: Dilma e Lula são o próprio mal da nação, por isso devem ser eliminados do jogo. O que explica, portanto, no cenário do *impeachment* de 2016, sua menção ao Cel. Ustra, o “pavor de Dilma Rousseff”.

A desqualificação do adversário realizada por Messias Bolsonaro é reduzida ao que Charaudeau (2017, p. 93) chamou de argumentação de “[...] ataques *ad hominem*, que questiona a probidade do adversário [...], suas alianças nefastas e sua dependência diante da ideologia de seu partido”. Continua:

A mesma imagem combativa poderá ser apreciada positivamente por aqueles que têm necessidade de identificar-se com um *ethos* de “poder” (“ele sabe lutar”), mas será rejeitada (“é um personagem grosseiro”) por aqueles que preferem um *ethos* de “inteligência” (“aqui está um debatedor sutil e elegante”) (CHARAUDEAU, 2017, p. 93).

Essa *identificação* segue o rigor dos discursos religiosos que analisei no primeiro capítulo e apresentei nas Tabelas 5 e 6 (capítulo 3). De outro modo, o posicionamento da maioria dos parlamentares cristãos/evangélicos, bem como dos “Sete Montes” – ou seja, o grupo que se identificará com Messias Bolsonaro – é religiosa, econômica e politicamente institucionalizado³⁴⁹. Esse mesmo grupo busca se adequar (*ethos*) a um comportamento moral construído por cartilha confessional e conservadora. Independentemente das demandas defendidas pela maioria dos eleitores evangélicos – como, por exemplo, os programas sociais –, esse grupo é, de certa forma, coordenado para eleger candidatos que cumpram outros requisitos: ou seja, que falem, defendam e encaminhem no congresso as pautas morais e de comportamento.

³⁴⁸ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 03 de abril de 2016; sessão nº 027.2.55.O; fase: PE.

³⁴⁹ A propósito, na próxima seção veremos, por exemplo, como o candidato recebe apoio de igrejas.

4.3 Do cenário das eleições de 2018

A crise de confiança nas instituições e a complexidade do campo de representação política entre evangélicos com sua expectativa messiânica perpassam o ambiente das eleições de 2018, demonstrando a metamorfose na esfera sócio-política com seus efeitos e efeitos-efeitos colaterais. Ainda assim, torna-se necessário esmiuçar os temas que estiveram em destaque durante esse pleito e questionar: de que maneira Messias Bolsonaro e Daciolo leram os mesmos temas e os promoveram em suas campanhas?

Aos elementos apontados na tese da “escalada dos Sete Montes” desenvolvida por Burity – apresentada no Quadro 5 (seção 4.2) – se somam outros aspectos levantados e debatidos em diferentes pesquisas, cujas dimensões sócio-econômica, política e religiosa do fenômeno são contempladas. Rocha e Visser (2020, p. 100-101, 110-111), por exemplo, entendem que aquele cenário das eleições de 2018 foi estabelecido por:

- a) brasileiros que não seguiam a “orientação consistente das atividades políticas por quadros ideológicos bem definidos”;
- b) “descensão social”, e;
- c) “antipetismo”.

Os três aspectos acima dialogam diretamente com as pesquisas realizadas pelo Datafolha e analisadas por Monteiro (2020), que conceituou o período das eleições como o *ciclo do refluxo*,

[...] que se inicia pela reversão do ciclo da expansão e pela imposição de uma política de austeridade, eficiência, contenção de gastos, apelo a valores de mercado, congelamento das políticas sociais e da participação social e tentativas de ampliação do poder presidencial no âmbito de um neopopulismo de direita (MONTEIRO, 2020, p. 169).

O *ciclo de expansão* que se refere o autor está situado entre anos 2003 a 2014. Momento inicialmente marcado pela alternância de poder e pela mudança em relação às elites políticas, com manutenção da política econômica dos governos FHC, das políticas sociais e de participação social, dentre outros. Já o *ciclo do refluxo* tem seu início em 2015 e se aprofunda com o estímulo a políticas de caráter neoliberal e restrição de direitos (mormente, no que se refere aos direitos trabalhistas). Neste último ciclo, o país registra os dois principais temas presentes em manifestações: corrupção e crise econômica, que são interpretados como a “herança maldita dos governos petistas” (MONTEIRO, 2020, p. 177). O lavajatismo, termo

que classifica a politização da Operação Lava-Jato – ou a “narrativa política intelectualizada sobre corrupção” (ROCHA e VISSER, 2020, p. 119-120) –, torna-se o principal canal de propaganda contra a corrupção trazendo certa personificação da justiça no Brasil com os nomes como o do juiz Sérgio Moro e o do procurador federal Deltan Dallagnol, compreendidos por parte da população como heróis nacionais.

Pesquisa realizada em novembro de 2015 pelo Instituto Datafolha divulgou que a *corrupção* era a principal preocupação dos brasileiros (OPINIÃO PÚBLICA, 2015). Em janeiro de 2018, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) encomendou pesquisa a *Retratos da Sociedade Brasileira* sobre o que preocupa os brasileiros e o resultado foi o seguinte: desemprego (56%), corrupção (55%), saúde (47%) e violência (38%). Em 2019, o Instituto Ipsos – que descreve a composição do cenário do ano das eleições – constatou que os maiores problemas enfrentados por brasileiros eram: violência (47%), saúde (46%), desemprego (39%) e corrupção (38%)³⁵⁰. Em maio deste mesmo ano, 59% afirmaram que a maior preocupação era a corrupção. Constata-se, portanto, que a *segurança* e o *combate à corrupção* são os temas que aparecem como destaque nessas pesquisas.

Durante a 55ª Legislatura, Daciolo subiu ao plenário da Câmara por 223 vezes. O tema da *Segurança Pública* foi contemplado em 30 discursos (cf. Tabelas 8, 9, 10, 11 e 12); 7 PL's foram dirigidos ao mesmo tema (cf. Tabelas 13, 14, 15 e 16). A *Corrupção* não se fez presente enquanto *macrotema*, contudo, foi abordado pelo então deputado com expressões e sentenças religiosas, uma vez que os atores que cometeram esse crime eram responsabilizados em conduzir (ou manter) o povo na miséria, de acordo com sua percepção.

Já Messias Bolsonaro, em 29 dos 142 discursos, dedicou-se ao tema da *Segurança* e em 14 se debruçou sobre a *Corrupção* (cf. Tabelas 17, 18 e 19); em 10 PL's tratou acerca da *Segurança* (cf. Tabela 20). Ou seja, não há uma assimetria quantitativa considerável entre ambos os personagens durante a Legislatura em questão. O que se diferencia na participação de cada um dos parlamentares é o teor de cada discurso e PL proposta. Enquanto, Daciolo se refere à melhoria salarial e de trabalho dos servidores da área de segurança pública, bem como de projetos de educação e cultura que sirvam como política eficaz para diminuição da violência urbana (sobretudo, em comunidades), Messias Bolsonaro valoriza os agentes de segurança em operações policiais em detrimento da própria comunidade onde a violência se estabelece. Em análise, Messias Bolsonaro não apresenta, em sua última atuação como parlamentar, um projeto que articule estruturalmente o país.

³⁵⁰ Dados extraídos do site do Instituto Ipsos, disponível em: <<https://www.ipsos.com/pt-br>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

Em relação ao Projeto de Governo³⁵¹ apresentado durante as eleições, Daciolo propõe a políticas preventivas (baseado no art. 144 da CFB) como solução para o problema de segurança pública. Além disso, propõe reestruturar o sistema penitenciário brasileiro, combater o tráfico de drogas e de armas nas fronteiras, aumentar o efetivo da polícia para lidar com a violência urbana, oferecendo melhores condições de trabalho aos funcionários da área. Por fim, fala em promover ações conjuntas entre o Ministério da Defesa, da Educação e da Justiça e Cidadania, articulando valores sociais, respeito e cumprimento às leis.

O Plano de Governo apresentado por Messias Bolsonaro³⁵² menciona positivamente a Ditadura iniciada em 1964, interpretada como operação contra os comunistas no Brasil; critica estatísticas do documentário “A guerra do Brasil”, da emissora Globo, que ocultaria as razões porque alguns estados nacionais e outros países tiveram diminuição ou aumento de violências e mortes. Na ótica dos responsáveis pelo Plano em questão, acredita-se que “coincidentemente, onde participantes do Foro de SP governam, sobe a criminalidade”, e que a esquerda está mais “preocupada com as mortes associadas a ações policiais”. Messias Bolsonaro afirma que os homicídios ocorrem por culpa dos criminosos e não por culpa dos agentes da área de segurança, a quem denomina “heróis”. E propõe (terminando cada ponto com uma exclamação): investimento nas forças policiais; término de progressão de penas e saídas temporárias; redução da maioria penal para 16 anos; reformulação do Estatuto do Desarmamento, garantindo ao cidadão a legítima defesa para defender família e patrimônio; garantia do excludente de ilicitude ao policial no exercício de sua atividade profissional; tipificar como terrorismo as invasões em propriedades rurais e urbanas; retirar da Constituição Federal qualquer relativização da propriedade privada; priorizar as vítimas da violência redirecionando a política de direitos humanos.

Portanto, como os atores aqui analisados leem os temas em destaque? Neste cenário, temos uma política de segurança pública proposta pelo profeta emissário que busca articular a realidade social com diferentes ministérios a fim de atender às demandas que perduram no país. Sua retórica religiosa ladeia ações e projetos oferecendo sentido aos mesmos, contudo, ao que nos parece, não ignora as ferramentas políticas como forma de atuar na reestruturação da sociedade. Messias Bolsonaro, por outro lado, utiliza-se de pesquisas do IBGE e as interpreta levando em conta sua crítica contra a esquerda – tema mais presente em seus discursos na 55ª Legislatura –, contra a imprensa (COSTA, 2020) e contra o “marxismo

³⁵¹ Cf. ANEXO D.

³⁵² Cf. ANEXO H.

cultural” (guerra cultural), conforme defenderão Rocha (2020), Farias (2020), Dutra (2020); Lellis e Dutra (2020a) entre outros(as).

O cenário de crise apresentado acima também traz como efeito – tal como expressei no primeiro capítulo – a falta de confiança nas instituições democráticas. Portanto, a figura do político que pudesse expressar a personificação da nação em relação aos seus anseios, certamente venceria as eleições. Com a ausência no pleito do candidato do PT, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva – que aparecia em primeiro lugar nas pesquisas –, devido à sua prisão, acusado em segunda instância, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso de um *triplex* no Guarujá-SP, Messias Bolsonaro (PSL) tornou-se ainda mais competitivo em relação ao seu principal oponente, Fernando Haddad (PT), que carregava consigo a imagem de um partido marcado pela narrativa da corrupção.

O movimento político de Messias Bolsonaro, em sua campanha e em postagens nas redes sociais, apresentou como bandeira a luta contra a corrupção, com acento para a segurança pública e o uso constante do conceito de verdade a partir de sua relação teológica, baseada na citação de João 8,32. Ele especifica seus adversários dentro de cada campo: a corrupção é causada por atores e partidos de esquerda; o problema da segurança pública passa pela necessidade de armamento da população e pela não valorização da polícia e suas ações em comunidades, bem como pela interpretação de “comunistas” e “esquerdistas” sobre os Direitos Humanos, que contemplaria, na visão de Messias Bolsonaro, apenas criminosos e não aos verdadeiros “heróis”; a defesa de pautas morais e de comportamento, privilegiadas por lideranças e parlamentares religiosos.

Já em relação à percepção de Daciolo, os atores políticos e religiosos “são todos iguais”. A generalização em suas classificações também vale para partidos e instituições eclesiais – o que chama de “cúpula das igrejas evangélicas”. Os políticos são “amiguinhos” e não apresentam propostas substantivas e/ou novas que romperiam com a ideia do Brasil como colônia: “Esquerda e direita... isso tudo é amiguinho, cara. [...] grupinho de esquerda e direita, tá todo mundo tomando cafezinho enquanto o povo tá se digladiando, se matando” (informação verbal)³⁵³. E continua lançando suas sentenças em outro momento da entrevista: “As pessoas estão discursando, discursando, são promessas... só promessas não mudam nada. [...] São políticos que estão mais de 30 anos na política, *são os mesmos de sempre* enganando o povo e *são todos amiguinhos*” (informação verbal)³⁵⁴. O fato de Daciolo inserirem um só grupo todos e tudo aquilo que pode interferir em seu caminho político, sublinha o aspecto

³⁵³ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

³⁵⁴ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

personalista e da figura do profeta-emissário-político. Em outras palavras, apenas o profeta teria plenas condições de ler as reais demandas do povo e combater os inimigos comuns (todos alocados em um só grupo). Seu posicionamento político se encontra mais bem localizado entre as demandas dos eleitores evangélicos, levando em consideração os dados levantados por institutos de pesquisas e analisados no capítulo anterior.

Contudo, o apelo em relação à corrupção do PT – cuja iniquidade se encontrava institucionalizada, tal como classificado por lideranças evangélicas, desde 2010 –, inflacionado pelo “antipetismo” (ROCHA; VISSER, 2020) e a defesa das pautas morais e de comportamento, tiveram, dentre outras consequências, expressiva força durante a campanha política de Messias Bolsonaro nas eleições de 2018³⁵⁵.

Messias Bolsonaro – o “mito”, como é conhecido por seus seguidores e eleitores – encontrou apoio oficial de instituições religiosas. Há poucos dias das eleições, por exemplo, o pastor José Wellington, presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), publicou uma nota oficial (Figura 13), onde outrora já havia justificando que a decisão pela candidatura de Messias Bolsonaro não era apenas por seu “perfil conservador”, mas acima de tudo “[...] pelo respeito que o mesmo demonstra para com a família e a Igreja, sendo contra a ideologia de gênero, legalização das drogas, aborto e tantos outros itens que vem contra o que nos ensina a palavra de Deus” (CGADB..., 2018, n. p.). Em consonância com a CGADB, o pastor Pedro Damasceno, então presidente da Convenção Estadual das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Maranhão (CEADEMA), também apoiou o candidato em questão por estar “afinado com aquilo que a Igreja defende” (LELLIS; DUTRA, 2020a, p. 173).

³⁵⁵ Para outras interpretações e questões complementares sobre as eleições de 2018, cf. Carvalho e Santos Jr. (2019) e Vital da Cunha e Evangelista (2019).

FIGURA 13 – NOTA OFICIAL DA CGADB EM APOIO A MESSIAS BOLSONARO



FONTE: CGADB (2018)³⁵⁶.

Não apenas parte da AD demonstrou seu apoio ao candidato do PSL durante e após as eleições. Outras denominações evangélicas também fizeram coro, como a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Presbiteriana do Brasil, a Igreja Batista, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, a Comunidade Cristã Paz e Vida, a Igreja Quadrangular, a Igreja Batista Getsêmani, a Catedral do Avivamento, a Igreja da Restauração, dentre outras. Apoio institucional religioso que Daciolo, por exemplo, não teve.

A captação de eleitores por Messias Bolsonaro passou, obrigatoriamente, pela ala conservadora do segmento evangélico. E a ampla divulgação de seu batismo no Rio Jordão – realizado no dia 12 de maio de 2016 pelo pastor Everaldo, presidente do PSCe efeito-efeito colateral no setor religioso, como analisado no primeiro capítulo – no período das eleições aponta para esse caminho³⁵⁷. Outra relação com a igreja evangélica aconteceu por meio de seu terceiro casamento, com Michelle de Paula Firmo Reinaldo Bolsonaro, cuja cerimônia foi celebrada pelo pastor Silas Malafaia – que, posteriormente, será seu “conselheiro” durante seu

³⁵⁶ Extraído do Instagram da CGADB.

³⁵⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0bE0iHNwg54>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

governo. Messias também já foi flagrado diversas vezes frequentando cultos na Igreja Batista Atitude, na Barra da Tijuca (RJ), denominação da qual sua esposa é membro.

O desdobramento da leitura feita por Messias Bolsonaro sobre o cenário até aqui descrito e de seu amplo trânsito entre evangélicos pode ser percebido nas eleições de 2018, onde só a participação desse segmento possibilitou uma diferença de mais de 11 milhões de votos (Tabela 21) em desfavor do candidato Haddad (PT). O candidato pelo PSL venceu as eleições no segundo turno com 55,13% (57.797.847) dos votos válidos. Seu oponente, Fernando Haddad, alcançou 44,87% (47.040.906)³⁵⁸. Dentre esses votos, a distribuição do eleitorado por tipo de religião, ocorreu da seguinte maneira:

TABELA 21 – DISTRIBUIÇÃO DO ELEITORADO POR TIPO DE RELIGIÃO

Religião	Votos em Messias Bolsonaro	Votos em Haddad	Diferença
Católica	29.795.232	29.630.786	164.446
Evangélica	21.595.284	10.042.504	11.552.780
Afro-brasileiras	312.975	755.887	442.912
Espíritas	1.721.363	1.457.783	263.580
Outra religião	709.410	345.549	363.862
Total de votos	57.796.074	47.080.987	10.715.087

FONTE: DATAFOLHA (2018)³⁵⁹.

A diferença estabelecida entre evangélicos é superior a todas as demais religiões, o que fez com que o demógrafo José Eustáquio Alves³⁶⁰ interpretasse esse segmento como responsável pela vitória de Messias Bolsonaro. Todavia, há que se considerar como fator explicativo para a vitória do candidato da (extrema)direita não só a clivagem por tipo de religião, mas também aspectos sócio-econômicos e políticos, tal como fizeram Rocha e Visser (2020) e Monteiro (2020). Na esteira desse raciocínio, o sociólogo Alexandre Brasil afirma que o setor religioso não explica isoladamente o resultado das eleições, uma vez que o discurso assumido por Messias Bolsonaro considera os temas que aparecem como maior preocupação entre os brasileiros, como a *corrupção* e a *segurança*, por exemplo. Além disso, o IBOPE divulgou em 27 de outubro de 2018 que o candidato eleito obteve melhor desempenho na região Sul do país (entre eleitores com renda superior a 5 salários). E dentre os votos, a maioria advém de pessoas brancas e homens. Para Alexandre Brasil, “[...] nos dois

³⁵⁸ Para saber mais desta análise, Cf. Almeida (2019).

³⁵⁹ Pesquisa Datafolha divulgada em 25 de outubro de 2018.

³⁶⁰ Ver também Alves (2018).

casos, tanto no quantitativo de votos como no percentual, o segmento evangélico aparece na terceira posição” (FONSECA, 2018, n. p.).

Nesse campo – em termos eliasianos – tão cheio de *interdependências*, o que se torna essencial para a presente pesquisa é perceber como Messias Bolsonaro costura os temas mais presentes nas pesquisas (dentro do quadro sócio-econômico e político) com aquela expectativa messiânica do setor evangélico – discutida no capítulo 1 desta tese –, transformando a interpretação desse cenário em promessa de representar pautas que, em parte, já eram defendidas e pregadas nos templos religiosos, porém, que não estavam reunidas em um só discurso, em uma só figura política.

Com a vitória de Messias Bolsonaro nas eleições de 2018, surge outras questões que precisam ser refletidas: como uma sociologia da personalização poderia ser sustentada e/ou defendida na derrota de Daciolo que, durante sua campanha, afirmava que venceria ainda no primeiro turno com 51% dos votos válidos? Que tipo de carisma é esse que não alcança mais seu triunfo? Como o carisma resistiria à derrota?

4.4 Da atualização da(s) profecia(s)

Até aqui pudemos perceber as clivagens discutidas nos campos da sociologia política e da religião no que se refere ao avanço de uma identidade que se quer hegemônica através da definição de inimigos e demandas pregadas como comuns à sociedade. A relação que Messias Bolsonaro estabeleceu, conjunturalmente, com grupos militares, religiosos, empresariais, de tecnocratas, ajuda a entender parte da complexa vitória que obteve no segundo turno das eleições contra Haddad (MONTEIRO, 2020).

Daciolo seria apenas um personagem sem força, sem importância nessa história? Concordando que o fator *eleições* é essencial para se reconhecer o personagem carismático em uma democracia (LAUREANO, 2020), como defender uma sociologia do personalismo como subtipo da relação de dominação carismática tendo como exemplo a figura de um profeta derrotado, malsucedido nas eleições?!

Daciolo, ao contrário do que se possa pensar, mesmo que não tenha avançado para o segundo turno, não pode ser classificado como uma espécie de *outsider* ou fracassado. Este personagem, cuja trajetória e participação parlamentar complexifica a questão da representação de evangélicos na Câmara, ficou em 6º lugar na corrida presidencial, com 1.348.323 dos votos válidos, ultrapassando nomes reconhecidos na política nacional, como: Henrique Meirelles (MDB), Marina Silva (Rede Sustentabilidade), Álvaro Dias (PODEMOS),

Guilherme Boulos (PSOL), Vera (PSTU), Eymael (Democracia Cristã), João Goulart Filho (Partido Pátria Livre). Todavia, duas questões precisam ser respondidas. Primeiro, considerando que “[...] o líder deve provar não apenas que Deus o enviou, mas que ele permanece do seu lado” (SCHLUCHTER, 1981, p. 121)³⁶¹, como sustentar a face carismática quando se perde, uma vez? Segundo, de que maneira Daciolo explica sua derrota diante de tantas “profecias” quanto à sua liderança na cadeira executiva do país?

O último discurso de Daciolo no plenário da Câmara, ocorrido no dia 11 de julho de 2018, será o principal registro que ajudará a responder às questões acima, seguido pelo registro do que me respondeu durante a entrevista concedida a mim. Ainda em fase de pré-campanha presidencial, o cabo registrou que tal pronunciamento seria “o mais importante” de sua vida. Enfatizou que milagres acompanhariam sua trajetória, legitimando-o, portanto, como o escolhido de Deus para ocupar a cadeira de Chefe de Estado. Para isso, o personagem em tela pretendia curar a deputada Mara Gabrilli, tetraplégica desde 1994 – demonstrando a todos os “descrentes” (não-religiosos e descrentes de sua postura política) esse “sinal”. Pela esteira teológica, o milagre tem um fim em si mesmo. Já o sinal, aponta para um significado maior do que o ato, ou seja, o sinal representa algo. De acordo com a plataforma weberiana, nesse contexto, controlar a magia é uma forma de operacionalização da religião³⁶².

No mesmo dia de seu último discurso, Daciolo apresentou o Projeto de Lei nº 10577/2018, de sua autoria, que, segundo ementa: “Altera o art. 3º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para proibir a disseminação da ideologia de gênero nas escolas do Brasil”. “Ideologia de gênero” seria um assunto que retornaria em sua campanha. Na fase Ordem do Dia, o deputado fez seu último discurso no plenário da Câmara. Antes, porém, às 22h22, sua assessoria iniciou uma transmissão ao vivo pela página do *Facebook*³⁶³, antecipando declarações que ajudariam compreender o que estava por vir.

Em primeiro lugar, Daciolo considera que o povo só crerá (por enquanto não descreve em que ou em quem) se houver “sinais e maravilhas” e se coloca como alguém que crê: “[...] *se não houver sinais e maravilhas, nunca crerão*. Preciso fazer algo que está no meu coração há muito tempo. [...] *Eu creio no Deus vivo, eu creio no Deus das causas impossíveis*.

³⁶¹ Cf. também Schluchter e Sell (2014).

³⁶² Durkheim (2008) defendia que a eficácia da magia seria de natureza simbólica. Ou seja, se ela é capaz de transformar a realidade é porque as consciências têm a crença como parte fundamental na sociedade (cf. MONTERO, 1994).

³⁶³ Que pode ser acessada pelo link disponível em: <<https://www.facebook.com/deputadocabodaciolo/videos/2218302538405179/>>. Acesso em: 5 out. 2019.

E só sinais” (informação verbal)³⁶⁴. Em segundo lugar, desqualifica os membros do Congresso Nacional, buscando retirar deles o foco e colocar sobre si, como o portador do *carisma*. Em terceiro, tece comentários sobre o comportamento dos parlamentares, classificando o Congresso Nacional como “[...] *uma verdadeira quadrilha, perdeu o temor ao Senhor, se acham o próprio Deus*. O povo está morrendo, o povo está sofrendo. *Eu não vejo homem nenhum para trazer solução*” (informação verbal)³⁶⁵.

Em quarto lugar, volta a se colocar como o escolhido por Deus:

O que eu entendo é que um grande clamor ao Senhor, Deus vai dar vitória. *Deus usa os seus*. Todas as autoridades são constituídas por Deus. [...] Eu considero esse momento [...] *essa pra mim é a minha principal fala*. [...] *Determina minha vida no cenário político no país*. [...] Não tem como confrontar eles de forma natural. Não tem possibilidade nenhuma de fazer essa luta no homem natural. [...] Dá uma olhada nesse Plenário: tá cheio. Glória a Deus [neste momento, o assessor retira o deputado de foco e registra presentes no local; em seguida retoma para Daciolo]. Glória a Deus! Nós precisamos crer e ousar sonhar os sonhos de Deus. Se não houver sinais e maravilhas o povo nunca vai crer. Nunca vai crer! [...] Deus está levantando uma geração. Haverá um avivamento para a nação brasileira. É o que eu creio. [...] *A minha fala hoje aqui, ela é totalmente no plano espiritual*. [...] O plano espiritual domina o plano carnal. [...] O nosso Deus, ele fala: “o reino de Deus está próximo. Cure os enfermos, ressuscite os mortos, cure os leprosos, expulse os demônios”. Ele fala: “de graça vos dou, de graça vos dá... os talentos do Senhor”. E ele só está perguntando “quem enviarei”. [...] Sou servo do Deus vivo. Ele me colocou aqui de forma sobrenatural. Um ano antes de estar aqui, ele me falou que ia me colocar aqui. E ele me falou: “meu filho, vou te colocar no meio dos grandes e quando chegar lá, abre a tua boca e fala de mim lá dentro”. E é o que eu faço aqui. Eu creio que a vitória da nação é levar a nação a clamar. [...] Podem perguntar: “mas esse garoto não tá preparado”. Deus capacita os seus [com ênfase] escolhidos. [...] Sou o cabo Daciolo, hoje pré-candidato à presidência da república, e eu creio na vitória. [...] Acho que agora somos nós [sobe à tribuna com sua bíblia] (informação verbal, grifos meus)³⁶⁶.

Sua “principal fala” determinaria sua “vida no cenário político no país”. Em seguida, explica que a “fala” será “totalmente no plano espiritual”, pois este “domina o plano carnal”. Após anunciar a pergunta de Deus “Quem enviarei?” (pergunta baseada no chamado do profeta Isaías que, diga-se de passagem, teve um ministério infrutífero), inicia sua apresentação como pré-candidato à presidência da República e que já havia sido escolhido por Deus antes mesmo de ser eleito deputado. Sua missão: ser um emissário de Deus. Trata-se, como já expus satisfatoriamente, de um profeta emissário descrito por Weber (2010, p. 29), ou seja, um indivíduo que tem “convicção de ser ‘instrumento’ de Deus” e que busca instaurar uma era de justiça e paz, que “dirige suas exigências ao mundo em nome de um deus”.

³⁶⁴ Discurso de cabo Daciolo, durante transmissão ao vivo pela página do *Facebook*, ocorrida no dia 11 de julho de 2018.

³⁶⁵ Discurso de cabo Daciolo, durante transmissão ao vivo pela página do *Facebook*, ocorrida no dia 11 de julho de 2018.

³⁶⁶ Discurso de cabo Daciolo, durante transmissão ao vivo pela página do *Facebook*, ocorrida no dia 11 de julho de 2018.

Às 22h29, com sua bíblia em mãos, inicia sua “principal fala”, o “pronunciamento [...] mais importante” para sua vida. Transcrevo-o integralmente abaixo:

Glória a Deus! Glória a Deus! O que eu vou falar aqui vai parecer loucura para muitos, mas eu prefiro a loucura de Deus à sabedoria dos homens. Nós estamos na 55ª Legislatura e, desde a redemocratização, nunca vivemos este momento. Nós nunca vivemos este momento. Homens e mulheres, criados por Deus, e o fôlego que está na sua narina hoje aí é Deus que coloca e tira. Esqueçam a religião. Eu não estou aqui para pregar religião. Eu estou há três anos e cinco meses como Deputado Federal e *creio que hoje aqui o meu pronunciamento é para a minha vida, o mais importante. E é o destino do meu futuro.*

Esta semana, aconteceu algo comigo, há exatamente sete dias. Um jovem que trabalha comigo é autista e conheceu uma mulher especial. Essa mulher especial chama-se Deputada Mara. A Deputada Mara está em plenário? A Deputada Mara está aí? Só levanta se estiver, por favor. Deputada Mara, por gentileza, só algo que eu gostaria de falar para a Irmã. Eu estava passando pelo corredor, e a Deputada Mara me para. *Há dois anos Deus me cobra para falar algo para essa Deputada. Há dois anos Deus toca no meu coração para me colocar diante dela, mas eu me acovardei.* Eu me acovardei e não pronunciei o que *Deus estava mandando eu falar para ela.* Aí Deus fez com que ela me parasse no corredor. Ela me parou e começou a falar do garoto que trabalha comigo. E Deus falou: “Meu filho, é agora. Fala com ela agora.” Deixa eu abrir a palavra para falar algo de Deus para a Irmã, para a honra e glória do Senhor Jesus.

A palavra de Deus, em Atos dos Apóstolos, capítulo nº 2, versículo 22, diz - Nação brasileira, povo brasileiro, ouçam estas palavras: “Jesus de Nazaré *foi aprovado* por Deus diante de vocês *por meio de milagres, maravilhas e sinais que Deus fez entre vocês por intermédio dele* [...]”

Quem fez os milagres e as maravilhas foi Deus, *por intermédio de Jesus Cristo.* E Ele quer fazer algo por teu intermédio também, para todos que estão aqui. Esqueçam religião! Nós servimos a um Deus vivo. Ele é o caminho, a verdade e a vida. Estou falando de Jesus.

E continua no Capítulo 4, versículo 29: “Agora, Senhor, considera a ameaça deles e capacita os teus servos para anunciarem a tua palavra corajosamente. Estende a tua mão para curar e realizar sinais e maravilhas por meio do nome do teu santo [nome] servo Jesus Cristo”

Eu quero aqui, diante de todos, profetizar a cura da Deputada Mara. Eu creio que aquela mulher vai se levantar da cadeira e vai começar a andar. Eu creio que isso vai acontecer!

Agora, eu peço ao Deus das causas impossíveis que Ele possa estender a mão dele, em nome do Senhor Jesus, e possa tocar na sua serva. Diz a palavra de Deus: “Colocarão a mão sobre os enfermos e esses ficarão curados.”

Estou diante de muitos descrentes; no momento, descrentes. Eu saio daqui agora, vou me direcionar a ela e vou pedir um lugar particular para orar. *Eu creio que, em alguns minutos, ela volta andando aqui neste plenário.*

Pronto. Aconteceram os sinais. Muitos vão crer e acontecerão maravilhas. Posso falar uma coisa? Eu preciso apenas tentar. Só tentar, para mim, já é uma vitória. Eu não posso chegar com 70 anos e não ter nem tentado e me acovardado por causa de homens. Eu estou aqui em Deus. E eu creio que aquela mulher vai se levantar, para honra e glória do Senhor Jesus!

Digo a todos que juntos somos fortes, que nenhum passo demos para trás e que Deus está no controle!

Obrigado, Presidente.

Muito obrigado (informação verbal, grifos meus)³⁶⁷.

Ao descer do púlpito do plenário, dirigiu-se à deputada Mara e foram ao seu gabinete prometendo retornar ao vivo em sua página do *Facebook*, demonstrando o “sinal de Deus” (a cura da deputada) – o que não ocorreu. Daciolo retornou apenas no dia seguinte e não fez nenhuma referência ao caso. Realizou uma *live* na rede citada alertando à população sobre fraude nas urnas eletrônicas.

Para responder às enunciações deste discurso, é importante sublinhar que o profeta, “[...] em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino” (WEBER, 1998, p. 303). Para Weber, o decisivo não é saber se os seguidores estão mais vinculados à pessoa do profeta ou à doutrina que ele prega, mas sim entender as configurações dessa “vocação pessoal”. O profeta se distingue do sacerdote exatamente por reivindicar para si uma autoridade adquirida em razão de uma revelação pessoal ou carisma. E Daciolo descreve a relação com Deus como aquele que se crê *intermediador* da vontade divina.

Segundo Daciolo, por dois anos Deus o “incomodou” a falar com a deputada Mara sobre sua cura. Como intermediador para tal ação taumatúrgica, o carisma se intensifica no sentido de que o mesmo “[...] só aparece na interação com outras pessoas que não o possuem” (LINDHOLM, 1993, p. 19). E o que liga essa interação é o contexto. No plenário da Câmara, Daciolo afirma: “Estou diante de muitos descrentes; no momento, descrentes”. Comumente, em outros discursos, Daciolo se dirige aos evangélicos do país³⁶⁸ – o que não ocorreu neste seu último discurso. Os descrentes não são apenas aqueles que não creem religiosamente, mas, inclui também os que ainda não acreditam ser ele (Daciolo) um escolhido de Deus para a presidência da república. Sua declaração inicial demonstra o que poderá ocorrer: “[...] creio que hoje aqui o meu pronunciamento é para a minha vida, o mais importante. *E é o destino do meu futuro*” (informação verbal, grifo meu)³⁶⁹.

Weber descreve o líder carismático como aquele que subverte o organismo legal substituindo o critério da eficiência pelo critério de suas qualidades sobrenaturais. Daciolo parece querer traduzir sua “eficiência” como líder político não através de meios “legais”. Sua

³⁶⁷ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 11 de julho de 2018; sessão nº 012.4.55.N; fase: OD.

³⁶⁸ Como se vê nos discursos realizados na Câmara dos Deputados em 21 de outubro de 2015 (sessão nº 321.1.55.O; fase: PE), 29 de outubro de 2015 (sessão nº 333.1.55.O; fase: OD), 15 de agosto de 2017 (sessão nº 216.3.55.O; fase: OD).

³⁶⁹ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 11 de julho de 2018; sessão nº 012.4.55.N; fase: OD.

tentativa é demonstrar, pela sua qualidade de profeta, um sinal especial para os *incrédulos* que ele fora escolhido por Deus.

A pretensão carismática “[...] entra em colapso quando sua missão não é reconhecida por aqueles que, na sua opinião, deveriam segui-lo”, provando que o indivíduo carregado de carisma apenas consegue manter seu “direito” e receber “reconhecimento” quando se entende que o líder é qualificado para tal exercício (WEBER, 1966, p. 285). Perder o carisma – e isso é possível – é o mesmo que ser “esquecido pelo seu Deus” (WEBER, 1966, p. 287). Por isso, deve estar em constante atividade. Weber (1966) descreve que se “Se quer ser profeta, deve realizar milagres [...] Acima de tudo, porém, sua missão divina deve ser ‘provada’, fazendo que todos os que se entregam fielmente a ele se saiam bem. Se isso não acontecer, ele evidentemente não será o mestre enviado pelos deuses” (ibidem).

Como Daciolo pretende, portanto, solucionar não apenas o problema físico da deputada Mara, mas, sobretudo, a descrença de que é um escolhido de Deus para a disputa à Presidência da República? Observando seu ato, podemos dizer que pela operacionalização da magia para fins políticos. Através da “revelação do profeta”, “de um oráculo” (WEBER, 1966, p. 288). Afirmou Daciolo, “[...] eu prefiro a loucura de Deus à sabedoria dos homens”. “Há dois anos Deus me cobra para falar algo para essa Deputada. Há dois anos Deus toca no meu coração para me colocar diante dela [...]” (informação verbal)³⁷⁰. Colocar-se diante da deputada para dar o recado de Deus, este é o sinal que deve dar aos *incrédulos*: a cura que determina a escolha divina pelo deputado (seu “futuro”).

Dois anos antes deste pronunciamento, talvez não fosse necessário expor a revelação. O ano de 2016 para o cabo Daciolo foi marcado por discursos de “guerras espirituais”³⁷¹ e “juízos divinos”³⁷² contra corrupção, falsos profetas e afins. Ou seja, seu exercício profético no plenário estava sendo executado sobejamente. Já no ano de 2018, foi o período que menos ocupou seu tempo de fala acerca de sua fé. O macrotema *Direitos dos Trabalhadores* ficou em primeiro lugar. Nesta etapa, Daciolo teve espaços maiores entre um discurso e outro. Chega a somar um intervalo de 56 dias sem subir ao plenário (27 de março a 23 de maio). Parecia haver poucos argumentos sobrenaturais para sua campanha eleitoral. O último discurso assumiria, de uma só vez, a responsabilidade de uma posição privilegiada para as

³⁷⁰ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 11 de julho de 2018; sessão nº 012.4.55.N; fase: OD.

³⁷¹ Cf. discursos realizados na Câmara dos Deputados em: 22 de março de 2016 (sessão nº 050.2.55.O; fase: BC), 29 de março de 2016 (sessão nº 057.2.55.O; fase: BC), 21 de junho de 2016 (sessão nº 157.2.55.O; fase: BC), 31 de agosto de 2016 (sessão nº 214.2.55.O; fase: PE), 10 de novembro de 2016 (sessão nº 291.2.55.O; fase: PE).

³⁷² Cf. discursos realizados na Câmara dos Deputados em: 17 de fevereiro de 2016 (sessão nº 007.2.55.O; fase: GE), 17 de novembro de 2016 (sessão nº 296.2.55.O; fase: CP), 13 de julho de 2016 (sessão nº 179.2.55.O; fase: PE).

eleições daquele ano – legitimada pela revelação religiosa e a operacionalização da magia para fins políticos. E o que ocorre, após o oráculo, é seu distanciamento do púlpito do plenário da Câmara até o fim de seu mandato. Sua participação se deu, posteriormente, através de aparições em montes (para os rituais de oração e jejum) e em redes sociais.

Após o caso da deputada Mara, a primeira vez que Daciolo voltou ao assunto foi em nossa entrevista. Questiono-o sobre o sinal que havia anunciado. Separei sua resposta em 4 momentos a fim de melhor analisar e tornar mais didática sua apresentação, são eles: 1º) introdução e confissão religiosa; 2º) crítica política e testemunho religioso; 3º) atualização da profecia; 4º) o sinal como legitimação da campanha e crítica ao Congresso.

1º momento: Introdução e confissão religiosa

“Na verdade, a deputada Mara... eu, há muito tempo, eu visualizava ela... e eu sou um... eu creio que Deus cura, salva e liberta” (informação verbal)³⁷³. Essa frase estabelece o que Daciolo interpretará sobre o caso da deputada que foi alvo de sua profecia. O cabo inicia sua fala com a locução adverbial “na verdade”, ou seja, sua argumentação será digna de confiança e não será como quaisquer outras matérias ou notícias sobre o caso. Quem interpreta a profecia é o profeta, pois, de modo geral, no contexto da análise weberiana sobre essa figura tipológica, a “[...] maneira em que a palavra divina chega ao profeta não é especificada nenhuma vez. O decisivo, afinal, era que a *interpretação* das suas intenções fosse evidente para os profetas, portanto bem-sucedida” (WEBER, 2019, p. 336). O que importa é que o profeta compreenda perfeitamente a vontade da divindade e a cumpra.

Na esfera religiosa, Daciolo é o profeta que receberá a missão de Deus, que a interpretará. Ele é aquele que crê na ação sobrenatural. No jogo político, em sua operacionalização da magia, ele observa o quadro de saúde da deputada e vê ali a oportunidade de ter legitimado seu papel como profeta e sua campanha para Presidência da República. Assim, ele age por entender que foi chamado pela divindade com o propósito de curar a deputada. Ele buscará realizar a cura para que os que não acreditam (que ele é o escolhido) possam dar crédito à palavra do profeta. O Deus que “cura, salva e liberta” é o Deus que teria convocado Daciolo para demonstrar o sinal da veracidade do chamado.

³⁷³ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

2º momento: Crítica política e testemunho religioso

Durante a entrevista, Daciolo disse ter pensado em deixar o cargo de deputado federal. Valendo-se de sua teodiceia, explica as razões e profetiza:

Em vários momentos dentro do congresso nacional, antes de completar dois anos de parlamentar, eu já queria sair do congresso. Eu queria entregar a cadeira porque eu visualizei tanta covardia lá dentro, tanta corrupção, tanta sujeira... você vê que as coisas ali dentro não é pra atender o povo. A minha maior decepção havia sido com a própria Bancada Evangélica. Homens que diziam ser de Deus compartilhando de projetos que eram contra o povo. Vivendo aquilo que ali como se estivessem enganando a massa, enganando o povo. *E eu não compactuo com isso*. E eu falei pro Senhor: “Senhor, eu já vi o que eu precisava ver aqui, Pai”. Se o Senhor não me mostrar um grande sinal, vou entender que tá na hora de sair”. Eu me lembro que eu não tinha nem completado 2 anos como parlamentar e eu orei dentro do meu gabinete e desci e fui pro plenário. E no plenário eu abri minha boca e verbalizei dizendo: olha... PT e PMDB... *ou vocês vão se unir e fazer algo concreto pra Deus ou então vai sair todo mundo*. E aí eu lembro que eu falo: vai sair fora Dilma, vai sair fora... eu falo o nome de vários lá. E pra honra e glória do Senhor Jesus, eu falei ainda, como eu vinha dizendo, contem aí 2 anos... 2 anos de mandato... *se não acontecer isso nos nossos 2 anos de mandato, eu peço pra sair*. Eu saio, porque eu já tinha falado isso com Deus no meu gabinete. E pra honra e glória do Senhor Jesus, *Deus fez acontecer*. Veio um grande reboiço e essa moçada toda aí caiu. Deus tratou com todo mundo. Saiu pegando todo mundo. Isso, Deus! Pra honra e glória do Senhor Jesus (informação verbal, grifos meus)³⁷⁴.

Na primeira parte desse trecho, Daciolo lança sua sentença: o Congresso não cumpre o seu papel. Neste ambiente, a Bancada Evangélica, que abriga membros que dizem “ser de Deus”, compartilham projetos que enganam o povo. Em outras palavras, não há representatividade política e, além disso, suas ações são covardes, corruptas, enganosas. O profeta, portanto, busca se apresentar diferente de todos, por isso afirma: “Eu não compactuo com isso”. Nas palavras de Weber (2019, p. 342), “[...] apenas o profeta que mantém o povo atido à moralidade e que repreende os pecados (mediante ameaças de desfortúnio) não é falso profeta”. Durante sua trajetória, Daciolo classificará os membros da FPE como “falsos profetas”, que mercantilizam a “Palavra de Deus”. Ao analisar o profeta (veterotestamentário) Jeremias, conceitua Weber (2019, p. 362): “[...] um falso profeta é aquele que desrespeita a lei de Iahweh e não se esforça no sentido de conduzir o povo a Deus”.

O profeta é conduzido pelo “Senhor” para enxergar e denunciar a corrupção do e no Congresso. Para isso, faz uma oração em seu gabinete pedindo um sinal a fim de que atores políticos corruptos sejam retirados de seus mandatos. Após a oração Daciolo *desce* para o plenário, abre a boca e verbaliza. O movimento cênico apresentado em seu discurso é de um profeta que desce como que de um monte sagrado e segue para o local de “batalha espiritual”,

³⁷⁴ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

como já classificou em outra oportunidade. Ser conduzido “primeiro à solitude” (prisão, monte, gabinete) é uma das características do profeta (WEBER, 2019, p. 338). “Abrir a boca” e “verbalizar” são termos sinônimos de “profetizar”. A profecia é contra os sujeitos políticos que não fazem “algo concreto pra Deus”. Realizar “algo de concreto pra Deus” tem relação direta, de acordo com sua teologia, de cuidar de “órfãos e viúvas”, ou seja, o povo brasileiro que sofre e carece de libertação através de um emissário sagrado.

A profecia precisa se cumprir para que o emissário tenha garantida sua palavra. Por isso, garante sua própria saída como deputado caso não se cumprisse a sentença. A oração ocorreu em seu segundo ano de mandato, ou seja, em 2015. O nome citado nesta transcrição foi da ex-presidente Dilma, que sofreu *impeachment* um ano depois – e que nainterpretação de Daciolo foi “Deus [que] fez acontecer”. O objetivo de creditar a Deus esse movimento de “saída” de políticos é, certamente, demonstrar a eficácia de sua oração, de que as palavras do profeta são plenamente confiáveis. Com isso, Daciolo vai amarrando seu discurso para a campanha de 2018. As palavras do profeta não são meras promessas.

3º momento: Atualização da profecia

Sobre o episódio relacionado à proposição da cura da deputada Mara Gabrilli, Daciolo expressou a necessidade de “verbalizar”, de dar seu testemunho. Como me disse:

Conclusão: eu, meu irmão, tô cansado da *mesmice da Palavra*. Eu tô cansado de crente pregando pra crente. Eu tô cansado. *Eu não sou isso*. Sabe, meu irmão, *eu creio e já vi sinais e maravilhas*. Eu já vi curas que só quem explica essas curas são [sic]Deus. *E eu creio na cura da senadora hoje*. Eu creio *naquele momento*, eu creio verdadeiramente que *Deus vai curar* aquela mulher, *vai colocá-la* em pé. E... aquela mulher, ela aceitou Jesus. Antes daquele momento, eu tive com ela, ela aceitou Jesus, antes daquele dia. Eu dei uma bíblia pra ela, já tínhamos vivido algo e, pra mim, particularmente, *eu profetizei a cura dela*. E eu creio que *Deus vai colocá-la em pé*, eu creio que *aquela mulher vai andar*, eu creio nisso. E eu creio porque *a Palavra sem testemunho ela é só uma palavra*. O *testemunho é que faz a grande transformação*. Então, foi um grande desafio poder falar aquilo pra ela na frente de todos. O meu desejo era que Deus colocasse a mão nela *naquele dia* e ela levantasse naquele dia e ela sáisse andando porque muitos viriam pra Jesus ali. *Aquilo ali seria algo incontestável*. Mas o tempo não é o tempo do Daciolo, *é o tempo de Deus*. A verdade... eu ficaria frustrado se eu não tivesse verbalizado. Eu teria me sentido fraco de não ter colocado e de nem ter tentado. Entendeu? Ali, eu simplesmente abri minha boca e deixei claro algo pra ela em Deus, que pra mim é o que vale mais: é poder passar, e não só passar... porque imagina se eu não tivesse tentado, a frustração que estava no meu coração? Eu não saberia o resultado. E eu ia falar: “pô, você nem tentou; como é que você...?” Entendeu? (informação verbal, grifos meus)³⁷⁵.

³⁷⁵ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

Neste penúltimo trecho, a expressão “eu creio” aparece 8 vezes. “Eu creio.” A exigência da fé “[...] é consoante à natureza da inspiração profética e à sua interpretação. A voz divina é o que eles escutam, e esta, a princípio, exige dos mesmos [...] tão somente fé” (WEBER, 2019, p. 366). E conclui o sociólogo alemão, “Afinal, o profeta tinha de reivindicar fé em si próprio” (Ibidem).

Aqui também ocorrerá o que Weber (2019) chamará de “atualização da profecia”. E por que Daciolo precisará atualizá-la? Porque a cura da deputada Mara como sinal não ocorreu conforme havia sido anunciada. Neste contexto, ou o profeta perde completamente seu carisma ou atualiza sua profecia para não o perder. Embora crescesse na cura “naquele tempo”, o que ocorre é que o tempo verbal utilizado pelo profeta passa a ser o futuro: “Deus vai curar aquela mulher”, “[Deus] vai colocá-la em pé”, “aquela mulher vai andar”. Tudo isso precisaria de uma justificativa: o “tempo não é o tempo do Daciolo, *é o tempo de Deus*”.

“Eu profetizei a cura dela”. A declaração permanece sustentada por causa da atualização. Lançando-a para o futuro, o profeta busca garantir seu carisma. Quando diz “aquilo ali seria algo *incontestável*” não se refere apenas à cura em si, mas ao sinal para as eleições, pois considera que o “testemunho” referenda a palavra. Que palavra? A palavra do profeta que fora recebida através de revelação sagrada. A concretização dessa palavra seria, em sua percepção, “algo *incontestável*” de que ele era *o escolhido* da divindade.

Quanto a este momento, é importante que atentemos para o fato de que o reconhecimento do carisma na democracia se dá por meio das eleições. Em outros termos:

No carisma em seu tipo puro, a legitimidade de um líder é consequência do reconhecimento de sua autoridade por parte dos adeptos. Na legitimidade democrática, no entanto, há uma inversão: o reconhecimento é “considerado fundamento, em vez de consequência, da legitimidade”. *O reconhecimento é, no caso, a própria eleição. Trata-se de uma graça imanente concedida ao líder pelos dominados* (LAUREANO, 2020, p. 185, grifo meu).

Afirmção que seria suficiente para desconsiderarmos toda a argumentação sobre a atualização da profecia feita por Daciolo. Contudo, Laureano (2020) não discute efetivamente o fator da dominação carismática em seu viés religioso. A teoria discutida pelo autor seria adequada para a análise da trajetória de Daciolo durante as eleições de 2014. De que maneira nosso personagem responderia a essa questão no pleito de 2018? Este é o cerne: quando a profecia não se concretiza, o papel do profeta é *reinterpretá-la* a fim de não ser descredenciado (WEBER, 2019).

Não poucas vezes Daciolo anunciou que Deus o havia escolhido para ser presidente da República e que venceria já no primeiro turno: “Não terá segundo turno, serei eleito com

51% dos votos para honra e glória do Senhor Jesus”³⁷⁶. Ele aponta que uma das razões que não o levou à vitória foi a fraude nas urnas eletrônicas. Em nossa entrevista, afirmou que “[...] existe fraude nas urnas eletrônicas na nossa nação. Isso é um fato. O povo acha que está votando, pensa que está escolhendo alguém. Não, não está escolhendo” (informação verbal)³⁷⁷. Questionei se Deus havia permitido ou escolhido Messias Bolsonaro em seu lugar e, prontamente, explicou-me: “Meu irmão, Deus autoriza” (informação verbal)³⁷⁸. E continua ressignificando o personagem opressor da bíblia, tal como fez com o governador Sérgio Cabral:

Nabucodonosor se torna grande rei, governante de toda a nação e ele coloca todo mundo sob a sua jurisdição *com a autorização de Deus*. Você vai ver que ele vai falar na bíblia “meu servo Nabucodonosor”. Chamou um povo do norte e ele trata com quem? Com o povo de Israel. Então, Deus traz os seus para dar a disciplina aos seus filhos. Tamanho o amor de Deus. Tamanha a grandeza de Deus. Deus disciplina a quem ele ama. *Se nós estamos vivendo esse momento, é a autorização de Deus*. Agora, como é que transforma, como é que passa esse momento? Todas as vezes que o povo clamou ao Senhor, Deus para, ouve e responde. Leva o povo a clamar e você vai ver o que acontece (informação verbal)³⁷⁹.

Durante seu percurso, Daciolo se coloca como mediador para levar “o povo a clamar”. Ele seria, portanto, o profeta-emissário-político plenamente capaz para conduzir o povo para fora da opressão. A teologia que apresenta é dúbia, pois a força do mal que antes aparecia em seus discursos no plenário da Câmara como responsável em oprimir o povo se utilizando de instituições e atores políticos, agora, conforme transcrição acima, é Deus que surge como aquele que tem como ferramenta um governo tirânico para “disciplinar” o povo. Esse tipo de construção teológica é complexo e não cabe uma análise específica sobre seu teor na presente pesquisa, todavia, no campo da sociologia política, torna-se importante registrar que essas interpretações sobre quem é responsabilizado (ora diabo, ora Deus) indicam que o profeta se vê como protagonista em relação à leitura ideal do campo político-religioso. Ninguém, além do profeta, estaria apto para “poder influenciar as decisões” da divindade (WEBER, 2019, p. 344).

E como se sustentar como “o escolhido” se a profecia em relação às eleições falhou? Daciolo não retorna à profecia feita naquele seu discurso do dia 11 de julho de 2018, mas, a reforça para o futuro: “[...] eu profetizei e continuo dizendo: *vou ser*, meu irmão, para honra e glória do Senhor Jesus. *No futuro eu vou ser* o presidente da república. Agora, o tempo é de

³⁷⁶ Discurso realizado na Câmara dos Deputados em 17 de novembro de 2016; sessão nº 296.2.55.O; fase: CP.

³⁷⁷ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

³⁷⁸ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

³⁷⁹ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

Deus” (informação verbal, grifos meus)³⁸⁰. Weber (2019), assim como fez Lindholm (1993) na leitura do sujeito carismático, já havia considerado que o profeta tende a reconsiderar no tempo sua profecia ao perceber que não se concretizou no período determinado. O objetivo dessa atualização da profecia é para que o profeta não perca sua legitimidade diante de seu ofício.

4º momento: O sinal como legitimação da campanha e crítica ao Congresso

Durante a entrevista, ao falar de sua campanha como candidato à Presidência da República para as eleições de 2018, Daciolo expressou seu descontentamento com o cargo de deputado federal, e afirma ser o Congresso um dos problemas da nação. Em suas palavras:

*Assim foi a campanha a presidencial. Em determinado momento, eu vi que para mim [sic] ser deputado... não queria mais ser deputado. Falei: pra que eu vou ser deputado? Isso aqui é uma mentira, pô. Um dos grandes problemas da nação é o próprio Congresso (informação verbal, grifo meu)*³⁸¹.

“Assim foi a campanha a presidencial”. Assim como? Com base no testemunho de suas manifestações, orações e resultados. Como deputado federal se viu impotente, desejou realizar sua missão no executivo do país e buscou demonstrar – utilizando nesta resposta 46 vezes o pronome *eu* – sua figura como única capaz de interpretar a vontade de Deus e exercê-la na esfera política para fazer “algo concreto” aos “órfãos e viúvas”. Embora o sinal em relação à cura da deputada Mara não tenha ocorrido, Daciolo lança mão de outra ocasião (3º momento) a fim de fornecer aos seus ouvintes exemplos que o consagrem como candidato ideal.

Mais uma vez Daciolo critica o Congresso apontando suas ações não condizentes: “Isso aqui é uma mentira [...] Um dos grandes problemas da nação é o próprio Congresso”. Três questões podem ser sublinhadas nesta declaração. A primeira é que os parlamentares não representariam o povo adequadamente em suas demandas sociais. A segunda aponta para as constantes afirmações de que o Congresso é um local de “batalhas espirituais” onde um inimigo sobrenatural estaria conduzindo agentes políticos para agirem “contra o povo”. E, terceiro, a insuficiência de quaisquer parlamentares que poderiam surgir como candidatos e adversários de Daciolo.

Através do último discurso de Daciolo no plenário e me baseando nos autores supracitados, foi possível observar que o uso de termos religiosos pelo profeta-emissário tinha

³⁸⁰ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

³⁸¹ Entrevista concedida por Cabo Daciolo, em 3 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

uma finalidade: fazer com que os incrédulos confiassem no oráculo sagrado. Ou seja, que Deus havia escolhido seu “filho”, Daciolo, para a presidência da República. Nessa profecia, a cura da deputada seria um sinal. Como já dissemos, o cabo não retornou *vitioso* de seu intento de cura. Segundo a deputada Mara, nem mesmo tentou andar “para ver se o milagre ia acontecer” (BERALDO, 2018, n. p.), mas que entendeu como um sentimento religioso do deputado e que já estava habituada a ouvir certas declarações. Ora, se isso já havia ocorrido com a deputada, não é exclusividade do cabo Daciolo sua posição de “intermediário” entre o mundo e Deus, o que nos possibilita problematizar sua postura como tendo interesse político.

Na conjuntura da sociologia aqui empregada, o último discurso do cabo Daciolo revela a escatologia da figura profética (WEBER, 2019, p. 369). A cura da deputada Mara não carrega em si apenas a ideia de legitimação da persona, mas, também simbolizaria traços de um governo de bem-estar. O Deus que “cura, salva e liberta” afastaria, por meio de seu escolhido, o caos e a desgraça do meio de seu povo.

4.5 Da dominação carismático-religiosa: uma sociologia do personalismo

O objetivo nesta última seção não é ser tautológico, mas sistematizar os principais argumentos que pude desenvolver no campo a que me refiro: uma sociologia do personalismo como subtipo da dominação carismática em sua face religiosa. Após apresentar os efeitos colaterais diante de uma metamorfose no setor da representação política, entender como a trajetória do cabo Daciolo estruturou em seus discursos e ações – tanto como líder do movimento SOS Bombeiros quanto como deputado federal e presidenciável – elementos que permitiram classificá-lo como *profeta-emissário-político*. Sua trajetória nos permite elencar categorias que ajudam iniciar a construção de um *projeto/conteúdo* para uma sociologia do personalismo político tendo a face religiosa como fator principal da dominação carismática. Em quatro pontos, vejamos como esse processo é possível.

a) *A face da sociologia do personalismo político-religioso reinterpreta, através do profeta-emissário-político, a figura do adversário*

O antagonismo político, tal como Mouffe se refere, é uma realidade no campo da política. Também não é novidade que as figuras messiânicas e proféticas têm no adversário, político ou religioso, a imagem de alguém possuído por uma entidade maligna ou influenciado por esta (PEREIRA DE QUEIROZ, 1977; ALPHANDÉRY, 1911; WEBER,

1966, 2019). Todavia, o que a presente pesquisa traz como contribuição neste aspecto parte da observação sobre um sujeito carismático engajado na política profissional que faz de seu discurso uma forma não apenas de denunciar as opressões do “mal”, mas que também se apresentar como único capaz de vencê-lo. E isso se daria na forma de eleições.

Por outro lado, também é comum que no plano teórico acerca do personalismo político haja um personagem carismático cuja maneira de se expressar busque o destaque acima de quaisquer estatutos partidários que lhe possam sugerir uma diretriz de campanha, bem como sobre adversários que lutam por êxito no pleito. A tese aqui trabalhada busca ir além dessa percepção mais comum. O que está em pauta não é outra coisa senão a *personalização do poder*. Portanto, não se trata apenas da vitória nas eleições, mas de como esse jogo é construído e de que maneira uma teodiceia é apresentada para os eleitores. Eis as questões que foram debatidas: Que tipo de poder seria capaz de interpretar corretamente os problemas institucionais e atender devidamente às demandas sociais de uma nação? Que tipo de poder teria autoridade contra um “mal sobrenatural” que assola o país e usa seus políticos como fantoches? Ora, se o verdadeiro oponente é invisível, a força para combatê-lo deve ser – em termos weberianos – inabitual, extraordinária.

O antagonismo político, expressado pela relação “Nós” *versus* “Eles”, é alterado no projeto de personalismo para a relação “Eu” *versus* “Eles”. O sujeito (*Eu*), como profeta-emissário-político, não pode expressar-se como *Nós*, pois isso retiraria dele o perfil de “escolhido” de Deus para realização de uma missão. O *Eu* representa o verdadeiro e o *Eles*, enquanto adversários, são os falsos. Todavia, não apenas falsos. São, na interpretação do “escolhido”, *falsos profetas*. O adversário político é exclusivamente classificado dentro do espectro religioso, construído durante a teodiceia do sujeito carismático.

Assim, os falsos políticos são falsos profetas. Seus discursos e promessas são eivados de inverdades e opressão. E, por serem assim identificados, não podem ocupar altos cargos políticos, não são dignos de confiança e nem páreos. São os que seduzem e enganam o povo com suas artimanhas. Essa estratégia lança cada vez mais luz sobre o “profeta verdadeiro”.

Tal interpretação pode ser notada quando o profeta emissário ressignifica ambientes e personagens bíblicos. Por exemplo: o Congresso Nacional se torna um ambiente de “guerras espirituais” e os parlamentares instrumentos de um mal sobrenatural. Quem seria capaz de vencer essa batalha? Tão somente o profeta, predestinado por Deus. Essa é uma das formas de carisma racionalizante no que se refere à interpretação do adversário político.

No entanto, na teodiceia do profeta-emissário-político, a figura do adversário não é para ser combatida diretamente, pois são meros fantoches. Com isso, ele constrói para os

eleitores uma imagem dos adversários carregada por símbolos e valores teológicos, buscando desqualificá-los. Ou seja, com essa maneira de proceder, busca retirar deles a possibilidade de competir de igual para igual. Não são inimigos diretos, são instrumentos de um mal sobrenatural. Dentro desse jogo, só o profeta-emissário-político é capaz de vencê-los e conduzir o povo a um bem-estar social.

b) A face da sociologia do personalismo político-religioso requer uma operacionalização da magia

O profeta-emissário-político tende a “esvaziar” os elementos religiosos na política. De que forma? Conduzindo ambas as esferas como uma só. Para ele, o livro sagrado não “fala de religião”, mas traduz o real sentido do ser político: assistir aos desfavorecidos, isto é, os “órfãos” e “viúvas”. Essa elaboração discursiva busca organizar um quadro de percepção singular para eleitores/público, apelando para a imagem de um único ser capaz de interpretar a vontade divina e conduzir o povo, legalmente, para a libertação. Tal racionalização é articulada justamente no contexto de diferentes esferas e ordens sociais.

O profeta-emissário-político tende a (re)considerar a magia no plano secular buscando esvaziá-la de seu conteúdo religioso e apontando para o seu significado mais amplo: o sinal através da magia representa a exclusividade que o profeta tem diante de Deus. Seria o uso da magia como forma de alcançar determinados objetivos políticos. Inicialmente esse fenômeno seria aceito por um grupo que tem a crença religiosa como elemento fundamental em suas relações. Todavia, a intenção é que os que não fazem parte dessa “crença” (os incrédulos) sejam alcançados quando afrontados pela interpretação desse sinal e se submetam aos argumentos de quem exerceu o poder sobrenatural.

No quadro de uma sociologia do personalismo como tenho enunciado, esses argumentos do indivíduo carismático se desenvolvem exclusivamente na esfera política visando as eleições. Todavia, quando o fenômeno anunciado não pode ser apresentado, isto é, não se materializa, o profeta-emissário-político, a fim de não perder seu carisma, ressignifica a profecia no tempo. Essa é uma estratégia para se manter no cenário e não ser deslegitimado. As eleições podem ser uma forma de perceber a vitória (reconhecimento e consolidação) do carisma, contudo, não são a única se levarmos em consideração essa figura que tenho descrito. Há uma hermenêutica peculiar em que há explicações tanto para a vitória quanto para uma aparente derrota. Em termos gerais, o carisma não pode ser mensurado apenas em eventos (como nas eleições ou em anúncios de curas frustrados) e em número de seguidores (eleitores),

mas também através da observação de como o sujeito se mantém na esfera pública – as redes sociais, por exemplo, podem se configurar como ambiente para essa continuidade (cf. CASTELLS, 2001) – exercendo as tarefas características de um profeta emissário que, ao observar as crises de seu tempo, é influenciado pelos efeitos colaterais que lhe forjam reações.

c) A face da sociologia do personalismo político-religioso mantém aspectos conservadores (comportamento e moral), mas também avança para pautas progressistas

O paradoxo acerca desse tema já havia sido percebido por Boltanski e Chiapello (2009). É comum determinados religiosos (na política ou não) adotarem uma postura mais “conservadora”, quando se fala de comportamento social e “progressista”, quando se trata de demandas associadas a determinados *grupos minoritários*. Como a teodiceia do profeta-emissário-político é criada a partir de elementos dogmáticos institucionalizados – embora não seja filiado a nenhuma denominação religiosa e possa ser compreendido como aquele que busca autonomia diante dessas instituições. Sua retórica utiliza dispositivos alinhados à teologia sistematizada encontrada em grande parte das igrejas evangélicas (pentecostais ou não).

Família, gênero, aborto, sexo, bebida alcoólica, dentre outras discussões afins, perpassam os temas da moral e de comportamento alimentados por líderes religiosos nos púlpitos de suas igrejas e também por atores políticos quando estes querem se aproximar desse grupo de eleitores. Neste caso, levando em consideração o perfil do sujeito carismático, o campo de representação em metamorfose parece não ter sofrido outros tipos de efeitos quanto a esse tema.

A campanha desse indivíduo carismático pode ser marcada não apenas por discursos religiosos, mas também por rituais, como: “subidas aos montes” e “jejuns” – marcas que demonstram o caráter ascético do profeta emissário, em que o fiel se percebe como instrumento divino. Ainda que faça uso da política profissional para “mudar o mundo”, o profeta busca operar a transformação político-social a partir de ritos religiosos, onde se representa uma ideia de íntima relação com o Deus que, assim se crê, revela sua soberana vontade.

A postura “progressista” do profeta-emissário-político pode ser notada na tentativa de conciliar seus interesses com as pautas defendidas pelo espectro político da esquerda, como: a não legalização do porte de armas, a promoção de programas sociais e educacionais – como por exemplo, o Bolsa Família, o Primeiro Emprego, o Combate à Escravidão, o Fome

Zero, as Cotas Raciais, o SISU, o ProUni, o FIES etc.). Possivelmente, sua desinstitucionalização religiosa aponta para uma leitura mais próxima da realidade social de grande parte dos eleitores (evangélicos ou não).

Grupos marginalizados são acompanhados da classificação “órfãos” e “viúvas”. No que esta pesquisa avança quanto à presente característica? Como vimos, na concepção de Daciolo, os grupos marginalizados são compostos, sobretudo, por pessoas economicamente desfavorecidas e não inclui movimentos como o LGBTQIA+. Isso é explicado pelo fato de o profeta surgir diante da opressão econômica e social (movimento SOS Bombeiros), e não de alguma manifestação relacionada às “questões de gênero”. Outro ponto, a face da sociologia do personalismo, nos termos que tenho empreendido, carrega uma forte tendência a criar dificuldades com partidos de esquerda não por causa da luta social, dos movimentos por melhorias salariais e de trabalho, mas, pelo demasiado uso do discurso confessional do profeta. Partidos de esquerda demonstram profundas restrições quanto a isso, ainda que o ator político consiga representar uma considerável parcela de eleitores que se identifica com aquela fé.

d) A face da sociologia do personalismo político-religioso passa, impreterivelmente, pela figura do profeta-emissário-político

O sacerdote não permite uma análise dentro do aspecto de personalismo. Ele depende inteiramente de instituições e estatutos que promovam sua campanha e imagem. Esse é um dado teórico e já extensamente discutido na literatura. Nesta tese, trata-se de um político que se mantém filiado a um determinado partido, submisso ao seu estatuto e em ligação direta com igrejas a fim de receber apoio. O que rege sua campanha e seus discursos passa diretamente pelas diretrizes de seu partido e pelas pautas defendidas por igrejas conservadoras. Embora a filiação a um partido seja obrigatória para se candidatar, a vinculação a ele durante o mandato não é obrigatória.

Foi o que ocorreu com Daciolo em seu mandato como deputado e com Messias Bolsonaro, enquanto presidente da República – ainda que este não seja um sacerdote ou outro líder religioso consagrado por meio de ordenação e/ou rito que se assemelhe. Quais seriam as diferenças entre ambos nesse assunto? Embora Daciolo e Bolsonaro tivessem assinado a PEC 0350/2017³⁸² – que busca alterar os Arts. 14 e 77 da Constituição Federal, além de criar o Art.

³⁸² Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1583268>. Acesso em: 24 ago. 2021.

17-A (CFB), visando a apresentação de candidaturas sem filiação partidária –, o segundo tentou organizar o partido Aliança Pelo Brasil (APB) com auxílio de igrejas, para obter o número ideal de assinaturas que viabilizasse seu registro (AGOSTINE, 2020) –, objetivando emplacar sua visão política.

A ideologia da APB, com espectro de extrema direita (BENITES, 2019)³⁸³, trazia como elementos característicos o bolsonarismo, o anticomunismo (NOVO..., 2019), o capitalismo (OLIVEIRA, s. d.), o conservadorismo nacional, religioso e social, o familismo, o militarismo, o minarquismo, o nacionalismo (VARGAS, 2019), o populismo (DELGADO; FREITAS, 2019). Messias pode ser descrito dentro do modelo de populismo carismático – subtipo da dominação carismática (SELL, 2013a). Além disso, Messias se aproxima mais do que Rosanvallon (2021) descreveu sobre o populismo. Como escreveu o historiador francês:

As vitórias do populismo são também o sinal do esgotamento dos projetos progressistas. Globalmente, eles são, antes de tudo, a expressão do fim de um longo ciclo ideológico e político. Tudo isso, combinado com o talento dos líderes carismáticos que se apresentam como personalidades novas, explica os sucessos eleitorais. Mas os populistas podem também perder em seguida as eleições, pois suas promessas de renovação não são cumpridas (ROSANVALLON, 2021, p. 35).

Por outro lado, o aspecto da desinstitucionalização religiosa, a busca por autonomia na política, levariam o profeta-emissário-profissional a um deslocamento maior, inclinando-se mais para a face do personalismo no sentido dado por Manin (2008), em que o foco recai sobre a personalidade do líder e engendrando como a estratégia a personalização do poder na política – processo que é possível notar em Daciolo através da dominação carismático-religiosa.

Esse personalismo requer independência para julgar a si mesmo e aos outros. Daciolo, como nenhum outro parlamentar durante a 55ª Legislatura, utilizou-se de expressões religiosas no plenário da Câmara. Sua postura carismático-religiosa se ocupou, dentre outras coisas, em destacar sua pessoa no enredo político. Esse distanciamento de estatutos partidários, de outras figuras públicas e de instituições religiosas, permitiu que seus projetos fossem divulgados como *seus*. Nenhum outro os teria feito, pois, trata-se de um conteúdo ofertado pela divindade a um emissário sagrado.

Portanto, essa face do personalismo não absorve atores cujas características se enquadrem na tipologia sacerdotal ou do populismo, conforme trazida por Messias Bolsonaro. Indubitavelmente, é o profeta-emissário-político quem busca estabelecer em si mesmo o

³⁸³ Expresso até mesmo em sua linguagem gráfica. Isto é, inicialmente, a APB tinha como logo uma arte feita de projéteis (munição).

projeto personalista baseado na experiência – sem intermediações institucionais – com o divino. E aqui está uma contribuição desta tese para o campo da sociologia política: Daciolo amplia o conceito de profeta emissário tal como Weber analisou e conceituou. Isto porque seu caso não se trata apenas de um profeta emissário, cujas características apontam sua crítica aos governos opressores políticos, mas de um profeta *engajado* na política profissional. Assim, o personalismo passa, impreterivelmente, por esta figura carismática: a do profeta-emissário-político.

CONCLUSÃO

Escrever uma tese durante os acontecimentos que envolvem o assunto abordado é um desafio. Este trabalho serve como exemplo. Embora a análise realizada neste campo da sociologia política seja como a arte de um pintor, que cria seu quadro olhando o trem passar, seus observadores, ao contemplarem o movimento dos vagões através da tela do artista, não poderão negar a existência do trem, nem do que o circunda.

A metáfora se torna uma ferramenta importante nesta conclusão. Não seria possível descrever e analisar a figura de cabo Daciolo sem considerar o cenário político-religioso brasileiro com toda a crise institucional e de representação. Esse cenário faz parte desse quadro e o que procurei registrar é um olhar sobre um trem seguindo seu curso, ou seja, a trajetória dinâmica de Daciolo. Tanto o cenário político-religioso quanto a figura do cabo, estão em movimento, em metamorfose. Expende, portanto, os efeitos colaterais e os efeitos-efeitos colaterais aqui discutidos se tornaram um traço característico nessa *tela*. Representam natureza, trilhos e trem diante deste pesquisador que, na estação, toma nota de sua intensidade, sua inconstância, seus caminhos... Seria uma “profecia arriscada” utilizar da sociologia política para afirmar seu destino final. O que temos são pistas desse trajeto.

Tendo em mente as limitações que se impõem à tarefa de retratar uma realidade em intensa transformação, concentrei-me em percorrer os dados oferecidos por institutos de pesquisas e entender, a partir deles, qual Brasil possibilitou (possibilita) o surgimento de atores com perfis capazes de trazer novos e diferentes elementos para a esfera pública. Esses elementos, discutidos em diálogo com a sociologia compreensiva, ajudaram, dentre outros pontos, a refletir como a complexa categoria “povo” tem sido utilizada em diferentes discursos, bem como vem se dando a articulação de um “povo evangélico” que insiste em eleger políticos do mesmo segmento. Esses políticos têm se esforçado mais em garantir em suas pautas a defesa de aspectos morais e de comportamento do que demandas sociais estruturais desses eleitores. E diante dessa incapacidade na crise de representação, surge o profeta emissário na política com suas defesas, denúncias, assertividades e um profundo acento em *si mesmo* no que se refere à salvação da nação.

Ladeando o tema dessa centralização ou personalização está a chamada *candidatura avulsa*, presente na Câmara dos Deputados desde 2011 – ano em que, como apontamos, intensifica-se uma importante clivagem sobre a crise de representação e do personalismo do poder –, embora já acionada antes de 1945 e encerrada com a Lei Agamenon, atingindo seu nível constitucional em 1988. Trata-se de candidatura independente, sem filiação partidária,

para cargos exclusivamente majoritários. O debate foi para o Supremo Tribunal Federal (STF) em janeiro de 2021, mas não prosseguiu – o que, note-se, não significa a desistência de certos atores políticos sobre essa possibilidade de candidatura, como o próprio cabo Daciolo e Messias Bolsonaro. A candidatura avulsa acentuaria o personalismo político que, de certa forma, encontra-se presente, sobretudo, após as eleições de 2018, em que políticos abrem mão de seus partidos para seguirem as pautas que mais se adequem à sua identidade.

Um fator ainda visto como obstáculo quanto a esse modelo é o Fundo Partidário e o Fundo Especial de Financiamento de Campanha que passam, impreterivelmente, por partidos políticos. Contudo, a complexidade dessa esfera é muito grande, uma vez que empresas e até mesmo igrejas também investem diretamente em candidatos que lhes possam ser ‘úteis’ após eleitos.

O “sem partido” seria uma tentativa de “despolitizar” a política porque não haveria um estatuto, uma linha a ser desenhada e cobrada em termos de projeto e ideal. Mesmo assim, esse é um cenário em mutação. Não há garantias, tão somente a existência desse debate e de figuras que despontam ao alimentar tais inclinações. Atuam ligados a instituições e/ou a convicções pessoais. Até aqui, um personalismo do poder. Não é à toa que, embora ninguém possa concorrer eleições sem filiação partidária, não existem regras no Brasil que impossibilitem ou determine tempo para que um político após eleito permaneça desligado de um partido. Essa aparente liberdade torna o tema da personalização ainda mais complexo.

Afinal... podemos ou não falar de uma sociologia do personalismo político como subtipo da dominação carismática em sua face religiosa?

Conforme vimos no início desta tese, as transformações do governo representativo estudadas por Manin apresentam três tipos: (a) governo dos notáveis (parlamentarismo), onde eleitores votavam em candidatos com reputação e prestígio; (b) governo dos partidos de massa, com número expressivo de filiados e militantes e o crescimento de organizações que chegavam ao parlamento, e; (c) governo da democracia de público, em que o eleitor vota no personagem. Este terceiro tipo, que contempla o presente momento de nossa história, ilumina alguns quadros que nesta tese foram abordados, como a expansão dos meios de comunicação que facilitam o contato direto entre o líder (candidato – sujeito carismático) e o eleitorado.

Ou seja, não há mais necessidade de grandes organizações partidárias para que haja elo comunicativo entre o líder e seus seguidores (eleitores), embora, os partidos sejam imprescindíveis em uma democracia representativa. No entanto, o interesse do público está na aptidão do político. Além disso, as funções dos governos se expandiram muito, dificultando a

apresentação de programas mais específicos. Por isso, o foco recai sobre as virtudes, as aptidões pessoais que um ator político possui para governar ou legislar.

Dentro de um complexo campo onde a interação entre governos/nações é cada vez maior, as situações que surgem na sociedade são menos previsíveis. As demandas e as crises se avolumam. Diante das imprevisibilidades, eleitores buscam alguém cuja capacidade traga respostas substantivas. Com essa expectativa criada, novos atores surgem para se adequarem aos novos tempos.

Essas transformações, consideradas como metamorfoses (BECK, 2018) nesta tese, permitiram selecionar três efeitos colaterais, a saber: (a) no setor religioso; (b) nas manifestações/protestos, e; (c) quanto à (re)interpretação do “modelo adversarial” (MOUFFE, 2015) na política. Desses efeitos, havia uma necessidade de apontar questões mais específicas, o que possibilitou a criação do termo efeito-efeito colateral. Isto é, que personagens específicos saíram desses movimentos de (em) metamorfose? Apontar o efeito-efeito colateral é se empenhar justamente em entender o caminho de um projeto personalista na política.

No primeiro caso (setor religioso), encontramos um personagem como efeito-efeito colateral, o pastor Everaldo, cujas características se aproximam de um sacerdote e que, devido à sua ligação direta com instituições eclesiásticas e adequação partidária, manteve-se distante de nossa hipótese inicial. O segundo aspecto (protestos) abriu as portas para analisar o movimento SOS Bombeiros, tendo o cabo Daciolo como líder de maior expressão. Este personagem, um efeito-efeito colateral, mostrou-se diferente do pastor Everaldo, uma vez que sua desinstitucionalização eclesiástica e a tentativa constante de adquirir autonomia frente aos estatutos partidários, tornaram-no um sujeito carismático-religioso peculiar. A outra face dessa metamorfose (modelo adversarial) discutiu uma interpretação acerca do adversário político. Aqui, cabo Daciolo desenvolve uma teodiceia em que parlamentares são classificados como “falsos profetas”, que não apresentam coerência nem representam devidamente o povo. Por outro lado, em época de eleições, candidatos são desqualificados uniformemente e denunciados como os que prejudicam o povo por influência de um mal sobrenatural.

Como outro efeito-efeito colateral da expectativa messiânica inflacionada por parte da igreja evangélica, o então candidato Jair Messias Bolsonaro ganha notoriedade por defender pautas comuns a este segmento. Contudo, de acordo com a delimitação desta tese, o sujeito em questão não manifestaria faces de um projeto de personalismo político, visto que sua atuação percorre mais por um caminho do populismo e seus discursos, bem como os PL's propostos por ele, não consideram o fator religioso como ponto central.

Já a trajetória do cabo Daciolo, personagem categorizado nesta tese como profeta-emissário-político, possibilitou a interpretação de um projeto de personalismo como subtipo da dominação carismática. E por que um projeto? Porque a partir de agora se deve mensurar a dimensão dessa face (estudo de caso) no desdobramento que há de aparecer (ou não) na esfera pública. Como projeto, funciona. Porém, ainda não é possível se categorizar em nível macro, pois, dependeria da efetivação das características em outros personagens. Contudo, pode-se afirmar que esse projeto já possui alguns indicativos. Emface da sociologia do personalismo político-religioso, esse projeto:

- requer uma reinterpretação da figura do adversário;
- requer uma operacionalização da magia;
- mantém aspectos conservadores (comportamento e moral), todavia, avança para pautas progressistas;
- deve ser através da figura de um *profeta-emissário-político*.

Portanto, respondendo à questão que conclui essa tese – é possível falar de uma sociologia do personalismo político como subtipo da dominação carismática em sua face religiosa? – podemos considerar haver um projeto de personalismo, cujo modelo inicial já está presente na atuação pública do personagem carismático cabo Daciolo.

Dito isso, o exercício que faço neste final é elencar caminhos que ainda deverão ser percorridos diante desse projeto de personalismo do poder articulado como subtipo da dominação carismático-religiosa. E por quê? Algumas outras questões precisam ser observadas e investigadas, uma vez que essa metamorfose do governo representativo ainda não ganhou traços definitivos ou, simplesmente, está em processo.

O primeiro ponto é perceber de que maneira a pandemia causada pela Covid-19 estabeleceu novos rumos, fazendo com que atores carismáticos aprimorassem suas interpretações acerca do campo político. Certamente, as esferas da economia, da saúde, da própria religião, oferecem indícios importantes considerando as implicações desses campos com a política brasileira.

O segundo ponto é observar a relação dos partidos de esquerda com os atores carismáticos que se enquadram na classificação de profeta-emissário-político. De que maneira esses partidos vão se aprimorar nesse processo de metamorfose, em que a figura da persona é mais visível do que o projeto partidário? Este é um caso importante, uma vez que está em jogo a relação de um Estado laico com a preocupação em ocupar o maior número de cadeiras

no Legislativo. Ou seja, os partidos de esquerda poderão desenvolver campanhas focadas em sujeitos com características progressistas, surgidos em movimentos ou algo que se assemelhe, contudo, terão de criar outros caminhos – que não a exoneração desses mesmos do partido – a fim de dar respostas quando fizerem defesas conservadoras sobre pautas morais e comportamentais.

O terceiro são as eleições que ocorrerão (?) em 2022. Nesse contexto, acompanhar os desdobramentos dos fatos tratados nesta tese durante o ano eleitoral que se aproxima, talvez seja uma das principais tarefas de continuidade da investigação desse projeto de personalização. Isto é, atentar-se não apenas para as candidaturas ao Palácio do Planalto que – de acordo com o terceiro momento da democracia representativa situada por Manin – sinalizam nomes como Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Jair Messias Bolsonaro (sem partido), Ciro Gomes (PDT), João Dória (PSDB), mas também ficar vigilante quanto ao quadro mais amplo da disputa eleitoral para o Legislativo, que poderá concentrar figuras carismáticas de diversas denominações cristãs e que teriam condições de dar continuidade ao processo de personalização, tal como concebido nesta tese.

Quanto à disputa pelo poder Executivo, Ciro Daciolo foi lançado como pré-candidato pelo Partido Brasil 35, todavia, após o evento que envolveu a Polícia Federal e Ciro Gomes, em que não se confirmou irregularidades na obra do estádio Arena Castelão (Ceará) para a Copa do Mundo em 2014, Daciolo abriu mão de sua candidatura, anunciando seu apoio ao candidato do PDT. Afirmou que sua decisão se tratava de um direcionamento do Espírito. Fato que gerou desconforto no Partido Brasil 35, impossibilitando de lançar o profeta-emissário-político como candidato pela sigla, inclusive, como governador do estado.

Essa decisão reafirma o quanto Daciolo busca não se submeter totalmente aos estatutos partidários, em favor de uma “direção do Espírito”, como um profeta emissário. A história que envolve sua não candidatura para o pleito eleitoral de 2022 merece uma interpretação à parte. Porém, devido ao espaço desta conclusão e por entender ser esse esforço objeto de outra investigação, é importante sinalizar que essa é outra porta boa para se continuar pensando, em face dessa sociologia do personalismo, sobre a relação do profeta emissário na ampla esfera da política.

Portanto, tais surpresas não configuram descrédito em sua trajetória, nem mesmo, caso fosse candidato a algum cargo público e obtivesse resultado abaixo do esperado nas eleições. Entendo que esses cenários não nos permitem interpretá-lo como um completo “fracasso”, nem o perceber como um personagem irrelevante no escopo da sociologia política que aqui exercitamos. Aliás, pela ótica da sociologia compreensiva, a sentença de sucesso ou

fracasso é registrada pela convicção do sujeito pesquisado. Até porque, como o caso de Daciolo é um exemplo, o profeta-emissário-político éaquele que, independentemente do resultado, sempre terá o que proclamar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Tropas em greve: militarismo e democratização no ciclo de protestos dos policiais militares brasileiros. **Saeculum**, v. 24, p. 105-122, 2011.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. **Tropas em protesto**: o ciclo de movimentos reivindicatórios dos policiais militares brasileiros no ano de 1997. 2010. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 38, n. 1, p. 185-2013, 2019.

ALONSO, Leandro Seawright. Entre Deus, Diabo e Dilma: as narrativas evangélicas fundamentalistas nas eleições 2010. **Estudos de Religião**, v. 27, n. 1, p. 202-208, 2013.

ALPHANDÉRY, Paul. Notes sur le Messianisme médiéval latin (XIe-XIIe siècles). In: _____. **École pratique des hautes études**, Section des sciences religieuses. Rapport sommaire sur les conférences de l'exercice 1911-1912 et le programme des conférences pour l'exercice 1912-1913, 1911, p. 1-29.

ANSART, Pierre. **Les sociologies contemporaines**. Paris: Seuil, 1990.

ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL [ABERJE]. Brasileiro está mais confiante nas instituições, diz ICS do Ibope Inteligência. **Associação Brasileira de Comunicação Empresarial**, 12 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.aberje.com.br/brasileiro-esta-mais-confiante-nas-instituicoes-diz-ics-do-ibope-inteligencia/>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

AUERBACH, Carl F.; SILVERSTEIN, Louise B. **Qualitative data**: An Introduction to Coding and Analysis. New York/London: New York University Press, 2003.

AVRITZER, Leonardo. O pêndulo da democracia: uma análise da crise de 2013-2018. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v.37, n.2, p. 273-289, 2018.

AVRITZER, Leonardo. **Participatory institutions in democratic Brazil**. Washington: Woodrow Wilson Center, Baltimore: John Hopkins University, 2009.

BAQUERO, Marcello. **A vulnerabilidade dos partidos políticos e a crise da democracia na América Latina**. Porto Alegre: UFRS, 2000.

BECK, Ulrich. **A metamorfose do mundo**: novos conceitos para uma nova realidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BECK, Ulrich. **El Dios personal**. La individualización de la religión y el “espíritu” del cosmopolitismo. México: Paidós, 2009.

BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Ed. Vozes, 2017.

BERQUÓ, Elza. Os corpos silenciados. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 3, p. 46-49, 1982.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BONAZZI, Tiziano. Conservadorismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**, v. 1. 11 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 242-246.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, Pierre. The Political Field, the Social Science Field and the Journalistic Field. In: BENSON, Rodney; NEVEU, Erik (orgs.). **Bourdieu and the Journalistic Field**. Cambridge: Polity, 2005.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. v. 62-63, p. 69-72, 1986.

BOURDIEU, Pierre. La représentation politique: éléments pour une théorie du champ politique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 36-7, p. 3-24, 1981.

BRAGA, Sérgio; BECHER, André. Personalização da política e novas tecnologias: balanço do debate e evidências sobre o Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36, 2012, Caxambu. **Anais** [...]. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-36-encontro/gt-2/gt01-2/7835-personalizacao-da-politica-e-novas-tecnologias-balanco-do-debate-e-evidencias-sobre-o-brasil/file>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 17 fev. 2022.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Proposta de Emenda à Constituição nº 12, de 25 de março de 2015**. Altera a redação do parágrafo único do art. 1º da Constituição Federal, para declarar que todo o poder emana de Deus. 2015a. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1313782&filena me=PEC+12/2015>. Acesso em: 12 fev. 2022.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 2234, de 6 de julho de 2015b**. Acresce o art. 171-A ao Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal) para tipificar como estelionato promessas de candidatos a cargos eletivos, na esfera do Poder Público, feitas por qualquer meio no período de campanha eleitoral e que não venham a ser cumpridas

durante o mandato Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/1553982>>. Acesso em: 7 mai. 2020.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Proposta de Emenda à Constituição nº 300, de 4 de novembro de 2008**. Portal da Câmara dos Deputados, Brasília, DF, 4 de nov. 2008. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=node0q1tgv0t5w7mcrm47s3yw63vn3316369.node0?codteor=610200&filename=PEC+300/2008>. Acesso em 15 de jun. de 2018.

BRAUD, Philippe. **Sociologie Politique**. Paris: L.G.D.J., 1994.

BURITY, J. e MACHADO, M. D. C. (Orgs.). **Evangélicos, política e eleições**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006.

BURITY, Joanildo. A Cena da Religião Pública: Contingência, Dispersão e Dinâmica Relacional. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 34, n. 102, p. 93-109, 2015.

BURITY, Joanildo. ¿Ola conservadora y surgimiento de la nueva derecha cristiana brasileña? La coyuntura postimpeachment en Brasil. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Campinas, v. 22, p. 1-24, 2020b.

BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo (orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 15-66.

BURITY, Joanildo. Prólogo. In: PANOTTO, Nicolás. **Religiões, política e Estado laico: novas abordagens para o contexto latino-americano**. São Paulo: Recriar, 2020a.

BURITY, Joanildo. **Cultura e Identidade no campo religioso**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BURITY, Joanildo. Religião e Política na Fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 4, p. 27-45, 2001.

CAIN, Bruce; FEREJOHN, John; FIORINA, Morris. **The Personal Vote: Constituency Service and Electoral Independence**. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: Observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 100-115, 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira. O complicado “Governo dos justos”: avanços e retrocessos no número de deputados federais evangélicos eleitos em 2006 e 2010. **Debates do NER**, n. 18, p. 39-82, 2010.

CAMURÇA, Marcelo. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da Religião: enfoques teóricos**. 4 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011, p. 249-267.

CAMURÇA, Marcelo. O debate conceitual sobre religiões “cívica”, “civil” e “pública” proposto por Paula Montero e uma remissão para o caso do Brasil a partir de reflexões anteriores da autora. **Debates do NER**, v.1, n. 33, p. 42-57, 2018.

CAMURÇA, Marcelo. Religião, política e espaço público no Brasil: perspectiva histórico/sociológica e a conjuntura das eleições presidenciais de 2018. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 2, n. 25, p. 125-159, 2019.

CAMURÇA, Marcelo. Religião, política e laicidade no Brasil atual (2014-2019). In:LELLIS, N.; RODRIGUES, D. (orgs). **Religião e política: o contexto da lusofonia**. São Paulo: Ed. Recriar, 2020, p. 193-212.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **O cadete e o capitão: a vida de Jair Bolsonaro no quartel**. São Paulo: Ed. Todavia, 2019.

CARVALHO, Nelson Rojas; SANTOS Jr., Orlando Alves dos. Bolsonaro and the Inequalities of Geographical Development in Brazil. **Journal of Latin American Geography**, v.18, n.1, p. 198-202, 2019.

CASANOVA, José. **Public Religions in the Modern World**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CASARA, Rubens R.R. **Bolsonaro: o mito e o sintoma**. São Paulo: Ed. Contracorrente, 2020.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.2v.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHACON, Vamireh. **Deus é brasileiro: o imaginário do messianismo político no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. O discurso propagandista: uma tipologia. In:MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato. **Análises do Discurso Hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), 2010, p. 57-78.3 v.

CHEVITARESE, André Leonardo (org.). **O campesinato na história**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

CHIAVENATO, Júlio José. **As lutas do povo brasileiro: do “descobrimento” a Canudos**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2004.

CONNOLLY, William E. **A World of Becoming**. Durham and London: Duke University, 2011.

COSTA, Ana Maria et al. Saúde no poder legislativo: objeto, investigação e tendências. In: TEIXEIRA, Carmen Fontes (org.). **Observatório de análise política em saúde**: abordagens e investigações. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 113-158.

COSTA, Frederico Lustosa da. A agenda bolsonarista nas políticas públicas. In: MONTEIRO, Geraldo Tadeu; TEIXEIRA, Carlos Sávio (orgs). **Bolsonarismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2020, p. 139-161.

COSTA, Patrícia Claudia da. Ilusão biográfica: a polêmica sobre o valor das histórias de vida na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 51-71, 2015.

CUNHA, Magali do Nascimento. Religião e política no Brasil nas primeiras décadas dos anos 2000: o protagonismo dos evangélicos. **Fronteiras**, Recife, v. 3, n. 1, p. 40-65, 2020.

CUNHA, Magali do Nascimento. Religião na esfera pública: a tríade mídia, Mercado e política e a reconstrução da imagem dos evangélicos. In: REBLIN, Iuri Andréas; SINER, Rudolf von (orgs). **Religião e Sociedade**: desafios contemporâneos. São Leopoldo: Sonodal/EST, 2012.

DAVIE, Grace. **Religion in Britain Since 1945**: believing without belonging. Nova Jersey: Wiley, 1994.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. **A thousand plateaus**: Capitalism and schizophrenia. Minneapolis y Londres: University of Minnesota, 2003.

DELLA PORTA, Donatella; DIANI, Mario. **Social movements**: An introduction. Oxford: Blackwell, 2006.

DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (orgs.). **A onda conservadora**: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

DENOMINAÇÃO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/denomina%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. 3ed. São Paulo: Paulus, 2008.

DUTRA, Roberto. A Universalidade da Condição Secular. **Religião & Sociedade**, v. 36, n.1, p. 151-174, 2016.

DUTRA, Roberto. Crise programática, moralização da política e bolsonarismo. In: MONTEIRO, Geraldo Tadeu; TEIXEIRA, Carlos Sávio (orgs). **Bolsonarismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2020, p. 261-308.

DUTRA, Roberto. Socialização Religiosa, Intersubjetividade e Aprendizado Político: Esboço de Interpretação Sociológica do Pentecostalismo no Brasil. In: SOUZA, Jessé. (Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 197-239.

DUTRA, Roberto. O neopentecostalismo e o novo espírito do capitalismo na modernidade periférica. **Perspectivas**, v.32, p. 85-125, 2007.

EISEN, Arnold. The meanings and confusions of Weberian “rationality”. **British Journal of Sociology**, v. 29, n. 1, p. 57-70, 1978.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de Corte**: investigação sobre a sociologia da realiza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: Sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FARIAS DA SILVA, Camila; KUNRATH SILVA, Marcelo. “Se a passagem não baixar, a cidade vai parar”: transformações nas manifestações públicas de demandas relacionadas ao transporte coletivo na cidade de Porto Alegre, 1970-2013. In: MARX, Vanessa; COSTA, Marco Aurélio. **Participação, conflitos e intervenções urbanas**: contribuições ao habitat III. Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2016.

FARIAS, Edson. O “povo” e a guerra cultural no campo do bolsonarismo. In: MONTEIRO, Geraldo Tadeu; TEIXEIRA, Carlos Sávio (orgs). **Bolsonarismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2020, p. 77-97.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas mórbidos**: a encruzilhada da esquerda brasileira. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FERNANDES, Sílvia R.A.; PITTA, Marcelo. Mapeando as rotas do trânsito religioso no Brasil. **Religião e Sociedade**, v.26, p. 120-154, 2006.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Juventude nas igrejas e fora delas: crenças, percepções da política e (des)vinculações. **Revista Tomo**, n.14, p. 99-126, 2009.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves et al. Relatório analítico da pesquisa Perfil da Juventude na PUC-Rio. In: PEDROSA-PADUA, Lúcia e MELLO, Zeca (orgs.). **Juventude, Religião e Ética**: Reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa “Perfil da Juventude na Puc-Rio”. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio, 2010, p. 13-46.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Marcos definidores da condição juvenil para católicos e pentecostais na Baixada Fluminense – algumas proposições a partir de um survey. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.31, n.1, p. 96-125, 2011.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Sem religião e identidades religiosas: notas para uma tipologia. **Interseções**, n.1, p. 31-46, 2008.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Sociologia da Religião, pluralismos e intolerâncias: pautas contemporâneas. **Contemporânea**, v.5, n.2, p. 289-308, 2015.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Trajetórias religiosas de jovens sem religião – algumas consequências para o debate sobre desinstitucionalização. **Interseções**, v.20, n.2, p. 369-387, 2018.

FERREIRA, Emmanoel Lima. **O PSTU e as reformas previdenciária e universitária no governo Lula da Silva**. 2011. 306 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2011.

FERRY, Luc; GAUCHET, Marcel. **Depois da religião**. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

FIGUEIREDO FILHO, Valdemar. **Entre o palanque e o púlpito: mídia, religião e política**. São Paulo: Annablume, 2005.

FREIRE, Aluizio. **Bombeiros ocupam acesso a quartel no Rio**. 2011. 1 fotografia, color. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/04/bombeiros-do-rj-fazem-protesto-e-ocupam-acesso-quartel-na-barra.html>>. Acesso em: 10 out. 2019.

FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA [FPE]. Câmara dos deputados. **Estatuto da frente parlamentar evangélica**. Brasília, 2015. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/53658-integra.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA [FPE]. Câmara dos deputados. **Estatuto da frente parlamentar evangélica**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/54010-integra.pdf>. Acesso em: 13 maio 2020.

FRESTON, Paul. **Evangelicals and Politics in Asia, Africa and Latin America**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FRESTON, Paul. **Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético**. Curitiba, PR: Encontro Editora, 1994.

GAHYVA, Helga. Notas Sobre o Conservadorismo: elementos para a definição de um conceito. **Política & Sociedade**, v.16, n.35, p. 299-320, 2017.

GALVÃO, Débora Gomes. **Crise de representação dos partidos políticos no Brasil (2000-2015): uma perspectiva comparada**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

GAUCHET, Marcel. **A democracia sobre ela mesma**. São Paulo: Radical Livros, 2007.

GAUCHET, Marcel. **L'avènement de la démocratie**. Tome I: La Révolution Moderne. Paris: Gallimard, 1985a.

GAUCHET, Marcel. **Le désenchantement du monde: histoire politique de la religion**. Paris: Gallimard, 1985b.

GEHLEN, Arnold. **Man: His Nature and Place in the World**. New York: Columbia University Press, 1988.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

GIUMBELLI, Emerson A. **O fim da religião**: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar/PRONEX, 2002.

GIUMBELLI, Emerson A. O Acordo Brasil-Santa Sé e as relações entre Estado, sociedade e religião. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, n.14, p. 119-143, 2011.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Ed. Loyola, 1997.

GRACINO JR., Paulo; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. **Cad. Metrop**, São Paulo, v. 23, n. 51, p. 547-579, 2021.

GRACINO JR., Paulo; PEREIRA DE SOUZA, Carlos Henrique. Evangélicos e conservadorismo – afinidades eletivas: as novas configurações da democracia no Brasil. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 18, n. 57, p. 1188-1225, 2020.

HATSCHER, Christoph R. **Charisma und Res Publica**: Max Weber Herrschaftssoziologie und die Römische Republik. Stuttgart, Franz Steiner, 2001.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

HOULE, Gilles. A sociologia como ciência da vida: a abordagem biográfica. In:POUPART, Jeanet al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014, p. 317-334.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 29 jun. 2012. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

JARDIM PINTO, Céli Regina. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). **Lua Nova**, n.100, p. 119-155, 2017.

JASPER, James M. **Protesto**:uma introdução aos movimentos sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

JÚLIO, Cabo. **O dia em que a polícia parou**: a verdadeira história da greve da polícia mineira que parou o Brasil. [s.n.]:Belo Horizonte, 2002.

LACLAU, Ernerto. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Monde pluriel**: penser l'unité des sciences sociales. Paris: Seuil, 2012.

LAHIRE, Bernard Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.49, p. 11-42, 2005.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LANDEMORE, Hélène. A democracia representativa é realmente democrática? Entrevista com Bernard Manin e Nadia Urbinati. **Doispontos**, Curitiba, São Carlos, v.13, n.2, p. 143-156, 2016.

LAUREANO, Roger. A dominação carismática em regimes democráticos. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v.19, n.45, p. 178-226, 2020.

LEAL, Paulo Roberto Figueira. Os riscos do personalismo na política. **Revista A3**, p. 12, 2012.

LEITE, Fábio Carvalho. **Estado e Religião**: a liberdade religiosa no Brasil. Curitiba: Juruá Editora, 2014.

LELLIS, Nelson. “O poder emana de Deus”: discursos religiosos no plenário de um deputado federal e combatente militar anistiado”. In: LELLIS, N.; PY, Fábio (orgs.). **Religião e Política à Brasileira**: ensaios, interpretações e resistência no país da política e da religião. São Paulo: Edições Terceira Via, 2018, p. 111-124.

LELLIS, Nelson; DUTRA, Roberto. Evangélicos e as redes sociais: a moralização da política brasileira (2018-2020). In: RODRIGUES, Donizete; LELLIS, Nelson. **Religião e política**: o contexto da lusofonia. São Paulo: Ed. Recriar2020a, p. 157-191.

LELLIS, Nelson; DUTRA, Roberto. Programmatic Crisis and Moralization of the Politics: A Proposal to Define the Bolsonarism from the Experience with the Covid-19 Pandemic. **International Journal Latin-American Religions**, v.4, p. 335-359, 2020b. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s41603-020-00113-3>>.

LELLIS, Nelson; PINEL, Hiran. **Religião, educação e política**: ensaios sobre os (des)comportamentos da sociedade brasileira. São Paulo: Ed. Recriar, 2019.

LELLIS, Nelson; PY, Fábio (orgs.). **Religião e Política à Brasileira**: ensaios, interpretações e resistência no país da política e da religião. São Paulo: Edições Terceira Via, 2018.

LELLIS, Nelson; RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (orgs.). **Religião e Política à Brasileira**: faces evangélicas no cenário político. São Paulo: Ed. Recriar, 2019.

LELLIS, Nelson. Evangélicos e a sociedade em rede: as eleições de 2018 e o impacto das redes sociais no Brasil. **Revista Reflexus**, v.13, n.21, p. 165-183, 2019.

LELLIS, Nelson. **Religião e Política à Brasileira**: ensaios sobre trajetórias políticas de uma sociedade bravamente religiosa. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.

LEPSIUS, M. R. “Das Modell charismatischer Herrschaft und seine Anwendbarkeit auf den ‘Führerstaat’ Adolf Hitlers”. In: M. R. Lepsius (org.). **Demokratie in Deutschland, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht**, p. 95-118, 1993.

LIMA JR., Olavo Brasil. **Democracia e instituições políticas no Brasil dos anos 80**. São Paulo: Loyola, 1993.

LIMA, Mayrá Silva. Agronegócio e neoliberalismo: limitação da democracia através do debate sobre segurança jurídica. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 43, 2019. **Anais [...]**. ST 09 Democracia e Desigualdades, p. 1-32. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/43-encontro-anual-da-anpocs/st-11/st09-10/11671-agronegocio-e-neoliberalismo-limitacao-da-democracia-atraves-do-debate-sobre-seguranca-juridica/file>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

LINDHOLM, Charles. **Carisma**: êxtase e perda de identidade na veneração ao líder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

MACEDO, Dimas. **O Discurso Constituinte**: Uma abordagem crítica. Belo Horizonte: Ed. Fórum, 2009.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Além da Religião. **Cadernos CERU**, n.12, p. 139-150, 2001.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e Pentecostais**: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas: Autores Associados; São Paulo: ANPOCS, 1996.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Política e religião**: a participação dos evangélicos nas eleições. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MACIEL, David. **O Brasil hoje**. In: <<https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2021/11/D-Maciel-Brasil-Hoje.pdf>>. 2007.

MACIEL, A. P. B.; ALARCON, A. O.; GIMENES, E. R. Partidos políticos e espectro ideológico: parlamentares, especialistas, esquerda e direita no Brasil. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v.8, n.3, p. 72-88, 2017.

MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Claudia; SAMPAIO, Camila. O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.27, n.78, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. **Revista do GELNE**, v. 2, n.2, p. 1-12, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MANIN, Bernand. A democracia do público reconsiderada. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.97, p. 115-127, 2013.

MANIN, Bernand. As metamorfoses do governo representativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.29, p. 5-34, 1995.

MANIN, Bernand. **Los principios del gobierno representativo**. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2ªed. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

MARIANO, Ricardo; ORO, Ari Pedro. Eleições 2010: religião e política no Rio Grande do Sul e no Brasil. **Debates do NER**, Porto Alegre, n. 18 (II), p. 11-38, 2010.

MARIZ, C. L.; GRACINO JR, P.; MESQUITA, W. A. B. Os Jovens e a Religião na Sociedade Contemporânea. **Interseções**, v. 20, p. 261-267, 2018.

MARIZ, Cecília Loreto. A Sociologia da Religião de Max Weber. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da religião**: enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 67-93.

MARIZ, Cecília Loreto. A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, v.47, n.1, p. 33-48, 1999.

McALLISTER, Ian. The personalization of politics. In: DALTON, R.; KLINGEMANN, H. D (orgs). **Oxford Handbook of political behavior**. Oxford: University Press, 2006.

MEHRING, Franz. **Karl Marx**:a história de sua vida. São Paulo: Ed. Sundermann, 2013.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. A Experiência Religiosa e a Institucionalização da Religião. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n.52, 2004.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Protestantismo no Brasil – um caso de religião e cultura. **Revista UPS**, São Paulo, n.4, p. 160-173, 2007.

MESQUIATI, David; TERRA, Kenner. **Experiência e hermenêutica pentecostal**: reflexões e propostas para a construção de uma identidade pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

MICHELS, R. **Sociologia dos partidos políticos**. Brasília: Ed. UnB, 1982.

MIGUEL, Luis Felipe; COUTINHO, Aline de Almeida. A crise e suas fronteiras: oito meses de “mensalão” nos editoriais dos jornais. **Opinião Pública**, Campinas, v.13, n.1, p. 97-123, 2007.

MOMMSEN, Wolfgang J. **Max Weber et la politique allemande**. Paris: PUF, 1985.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto Milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

MONTEIRO, Geraldo Tadeu. Bolsonaro e a sociologia da crise política brasileira. In: MONTEIRO, Geraldo Tadeu; TEIXEIRA, Carlos Sávio (orgs). **Bolsonarismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2020, p. 162-190.

MONTERO, Paula. Magia, Racionalidade e Sujeitos Políticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.9, n.26, p. 72-90, 1994.

MORELLO, Gustavo. **Lived Religion in Latin America: An Enchanted Modernity**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

MOUFFE, Chantal. **Por um populismo de esquerda**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o político**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

MOUFFE, Chantal. **The return of the political**. Nova York; Londres: Verso, 1993.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.16, n.46, p. 119-129, 2001.

NEGRÃO, Lísias Nogueira; CONSORTE, Josildeth G. **O messianismo no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FFLCH-USP/CER, 1984.v. 1 (Coleção Religião e Sociedade Brasileira),

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Sobre os messianismos e milenarismos brasileiros. **Revista USP**, São Paulo, n.82, p. 32-45, 2009.

NICOLAU, Jairo M. **Multipartidarismo e democracia: um estudo sobre o sistema partidário brasileiro (1985-94)**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994.

NOGUEIRA, Marco A. Representação, crise e mal-estar institucional. **Revista Sociedade e Estado**, v.29, n.1, p. 91-111, 2014.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Ma. Isabel Mendes de, EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 105-120.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? **Retratos da juventude brasileira – análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 263-290.

OFFE, Claus. **Trabalho e sociedade**. Problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do trabalho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.v. 1 (A crise).

ORO, Ari Pedro. A laicidade no Brasil e no Ocidente. Algumas considerações. **Civitas**, Porto Alegre, v.11, n.2, p. 221-237, 2011.

ORO, Ari Pedro (org.). **Religião e política no Cone Sul: Argentina, Brasil e Uruguai**. São Paulo: Attar, 2006.

PANOTTO, Nicolás. **Religiões, política e Estado laico**: novas abordagens para o contexto latino-americano. São Paulo: Recriar, 2020.

PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO. In: CPDOC, s. d. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-democrata-cristao-1945>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE [PSOL]. **Estatuto**. Brasília, 1 abr. 2010. Disponível em: <<http://psol50.org.br/partido/estatuto/>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

PATTERSON, Samuel C.; MUGHAN, Anthony (orgs.). **Senates and the Theory of Bicameralism**. Ohio State University: Press/Columbus, 1999.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Aspectos gerais do messianismo. **Revista de Antropologia**, v.8, n.1, p. 63-76, 1960.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Messianismo no Brasil e no Mundo**. 2ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

PEREIRA, João Baptista Borges; QUEIROZ, Renato da Silva (coord.). “Messianismo e Milenarismo no Brasil”: entre os campos férteis da religiosidade brasileira. **Revista da USP**, edição 82, 2009.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Relatos orais em ciências sociais: limites e potencial. **Análise & Conjuntura**, v.6, n.3, p. 109-127, 1991.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Bye bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n.52, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo (orgs.). **A realidade social das religiões no Brasil**: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996.

PIERUCCI, Antonio Flávio. “O povo visto do altar: democracia ou demofilia?”. In: PIERUCCI, Antonio Flávio; PRANDI, Reginaldo (orgs.). **A realidade social das religiões no Brasil**: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 35-58.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Eleição 2010: desmoralização eleitoral do moralismo religioso. **Novos Estudos CEBRAP**, n.89, 2011.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. **Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 104-132, 1989.

PINTO, Celi. Movimentos Sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: _____. **Uma Questão de Gênero**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992.

POGUNTKE, T.; WEBB, P. **The Presidentialisation of Parliamentary Democracies?** Oxford: Oxford University Press, 2005.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. **Tempo soc.**, v.29, n.2, p. 187-214, 2017.

PRZEWORSKI, Adam. **Democracia e mercado no Leste Europeu e na América Latina**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

QUAINO, Lilian. **Daciolo durante uma das negociações para o fim da greve dos bombeiros, em 2011, no Rio**. 1 fotografia, color. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/02/cabo-daciolo-e-solto-no-rio.html>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social** – A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1981.

RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. São Paulo: Ed. 34, 2007.

RIVERA, Paulo Barrera; FIDALGO, Douglas. Patrimonialismo pentecostal: novo patamar das relações entre religião e política no Brasil recente. **Estudos de Religião**, v.33, n.2, p. 77-99, 2019.

ROCHA, Emerson Ferreira. Atitudes políticas e mundos semânticos: um estudo qualitativo sobre a racionalidade aquém das ideologias políticas. **Civitas**, v.20, n.1, p. 85-97, 2020.

ROCHA, Emerson Rocha; VISSER, Ricardo. A vitalidade mal compreendida: as classes populares e Bolsonaro. In: MONTEIRO, Geraldo Tadeu; TEIXEIRA, Carlos Sávio (orgs). **Bolsonarismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2020, p. 98-122.

RODRIGUES, Daniel dos Santos. **Lições de Carl Schmitt e Chantal Mouffe: Política, Democracia e Liberalismo**. Belo Horizonte: Ed. D'Plácido, 2020.

RODRIGUES, Leôncio M.; CARDOSO, Adalberto M. **Força sindical: uma análise sociopolítica**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

ROSANVALLON, Pierre. **O século do populismo: história, teoria, crítica**. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial, 2021.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda, 2010.

SAINT-CLAIR, Clóvis. **Bolsonaro: o homem que peitou o exército e desafia a democracia**. Rio de Janeiro: Ed. Máquina de Livros, 2018.

SALDAÑA, Johnny. **The Coding Manual for Qualitative Researchers**. London: Sage, 2009.

SANCHIS, Pierre_. **Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2018.

SANCHIS, Pierre. As Religiões dos Brasileiros. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.1, n.2, p. 28-43, 1997.

SANTOS, Cristiane Cândido; MATIOLLI, Thiago. Os Montes de Oração: etnografia de uma experiência religiosa. **MNEME – Revista de Humanidades**, v.11, n.29, p. 522-536, 2011.

SANTOS, Hermílio; OLIVEIRA, Patricia; SUSIN, Priscila. Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira. Revisão e perspectivas. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v.14, n.2, p. 359-382, 2014.

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CHR**, Salvador, n.71, p. 417-429, 2014.

SCHLUCHTER, Wolfgang. **The Rise of Western Rationalism: Max Weber's Developmental History**. Berkeley: University of California Press, 1981.

SCHLUCHTER, Wolfgang; SELL, Carlos Eduardo. **O desencantamento do mundo: seis estudos sobre Max Weber**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

SCHMITT, Carl. **Führung und hegemonie**. Berlin: Duncker & Humblot, 1995.

SCHMITT, Carl. **The Concept of the Political**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1976.

SELL, Carlos Eduardo. A liderança carismática sobre o caráter político do populismo. **Revista Tomo**, n. 23, p. 13-44, 2013a.

SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis: Vozes, 2013b.

SELL, Carlos Eduardo. Poder instituído e potência subversiva: Max Weber e a dupla face da dominação carismática. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.33, n.98, p. 1-16, 2018.

SENETT, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVEIRA, Emerson Sena da; MORAES JR., Manoel R. (orgs.). **Religião, política e espaço público no Brasil: discussões teóricas e investigações empíricas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas. **Novos estudos – CEBRAP**, São Paulo, n.97, p. 23-40, 2013.

SOARES, Vera. Movimento Feminista. Paradigmas e Desafios. **Revista de Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, número especial, 1994.

SOUZA, André Ricardo de. O empreendedorismo neopentecostal no Brasil. **Ciências Sociais e Religião**, v.15, n.13, p. 13-34, 2011.

TAROUÇO, Gabriela da Silva; MADEIRA, Rafael Machado. Os partidos brasileiros segundo seus estudiosos: análise de um expert survey. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v.15, n.1, p. 24-39, 2015.

TATAGIBA, Luciana. Os protestos e a crise brasileira. Inventário inicial das direitas em movimento. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v.11, n.33, p. 11-38, 2017.

TATAGIBA, Luciana; GALVÃO, Andreia. Os protestos no Brasil em tempos de crise. **Opinião Pública**, Campinas, v.25, n.1, p. 63-95, 2019.

TAVARES DOS SANTOS, José V.; BARREIRA, César; BAUMGARTEN, Máira (orgs.). **Crise social & Multiculturalismo**: estudos de sociologia para o século XXI. São Paulo: Ed. Hucitec, 2003.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. Sociologia contemporânea e crise social. **Anos 90**, Porto Alegre, n.2, p. 47-59, 1994.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self**: a constituição da identidade moderna. 4ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

TEIXEIRA, Carmen Fontes (org.). **Observatório de análise política em saúde**: abordagens e investigações. Salvador: EDUFBA, 2016.

TOITIO, Rafael. “Ideologia de gênero” e “marxismo cultural” nas taras presidenciais: marxismo e feminismo na “cena” política brasileira. **REBEH**, v.3, n.10, p. 80-108, 2020.

TORGAL, Luís Reis; PAULO, Heloísa (orgs.). **Estados autoritários e totalitários e suas representações**: propaganda, ideologia, historiografia e memória. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

TURNER, Victor. **The ritual process**. Nova York: Aldine, 1982.

VELEDA DA SILVA, Susana. Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, n. 262, 2000.

VITAL DA CUNHA, Christina; EVANGELISTA, Ana Carolina. Estratégias eleitorais em 2018: o caso das candidaturas evangélicas ao legislativo brasileiro. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 16, n. 19, p. 87-100, 2019.

VITAL DA CUNHA, Christina; LOPES, Paulo Victor Leite; LUI, Janayna. **Religião e política**: medos sociais, extremismo religioso e as eleições de 2014. Rio de Janeiro: Heinrich Boll Stiftung, ISER, 2017.

WACH, Joachim. **Sociologie de la religion**. Payot: Paris, 1955.

WEBER, Max. **Ciência e Política**: duas vocações. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.

WEBER, Max. Os fundamentos da organização burocrática: uma construção do tipo ideal. In: WEBER, M.et al. **Sociologia da burocracia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966, p. 16-27.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 1. 4ª ed. Brasília: Ed. UNB, 1998.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Ed. UNB, 2004. v. 2.

WEBER, Max. **Ética econômica das religiões mundiais**: ensaios comparados de sociologia da religião. Petrópolis: Ed. Vozes, 2019. v. 3.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. 5ed. São Paulo: Cortez; Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 2016.

WEBER, Max. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Ícone, 2010.

WILLAIME, Jean-Paul. **Profession**: pasteur. Sociologie de la condition du clerc à la fin du XX siècle. Labor et Fides: Genebra, 1986.

WILLAIME, Jean-Paul. Reconfigurations ultramodernes. **Esprit**, Paris, n.3, p. 146-155, 2007.

ZEPEDA, José de Jesús Legorreta. Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.25, n.73, p. 129-178, 2010.

Matérias de jornal:

“NÃO VEJO argumento que possa me expulsar do PSOL”, diz deputado. **Congresso em foco**, 14 abr. 2015. Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/cabo-daciolo-nao-vejo-argumento-que-possa-me-expulsar-do-psol/>>. Acesso em: 20 maio 2018.

366 X 111: Veja como cada deputado votou na PEC do Teto de Gastos. **Congresso em foco**, 10 out. 2016. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/366-x-111-veja-como-cada-deputado-votou-na-pec-do-teto-de-gastos/>>. Acesso em: 11 maio 2020.

A FORÇA dos evangélicos nas eleições 2010. **Infonet**, 9 out. 2010. Disponível em: <<https://infonet.com.br/blogs/a-forca-dos-evangelicos-nas-eleicoes-2010/>>. Acesso em: 1 fev. 2021.

AGOSTINE, Cristiane. Pastor pede assinatura a partido durante culto. **Valor econômico**, 29 jan. 2020. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/01/29/pastor-pede-assinatura-a-partido-durante-culto.ghtml>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

ALVES, José Eustáquio Diniz. O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro, artigo de José Eustáquio Diniz Alvez. **Ecodebate**, 31 out. 2018. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2018/10/31/o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>>. Acesso em: 15 de jan. 2020.

AMORIM, Felipe. Bolsonaro recebe medalha do Exército por “ato de bravura” em 1978. **UOL**, Brasília, 5 dez. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/12/05/bolsonaro-medalha-exercito.htm>>. Acesso em: 04 jun. 2020.

ANTUNES, Thiago. Cabo Daciolo, o ‘PSOL de Cristo’, quer ser governador do Rio. **O dia**, 9 out. 2014. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/eleicoes2014/2014-10-08/cabo-daciolo-o-psol-de-cristo-quer-ser-governador-do-rio.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

APÓS POLEMICAS, PSOL expulsa deputado Cabo Daciolo do partido. **Carta Capital**, 17 maio 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/apos-polemicas-psol-expulsa-deputado-cabo-daciolo-do-partido-5792.html>>. Acesso em: 20 maio 2018.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO DE JANEIRO [ALERJ]. Deputada Beatriz Santos. **Assembleia legislativa do Rio de Janeiro**, s. d. Disponível em: <<http://www.alerj.rj.gov.br/Deputados/PerfilDeputado/293?AspxAutoDetectCookieSupport=1>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

BENITES, Afonso. Bolsonaro anuncia saída do PSL e seus planos de fundar sigla Aliança pelo Brasil. **El país**, 12 nov. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/12/politica/1573590377_243986.html>. Acesso em: 24 ago. 2021.

BERALDO, Paulo. Em sessão da Câmara, deputado profetiza que Deus irá ‘curar’ Mara Gabrilli. **Estadão**, 13 jul. 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,deputado-profetiza-cura-de-colega-em-sessao-da-camara-dos-deputados,70002401012>>. Acesso em: 25 maio 2019.

BRAGA, Mário. Evangélicos crescem 45% entre eleições de 2010 e 2014. **Exame**, 01 ago. 2014. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/evangelicos-crescem-45-entre-eleicoes-de-2010-e-2014/>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CABO Daciolo é expulso do PSOL por 54 votos a 1. **Pragmatismo político**, 19 maio 2015. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/05/cabo-daciolo-e-expulso-do-psol-por-54-votos-a-1.html>>. Acesso em: 20 maio 2018.

CABO DACIOLO está preso em Bangu 1, diz comandante dos bombeiros. **G1**, Rio de Janeiro, 09 fev. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/02/cabo-daciolo-esta-presos-em-bangu-1-diz-comandante-dos-bombeiros.html>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

CABO Daciolo pede ao TSE a volta do voto impresso em cédulas. **O Globo**, 4 set. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/cabo-daciolo-pede-ao-tse-volta-do-voto-impresso-em-cedulas-23039219>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

CARNEIRO, Ruano. ALERJ anistia bombeiros e PMs envolvidos em movimentos no último ano. **Alerj**, Rio de Janeiro, 6 ago. 2013a. Disponível em: <<https://www.alerj.rj.gov.br/Visualizar/Noticia?id=33839>>. Acesso em: 15 out. 2019.

CARNEIRO, Ruano. Vira lei a anistia a bombeiros e PMs. **Alerj**, Rio de Janeiro, 7 ago. 2013b. Disponível em: <<https://www.alerj.rj.gov.br/Visualizar/Noticia?id=33843>>. Acesso em: 15 out. 2019.

CGADB declara apoio ao candidato Jair Bolsonaro. **Pleno News**, 19 out. 2018. Disponível em: <<https://pleno.news/brasil/eleicoes-2018/cgadb-declara-apoio-ao-candidato-jair-bolsonaro.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

CONGRESSO da ANEL preparar campanha em defesa da educação. **Liga internacional dos trabalhadores quarta internacional**, 29 jun. 2011. Disponível em: <<https://litci.org/pt/mundo/america-latina/brasil/congresso-da-anel-prepara-campanha-em-defesa-da-educacao/>>. Acesso em: 04 de fev. de 2020.

CONTÉUDO, Estadão. Bolsonaro publica vídeo de pastor dizendo que ele foi “escolhido por Deus”. Exame, São Paulo, 19 maio 2019. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/bolsonaro-publica-video-de-pastor-dizendo-que-ele-foi-escolhido-por-deus/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

CRUZ, Diego. AENL: de onde veio essa ideia? PSTU, 22 jul. 2013. Disponível em: <<https://www.pstu.org.br/anel-de-onde-veio-essa-ideia/>>. Acesso em: 4 fev. 2020.

CRUZ, Diego. Cabo Daciolo e mais 12 são expulsos da corporação no Rio. **PSTU**, 13 mar. 2012b. Disponível em: <<https://www.pstu.org.br/cabo-daciolo-e-mais-12-sao-expulsos-da-corporacao-no-rio/>>. Acesso em: 4 fev. 2020.

CRUZ, Diego. Greve dos bombeiros, PM's e polícia civil continua no Rio. **PSTU**, 13 fev. 2012a. Disponível em: <<https://www.pstu.org.br/greve-dos-bombeiros-pm%C2%B4s-e-policia-civil-continua-no-rio/>>. Acesso em: 5 fev. 2020.

CUNHA, Magali. Nem a bancada evangélica resiste ao vendaval. **Carta capital**, 9 out. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/nem-a-bancada-evangelica-resiste-ao-vendaval/>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DATAFOLHA: Dilma está 11 pontos à frente de Serra. **O globo**, 26 out. 2010. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/datafolha-dilma-esta-11-pontos-frente-de-serra-4983598>>. Acesso em: 1 fev. 2021.

DECRETADA prisão preventiva do cabo Daciolo, diz TJ-RJ. **G1**, Rio de Janeiro, 9 fev. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/02/decretada-prisao-preventiva-do-cabo-daciolo-diz-tj-rj.html>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

DIONÍSIO, Bibiana; KANIAK, Thais; VIANNA, José; MAZZA, Malu; COSME, Marcelo. Eduardo Cunha é preso em Brasília por decisão de Sérgio Moro. **G1**, 19 out. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/10/juiz-federal-sergio-moro-determina-prisao-de-eduardo-cunha.html>>. Acesso em: 27 de jun. de 2020.

ELEIÇÕES 2018: bancada evangélica cresce na Câmara e no Senado. **Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar**, 18 out. 2018. Disponível em: <<https://www.diap.org.br/index.php/noticias/noticias/28532-eleicoes-2018-bancada-evangelica-cresce-na-camara-e-no-senado>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ELEIÇÕES 2018: bancada evangélica cresce na Câmara e no Senado. **Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar**, 18 out. 2018. Disponível em: <<https://www.diap.org.br/index.php/noticias/noticias/28532-eleicoes-2018-bancada-evangelica-cresce-na-camara-e-no-senado>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ESCOLAS em cidade da BA aderem à leitura da Bíblia após decreto que libera atividade. **TCE**, s. d. Disponível em: <<https://www.tce.ba.gov.br/fiscalizacao-da>>

educacao/noticias/escolas-em-cidade-da-ba-aderem-a-leitura-da-biblia-apos-decreto-que-libera-atividade>. Acesso em: 16 jun. 2020.

FARIAS, Heleno. Daciolo fala sobre renúncia do presidente do Gideões: “Deus está no controle”. **JM Notícia**, 20 dez. 2018. Disponível em: <<https://jmnoticia.com.br/daciolo-fala-sobre-renuncia-do-presidente-do-gideoes-deus-esta-no-controle/>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

FEVEREIRO, José Luis. Porque votei no cabo Daciolo em 2014. Justificando, 14 ago. 2018. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2018/08/14/porque-votei-no-cabo-daciolo-em-2014/>>. Acesso em: 6 fev. 2020.

FONSECA, Alexandre Brasil. Foram os evangélicos que elegeram Bolsonaro? **Instituto Humanitas Unisinos**, 7 nov. 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584446-foram-os-evangelicos-que-elegeram-bolsonaro>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

FRANCO, Bernardo Mello. Cabo Daciolo, o pastor presidenciável que promete expulsar o demônio do Planalto. **Época**, 22 jun. 2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/politica/noticia/2018/06/cabo-daciolo-o-pastor-presidenciavel-que-e-fenomeno-na-internet-e-promete-expulsar-o-demonio-do-planalto.html>>. Acesso em: 13 maio 2020.

FREIRE, Aluizio. Bombeiros do RJ fazem protesto e ocupam acesso a quartel na Barra. **G1**, Rio de Janeiro, 21 abr. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/04/bombeiros-do-rj-fazem-protesto-e-ocupam-acesso-quartel-na-barra.html>>. Acesso em: 10 out. 2019.

FREITAS, Carolina; DELGADO, Malu. Bolsonaro adere ao check-list populista. **Valor Econômico**, 26 dez. 2019. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/12/26/bolsonaro-adere-ao-check-list-populista.ghtml>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

GELAPE, Lucas; PUTINI, Rafaela. Mais de 500 candidatos usam títulos religiosos no nome de urna. **G1**, Rio de Janeiro, 20 ago. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/20/mais-de-500-candidatos-usam-titulos-religiosos-no-nome-de-urna.ghtml>>. Acesso em: 29 jan. 2020.

GONZO, Amauri. Tudo que sabemos sobre a URSAL: Da União Ibérica à União das Repúblicas Socialistas da América Latina, uma história da integração na América Latina. **Vice Media Group**, 14 ago. 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/gy3nn7/debate-com-rinha-esquenta-corrida-eleitoral-com-direito-a-fuga-de-bolsonaro>. Acesso em: 29 out. 2019.

INDIO da Costa se reúne com líderes evangélicos para assegurar apoio. **Guiame**, 31 maio 2014. Disponível em: <<https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/indio-da-costa-se-reune-com-lideres-evangelicos-para-assegurar-apoio.html>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

LÍDER do movimento dos bombeiros foi exonerado da ALERJ. **O Globo Rio**, Rio de Janeiro, 8 jun. 2011. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/lider-do-movimento-dos-bombeiros-foi-exonerado-da-alerj-2878220>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MARINI, Luisa. Deus acima do povo e promessa de “cura”, a atuação de Daciolo na Câmara. **Congresso em Foco**, 5 set. 2018. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/deus-acima-do-povo-e-promessa-de-cura-a-atuacao-de-daciolo-na-camara/>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

MARTINS, Felipe. Freixo reprova proposta de Daciolo de inclui nome de Deus na Constituição. **O Dia**, 11 mar. 2015. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-03-11/freixo-reprova-proposta-de-daciolo-de-incluir-nome-de-deus-na-constituicao.html>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

NO ACRE, Bolsonaro fala em ‘fuzilar a petralhada’ e enviá-los à Venezuela. **Poder 360**, 3 set. 2018a. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/eleicoes/no-acre-bolsonaro-fala-em-fuzilar-a-petralhada-e-envia-los-a-venezuela/>>. Acesso em: 7 jun. 2021.

NOVO partido de Bolsonaro defende Deus, armas e oposição ao comunismo. **Correio Braziliense**, 21 nov. 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/11/21/interna_politica,808106/novo-partido-de-bolsonaro-defende-deus-armas-e-oposicao-ao-comunismo.shtml>. Acesso em: 24 ago. 2021.

OLIVEIRA, Ronaldo Kietzer. Bolsonaro, a MP da liberdade econômica e sua conversão em lei. **Gazeta do Povo/Instituto Politeia**, s. d. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/instituto-politeia/bolsonaro-mp-da-liberdade-economica-conversao-lei/>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

OPINIÃO PÚBLICA. Corrupção lidera pela primeira vez pauta de problemas do país. **Datafolha**, São Paulo, 30 nov. 2015. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/11/1712972-corrupcao-lidera-pela-primeira-vez-pauta-de-problemas-do-pais.shtml>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

PAIVA, Fabiana. Cabo Daciolo protesta contra Bolsonaro, mas depois tieta deputado. Extra, Rio de Janeiro, 16 dez. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/depudadocabodaciolo/posts/?ref=page_internal>. Acesso em: 7 fev. 2020.

PASTOR Everaldo nega venda de apoio do PSC ao PT. **Congresso em foco**, Brasília, 19 ago. 2014. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/pastor-everaldo-nega-venda-de-apoio-do-psc-ao-pt/>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

PASTOR que criticou Cabo Daciolo tem paralisia facial; veja! **DOL**, 27 de. 2018. Disponível em: <<https://www.diarioonline.com.br/noticias/brasil/noticia-565077-pastor-que-criticou-cabo-daciolo-tem-paralisia-facial-veja.html>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

PROJETO Avalie: Corpo de Bombeiros RJ divulga pesquisa de satisfação com usuários de seus serviços. **Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro**, 21 set. 2020. Disponível em: <<http://www.bombeiros.rj.gov.br/institucional/item/1943-projeto-avalie-corpo-de-bombeiros-rj-divulga-pesquisa-de-satisfacao-com-usuarios-de-seus-servicos#>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

PROJETO COMPROVA. Presidenciável, cabo Daciolo foi a lançamento de biografia de Karl Marx. **Itatiaia**, Belo Horizonte, 15 ago. 2018. Disponível em: <<http://www.itatiaia.com.br/noticia/divpresidenciavel-cabo-daciolo-foi-a-lancamen>>. Acesso em: 04 fev. 2020.

PUPO, Celso. **Bombeiros: manifestantes vestidos de vermelho se aglomeram na praia de Copacabana**. 2011. 1 fotografia, color. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/bombeiros-protestam-na-orla-de-copacabana/>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

REFORMA TRABALHISTA: VEJA COMO OS DEPUTADOS VOTARAM, por estado. **Congresso em foco**, 26 abr. 2017. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/reforma-trabalhista-como-os-deputados-votaram/>>. Acesso em: 11 maio 2020.

RESENDE, Sarah Mota. Foto de cabo Daciolo em lançamento de biografia de Karl Marx é verdadeira. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 ago. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/foto-de-cabo-daciolo-em-lancamento-de-biografia-de-karl-marx-e-verdadeira.shtml/>>. Acesso em: 04 fev. 2020.

RIO: campanha tem candidato à reeleição, aliança Maia-Garotinho e deputado da oposição; veja os candidatos. **R7**, 7 jul. 2012. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/eleicoes-2012/noticias/campanha-no-rio-tem-candidato-a-reeleicao-alianca-maia-garotinho-e-deputado-da-oposicao-conheca-os-candidatos/>>. Acesso em: 04 fev. 2020.

RITTO, Cecília. O movimento dos bombeiros, da radicalização à chance de diálogo. **Veja**, 10 jun. 2011. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/o-movimento-dos-bombeiros-da-radicalizacao-a-chance-de-dialogo/>>. Acesso em: 12 out. 2019.

ROCHA, Carla; BOTTARI, Elenilce; BERTA, Rubem. Capitão e cabo tentaram se eleger por partido de evangélicos; oficial recebeu doação de deputado do PR de garotinho. **O Globo Rio**, Rio de Janeiro, 09 jun. 2011. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/capitao-cabo-tentaram-se-eleger-por-partido-de-evangelicos-oficial-recebeu-doacao-de-deputado-estadual-do-pr-de-garotinho-2877267>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SERRA, Bruna. Programa de Governo do Pastor Everaldo. **Congresso em foco**, Brasília, 24 ago. 2014. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/programa-de-governo-do-pastor-everaldo/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

TEXTO – Carta de Dilma sobre o aborto e liberdade religiosa. **UOL notícia**, São Paulo, 15 out. 2010. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2010/10/15/texto-carta-de-dilma-sobre-aborto-e-liberdade-religiosa.jhtm>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Apuração – Rio de Janeiro – Deputado Estadual. **Folha Online**, 10 nov. 2006. Disponível em: <<http://eleicoes.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/eleicoes/rj1de-4.html>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

VARGAS, Mateus. Novo partido se apresenta como ‘sonho de pessoas leais a Bolsonaro’. **Estadão**, 12 nov. 2019. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,novo-partido-se-apresenta-como-sonho-de-pessoas-leais-a-bolsonaro,70003087117>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Vídeos:

15 MILHÕES [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (1 min 40). Publicado pelo canal Porta dos Fundos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ekXbHtMR4Oo>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

1º CONGRESSO da ANEL – 23, 24, 25 e 26 de junho de 2011 [S. l.: s. n.], 2011. 1 vídeo (4 min 34). Publicado pelo canal PSTU. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CE6d7qom_dM>. Acesso em: 4 fev. 2020.

A INIQUIDADE do PT – Eleições 2010 Pastor Paschoal [S. l.: s. n.], 2010. 1 vídeo (5 min 23). Publicado pelo canal Porto do Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RM5xDZU266A>>. Acesso em: 17 maio 2020.

ASSEMBLEIA de Deus dos continentes – Cb Daciolo [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (41 min). Publicado pelo canal Vanessa Silva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BW7G68k_zbA>. Acesso em: 5 fev. 2020.

BOLSONARO no Câmara Aberta [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (35 min 38). Publicado pelo canal João Roberto Laque. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=21lQ84pnuwo>>. Acesso em: 8 jun. 2021.

CABO Daciolo 5020 para deputado federal [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Sem TV PSOL RJ. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i93Qve0IwPk>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

CABO Daciolo 51 curso de piscina RJ [S. l.: s. n.], 2018a. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Cabo Daciolo a intervenção divina no Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K_yGWUQ-lc4>. Acesso em: 11 fev. 2020.

CABO Daciolo propõe que pastores distribuam as ofertas ali mesmo [S. l.: s. n.], 2018b. 1 vídeo (6 min 20). Publicado pelo canal André Rodrigues. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DpsB7WwTt74>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

CABO Daciolo quer derrubar estátuas de lojas Havan – Vídeo divulgado em junho ganha espaço agora RJ [S. l.: s. n.], 2018c. 1 vídeo (25 min). Publicado pelo canal Diário do Rodrigo Lima. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pB9v5BA4JX0>>. Acesso em: 15 maio 2020.

DEP. CABO DACIOLO – 26/06/16 Dom mn [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (57 min). Publicado pelo canal Multimídia Igreja Batista do Campo dos Afonsos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-qOMXVytVR4>>. Acesso em: 5 fev. 2020.

DEPUTADO Cabo Daciolo responde ao Gideões! [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (12 min). Publicado pelo canal Relíquias Cristãs! Pregações e Testemunhos! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=df405W0LGNs>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

DOIS HOMENS e um destino Cabral e Daciolo. [S. l.: s. n.], s. d. 1 vídeo (32 min 32). Publicado pelo canal Carlos Senna Jr - revistaamigosweb. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xmdx1RNM0Ak>>. Acesso em: 18 out. 2019.

JN BOLSONARO Jornal Nacional entrevista Jair Bolsonaro – Eleições 2018 – 1080p FullHD – COMPLETO [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (60 min). Publicado pelo canal Pilha Usada. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PwVgWHyWZgg>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

NO ACRE, Bolsonaro fala em ‘fuzilar a petralhada’ e enviá-lo à Venezuela – 1º set. 2018 [S. l.: s. n.], 2018b. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Poder 360. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p0eMLhCcbyQ&feature=emb_imp_woyt>. Acesso em: 07 jun. 2021.

O FENÔMENO pentecostal – Pastro Samuel Procópio/Parte 1 [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (29 min). Publicado pelo canal Pastora Adélia Procópio. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I-0lEevq7QA>>. Acesso em: 5 fev. 2020.

PREGAÇÃO PASTOR deputado cabo Daciolo Catedral Metodista Ebenézer – 04/06/2017 [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (49 min). Publicado pelo canal Ebenézer Church. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fQWC6CbkHtk>>. Acesso em: 5 fev. 2020.

PREGAÇÃO pentecostal muito forte 2020 segredos de um adorador Priscila Cavalcante [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (38 min 32). Publicado pelo canal Alex Gomes e Priscila Cavalcante. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KKA8k06Msm4>>. Acesso em: 5 fev. 2020.

RELEMBRE os principais votos do impeachment de Dilma Rousseff na câmara dos deputados em 2016 [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (12 min). Publicado pelo canal Fundo Eleitoral. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ht_bVyvjRuA>. Acesso em: 8 jun. 2021.

SOCIALISMO é bom e maravilhoso!! (discurso completo de Daciolo) [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (8 min 29). Publicado pelo canal Trader Cristão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ES0Ox8Soa-s>>. Acesso em: 06 de fev. de 2020.

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Cabo Daciolo)

GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIROSecretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

CCH – CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM

TERMO DE CONSENTIMENTO

O senhor está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada: “Glória a Deus!” A trajetória do cabo Daciolo” (título provisório), que tem como **objetivo** central conhecer a história de vida de Benevenuto Daciolo Fonseca dos Santos e sua relação com a esfera pública. O autor da pesquisa, Nelson Lellis Ramos Rodrigues, é aluno de doutorado em Sociologia Política da UENF e está devidamente matriculado sob o número **201814220014**.

Os **dados coletados** serão utilizados nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento o senhor poderá **recusar** responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a UENF.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder às perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista. A entrevista será gravada em formato mp3 para posterior transcrição.

O senhor não terá **nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras**. O **benefício** relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área da Sociologia Política.

O senhor receberá uma cópia deste termo onde consta o contato do pesquisador e de sua orientadora, podendo tirar as suas dúvidas sobre a pesquisa e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já, agradecemos!

Nelson Lellis Ramos Rodrigues
(Pesquisador)
Aluno do Programa de Pós-Graduação em
Sociologia Política da UENF
Contato: (22) 99955 6218
E-mail: nelsonlellis@gmail.com

Silvia Regina Alves Fernandes
(Orientadora)
Professora do Programa de Pós-Graduação da UFRRJ
e UENF
Contato: (21) 98954 7684
E-mail: fernandes.silv@gmail.com

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Benevenuto Daciolo Fonseca dos Santos



Av. Alberto Lamego, 2000 - Parque Califórnia - Campos dos Goytacazes/ RJ - 28013-602

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Chico Alencar)



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

CCH – CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM

TERMO DE CONSENTIMENTO

O senhor está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada: “O *profeta* na crise de representação política: uma face da sociologia do personalismo político-religioso”. O autor da pesquisa, Nelson Lellis Ramos Rodrigues, é aluno de doutorado em Sociologia Política da UENF e está devidamente matriculado sob o número **201814220014**.

Os **dados coletados** serão utilizados nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento o senhor poderá **recusar** responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a UENF.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder às perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista e poderá ser citada neste trabalho com a devida identificação. A entrevista será gravada em formato mp3 para posterior transcrição.

O senhor não terá **nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras**. O **benefício** relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área da Sociologia Política.

O senhor receberá uma cópia deste termo onde consta o contato do pesquisador e de sua orientadora, podendo tirar as suas dúvidas sobre a pesquisa e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já, agradecemos!

Nelson Lellis Ramos Rodrigues
(Pesquisador)
Aluno do Programa de Pós-Graduação em
Sociologia Política da UENF
Contato: (22) 99955 6218
E-mail: nelsonlellis@gmail.com

Silvia Regina Alves Fernandes
(Orientadora)
Professora do Programa de Pós-Graduação da UFRRJ
e UENF
Contato: (21) 98954 7684
E-mail: fernandes.silv@gmail.com

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

CHICO ALENCAR



Av. Alberto Lamego, 2000 - Parque Califórnia - Campos dos Goytacazes/ RJ - 28013-602

ANEXO C – Histórico dos Protestos (Movimento SOS Bombeiros)

Histórico dos protestos: tentativas do movimento SOS Bombeiros de reuniões com o governador Sérgio Cabral e com o comando do CBMERJ; invasão do Quartel Central e seus desdobramentos.

Data	Atividade
20/04/2011	Manifestação iniciada no Largo do Machado em direção ao Palácio Guanabara. Objetivo: reunirem-se com o governador Sérgio Cabral. A reunião não havia sido agendada e não foram recebidos. Seguiram para a ALERJ e obtiveram apoio parlamentares. Na ocasião, foi agendada uma reunião para o dia 28 de abril entre uma comissão de bombeiros, alguns deputados estaduais e o então comandante-geral do CBMERJ, cel. Pedro Machado.
21/04/2011	Bombeiros foram transferidos de unidades. O movimento interpretou como retaliação e protestaram aquartelando-se em suas unidades. Houve acampamento em frente aos GMar da Barra da Tijuca (Imagem 1), Copacabana e na cidade de Cabo Frio, na Região dos Lagos.
22/04/2011	Bombeiros acampam em quartéis diferentes. Caminhada do GMar de Copacabana até o quartel do mesmo bairro.
23/04/2011	Manifestantes saem do quartel de Copacabana até o posto 12 da orla (Imagem 2).
25/04/2011	Manifestantes saem da Candelária, no centro do Rio, e caminham até o Quartel Central.
27/04/2011	Manifestação na Cinelândia.
28/04/2011	A reunião marcada com o cel. Machado não ocorre.
03/05/2011	Por meio do dep. estadual André Corrêa, Cabral informa que negociará se os protestos forem suspensos. O movimento desiste da caminhada prevista e se concentra no Largo do Machado. Marcada para o dia seguinte reunião com Wilson Carlos, secretário de governo.
04/05/2011	A reunião com Wilson Carlos não ocorre. O movimento acampa em frente à ALERJ até o dia 12.

13/05/2011	Cerca de mil membros do movimento caminham, sob a liderança do cabo Daciolo, da ALERJ até Copacabana. A auditoria militar expede cinco pedidos de prisão contra militares que participaram da manifestação.
16/05/2011	Manifestantes pedem anistia para os colegas presos e para os bombeiros transferidos.
03/06/2011	Bombeiros invadem o Quartel Central, acompanhados por mulheres e crianças.
04/06/2011	Policiais militares tomam o quartel e prendem 439 bombeiros. Sérgio Cabral chama manifestantes de “vândalos e irresponsáveis”. O Comandante Geral do Corpo de Bombeiros, Pedro Machado, é exonerado. Em seu lugar assume o coronel Sérgio Simões.
05/06/2011	Bombeiros e familiares acampam na escadaria da ALERJ para pedir a libertação dos presos (Imagem 6).
06/06/2011	Grupo de deputados estaduais elabora uma nota de apoio aos bombeiros presos, defendendo a imediata libertação, a retomada do diálogo do governo com os militares e melhores condições salariais.
07/06/2011	Comandante-geral do CBMERJ, Sérgio Simões, visita o quartel de Jurujuba, em Niterói. Posteriormente, encontrou-se com lideranças do movimento no Quartel Central.
08/06/2011	Simões recebe representantes de associações e sindicatos de trabalhadores da área de segurança pública. Associação de Cabos e Soldados do Corpo de Bombeiro pede 2.900 reais de piso salarial.
09/06/2011	Sérgio Cabral antecipa reajuste salarial dos bombeiros. Um soldado iniciante sem dependentes passa a receber 78 reais a mais. Secretaria estadual de Defesa Civil é criada, tendo como titular o comandante Sérgio Simões.
10/06/2011	Justiça concede habeas corpus e bombeiros são soltos.

ANEXO D – PEC 12/2015 (“PEC dos Apóstolos”)



Câmara dos Deputados

PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº , DE 2015 (Do Sr. Cabo Daciolo e outros)

Altera a redação do parágrafo único do art. 1º da Constituição Federal, para declarar que todo o poder emana de Deus.

As Mesas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, nos termos do art. 60 da Constituição Federal, promulgam a seguinte emenda ao texto constitucional:

Artigo 1º O parágrafo único do art. 1º da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 1º.....

Parágrafo único. Todo o poder emana de Deus, que o exerce de forma direta e também por meio do povo e de seus representantes eleitos, nos termos desta Constituição.”

Artigo 2º Esta Emenda Constitucional entra em vigor na data de sua publicação

JUSTIFICAÇÃO

Como cristão não tenho receio em declarar que a Bíblia é, e sempre será, a minha única regra de fé e prática. Nas Sagradas Escrituras, de cláusulas pétreas do seu início ao fim, está escrito em Romanos 13.1 que: “Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus”.

O doutor em teologia e bispo, Jacques Bossuet, acertou ao afirmar que todo poder vinha de Deus, mas errou ao colocar o rei numa posição de irrecorribilidade. Todos nós, sem exceção, estamos sujeitos a erros e acertos. O homem acerta quando ouve a voz de Deus e a põe em prática. Na Bíblia, que narra a história de Israel em tempos imemoriais, encontramos reis que acertaram e outros que se enredaram pelos caminhos maléficos da soberba. Não deixaram de sofrer as consequências. Isto por que, ao final e ao cabo, é Deus quem governa e detém todo o poder. É Deus quem está no controle de todas as coisas.

Os constituintes de 1988 não se esqueceram da pessoa de Deus quando redigiram o preâmbulo da Constituição:



Câmara dos Deputados

*“Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, **sob a proteção de Deus**, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.”* (sem grifo no original).

Na Câmara e no Senado, é praxe e regimental os presidentes dizerem a seguinte frase antes de declararem aberta a sessão:

“Sob a proteção de Deus iniciamos os nossos trabalhos”.

Percebe-se, sem sombra de dúvidas, que a presença de Deus é reconhecida pelos congressistas. Porém, há de se afirmar um lapso na redação do parágrafo único do artigo 1º da Constituição Federal. A legitimidade do povo para votar e exercer a cidadania conquistada através do instrumento da democracia não exclui a autoridade de Deus sobre as nossas vontades e desígnios. Como proponho nesta Proposta de Emenda à Constituição, todo o poder emana de Deus e nada pode alterar essa verdade. Se Deus pode nos proteger de algum mal, logo subentende-se que o poder está em suas mãos.

É importante destacar que a presente proposta não visa diminuir as conquistas do povo ao longo da história. O povo que vai às ruas, o povo que luta pelos seus direitos, o povo que protesta, não verá o seu poder mobilizador se apequenar, mas entenderá que todo joelho deve se dobrar diante do Deus Altíssimo.

Pergunto ao senhores e senhoras parlamentares: Que mal há expressar explicitamente na Carta Magna que todo o poder emana de Deus? Nenhum. E que bem há nessa afirmação? Todos. Feliz a nação cujo Deus é o SENHOR.

Pelas razões alegadas, submeto aos nobres pares a presente Proposta de Emenda à Constituição, reiterando a defesa de sua pertinência constitucional e a importância de sua aprovação.

Sala das Sessões, em de de 2015.

**CABO DACIOLO
DEPUTADO FEDERAL
PSOL/RJ**

ANEXO E – Plano de Nação para a Colônia Brasileira

**PLANO DE NAÇÃO PARA A
COLONIA BRASILEIRA**

CABO DACIOLO

PATRIOTA

1. Apresentação

Tenho a honra de apresentar as linhas gerais da nossa proposta de governo, como candidato à Presidência da República pelo PATRIOTA. Essa é uma batalha que não é só minha, mas de todos os BRASILEIROS que acreditam que podemos reconstruir o Brasil em bases que honrem a Deus e tragam dignidade ao povo.

Minha postura ao longo da vida parlamentar tem sido de independência à luz de convicções bem consolidadas. Acredito no estado laico, ou seja, que ele não deve promover qualquer tipo de religião, mas isso não quer dizer que o povo não tenha a sua fé, que substancia os princípios pelos quais vivemos. O Brasil não é uma anarquia. É um país de decência e ordem.

Não é possível conceber que a família em seus moldes naturais seja destruída, que a ideologia de gênero e a tese de legalização do aborto sejam disseminadas em nossa sociedade como algo normal; que até mesmo a pedofilia seja estimulada de forma sorrateira por aqueles que querem destruir o que há de mais sagrado na sociedade, simplesmente para dominar e oprimir. Isso não é laicidade. É a desmoralização da Pátria.

Minha conduta, no que compete ao Estado, será construir um dique contra todas essas mazelas sem que isso signifique dar voz ao preconceito, mas oferecer à sociedade brasileira condições para que a família se mantenha nos padrões para os quais foi por Deus estabelecida. Essa é a minha transparência, a afirmação do que creio e a certeza de que só assim caminharemos para um futuro promissor.

Vamos honrar a Deus sobre todas as coisas. Ele tem sido até aqui o nosso norte e continuará a sê-lo em todo o nosso mandato para o qual creio que seremos eleitos pelos brasileiros. Todos os nossos atos serão pautados por essa convicção, certo de que, em sendo assim, faremos o melhor e Deus nos ajudará a colocar o Brasil nos trilhos para que todos possamos usufruir as suas bênçãos sem medida.

TODA HONRA E TODA GLÓRIA SEJAM DADAS AO NOSSO SENHOR JESUS CRISTO! AMÉM!

2. O Brasil necessita recuperar a noção de soberania

Já se passaram aproximadamente 196 anos desde que o Brasil conquistou sua independência. Desde o grito do Ipiranga que nos colocou no rol dos Estados soberanos, o nosso país já experimentou a forma monárquica de governo, inclusive com o sistema parlamentarista; experimentou a forma republicana com períodos intercalados marcados por governos autoritários e democráticos até que, chegou ao período da Nova República, iniciado com o advento da Constituição Federal de 1.988

Entretanto, ao longo desses 196 anos o Brasil jamais viveu a plenitude de sua soberania. Foram inúmeros os interesses das grandes corporações estrangeiras que permearam o senso político dos nossos governantes ao longo de certa parte do período republicano. Faltaram-nos estadistas que, dotados de um alto nível de nacionalismo defendessem as riquezas do Brasil bem como a sua efetiva soberania.

O Brasil é um país estratégico no cenário político internacional. Possui inúmeras riquezas naturais; um elevado potencial tecnológico e científico; e não por acaso, é atualmente a maior economia da América Latina.

Dessa forma, é de grande importância que nos dias atuais, a população brasileira seja tomada por um elevado senso de patriotismo a fim de que, sejam eleitos representantes e governantes patriotas e nacionalistas, que não vendam as riquezas e áreas estratégicas nacionais para atender interesses de grandes corporações internacionais ou de governos de outros países.

Mas, para que o Brasil recupere a sua noção de soberania plena, é fundamental a união do povo civil com o povo militar, e que ocorra uma grande reforma nos quadros políticos do país.

VAMOS VALORIZAR AS FORÇAS ARMADAS, AUMENTANDO OS INVESTIMENTOS E REESTRUTURANDO OS PLANOS DE CARREIRA BEM COMO AMPLIANDO O EFETIVO E A REMUNERAÇÃO DOS MILITARES.

Além disso, são necessárias grandes ações e políticas públicas nos campos da economia, educação, infraestrutura, transportes, segurança pública, saúde, ciência, tecnologia, dentre outras áreas de suma importância para uma boa gestão da república brasileira.

Iremos trabalhar para que se torne realidade o exposto no artigo 6º da Constituição Federal, o qual afirma. “São direitos sociais a educação, a saúde,

a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Sendo assim, nosso Plano de Governo consiste em abordagem de políticas em cinco grandes áreas: Educação, Saúde, Economia, Infraestrutura de Transportes e Segurança Pública.

3. Educação

As sociedades mais desenvolvidas do mundo somente chegaram ao alto nível de progresso e desenvolvimento porque investiram maciçamente em educação.

Educação de qualidade é direito e dever, e cada um deve exercer sua função, sem abrir mão que lhe cabe na conquista da qualidade. Os pais são agentes indispensáveis nessa parceria com os profissionais da educação e as autoridades constituídas para esse fim.

INVESTIREMOS 10% DO PIB EM EDUCAÇÃO.

Para se ter uma ideia do quadro atual da educação brasileira, a evasão escolar da 1ª Série do Ensino Médio, estava com índice de 11,2% no ano de 2017. Ainda em se tratando do Ensino Médio, a evasão escolar nas 2ª e 3ª séries, se encontra na faixa de 12,7% e 6,8% respectivamente.

Em relação à educação básica no que concerne a rede pública de ensino nas esferas federal, estadual e municipal, conforme o Censo Escolar de 2017, elaborado pelo Ministério da Educação, o país possui 144.726 escolas e alguns indicadores importantes podem ser observados, pois refletem a inépcia da gestão de recursos destinados à educação por parte de estados e municípios e reflete também a ineficiência do governo atual em acompanhar a aplicação dos recursos transferidos aos estados e municípios.

Das 144.726 escolas públicas do país, apenas 36% (52.101 escolas) possuem Bibliotecas. Somente 40% (57.890 escolas) possuem laboratórios de informática e somente 8% (11.578 escolas) possuem laboratório de ciências. O índice de salas para leitura ainda é insuficiente, do total de escolas públicas do país, somente 20% (28.945 escolas) possuem salas para leituras e 22% (31.839 escolas) possuem salas para atendimento especial.

Dessa forma, iremos aumentar o repasse de recursos aos estados e municípios para que esses índices sejam ampliados.

No tocante à acessibilidade para alunos portadores de deficiência, o índice é de 27% (39.076 escolas) apenas de instituições com acessibilidade aos alunos com necessidades especiais. O índice de escolas com banheiros com acessibilidade aos alunos portadores de deficiência é de 37% (53.548 escolas), sendo um índice muito baixo. Vamos trabalhar para que, no segundo ano de governo, esse índice chegue a 50% das escolas, tendo como meta a marca de 100% das escolas brasileiras possuindo banheiros com acessibilidade aos alunos portadores de deficiência até 2022.

Acentuando o quadro crítico da educação básica, o índice de repetência apurado no período 2014-2015 foi de 15,3% entre os alunos da 1ª Série do ensino médio. Acrescenta-se a isso, o índice de reprovação de 14,4% entre os alunos da 6ª Série do ensino fundamental apurado no mesmo período.

Também é alta a quantidade de professores afastados das funções devido transtornos mentais gerados por condições de trabalho ruins. Os transtornos predominantes são: Estresse, Síndrome de Burnout e Mal-estar docente.

Outro ponto importante, diz respeito à situação das universidades públicas no Brasil. Segundo dados de um estudo interno do Ministério da Educação, os gastos das universidades federais aumentaram 40% entre os anos de 2009 e 2016 e o número de estudantes cresceu 44% no mesmo período. São 63 universidades federais e 361 campi.

Apesar da quantidade de alunos ter aumentado, a quantidade de recursos públicos destinados a essas universidades vem diminuindo. No período do segundo semestre de 2017, o corte de verbas foi de 7%.

IREMOS VALORIZAR AS UNIVERSIDADES FEDERAIS QUE JÁ POSSUIMOS E CRIAR NOVAS UNIVERSIDADES FEDERAIS E CONSTRUIR MAIS CAMPI.

Outro problema em relação ao ensino superior diz respeito aos gastos das universidades públicas que em sua maioria são destinados à folha de pagamento, o que torna inviável a realização de investimentos em infraestrutura e materiais. É nítido que o sistema de educação superior pública do Brasil está saturado.

Portanto, vamos implementar políticas para a educação a fim de reduzir a evasão escolar, diminuir a incidência da reprovação, melhorar a qualidade do ensino, as condições de trabalho dos professores, aumentar o acesso à educação pública e implementar a educação básica em tempo integral nas escolas de todo o país.

Políticas públicas para a área da educação serão elaboradas em conjunto com políticas na área da economia, saúde, emprego e renda e assistência social. Tudo a partir de uma ação conjunta de políticos e técnicos, além disso, por meio da realização de audiências públicas nas diversas regiões e municípios do país a fim de adequar políticas às realidades da população.

Vamos elevar o piso salarial dos trabalhadores em educação, dos atuais R\$ 2.455,35 para um patamar capaz de assegurar condição de vida mais digna aos educadores em tão nobre ofício. Valorizar a ciência, tecnologia e inovação bem como criar mais Institutos Federais de ensino técnico em localidades estratégicas no tocante à formação e capacitação da população mais carente para o mercado de trabalho, além de valorizarmos os Institutos Federais já existentes. Melhorar as técnicas de gestão de pessoas aplicadas aos professores, assegurar aos alunos condições mais favoráveis ao aprendizado e em especial, aos alunos portadores de deficiências físicas, mentais e sensoriais. Essas ações se darão por meio de programas de parcerias com os governos estaduais e municipais voltados exclusivamente para a melhoria das estruturas físicas das escolas, aumento do número de bibliotecas, salas de leitura, laboratórios de informática e de ciências; para compra de melhores materiais didáticos e para ampliação da disponibilidade do transporte público escolar aos estudantes que vivem em áreas rurais.

Além disso, elaborar estudos, audiências públicas nos municípios e pesquisas nos domicílios a fim de obter informações acerca da renda das famílias dos estudantes, do acesso à saúde, das condições psicológicas e sociais dessas famílias com o fito de serem verificados os impactos que as condições de vida dos estudantes possuem no aprendizado.

EDUCAÇÃO DE QUALIDADE, A PRIORIDADE QUE REFLETIRÁ NA SAÚDE, SEGURANÇA, ECONOMIA, NA VIDA COMO UM TODO!

Sendo assim, vamos erradicar o analfabetismo; extinguir o problema da evasão escolar nas variadas faixas etárias; elaborar planos de carreiras mais abrangentes e eficientes para os profissionais da educação; aumentar a

despesa pública voltada para o aspecto educacional, além de implementar políticas públicas que promovam a inclusão social e que, qualifiquem a população de maneira mais intensa para atender as demandas do mercado de trabalho.

4. Saúde

No Brasil, é ineficiente o trabalho realizado por meio de políticas de prevenção às enfermidades, sendo a prática da gestão da saúde pública, voltada em sua maioria para o atendimento das enfermidades após a sua manifestação.

Sendo assim, iremos melhorar a gestão de prevenção às enfermidades com o objetivo de reduzir a pressão sobre os prontos-socorros e hospitais.

Existem hoje em nosso país, aproximadamente 5.530 hospitais. Desse total, aproximadamente 1/3 é constituído por hospitais da rede privada, enquanto que, 2/3 são formados por hospitais da rede pública de saúde.

Os totais de leitos de internação do Sistema Único de Saúde estão distribuídos da seguinte forma entre as regiões brasileiras: A Região Centro Oeste possui 23.714 leitos de internação; a Região Nordeste 95.030 leitos; a Região Norte 22.998 leitos e as Regiões Sudeste e Sul possuem respectivamente, 119.680 e 52.076 leitos, totalizando no país 313.498 leitos de internação.

No que diz respeito à quantidade de leitos de UTI do Sistema Único de Saúde, a quantidade total é de 19.131 leitos. Já, no tocante à quantidade de leitos complementares, o total é de 23.443 leitos, sendo insuficiente para a prestação de serviços públicos de saúde de qualidade.

Além disso, os profissionais da saúde pública carecem de melhores condições de trabalho e melhores equipamentos e materiais. Somente para exemplificar, apenas 3% dos hospitais públicos brasileiros possuem condições adequadas para receber pacientes com Acidente Vascular Cerebral (AVC). Dos hospitais particulares, 76% não possuem condições de receberem pacientes com esse quadro clínico, que, diga-se de passagem, é muito grave.

São inúmeras as críticas ao sistema de saúde pública brasileiro. Os hospitais em sua maioria são marcados pela hiperlotação, os profissionais são

geralmente, mal remunerados e além do que, falta uma boa gestão e os recursos financeiros são mal aplicados.

Contudo, por mais que a situação da saúde pública brasileira seja precária, é possível que o quadro crítico seja revertido em um quadro satisfatório. A começar pela boa aplicação dos recursos na área da saúde através de uma gestão altamente profissionalizada e eficiente.

Acrescente-se a isso, uma boa articulação federativa por parte dos Poderes Executivo e Legislativo da União com os seus pares das esferas Estadual e Municipal, a fim de que, convênios mais efetivos sejam firmados entre União, Estados e Municípios com o objetivo de aumentar a disponibilidade de leitos à população.

Sendo assim, iremos articular as Diretrizes Nacionais de Gestão da Saúde Pública ao Sistema Único de Saúde – SUS, que irão padronizar as práticas de gestão administrativa da saúde pública federal, estadual e municipal a fim de melhorar as condições de trabalho e a remuneração dos profissionais da saúde, e, sobretudo, oferecer um atendimento de alta qualidade aos cidadãos.

Metas

- . Defender os princípios e diretrizes do SUS;
- . Adotar políticas, programas e ações de promoção, prevenção e atenção à saúde;
- . Dar transparência às informações de caráter público do SUS;
- . Interiorizar a medicina e o trabalho médico;
- . Criar uma carreira de Estado para os médicos que atuam na rede pública;
- . Implantar os planos de cargos e carreiras para os médicos da rede pública;
- . Instituir programas de educação continuada gratuitos para médicos e de outros profissionais de saúde do SUS;
- . Fortalecer o financiamento, gestão e controle do SUS;
- . Aumentar a participação da União nas despesas sanitárias totais;

- . Melhorar a infraestrutura, as condições de trabalho e o atendimento;
- . Recuperar a rede de urgências e emergências;
- . Aumentar a quantidade dos leitos de internação e de unidades de terapia intensiva;
- . Atualizar a tabela do SUS;
- . Dar fim ao desequilíbrio na relação com as operadoras de planos de saúde;
- . Dar fim aos subsídios públicos destinados aos planos e seguros privados de saúde;
- . Cumprir a Lei da Contratação (Lei nº 13.003/2014);
- . Respeitar a Lei do Ato Médico (Lei nº 12.842/2013).

5. Segurança Pública

Segundo a Constituição Federal, em seu artigo 144 "... A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos":

- I- Polícia federal;
- II- Polícia Rodoviária Federal;
- III- Polícia Ferroviária Federal;
- IV- Polícia Civil
- V- Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros Militar

O atual cenário da segurança pública no Brasil é crítico. Somos um dos países com o maior índice de violência urbana no mundo.

VAMOS ATUAR COM PREVENÇÃO

Alguns indicadores devem ser observados, como será exposto a seguir.
Mortes Violentas por 100.000 habitantes

Mortes Violentas por 100.000 habitantes

Fatores	Índice
Homicídio Doloso	26,2
Letalidade Policial	2,0
Latrocínio	1,3

Lesão Corporal Seguida de Morte	0,4
Vitimização Policial	0,8

Mortes Acidentais por 100.000 habitantes

Fatores	Índice
Homicídio Culposos de Trânsito	6,5
Mortes a Esclarecer	4,5
Mortes Acidentais do Trânsito	2,8
Outras Mortes Acidentais	1,6
Outros Homicídios Culposos	0,4
Outros Crimes Resultantes em Mortes	0,1

Variáveis Influenciadoras no Quadro da Violência por 100.000 habitantes

Fatores	Índice
Entorpecentes – Tráfico	72,2
Entorpecentes – Posse e Uso	62,3
Porte Ilegal de Arma de Fogo	25,3

Adiante, algumas informações referentes ao efetivo de profissionais de segurança pública no país e informações acerca do sistema carcerário brasileiro.

Trabalhadores locais da Segurança Pública

Esfera de Governo	Índice
Estaduais (Polícia Militar)	420.240
Estaduais (Polícia Civil)	117.642
Municipais (Guardas Municipais)	99.350

Existem no Brasil 1.422 penitenciárias, sendo 437 unidades no Sistema Penitenciário Federal. Sob a responsabilidade das secretarias estaduais de segurança Pública, as carceragens de delegacias são 36.765 unidades e a taxa de ocupação é de 197,4% o que reflete um quadro de hiperlotação nas unidades carcerárias do país.

É importante ressaltar que o índice de reincidência dos infratores no país é de 70%, o que coloca em xeque a capacidade e a metodologia de ressocialização dos internos.

Os internos muitas vezes entram no sistema carcerário cometendo um tipo de infração e pela convivência com outros presos, tornam-se conhecedores de práticas mais delituosas do que as cometidas outrora. A solução para esse problema será a reformulação dos critérios de distribuição dos presos dentro dos presídios e das carceragens de delegacias.

Além de reestruturar o sistema penitenciário, iremos focar no combate ao tráfico de entorpecentes, pelo fato que, drogas e armamentos são a base de sustentação do crime organizado no Brasil e a dependência química é o pano de fundo na motivação de infratores a cometerem delitos.

Com isso, iremos combater o tráfico de drogas e de armas nos locais onde esses itens entram no território brasileiro, sendo os principais locais, as áreas de fronteira. O Brasil possui mais de 8 milhões e 500 mil quilômetros quadrados de dimensão, possui também 16.886 quilômetros de fronteira terrestre e mais 7.367 quilômetros de fronteira marítima, sendo um dos maiores países do mundo.

PREVENÇÃO É A SOLUÇÃO PARA OS PROBLEMAS DA SEGURANÇA PÚBLICA.

Atualmente, são apenas 11.593 militares das forças armadas patrulhando as áreas fronteiriças e atuando no combate ao tráfico de armas e drogas de um total de 327.000 militares em atividade. Números que indicam o pouco efetivo de militares para o patrulhamento de uma área tão vasta de fronteira.

Para solucionar o problema do alto índice de violência urbana no Brasil, principalmente no que diz respeito à entrada de armas e drogas que geram como consequência o aumento do número de homicídios no país, iremos atuar com prevenção a partir da ampliação da quantidade de militares em fronteiras, aplicando 10% do PIB nas Forças Armadas, aumentando o efetivo da Polícia Federal, da Polícia Rodoviária Federal e da Polícia Ferroviária Federal – que será efetivada, bem como a quantidade de Oficiais e Agentes Técnicos de Inteligência.

Iremos também criar os Centros de Operações Integradas em Áreas de Fronteira com a participação do Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal e da Agência Brasileira de Inteligência.

Melhores condições de trabalho também serão proporcionadas aos policiais federais, policiais ferroviários federais, policiais rodoviários federais, e

articularemos com os governos estaduais e municipais para que policiais civis e militares bem como os profissionais dos corpos de bombeiros militares e agentes penitenciários dos estados da federação e guardas municipais também tenham melhores condições para o exercício de suas funções, por meio da obrigação legal da criação de um piso salarial para as polícias, obrigando aos estados remunerar de forma digna os profissionais que zelam pela segurança pública. Por meio de lei, também será estabelecido um percentual mínimo de investimento dos estados e municípios brasileiros em segurança pública e ampliar a quantidade de recursos repassados aos estados pela União.

Políticas públicas permanentes e obrigatórias, conjuntas, entre o Ministério da Segurança Pública, Ministério da Defesa, Ministério da Educação e o Ministério da Justiça e Cidadania em convênio com os estados e municípios brasileiros, serão realizadas a fim de promover o patriotismo, o nacionalismo, o civismo e a conscientização da sociedade, a começar pelos estudantes, a **respeito dos valores sociais e da importância do respeito às leis e do seu cumprimento.**

6. Infraestrutura de Transportes

Outro ponto estratégico referente à gestão pública no Brasil, diz respeito à infraestrutura de transportes. É importante frisar que em 1.700.000 quilômetros de rodovias escoam 58% do volume nacional de cargas.

De todas as rodovias, 1.359.045,3 quilômetros não são pavimentados. O total de quilômetros de rodovias pavimentadas é de apenas 203.943,3 km, o que representa apenas 12,0% do total. Devido a isto, o custo operacional aos empreendedores que utilizam as rodovias para escoarem suas produções é ~~de~~ 25% maior do que o planejado, devido às péssimas condições das estradas.

VAMOS PAVIMENTAR 100% DAS RODOVIAS FEDERAIS E TRABALHAR PARA PAVIMENTAR AS ESTADUAIS E MUNICIPAIS EM ARTICULAÇÃO COM OS GOVERNOS DOS ESTADOS E MUNICÍPIOS.

Caminhões com soja e milho chegam a cruzar trechos de 500 a 1.000 quilômetros para chegarem a dois dos portos principais do país: os portos de Santos e Paranaguá, localizados nos Estados de São Paulo e Paraná, respectivamente. O ideal seria não cruzar mais do que 400 quilômetros para o escoamento dos itens supracitados.

Para visualizar um cenário futuro de melhorias, iremos aumentar a quantidade de recursos investidos em logística de transporte, pois, o país investe apenas 0,6% do Produto Interno Bruto nessa área. O Ministério dos Transportes possui duas políticas voltadas para mitigar esses problemas citados, elas são: o Plano Hidroviário Estratégico e o Plano de Logística Estratégica.

NÓS VAMOS AMPLIAR AS HIDROVIAS E FERROVIAS QUE SERÃO CRUCIAIS PARA DESAFOGAR A MALHA RODOVIÁRIA E ESTIMULAR O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO PAÍS.

O Brasil possui hoje aproximadamente 31.000 quilômetros de vias férreas, muito pequena se comparada à extensão territorial do país e das necessidades de transportes. Algumas ferrovias importantes ainda não estão concluídas e as obras se arrastam há anos, elas são: Ferrovia Nova Transnordestina que ligará o Porto de Suape em Pernambuco ao Porto do Pecém no Ceará; Ferrovia do Pantanal e Ferrovia Norte-Sul, que, ligará o Estado do Pará ao Estado de São Paulo. Essas ferrovias possuem 1.728; 4.155 e 734 quilômetros de extensão planejados, respectivamente.

No tocante às hidrovias, as principais são as seguintes: Hidrovia Tietê-Paraná, que possui 1.250 km de trechos navegáveis, sendo importante para o transporte de grãos e outros itens produzidos nos Estados do Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo; a Hidrovia da Madeira, situada no Rio Madeira na região Amazônica; a Hidrovia Taquari-Guaíba, principal hidrovia em cargas transportadas; Hidrovia São Francisco, que possui 1.371 quilômetros de trechos navegáveis e a Hidrovia Araguaia-Tocantins, que possui 3.000 km de trechos aptos para a navegação.

Dessa forma, as políticas citadas anteriormente serão reformuladas nos pontos que se fizerem necessários e serão implementadas novas ferrovias no país, tendo como meta, a marca de 150.000 quilômetros de vias férreas no território nacional. Também será ampliada a quantidade de trechos navegáveis nas hidrovias já existentes e novas hidrovias serão criadas.

Vamos aumentar o número de rodovias federais que atualmente são 167 e facilitar a integração das regiões brasileiras por meio de políticas públicas e convênios entre os governos federal e estaduais para facilitar o escoamento da produção brasileira e promover o desenvolvimento regional, sobretudo, das regiões mais pobres do país. Além disso, iremos integrar as rodovias existentes

às hidrovias e ferrovias, investindo na melhoria dos seus trechos não somente para o transporte de cargas, mas também de passageiros, o que trará melhorias aos setores agropecuário, de commodities e do turismo, gerando emprego e renda bem como o surgimento de novos empreendimentos, acentuando o potencial econômico do país.

Iremos elevar o nível de qualidade e da segurança nas estradas, para isso, faremos a integração das políticas públicas de infraestrutura de transportes com as políticas de segurança pública estaduais, municipais e federais. Isso possibilitará maior confiabilidade na infraestrutura do país e atrairá mais investimentos.

7. Economia

No que diz respeito à economia, figuramos entre as maiores economias do planeta. No entanto, nos últimos anos, a economia brasileira cresceu pouco ou sofreu retração. Os piores indicadores ocorreram em 2015 e 2016, com retração de 3,5% e 3,6%, respectivamente.

Mas, os sinais de encolhimento já vinham sendo expostos desde ~~o ano de~~ 2011, se acentuando em 2014, com crescimento de apenas 0,1 %. A seguir, outros dados são importantes de serem observados no tocante à economia brasileira.

Nossa de trabalho corresponde a 104,2 milhões de trabalhadores (População Economicamente Ativa). Desses, 91 milhões estão empregados, enquanto que, 13,2 milhões de trabalhadores estão fora do mercado de trabalho, ou seja, estão desempregados.

O rendimento médio do trabalhador brasileiro, segundo o IBGE, é de R\$ 2.160,00 e o salário mínimo é de R\$ 954,00 atualmente.

O país possui uma carga tributária de 32,38% do Produto Interno Bruto, com inflação de 2,95% do PIB (2017). A taxa básica de juros (SELIC) está em 6,5% ao ano (2017) e a taxa de investimentos é de 15,6% do Produto Interno Bruto.

A Dívida Externa se encontra em 315,267 bilhões de dólares, a Dívida Pública Monetária Federal se encontrava em 3,311 trilhões de reais no início de 2018, com a previsão, segundo o Tesouro Nacional, de encerramento do ano com essa dívida em torno de quatro trilhões de reais. Quanto a arrecadação

federal tributária se encontrou na faixa de 1,3 trilhão de reais em 2017. Esses foram os resultados de alguns indicadores da economia brasileira.

Como se pode observar, o Brasil possui uma elevada taxa de juros; elevada dívida externa e principalmente, uma dívida interna em níveis alarmantes. Vamos fazer uma reformulação das diretrizes macroeconômicas aplicadas no cenário nacional a fim de melhorar os resultados dos indicadores.

GOVERNAR É BAIXAR JUROS E IMPOSTOS.

Vamos reduzir a taxa de juros a fim de possibilitar ao país atrair investimentos estrangeiros e competir com mais vigor no mercado internacional. Além disso, iremos fortalecer a produção brasileira, facilitar o trâmite para patentes de produtos nacionais e promover o desenvolvimento do pequeno, médio e grande empreendedor do país, eliminando as disfunções burocráticas que atrasam o desenvolvimento e desmotivam aqueles que desejam empreender.

Outra questão imprescindível ao desenvolvimento se refere à redução da carga tributária, além disso, é preciso concomitantemente reduzir a despesa pública e promover uma melhor alocação dos recursos do erário. Não adianta reduzir impostos, se o setor público não diminuir os gastos e não eliminar privilégios. Iremos efetuar um equilíbrio de forças a fim de promover investimentos no setor público cruciais e ao mesmo tempo eliminar gastos excessivos e desnecessários.

Empresas estatais estratégicas jamais serão privatizadas em nosso governo. Será efetuada a modernização dessas empresas, bem como a melhoria das ferramentas de gestão e o investimento na capacitação dos colaboradores a fim de fortalece-las a enfrentar a competitividade do mercado. Esse será o caminho a ser seguido em vez de entregá-las ao setor privado ou às grandes corporações internacionais. Iremos fortalecer a soberania brasileira em todos os setores, pois o país perdeu muito de sua autonomia para tomar decisões devido aos grandes interesses estrangeiros que permearam as decisões políticas.

Vamos fortalecer a competitividade das commodities brasileiras no mercado internacional porquanto isso é de elevada importância. Hoje, o minério de ferro, o ferro fundido, o aço e óleos brutos de petróleo são os principais itens que o país vende ao exterior. Dessa forma, vamos trabalhar para melhorar a qualidade desses produtos e promover o desenvolvimento

científico e tecnológico do país, através de políticas de fomento voltadas à implementação de negócios para o processamento desses itens, a fim de proporcionar a melhor alocação dessa produção não somente em âmbito externo, mas principalmente no desenvolvimento nacional.

O Brasil irá deixar de ser um exportador de matérias primas e importador de produto industrializado, para se tornar um exímio utilizador de matérias primas que podem ser aplicadas nas áreas de ciência e tecnologia e, produção de bens finais para o consumo interno, em vez de ocuparmos posição de coadjuvante em aspectos de modernização e desenvolvimento como exportadores de bens primários, pois, IREMOS FIGURAR ENTRE OS PAÍSES MAIS DESENVOLVIDOS DO PLANETA.

Conclusão

Para concluir este Plano de Governo, queremos afirmar que, não existe ação efetiva sem a devida elaboração de políticas públicas eficientes e bem monitoradas. Diga-se de passagem, no tocante a esses fatores, a administração pública é muito deficiente.

Uma política pública bem elaborada se dá por um ciclo de passos e etapas bem definidos. O passo inicial diz respeito à identificação e ao reconhecimento de um problema como público, a seguir, é necessário que tal ou tais problemas identificados venham a fazer parte da agenda de governo. Na agenda de governo, são elencados os principais problemas a serem resolvidos ou mitigados pela administração pública e pelos agentes políticos.

Depois que se identifica um ou vários problemas e se estabelece a agenda de governo, é preciso formular alternativas para o tratamento desses problemas. Posteriormente à formulação de alternativas, tomam-se decisões dentre essas alternativas que subsidiarão e fundamentarão a implementação de uma política pública.

Uma vez constituída a política pública, segue-se a fase da Avaliação. Nessa etapa, por meio de indicadores, a política pública será analisada a fim de se verificar os pontos de êxito e as falhas existentes com o objetivo de melhorar a política, reestruturá-la, estabelecer a sua continuidade ou extingui-la.

Por fim, a recuperação da soberania de um país passa pela formação psicológica e social dos seus cidadãos. Também recai na acentuação da promoção dos valores da família e, sobretudo, dos valores cristãos.

Uma sociedade bem constituída socialmente, psicologicamente e espiritualmente encontra os caminhos do progresso; da justiça social; da distribuição justa da renda; da efetiva ação de segurança pública; do desenvolvimento econômico e sustentável e também valoriza os pilares da educação.

O presente trabalho é finalizado com a seguinte colocação de um grande governante da antiguidade.

“BEM-AVENTURADA É A NAÇÃO CUJO DEUS É O SENHOR”.

Salmos 33:12

ANEXO F – Revista Veja (seção “Ponto de Vista”).

Ponto de Vista

O salário está baixo

Capitão Jair Messias Bolsonaro

Há poucos dias a imprensa divulgou o desligamento de dezenas de cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras por homossexualismo, consumo de drogas e uma suposta falta de vocação para a carreira. Em nome da verdade, é preciso esclarecer que, embora tenham ocorrido efetivamente casos residuais envolvendo a prática do homossexualismo, consumo de drogas e mesmo indisciplina, o motivo de fundo é outro. Mais de 90% das evasões se deram devido à crise financeira que assola a massa dos oficiais e sargentos do Exército brasileiro. Uma crise e uma falta de perspectiva profissional cujos reflexos de desestímulo já atingem a Academia das Agulhas Negras, celeiro histórico da oficialidade da força terrestre — que hoje se encontra ameaçado.

É de conhecimento de todos que o funcionalismo público vem sofrendo muito nos últimos anos. Já no subterfúgio da concessão da semestralidade, a inflação anual referente a 1983 foi dividida: uma parte do reajuste foi concedida em 1.º de janeiro de 1984 e a outra em 1.º de julho do mesmo ano. Esta última data serviu de base da nova referência para os reajustes seguintes. Com isso, a inflação do primeiro semestre de 1984 foi simplesmente considerada absorvida — ou zerada — para os funcionários públicos. Agora, na Nova República, novamente sofremos uma grande perda salarial: a maioria dos trabalhadores, através de lutas sindicais que nos são expressamente proibidas, gozava de adiantamentos, trimestralidade, bônus e outros ganhos que foram incorporados aos salários. Como não tínhamos esse privilégio, perdemos novamente o equivalente a três meses de inflação na época em que ela corroía consideravelmente o poder aquisitivo da população. Curiosamente, a reposição que nos foi negada beneficiou a quase totalidade dos funcionários das empresas estatais.

Como capitão do Exército brasileiro, da ativa, sou obrigado pela minha consciência a confessar que a tropa vive uma situação crítica no que se refere a vencimentos. Uma rápida passada de olhos na tabela de salários do contingente que inclui de terceiros-sargentos a capitães demonstra, por exemplo, que um capitão com oito a nove anos de permanência no posto recebe — incluindo soldo, quinquênio, habitação militar, indenização de tropa, representação e moradia, descontados o fundo de saúde e a pensão militar — exatos 10 433 cruzados por mês. Um terceiro-sargento, com o mesmo tempo de permanência e os mesmos adicionais, não passa dos 4 134 cruzados. Estes números, aliás, pertencem a um universo salarial cuja mobilidade — ou perspectiva de ascensão profissional e hierárquica — pode ser medida com dois exemplos: um sargento, para atingir a faixa salarial de um aspirante a oficial, deve ter no mínimo 24 anos de serviço. E um aspirante a oficial, para chegar a major, deve necessariamente ter, no mínimo, quinze anos de quartel, contados a partir da data de sua declaração a aspirante.



Descontentes e sem perspectivas, os cadetes estão abandonando a Academia das Agulhas Negras

Esse quadro é a causa sem retoques da evasão, até agora, de mais de oitenta cadetes da AMAN. Eles solicitaram desligamento. Não foram expulsos, como sugere o noticiário. Afinal, um homem que dedica os melhores anos de sua vida à carreira militar, enfrentando, nos corpos da tropa, um ritmo de trabalho não inferior a 48 horas semanais, com serviços aos sábados, domingos e feriados, instruções noturnas, marchas, acampamentos e outras atividades típicas da vida dos quartéis, não pode simplesmente pensar em patriotismo — como querem muitos — quando não pode sequer sonhar em constituir condignamente uma família.

Nas constantes transferências a que somos submetidos, para os mais distantes pontos do Brasil, sempre estamos sujeitos a aluguel residencial. Com exceção de Brasília, raras são as unidades que oferecem residência a oficiais e sargentos. Como o aluguel, no mercado, quase nunca é inferior a 5 000 cruzados, um capitão casado se vê diante da sombra da catástrofe quando planeja seu orçamento familiar. Com cerca de 60% do salário comprometido apenas com a moradia, restam-nos 4 500 cruzados para educação dos filhos, alimentação, transporte, lazer, vestuário, fardamento etc. Isso é deprimente para um oficial que tem curso superior e, quase sempre, vários cursos militares.

Não pleiteio aumento salarial. Reclamo — como fariam, se pudessem, meus colegas — um vencimento digno da confiança que meus superiores depositam em mim. Muitos reclamam da não tributação do imposto de renda sobre os vencimentos brutos dos oficiais e sargentos. Ora, se isso ocorresse, depauperaríamos com a inconcebível circunstância de um aspirante a oficial do Exército — homem de elite e cheio de sonhos de carreira — ter que sobreviver com menos de 5 000 cruzados mensais. Um salário inferior ao de muitos técnicos e funcionários sem qualificação de muitas estatais, como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e a Petrobrás.

Torno público este depoimento para que o povo brasileiro saiba a verdade sobre o que está ocorrendo na massa de profissionais preparados para defendê-lo. Corro o risco de ver minha carreira de devoto militar seriamente ameaçada, mas a imposição da crise e da falta de perspectiva que enfrentamos é maior. Sou um cidadão brasileiro cumpridor dos meus deveres, patriota e portador de uma excelente folha de serviços. Apesar disso, não consigo sonhar com as necessidades mínimas que uma pessoa do meu nível cultural e social poderia almejar. Amo o Brasil e não sofro de nenhum desvio vocacional. Brasil acima de tudo.

Jair Messias Bolsonaro é capitão de artilharia do 8.º Grupo de Artilharia de Campanha, pára-quedista, 31 anos, casado e pai de três filhos.

rante os dois dias da prisão do capitão Sardon, num ato de protesto. Nesse momento, a campainha tocou novamente. Fui levada para um dos quartos, por Lígia; para que não visse o oficial que acabava de chegar. Nos poucos minutos que ficamos ali, Lígia revelou-me alguns detalhes da operação Beco sem Saída. O plano consistia num protesto à bomba contra o índice de aumento para os militares que o governo anunciaria nos próximos dias. Caso o reajuste ficasse abaixo de 60%, algumas bombas seriam detonadas nos banheiros da Esao, sempre com a preocupação de evitar que houvesse feridos. Simultaneamente, haveria explosões na Academia Militar das Agulhas Negras e em outras unidades do Exército. 'Não haverá perigo', garantiu Lígia. 'Serão apenas explosões pequenas, para assustar o ministro. Só o suficiente para o presidente José Sarney entender que o Leônidas não exerce nenhum controle sobre sua tropa.'

Lígia pediu-me que jurasse não comentar o assunto com Bolsonaro e Xerife. De volta à sala, depois que o terceiro oficial se retirou, o assunto girou em torno do ministro Leônidas Pires Gonçalves, do Exército. 'Temos um ministro incompetente e até racista', disse Bolsonaro a certa altura. 'Ele disse em Manaus que os militares são a classe de vagabundos mais bem remunerada que existe no país. Só concordamos em que ele está realmente criando vagabundos, pois hoje em dia o soldado fica um ano inteiro pintando de branco o meio-fio dos quartéis, esperando a visita dos generais ou fazendo faxina e dando plantão.' Perguntei, então, se pretendiam realizar alguma operação



Bolsonaro: "Só algumas espoletas"

maior nos quartéis. 'Só a explosão de algumas espoletas', brincou Bolsonaro. Depois, sérios, confirmaram a operação que Lígia chamara de Beco sem Saída. 'Falamos, falamos, e eles não resolveram nada', disseram. 'Agora o pessoal está pensando em explorar alguns pontos sensíveis.'

Sem o menor constrangimento, o capitão Bolsonaro deu uma detalhada explicação sobre como construir uma bomba-relógio. O explosivo seria o trinitrotolueno, o TNT, a popular dinamite. O plano dos oficiais foi feito para que não houvesse vítimas. A intenção era demonstrar a insatisfação com os

salários e criar problemas para o ministro Leônidas. De acordo com Bolsonaro, se algum dia o ministro do Exército resolvesse articular um novo golpe militar, 'ele é que acabaria golpeado por sua própria tropa, que se recusaria a obedecê-lo'. 'Nosso Exército é uma vergonha nacional, e o ministro está se saindo como um segundo Pinochet', afirmou Bolsonaro.

Nossa conversa durou 2 horas. Nesse tempo, falamos também sobre os planos do ex-presidente João Figueiredo de candidatar-se à sucessão de Sarney. 'Ele poderia contar com grande apoio', disse Xerife. 'Nós daríamos ao Figueiredo a oportunidade de terminar o que não conseguiu completar', afirmou o militar, sem explicar a que obra do ex-presidente se referia. A contragosto, Bolsonaro contou também um pouco de suas relações formais com o general Newton Cruz, ex-chefe da Agência Central do SNI. Segundo o capitão, ele e Cruz falam-se frequentemente ao telefone e o capitão espera que o general promova um encontro com Figueiredo talvez no próximo mês. O plano Beco sem Saída foi confirmado também por um outro oficial, que não integra o grupo da Esao.

Na quinta-feira, num contato telefônico com Bolsonaro, perguntei se o anúncio do presidente cancelava a operação Beco sem Saída. 'O pessoal está pensando em esperar até novembro para ver o que acontece', explicou o capitão. 'Mas, se esperarem muito, acabarão não fazendo nada.'

Nesse telefonema, Bolsonaro esclareceu: 'Eu estou fora disso'. E reafirmou: 'São apenas algumas espoletas. Não vamos fazer isso correndo o risco de perder uma parte de nossos corpos'. Sobre o capitão Luiz Fernando Walter de Almeida, que tomou a prefeitura de Apucarana, Bolsonaro contou ter estudado com ele. 'A tropa que o acompanhou no protesto não é ingênua', garantiu. 'Eles sabiam aonde estavam indo.' Nervoso, Bolsonaro advertiu-me mais uma vez para não publicar nada sobre nossas conversas. 'Você sabe em que terreno está entrando, não sabe?', perguntou. E eu respondi: 'Você não pode esquecer que sou uma profissional'.



Protesto de mulheres de oficiais no ano passado: contra a punição de Bolsonaro

Capitão Bolsonaro

Antes todos tivessem a coragem do capitão Jair Messias Bolsonaro, que expressou no Ponto de Vista "O salário está baixo" (VEJA n.º 939) o sentimento de seus colegas de profissão dizendo o que todos gostariam de dizer, mas não o fazem em respeito aos seus superiores. Já é hora de o povo brasileiro saber o que é a vida de um oficial do Exército e quais são os proventos reais.

Lúcia Costa
Porto Alegre, RS

Como pai de dois militares, um do Exército e outro da Aeronáutica, quero parabenizar o capitão de artilharia Jair Messias Bolsonaro por seu artigo publicado em VEJA. Louvo esse condigno oficial pela brilhante e feliz exposição sobre os salários que ora afligem os militares e suas famílias.

Roberto de Carvalho Campos
Rio de Janeiro, RJ

Parabéns ao capitão Jair Messias Bolsonaro pelo seu Ponto de Vista, que veio a público não só esclarecer a disparidade salarial existente mas também, com muito mais nobreza do que seus comandantes, defender os jovens desligados da Academia Militar das Agulhas Negras da pecha infame de homossexuais e viciados, que muito bem sabemos não ser verdade.

Gabriel Bento Ortoch
Brasília, DF

Li com interesse o Ponto de Vista do capitão Jair Messias Bolsonaro e espero que não

se confirme o seu temor de ter a carreira militar ameaçada. Mas há alguns fatos que eu gostaria de comentar. É pueril a insinuação de que os funcionários das estatais tenham sido "salvos" do esquema de reajustes trazido pelo Plano Cruzado. A categoria dos bancários (que, obviamente, inclui o Banco do Brasil e a CEF) perdeu 26,5% do aumento a que teria direito como reposição de salários perdidos pela inflação de setembro de 1985 a fevereiro de 1986. Finalmente, sou de opinião de que não é com argumentação cheia de referências imprecisas ou preconceituosas sobre outras áreas que a causa defendida no artigo nos sensibilizará.

Antonio Gonçalves de Oliveira
São Paulo, SP

Em seu Ponto de Vista, o capitão Jair Messias Bolsonaro refere-se aos salários de alguns militares como inferiores aos de funcionários "sem qualificação" da Caixa Econômica Federal. Ora, um funcionário da CEF com cinco anos de serviço que se submeteu a um concurso público com excessivo número de candidatos, que já participou de vários cursos e treinamento e que tem nível superior recebe um salário bruto de 5 600 cruzados. Será que esse salário é suficiente?

Lutz Paulo Silveira Leite de Castro
Florianópolis, SC

Parabéns ao capitão Jair Messias Bolsonaro pelo seu Ponto de Vista. Como esposa e mãe de militares sinto na pele o desespero de uma vida difícil e sem nenhuma perspectiva. Vejo

anos e anos de estudo difícil, noites de serviço em claro, responsabilidades de comando em mares agitados, obediência cega e cumprimento do dever serem brindados no final do mês com um salário que, de tão baixo, chega a ser aviltante.

Léa Moreira
Rio de Janeiro, RJ

A situação dos militares de um modo geral é caótica. Ao abrir espaço para as palavras do capitão Bolsonaro, a revista VEJA presta um serviço à justiça: os militares não podem prestar declarações, fazer greves ou exercer quaisquer pressões para defender suas justas reivindicações.

José Lopes de Souza
São Paulo, SP

Ao ler o Ponto de Vista do capitão Jair Messias Bolsonaro, muito me surpreendeu e impressionou a real situação em que se encontra a categoria militar no Brasil. Todos os brasileiros imaginavam o contrário, que eles fossem privilegiados e dotados de todas as regalias possíveis, o que é um engano.

Vênus Delmondez
Brasília, DF

Concordo em gênero, número e grau com o Ponto de Vista do capitão Jair Messias Bolsonaro. Patriotismo não enche barriga! É tempo de as autoridades acordarem para a realidade e adequarem os vencimentos dos servidores militares às suas qualificações e responsabilidades.

Cerilo Jordão Pires
Rio de Janeiro, RJ



Bolsonaro, a adutora do Guandu que abastece de água o Rio de Janeiro e seu croqui da bomba junto à tubulação: veemente, por escrito, do próprio punho

MILITARES

De próprio punho

O ministro do Exército acreditou em Bolsonaro e Fábio, mas eles estavam mentindo

Na terça-feira da semana passada o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, estava com vontade de falar à imprensa. Numa entrevista de 40 minutos à porta do Palácio do Planalto, defendeu a estabilidade do governo, assegurou que detém o comando de sua tropa e acusou VEJA de ter fraudado uma notícia publicada em sua última edição, segundo a qual pelo menos dois capitães da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, no Rio de Janeiro, insatisfeitos com os baixos salários, pretendiam espalhar bombas de pequena potência em unidades militares, no que denominavam operação Beco sem Saída. O objetivo, segundo eles, seria o de chamar a atenção dos superiores para a difícil situação financeira da oficialidade.

"Os dois oficiais envolvidos, eu vou repetir isso, negaram peremptoriamente, da maneira mais veemente, por escrito, do pró-

prio punho, qualquer veracidade daquela informação", disse o ministro. Insatisfeito com a explicação do general, um repórter perguntou-lhe: "A negativa dos dois é suficiente e encerra qualquer investigação nesse caso?" Leônidas foi arrojado na resposta: "Por que você está perguntando isso? Quando alguém desmente — peremptoriamente — e é um membro da minha instituição, e assina em buxo, em quem vou acreditar?" Em seguida, respondeu à própria pergunta, esclarecendo que acredita "nesses que são os componentes da minha instituição — e eu sei quem é minha gente".

Os dois capitães mencionados na reportagem de VEJA são Jair Messias Bolsonaro, 32 anos, e outro identificado pelos seus companheiros como "Xerife" e por seus comandantes apenas como Fábio. Ambos haviam feito seu desmentido com declarações manuscritas. Bolsonaro informou que

jamales conversara sobre qualquer assunto com a repórter Cassia Maria, a autora da reportagem, enquanto Fábio assegurara jamais tê-la visto. Ao endossar esses desmentidos, o general Leônidas incorreu num dos maiores erros de apreciação de sua carreira militar. Bolsonaro e Fábio mentiram — peremptoriamente, da maneira mais veemente, por escrito e do próprio punho.

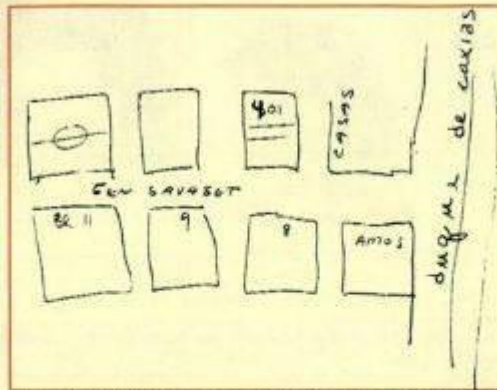
PROVAS DOCUMENTAIS — Bolsonaro escreveu que, procurado pela repórter, recusou-se a falar, recomendando-lhe que buscasse informações junto ao comando da Esao. Falso. Ele conhece a repórter Cassia Maria desde setembro do ano passado, e ela voltou a manter contato com o capitão no começo de outubro último para se informar sobre o descontentamento dos oficiais diante dos baixos salários. Ela procurava o capitão porque em setembro de 1986 ele escrevera um artigo para a seção Ponto de Vista, de VEJA, reclamando contra os baixos salários.

Entre os dias 6 e 21 de outubro, quando lhe confirmou a existência da operação Beco sem Saída, Bolsonaro encontrou-se com a repórter quatro vezes e nessas conversas queixou-se do comando, do ministro Leônidas, do presidente José Sarney e da vida. Dois desses quatro encontros deram-se na presença de testemunhas. Uma delas é o fo-

tógrafo Ricardo Chvaicer, de VEJA, que presenciou uma conversa de Bolsonaro com a repórter na sala do apartamento do capitão, na Vila Militar. A segunda é o motorista Luis Antonio da Silva Coelho, também de VEJA, que estava dentro do automóvel da reportagem quando o capitão, descendo de sua motocicleta numa rua de subúrbio do Rio de Janeiro, conversou com a repórter dentro do carro. Uma terceira conversa de Bolsonaro com a jornalista, dessa vez por telefone, teve o testemunho de Alessandro Porro, chefe da sucursal de VEJA no Rio de Janeiro. Nesse telefonema, ocorrido no dia 22 de outubro, Bolsonaro insistiu com a repórter para que não publicasse as informações que havia recebido um dia antes. Tratava-se de manter em sigilo a urdidura de um plano para espalhar bombas em quartéis — atividade que constitui crime tanto na legislação militar quanto na civil, não importando o tamanho, a potência ou a intenção da bomba.

Além dessas provas testemunhais, há ainda duas outras, documentais. No dia 21 de outubro, quando exemplificava para Cassia Maria o que seriam as explosões de "apenas algumas espoletas", destinadas a demonstrar a fragilidade do comando do ministro Leônidas e da autoridade do presidente Sarney, Bolsonaro foi didático. Desenhou um croqui em que apareciam as tubulações de que seria a Adutora do Guandu, responsável pelo abastecimento de água do Rio de Janeiro, e, junto a elas, colocou o rabisco de uma carga de dinamite detonável por intermédio de um mecanismo elétrico instalado num relógio.

VEJA não publicou esse croqui em sua reportagem da semana passada porque Bolsonaro não deu a impressão de que estivesse realmente disposto a explodir o Guandu, e sim de que fazia uma exibição do mecanismo de funcionamento de um petardo — algo que não chega a ser notícia. Em todas as ocasiões que a repórter Cassia Maria ouviu referências às bombas da operação Boco sem Saída, elas vieram acompanhadas da ressalva de que não se destinavam a ferir ninguém. Assim, o croqui de Bolsonaro, caso fosse publicado junto com a reportagem, resultaria em exagero. Sua publicação agora, portanto, destina-se apenas a provar que o capitão mentiu ao dizer que não falou com a repórter de VEJA e que o general Leônidas se precipitou ao acreditar nele.



Outro desenho de Bolsonaro: mapa indicando a casa de Sadon

XEROcóPIAS — Uma segunda prova documental de que não só Bolsonaro conversava sobre atos de indisciplina e crimes planejados com a repórter como também a ajudava a localizar outros oficiais que, no seu entender, pensavam da mesma maneira está num segundo croqui por ele desenhado, dando-lhe a localização da casa do capitão Sadon Pereira Pinto, que mora na Rua General Savaget. Bolsonaro mora nesta mesma rua, mas se havia esquecido do número da casa de Sadon. Este capitão, que foi preso há duas semanas pelo comando da Esao por ter encaminhado um protesto contra os baixos salários, nunca conversou com a repórter — nem VEJA afirmou isso.

O segundo desmentido em que se amparou o general Leônidas veio do capitão Fábio. Ele também mentiu: a repórter Cassia Maria esteve duas vezes em sua casa. Numa

dessas ocasiões o capitão deu-lhe um documento e ela, em companhia do motorista de VEJA e de uma pessoa da confiança pessoal do capitão, que viajou no banco da frente, foi a uma loja de xerocópias para reproduzir o papel, regressando ao edifício.

TRIGO E JOIO — Em nenhum momento qualquer autoridade militar solicitou a VEJA qualquer tipo de esclarecimento a respeito da reportagem desmentida pelos capitães. O Comando Militar do Leste chegou a afirmar que "notícias desse teor servem para intranquilizar a opinião pública e procuram retratar um quadro que absolutamente não existe". Na verdade,

notícias desse teor servem para alertar a opinião pública e retratam um esboço que efetivamente existe.

Quando o Comando Militar do Leste e o ministro do Exército preferiram chamar de mentiroso a quem publicava a verdade, dando aos mentirosos uma imunidade prestebelecida, levaram ao exagero uma doutrina segundo a qual sempre — e em qualquer circunstância — um oficial deve ser confundido com a instituição do Exército. Uma instituição como o Exército assenta-se muito mais em tradições, leis e normas do que na conduta individual de seus integrantes. Precisamente pelo fato de oficiais eventualmente procederem de forma errada existe um conjunto de leis denominado Código Penal Militar. Nele há toda uma processualística para a abertura de sindicâncias e inquéritos, sem se encontrar uma só linha que defina outorgas de imunidade.

É esse conjunto de leis que está sendo usado no Paraná para enquadrar o ato de um capitão, Luiz Fernando Wulther de Almeida, que há duas semanas tomou a prefeitura da cidade de Apucarana à frente de cinquenta soldados armados para protestar contra os soldos insuficientes. Na sua entrevista de terça-feira, o general Leônidas classificou esse ato como mera "inconveniência disciplinar". No caso de Fábio e Bolsonaro, quando o general Leônidas disse no Palácio do Planalto que "eu sei quem é minha gente", fez uma confusão entre o que efetivamente é a oficialidade e dois capitães que, além de estarem envolvidos no planejamento de atos de indisciplina e de crimes contra a instituição militar e suas instalações, estavam também mentindo. Ao invés de separar o joio do trigo, decidiu ficar com o joio.



Almeida (de óculos): "Inconveniência disciplinar"

na Academia Militar das Agulhas Negras e na Esao e até a semana passada era um oficial bem conceituado. Misturando um passado exemplar com um presente desastroso, ele se viu até mesmo elogiado. Seu superior no 30.º BIM, o tenente-coronel Aricelso Limaverde, assegurou: "Ele é um bom oficial, muito profissional". O julgamento pode ser correto, mas o coronel escolheu a hora errada para dizer uma coisa dessas. Em outro tom, o general Edson Boscacci Guedes, comandante militar do Sul, feriu o ponto: "A atitude inconsequente do capitão compromete a imagem

mo um ato de pessoa inteligente, por vários aspectos. Ao ocupar o gabinete do prefeito, Almeida revela que preferiu agir sobre a autoridade civil. Se tentasse tomar a sala de seu comandante, sua iniciativa, além de mais arriscada, teria efeitos mais drásticos para ele. Foi ser valente à custa do prefeito ausente. Sua versão de que nem os tenentes que o acompanhavam sabiam da natureza da missão para qual os convocou pode ser verdadeira, mas sugere que se indague sobre a acuidade mental desses oficiais, que de nada desconfiaram quando a tropa entrou de arma em punho na prefeitura da cidade, com cantos à cinta e uniformes de camuflagem.

Finalmente, há uma tripla astúcia no curto manifesto do capitão Almeida. Em seu documento, ele protesta contra as autoridades "políticas" do país, quando as autoridades "públicas" é que cuidam de salários. Pela sua escolha vocabular, o deputado Amaral Netto, líder do PDS na Câmara, estaria entre as autoridades a quem caberia resolver o problema dos militares, o que é uma injustiça. Diz confiar nos superiores hierárquicos e agir por conta própria, antes que seus subordinados tomem a iniciativa de fazê-lo. Assim, limpa o caminho para cima e para baixo.

VALORES DE CLASSE MÉDIA — Por mais isolada que possa ter sido a manifestação do capitão de Apucarana, conforme garantiam unanimemente as autoridades militares na semana passada, antes mesmo do início de um IPM, ela reflete de forma dramática o nível de descontentamento dos oficiais brasileiros. Uma das mais velhas tradições no estudo dos militares é a pesquisa sobre sua origem social. Nesse campo, não surgiram dados novos desde que o brasileiro Alfred Stepan, historiador americano, produziu uma radiografia sobre o tema nos anos 70, mas sabe-se que os cadetes cada vez mais saem de bairros proletários. Essa constatação não teria importância se não indicasse que a carreira, pela decadência dos soldos, deixa de atrair os jovens com pretensões um pouco mais ambiciosas. O fato é que, seja um oficial de poses como o capitão Emilio Garrastazu Medici, cuja família tinha fazendas, ou venha de um bairro pobre, o militar sempre olha para os valores da classe média. Munido dessa lente quase invariável, o oficial não se sente confortável se mora num apartamento da Avenida Vieira Souto, em Ipanema, da mesma forma que estará deslocado num bairro da periferia. E, hoje, com os salários que lhes pagam, os tenentes, capitães e maiores estão enfrentando o tipo pior das duas

Pôr bombas nos quartéis, um plano na Esao

Na última quarta-feira, o capitão Saldon Pereira Filho foi preso por ordem do comando da Escola Superior de Aperfeiçoamento de Oficiais (Esao), no Rio de Janeiro, após entregar a seus superiores um manuscrito reivindicando melhores salários para a tropa e criticando a política salarial do governo. No mesmo dia, a repórter Cassia Maria, de VEJA, foi à Vila Militar, um conjunto de residências e instalações do Exército na Zona Norte do Rio, e conversou com dois capitães que cursam a Esao e com a mulher de um deles. Insatisfeitos com a prisão do colega, com seus vencimentos e com o comportamento da cúpula do Ministério do Exército, os dois militares revelaram nessa conversa um plano que a mulher batizou de "Beco sem Saída", cujo objetivo era explodir bombas em várias unidades da Vila Militar, da Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, no interior do Rio de Janeiro, e em vários quartéis.

Os contatos da repórter com os militares se baseavam num acordo de sigilo. No momento em que se falou de bombas e atentados, a manutenção de qualquer acordo de cavalheiros se tornou impossível. A seguir, o relato da repórter:

"Fui recebida no apartamento 101 do prédio n.º 865 da Avenida Duque de Caxias por Lígia, mulher do capitão que se identificou apenas como 'Xerife'. Ele chegou poucos minutos depois, perto das 5 horas da tarde, contou que sua participação no grupo de oficiais da Esao que lidera o movimento por aumentos está sendo investigada pelo serviço de informações do Exército e disse que logo eu teria novidades sobre o assunto. Pouco mais tarde, chegou o capitão Jair Messias Bolsonaro, que em setembro do ano passado assinou um artigo protestando contra os baixos salários dos militares em VEJA. Na ocasião, ele acabou preso e houve uma onda de protestos de mulheres de oficiais contra a punição. 'São uns canalhas', afirmou Bolsonaro, ao comentar a prisão daquele dia. 'Terminaram as aulas de hoje mais cedo para que a maioria dos alunos estivesse fora da escola na hora de prenderem nosso companheiro'.

Em seguida, Bolsonaro contou que os alunos da Esao, onde estudam 350 capitães, planejavam ficar nos quartéis du-



Góes Monteiro: o poder do cadete

do Exército brasileiro", afirmou o comandante numa nota oficial distribuída na quinta-feira.

ASTÚCIA TRIPLA — Só um IPM poderá mostrar o grau de articulação entre o capitão e outros oficiais. Em Apucarana, o secretário-geral do PMDB e chefe de gabinete do prefeito, Ariovaldo Zanoni, ficou muito desconfiado de que alguma articulação existe. "A operação foi muito certinha", diz ele. Segundo Zanoni, o capitão Walter de Almeida pertence aos quadros do SNI. O fato é que a ação dele deve ser entendida co-

ANEXO G – Jornal Tribuna da Cidade (Capa).



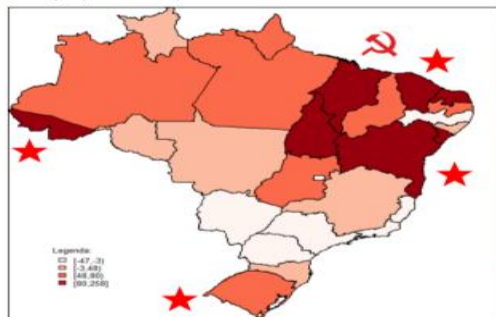
ANEXO H – Plano de Governo de Jair Messias Bolsonaro (Recorte).

BRASIL ACIMA DE TUDO
DEUS ACIMA DE TODOS

VAMOS AOS NÚMEROS: ATLAS DA VIOLÊNCIA 2018 DO IBGE

[HTTP://WWW.IPEA.GOV.BR/PORTAL/IMAGES/STORIES/PDFS/RELATORIO_INSTITUCIONAL/180604_ATLAS_DA_VIOLENCIA_2018.PDF](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/RELATORIO_INSTITUCIONAL/180604_ATLAS_DA_VIOLENCIA_2018.PDF)

Figura 2.1 – Brasil: variação nas taxas de homicídios por Unidade da Federação (2006 a 2016)



Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica e MR/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDa: I0, X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Elaboração Diret/Ipea e FBSP.

Coincidentemente, onde participantes do Foro de SP governam, sobe a criminalidade.

BOLSONARO2018

BRASIL ACIMA DE TUDO
DEUS ACIMA DE TODOS

MAIS MENTIRAS DA ESQUERDA "a polícia é a que mais mata"

- O Brasil está em Guerra. Veja o título do recente documentário da Globo: "**A Guerra do Brasil**"!
- Segundo o IBGE, criminosos praticaram oficialmente **62.517 homicídios** no Brasil em 2016.
- Intervenções policiais legais resultaram em 1.374 mortes em 2016.
- Apenas 2% de mortes violentas no Brasil estiveram associadas com ações policiais.
- Tais ações estão concentradas em dois Estados: Rio de Janeiro, com 538 mortes; e Bahia, com 364 mortes. Juntos, totalizam 66% das mortes! Retirando-se esses dois Estados, **em 2016 as mortes violentas no Brasil associadas com ações policiais seriam 472, um número inferior a 1% do total.**

BOLSONARO2018

BRASIL ACIMA DE TUDO
DEUS ACIMA DE TODOS

- Enquanto a esquerda está preocupada com as mortes associadas a ações policiais, segundo a Ordem dos Policiais do Brasil (OPB), **foram mortos 493 policiais** em 2016! **Em 2017 esse total subiu para 552** e, infelizmente, tudo indica que teremos ainda mais policiais mortos em 2018.
- São Heróis Nacionais que tombaram e foram esquecidos pelos atuais governantes nesta **Guerra do Brasil!** Um dos compromissos será lembrar o nome de cada um desses guerreiros! Suas famílias serão homenageadas e cada um desses heróis terá seu nome gravado no Panteão da Pátria e da Liberdade!

A GUERRA NO BRASIL SERÁ VENCIDA! NOSSOS HERÓIS SERÃO LEMBRADOS!

Nós brasileiros agradecemos aos heróis e suas famílias pela coragem e pelo sacrifício que fizeram! Que seus nomes nunca sejam esquecidos!



BOLSONARO2018